



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**POR UMA PEDAGOGIA DE FOTONOVelas: INSTRUIR E (IN) FORMAR
LEITORAS DO IERB DURANTE OS ANOS 60 E 70 DO SÉCULO XX**

Sônia Pinto de Albuquerque Melo

**São Cristóvão (SE)
2015**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**POR UMA PEDAGOGIA DE FOTONOVELAS: INSTRUIR E (IN) FORMAR
LEITORAS DO IERB DURANTE OS ANOS 60 E 70 DO SÉCULO XX**

Sônia Pinto de Albuquerque Melo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

Coorientador: Prof. Dr. Alberto Inácio da Silva

**São Cristóvão (SE)
2015**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M528p Melo, Sonia Pinto de Albuquerque
Por uma pedagogia das fotonovelas : instruir e (in)formar leitoras do IERB durante os anos 60 e 70 do século XX / Sonia Pinto de Albuquerque Melo ; orientadora Ana Maria Gonçalves Bueno de Freitas. – São Cristóvão, 2015.
248 f. : il.

Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2015.

1. Educação - História. 2. Fotonovela. 3. Mulheres - Educação. 4. Leitura. 5. Mulheres e literatura. 6. Instituto de Educação Rui Barbosa (SE). I. Freitas, Ana Maria Gonçalves Bueno de, orient. II. Título.

CDU 37.016:003(813.7)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



SONIA PINTO DE ALBUQUERQUE MELO

**POR UMA PEDAGOGIA DAS FOTONOVelas: INSTRUIR E
(IN) FORMAR LEITORAS DO IERB DURANTE
OS ANOS 60 E 70 DO SÉCULO XX**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Sergipe
e aprovada pela Banca Examinadora

Aprovada em 31.03.2015

Profa. Dra. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas (orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha
Universidade Estadual de Santa Catarina

Profa. Dra. Maria José Dantas
Faculdade Pio Décimo

Profa. Dra. Roselusia Teresa Pereira de Moraes
Faculdade São Luís

Profa. Dra. Josefa Eliana Souza
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Profa. Dra. Maria Neide Sobral
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2015**

*Ao ourives das palavras...
Por dar sentido às letras
E colorir a vida com o labor
Encantador de tua arte.
À ourives de minha existência...
Minha safira Sofia.
Dedico este texto.*

AGRADECIMENTOS

Desistir... Eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei realmente a sério. É que tem mais chão nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas; mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros; mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.

Cora Coralina

Registrar, enfim, neste momento, minha gratidão àqueles que acompanharam esta trajetória é uma tarefa árdua... Daria uma tese! No entanto, gostaria de enfatizar pessoas que protagonizaram comigo neste cenário durante este processo. São elas:

Meu soberano Deus, pela misericórdia de me conceder tantas graças. Obrigada por mais este sonho concretizado, Senhor!

Meus amados pais, Ronaldo Freire de Albuquerque Melo e Nivalda Pinto de Albuquerque Melo, grandes doutores da escola da vida. Com vocês, aprendi e aprendo valores essenciais à minha formação humana. Sem vocês... eu nada seria.

André, por participar comigo de momentos vários de minha trajetória – pela partilha, compreensão, paciência e, em especial, por juntos termos o maior tesouro de minha vida: nossa filha.

Minha pequena Sofia, fonte inesgotável de inspiração. Com você, aprendo, a cada dia, a essência do verdadeiro amor; e por você encontro forças onde, muitas vezes, penso não mais existir.

Irmãos e sobrinhos, partes de mim.

Minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, não há palavras que expressem meu carinho, admiração, gratidão por você! Sinto-me imensamente honrada em ter me orientado tanto no Mestrado, quanto no Doutorado. Meu aprendizado com você extrapola os limites da Academia, pois, além de ser uma eminente pesquisadora e professora, é também parâmetro de um ser humano singular, fonte rara nesta pesquisa histórica a que denominamos Vida! Enfim... Apesar de compreender que me é chegada a hora de cortar o “cordão umbilical”, sentirei muitas saudades de nosso convívio cotidiano. Meu sempre: “Obrigada por tudo, querida Professora!”

Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, a quem tomei a liberdade de intitulá-lo meu padrinho no campo da História da Educação. Imensamente grata à minha inserção a este mundo maravilhoso. Agradeço-lhe também por acompanhar esta trajetória desde que foi iniciada como um Projeto de Mestrado e, durante todo este percurso, travou comigo diálogos,

sugestões e críticas, que me possibilitaram pensar acerca do exercício da pesquisa como atividade científica.

Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Santos Cunha, nem sei como lhe agradecer pela disponibilidade, pelo deslocamento longínquo, por fazer parte também deste enredo ainda durante meu Mestrado, pela leitura atenta, pela cessão de referências e de fontes significativas à produção desta tese.

Prof. Dr. Alberto Inácio da Silva, em meio aos fusos horários entre Brasil e França, comunicação por Skype e e-mails, ainda conseguia, durante a rápida estada neste país, realizar reuniões a seis mãos. Grata pela coorientação, pelo olhar criterioso, pelo incentivo à autocrítica e pela parceria.

Prof^a. Dr^a. Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, pela parceria, contribuição e incentivo sempre prestados.

Às Bancas do Seminário de Pesquisa (Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas; Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento e Prof^a. Dr^a. Eva Maria Siqueira Alves) e do Exame de Qualificação (Prof^a. Dr^a. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas; Prof. Dr. Alberto Inácio da Silva; Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento; Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Santos Cunha, Prof^a. Dr^a. Maria Neide Sobral e Prof^a. Dr^a. Fabrícia Teixeira Borges).

No campo profissional, a minha gratidão a amigos, colegas, alunos e ex-alunos, em especial, por me fazerem pensar e repensar cotidianamente sobre o exercício de minha profissão. Algumas pessoas passaram, outras perpetuaram nos caminhos por onde andei: Universidade Federal de Sergipe (UFS); Faculdade de Ciências Educacionais; Faculdade Pio Décimo; Secretaria Municipal de Estância; Secretaria de Estado da Educação / Diretoria de Educação de Aracaju.

Na atualidade, componho o quadro docente de EBTB do Instituto Federal de Sergipe / Campus Estância e agradeço a esta instituição pela política de incentivo à qualificação profissional do servidor. Grata pela torcida, credibilidade, partilhas vivenciadas.

No campo educacional, agradeço ao corpo docente do Departamento de Letras Vernáculas da UFS que contribuiu com a minha formação acadêmica, durante o período em que fiz o curso (1999 – 2003), em especial, à Prof^a. Dr^a. Maria Leônia Garcia Costa Carvalho, por ter sido minha orientadora de PIBIC / CNPq (2000 – 2003) e, neste universo de iniciação científica, descobri a minha paixão pelo fascinante mundo da pesquisa. Grata também aos professores do Mestrado (2007 – 2009) e do Doutorado (2011 – 2015) do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS, em especial, aos meus mentores intelectuais, Prof^a. Dr^a. Anamaria e Prof. Dr. Jorge.

Aos integrantes do Grupo de Pesquisa “História da Educação: intelectuais, instituições e práticas escolares”, pelas leituras, encontros e debates alusivos à Historiografia educacional. Em especial: à Doutoranda Maria do Socorro Lima, minha amizade, afeto, carinho e respeito por você; e à Dr^a. Maria José Dantas, por, em meio ao seu doutorado sanduíche na Itália, ainda encontrou tempo para buscar fontes àqueles que não atravessaram com ela o Atlântico. Obrigada, minha amiga, pelas fontes valiosíssimas que conseguiu para mim... *Fotoromanzo* em pleno século XXI... *Mamma mia!*

À turma de Doutorado 2011, da qual fiz parte, designada por nós de “G8” (Grupo das 8 mulheres): Andréa Hermínia de Aguiar Oliveira, Carla Rezende Gomes, Elvira Suzi dos Santos Bitencourt Garção, Jaqueline Neves Moreira, Lourdisnete Silva Benevides, Núbia Josânia Paes de Lira, Simone Paixão Rodrigues e Sônia Pinto de Albuquerque Melo. Tantas coisas nos aconteceram durante estes quatro anos! Penso que nossas partilhas em meio a sorrisos, lágrimas, anseios, encontros e também despedidas, noites em claro, finais de semana enclausuradas nos fazem olhar para trás e dizer que "tudo nos valeu a pena". Durante este período, fomos confidentes e conselheiras umas das outras... Muito aprendi com a sensibilidade e a força existente na peculiaridade de cada uma de vocês. Que o G8 continue vivo não apenas em nossas memórias, mas em nossas vidas!

À comunidade leitora, ex-alunas do Instituto de Educação Rui Barbosa (IERB), durante as décadas de 60 e 70 do século XX, que contribuíram profundamente com esta pesquisa, colorindo significativamente esta Tese. Minha gratidão à Carmem Meire Alves Campos Fontes, Denise Carvalho do Nascimento Moreira, Eliana Menezes Santos, Genivalda Gonzaga da Mota, Tereza Cristina Cerqueira da Graça, Iara Carvalho do Nascimento, Maria Anete Nunes de Meneses, Maria Aparecida dos Santos, Maria Assunção Ribeiro, Maria Conceição Nascimento de França, Maria das Graças Góis Santos, Maria do Carmo Dias Monte Alegre, Maria Lenilda Soares, Sônia Barreto e Telma Maria da Silva Santos, que se disponibilizaram não apenas na cessão dos depoimentos, mas também na publicação das informações fornecidas.

Aos colaboradores, em momentos finais da tese: Ana Cláudia Batista Souza, por contribuir com algumas transcrições de depoimentos; Wlademyr de Menezes Alves, pelo *Abstract*; Maria José Dantas, pelo *Riassunto*; e Antônio Carlos Silva Júnior, pelo *Resumen*.

Enfim, minha gratidão a todos que respeitaram meu silêncio, nos momentos em que precisei me ausentar; cultivaram comigo meus sonhos me fazendo crer que eles seriam possíveis de se concretizarem; foram a audição, quando eu precisei ser a voz; e foram vozes, quando tantas vezes me faltaram palavras. Grata a vocês, cujos nomes não mencionarei, para

não correr o risco de ser injusta com alguém, mas que, em dado momento, foram de fundamental relevância para hoje eu estar erguida e cumprindo mais um rito de passagem em minha trajetória acadêmica.

Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial (MANGUEL, 2010, p. 20).

RESUMO

A pedagogia dos impressos femininos, mais especificamente, das fotonovelas, é o objeto de investigação desta Tese, cuja proposta vincula-se à linha de pesquisa “História, Sociedade e Pensamento Educacional” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, de modo peculiar, ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares e relaciona-se aos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural, História da Educação Feminina, História do Impresso e História da Leitura. Objetiva pesquisar como leituras de lazer, em especial, de fotonovelas, contribuíram para ensinar, a partir de uma pedagogia específica, às suas leitoras, modos de ser e de se comportar, possibilitando-lhes representações acerca do mundo em que viviam. Assim sendo, para investigar acerca da pedagogia do impresso feminino e das fotonovelas, selecionei como comunidade leitora estudantes normalistas do Instituto de Educação “Rui Barbosa” (IERB), durante o período de investigação deste objeto de estudo (décadas de 60 e 70 do século XX), a fim de conhecer indícios do comportamento, dos valores e das experiências adquiridas nestas leituras, compreendendo tais práticas como relevantes no processo de formação deste público leitor. Diante disso, para concretizar esta investigação, discuti sobre práticas de leitura, em especial, as referentes às fotonovelas, a partir do momento histórico em que obtiveram maior difusão no país, ou seja, compreendido entre as décadas de 60 e 70 do século XX. Em contrapartida, esse período coincidiu com o crescimento industrial, de ampliação do consumo e maior acessibilidade à informação. Dessa maneira, para comprovar que o impresso feminino e as fotonovelas nele inseridas eram portadores de uma Pedagogia de valores e de culturas, analiso o conteúdo de 10 edições de uma das revistas femininas de maior circulação no país, a Revista *Capricho*, sendo seis da década de 60 e quatro, da década de 70 do século XX, comportando, conforme parâmetro estabelecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), uma geração (1960 a 1975), bem como realizo entrevistas com leitoras destes impressos que estão inseridas na comunidade leitora selecionada para esta pesquisa. Por fim, defendo a tese de que leituras de lazer, no caso específico, revistas direcionadas a mulheres, bem como as fotonovelas, repercutiram no universo de suas leitoras através de uma Pedagogia que lhes forneceu instrumentos de uma educação extraescolar, revelando diferentes modelos femininos, difundidos por adesão e/ou resistência, e que, de certa forma, serviram de inspiração para algumas jovens acerca de padrões a ser seguidos física, moral e socialmente.

Palavras chave: História da Educação Feminina. História do impresso. Leituras não canônicas. Pedagogia de Fotonovelas. Revista *Capricho*.

ABSTRACT

The pedagogy of women printed material, more specifically, the photo-novels, is the object of research of this Thesis, whose proposal is linked to the research line "History, Society and Educational Thought" of the Graduate Program in Education at the Federal University of Sergipe (UFS), in a special way, to the Group of Studies and Research in History of Education: Intellectuals on Education, Educational Institutions and School Practices and relates to theoretical and methodological assumptions of Cultural History, History of Women's Education, The History of the Printed and the History of Reading. It aims to search as leisure readings, in particular, of photo-novels, contributed to teach, from a specific pedagogy, to its readers, ways of being and behaving, enabling them to representations about the world in which they lived. Thus, in order to investigate about the pedagogy of female prints and photo-novels, I selected as reader community Pedagogy students from The Institute of Education "Rui Barbosa" (IERB) during the period of investigation of this object of study (decades of 60 and 70 in the 20th century), in order to know signs of behavior, values and experiences acquired in these readings, including such practices as relevant in the process of formation of this public reader. Therefore, to achieve this research, I discussed about reading practices, in particular, those relating to photo-novels, from the historical moment in which they are granted greater spread in the country, i.e. , between the decades of 60 and 70 in the 20th century. On the other hand, this period coincided with the industrial growth, expansion of consumption and greater accessibility to information. This way, to prove that the female prints and the photo-novels entered therein were carriers of a Pedagogy of values and cultures, I analyze the content of ten editions of the women's magazines of greater movement in the country, the *Capricho* magazine, six of them being from the 1960s and four, the 1970s of the 20th century, comprising, as parameter established by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), a generation (1960 to 1975), as well as my interviews with readers of these printed materials that are inserted in the community reader selected for this research. Finally, I support the thesis that leisure readings, in the specific case, magazines directed to women, as well as the photo-novels, reflected in the universe of their readers through a Pedagogy that provided them instruments of an over scholar education, revealing different female models, disseminated by accession and/or resistance, and that, in some way, served as inspiration for some young people about standards to be followed by physical, moral and socially.

Keywords: History of Female Education. History of printing. Pedagogy of Photo-novels. Non-canonical readings. Magazine *Capricho*.

.

RIASSUNTO

La pedagogia delle riviste femminili, più specificamente, i fotoromanzi, è l'oggetto di questa tesi. La proposta è legata alla linea di ricerca "Storia, Società e Pensiero Educazionale" del Programma di Post Laurea in Educazione della Universidade Federal de Sergipe, in modo particolare, allo Gruppo di Studi e Ricerche in Storia Dell Educazione: intellettuali della educazione, istituzioni educative e pratiche della scuola. Si riferisce a principi teorici e metodologici della storia culturale, storia dell educazione femminili, storia delle riviste e storia della lettura. Obiettiva indagare come le letture in tempo libero, in particolare i fotoromanzi, hanno contribuito ad insegnare, una pedagogia specifica ai loro lettori, in modi di essere e di comportarsi, consentendo loro rappresentazioni sul mondo in cui vivevano. Così, per indagare su la pedagogia delle riviste femminili e di fotoromanzi, ho selezionato studenti dei magistrali dello Instituto de Educação "Rui Barbosa" (IERB) nel periodo dell'inchiesta di questo oggetto (anni '60 e '70 del XX secolo), in modo ad verificare i comportamentali, i valori ed esperienze acquisita in queste letture, ed capire le pratiche come rilevante nel processo di formazione di questo lettori. Per raggiungere questa ricerca, ho discusso sulle pratiche di lettura, in particolare quelli relativi ai fotoromanzi, nel momento storico in cui hanno conseguito più diffusione nel paese, vale a dire, tra gli anni '60 e '70 del XX secolo. Questo periodo ha coinciso con la crescita industriale, l'aumento dei consumi e una maggiore accessibilità alle informazioni. Per dimostrare che le riviste di donne e in particolare i fotoromanzi, in loro inseriti, erano portatori di una Pedagogia dei valori e delle culture, ho analizzato il contenuto di dieci edizioni di una delle riviste femminili con la più grande circolazione nel paese, la rivista Capricho. Ci sono sei dei anni 60 e quattro degli anni '70 del XX secolo, comportandosi come parametro impostato dal Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), una generazione (1960 al 1975). Ho realizzato interviste con i lettori di queste riviste che ci sono inseriti nella comunità che avevo selezionato per questa ricerca. La mia tesi è che la lettura in tempo libero, nel caso specifico, le riviste rivolte alle donne, così, come i fotoromanzi, ha influenzato l'universo dei suoi lettori attraverso una pedagogia che ha fornito loro gli strumenti di educazione non scolare, rivelando diversi modelli femminili, trasmessi da adesione e /o degli resistenza, e, in un certo senso, sono stati l'ispirazione per alcuni giovani circa le norme da seguire fisicamente, moralmente e socialmente.

Parole chiave: Storia delle Istruzione femminile. Storia della stampa. Lettura non canonici. Pedagogia di Fotoromanzi. Magazine Capricho.

RESUMEN

La pedagogía de los impresos femeninos, pero específicamente, de las fotonovelas, es el objetivo de investigación de esta Tesis, cuya propuesta se vincula a la línea de investigación “Historia, Sociedad y Pensamiento Educacional” del Programa de Postgrado en Educación de la Universidad Federal de Sergipe, de modo peculiar, al Grupo de Estudios e Investigaciones en Historia de la Educación: Intelectuales de la Educación, Instituciones Educativas y Prácticas Escolares, y se relaciona a los presupuestos teórico metodológicos de la Historia Cultural, Historia de la Educación Femenina, Historia del Impreso e Historia de la Lectura. Objetiva investigar como lecturas de ocio, en especial, de fotonovelas, contribuirían para enseñar, a partir de una pedagogía específica, a sus lectoras, modos de ser y de comportarse, posibilitándoles representaciones acerca del mundo en que vivían. Así siendo, para investigar acerca de la pedagogía del impreso femenino y de las fotonovelas, seleccioné como comunidad lectora estudiantes normalistas del Instituto de Educación “Rui Barbosa” (IERB) durante el periodo de investigación de este objetivo de estudio (décadas de 60 y 70 del siglo XX), a fin de conocer indicios del comportamiento, de los valores y de las experiencias adquiridas en estas lecturas, comprendiendo tales prácticas como relevantes en el proceso de formación de este público lector. Delante de eso, para concretizar esta investigación, discutí sobre prácticas de lectura, en especial, las referentes a las fotonovelas, a partir del momento histórico en que obtuvieron mayor difusión en el país, o sea, comprendido entre las décadas de 60 y 70 del siglo XX. En contrapartida, ese periodo coincidió con el crecimiento industrial, de ampliación del consumo y mayor accesibilidad a la información. De esa manera, para comprobar que el impreso femenino y las fotonovelas en él insertadas eran portadores de una Pedagogía de valores y de culturas, analizo el contenido de diez ediciones de una de las revistas femeninas de mayor circulación en el país, la Revista *Capricho*, siendo seis de la década de 60 y cuatro, de la década de 70 del siglo XX, comportando, conforme parámetro establecido por el Instituto Brasileño de Geografía y Estadísticas (IBGE), una generación (1960 a 1975), bien como realizo entrevistas con lectoras de estos impresos que están insertadas en la comunidad lectora seleccionada para esta investigación. Por fin, definiendo la tesis de que lecturas de ocio, en el caso específico, revistas dirigidas a mujeres, bien como las telenovelas, repercutirían en el universo de sus lectoras a través de una Pedagogía que les forneció instrumentos de una educación extraescolar, revelando distintos modelos femeninos, difundidos por adhesión y/o resistencia, y que, de cierta forma, sirvieron de inspiración para algunas jóvenes acerca de los patrones a ser seguidos física, moral y socialmente.

Palabras clave: Historia de la Educación de las Mujeres. Historia de la impresión. Lecturas no canónicas. Pedagogía de fotonovelas. Revista *Capricho*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Capa da edição de nº 103, de 1960, da Revista <i>Capricho</i>	67
Figura 2 Capa da edição de nº 150, de ago. 1964, da Revista <i>Capricho</i>	69
Figura 3 Capa da edição de nº 167, de jan. 1966, da Revista <i>Capricho</i>	72
Figura 4 Capa da edição de nº 176, de out. 1966, da Revista <i>Capricho</i>	75
Figura 5 Capa da edição de nº 213, de dez. 1968, da Revista <i>Capricho</i>	77
Figura 6 Capa da edição de nº 218, de fev. 1969, da Revista <i>Capricho</i>	80
Figura 7 Capa da edição de nº 271, de 1971, da Revista <i>Capricho</i>	82
Figura 8 Capa da edição da <i>Capricho</i> de nº 281, de ago. 1971.....	85
Figura 9 Capa da edição de nº 344, de jan. 1974, da Revista <i>Capricho</i>	88
Figura 10 Ilustração da reportagem “Virgindade”. Edição de nº 375, de mar. 1975, da Revista <i>Capricho</i>	91
Figura 11 Capa da edição de nº 375, de mar. 1975, da Revista <i>Capricho</i>	92
Figura 12 Ilustração de uma das lições de Taquigrafia. <i>Capricho</i> , edição nº 271, 1971.....	109
Figura 13 Anúncio de “Divulgação Taquigráfica Brasileira”. <i>Capricho</i> , edição nº 150, ago. 1964	111
Figura 14 Parte do Caderno “Decoração”. <i>Capricho</i> , edição nº 150, 1964.....	115
Figura 15 Anúncio do Instituto Universal Brasileiro. <i>Capricho</i> , edição nº 176, 1966, p. 14 e 15.....	119
Figura 16 Anúncio do Instituto Universal Brasileiro. <i>Capricho</i> , edição nº 375, 1975, p. 78 e 79.....	122
Figura 17 Anúncio do Instituto Dom Bosco. <i>Capricho</i> , edição nº 218, 1969, p. 66.....	124
Figura 18 “Teste” para a leitora conhecer se está apta ao casamento. <i>Capricho</i> , edição nº 103, 1960, p. 6.....	127
Figura 19 Teste: “Dize-me como sentas e dir-te-ei quem és”. <i>Capricho</i> , edição nº 150, 1964, p. 30 e 31.....	129

Figura 20 “Ela, êle e os defeitos mútuos”. <i>Capricho</i> , edição nº 150, 1964, p. 126 e 127.....	132
Figura 21 Anúncio Publicitário da Revista Noiva Cláudia. <i>Capricho</i> , edição nº 218, 1969, p. 51.....	138
Figura 22 Anúncio Publicitário do Motor Elétrico Arno. <i>Capricho</i> , edição nº 103, 1960, p. 12.....	140
Figura 23 Anúncio Publicitário do Absorvente Modess “Pétala Branca”. <i>Capricho</i> , edição nº 150, 1964, p. 12.....	143
Figura 24 Anúncio Publicitário da Enceradeira Nova Arno. <i>Capricho</i> , edição nº 150, 1964, p. 81.....	145
Figura 25 Anúncio Publicitário da Máquina de Lavar Bendix Pekina. <i>Capricho</i> , edição nº 176, 1966, p. 44.....	147
Figura 26 Propaganda da Abril de Revistas de Fotonovelas. <i>Capricho</i> , edição nº 271, 1971, p. 88.....	149
Figura 27 Propaganda de Teste de gravidez. <i>Capricho</i> , edição nº 281, 1971, p. 4.....	151
Figura 28 Página inicial da fotonovela “Até breve, amor...”. <i>Capricho</i> , edição nº 103, de 1960.....	165
Figura 29 Anúncio do creme científico de beleza “Antisardina”. <i>Capricho</i> , edição nº 167, 1966, p. 41.....	167
Figura 30 Página inicial da fotonovela “O amor de uma noite”. <i>Capricho</i> , edição nº 150, 1964.....	173
Figura 31 Página inicial da fotonovela “Uma mulher muito amada”. <i>Capricho</i> , edição nº 167, 1966.....	177
Figura 32 Página inicial da fotonovela “O amor que não morreu”. <i>Capricho</i> , edição nº 176, de 1966.....	181
Figura 33 Página inicial da fotonovela “Traição por amor”. <i>Capricho</i> , edição nº 213, 1968.....	186
Figura 34 Página inicial da fotonovela “Um anjo em meu caminho”. <i>Capricho</i> , edição nº 218, 1969.....	190
Figura 35 Página inicial da fotonovela “Felicidade Proibida”. <i>Capricho</i> , edição nº 218, 1969.....	195
Figura 36 Página inicial da fotonovela “O drama da professôra”. <i>Capricho</i> , edição nº 271, 1971.....	200

Figura 37 Página inicial da fotonovela “Uma flor no Inferno”. <i>Capricho</i> , edição nº 281, de 1971.....	208
Figura 38 Página inicial da fotonovela “Remorso”. <i>Capricho</i> , edição nº 281, de 1971.....	211
Figura 39 Página inicial da fotonovela “A vingança de Anne”. <i>Capricho</i> , edição nº 344, 1974.....	213
Figura 40 Página inicial da fotonovela “O anjo loiro”. <i>Capricho</i> , edição nº 375, 1975.....	216

LISTA DE QUADROS

Quadro I Comunidade leitora.....	34
Quadro II Revistas <i>Capricho</i> , selecionadas como fontes de análise para esta Tese.....	63
Quadro III Fluxograma da estrutura dos enredos das Fotonovelas.....	162

SUMÁRIO

1 PRELÚDIO: CAMINHOS ESCOLHIDOS

1.1 TRAÇOS DESTA TRAJETÓRIA	18
1.2 O LUGAR DESTA HISTÓRIA NA HISTÓRIA	24
1.3 PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	29

2 SUPORTES PARA (IN) FORMAR MULHERES

2.1 IMPRESSOS FEMININOS: IMPRESSÕES SOBRE / PARA A MULHER DURANTE AS DÉCADAS DE 60 E 70 DO SÉCULO XX	43
2.2 FOTONOVelas: INSPIRANDO MULHERES DURANTE AS DÉCADAS DE 60 E 70 DO SÉCULO XX	53

3 FOLHEAR *CAPRICH*O E PEDAGOGIZAR LEITORAS

3.1 PANORAMA DA <i>CAPRICH</i> O: CAPAS, VERSOS E ANVERSOS.....	63
3.2 LEITORAS E <i>CAPRICH</i> O: ETERNAS AMIGAS.....	96

4 TEMAS E TRAMAS: (RE) CONHECENDO-SE MULHER NA *CAPRICH*O

4.1 LEITORA, QUALIFIQUE-SE SEM SAIR DE CASA.....	105
4.2 QUEM É VOCÊ? TESTE NOS TESTES.....	126

5 PUBLICIDADE: ANUNCIAR PARA CONVENCER

5.1 PROPAGANDAS EM <i>CAPRICH</i> O PARA A MULHER MODERNA	135
5.2 PEDAGOGIA DE FOTONOVelas NO DISCURSO PUBLICITÁRIO.....	153

6 ENREDANDO HISTÓRIAS: A PEDAGOGIA DE FOTONOVelas NAS TRAMAS

6.1 IMPRESSOS FEMININOS: PÁGINAS QUE TRANSITAM PARA A FORMAÇÃO DA MULHER “MODERNA”	155
6.2 LEITORAS <i>CAPRICH</i> O E FOTONOVelas: UMA HISTÓRIA DE AMOR	162
6.3 APRENDER A SER E A ESTAR: O (RE) ENCONTRO ENTRE A COMUNIDADE LEITORA E OS DISPOSITIVOS DE LEITURA	218

EPÍLOGO: CAMINHOS PERCORRIDOS E... A PERCORRER	224
---	------------

REFERÊNCIAS	231
--------------------------	------------

APÊNDICES	244
------------------------	------------

1. PRELÚDIO: CAMINHOS ESCOLHIDOS

1.1 TRAÇOS DESTA TRAJETÓRIA

Mulheres na História. Mulheres nas histórias. Mulheres e histórias...

Esta miscelânea fez ecoar em espaços tipicamente destinados ao mundo feminino a perpetuação de normas, condutas e valores próprios do dito “sexo frágil”, que anuncia estar intrinsecamente relacionada mais a fatores sociais e culturais do que a questões biológicas. A produção de impressos inerentes a este universo – sejam revistas, fotonovelas e/ou romances, por exemplo – está abastada de seções instrutivas e de enredos protagonizados por muitas jovens, que as possibilitaram conhecer, a partir da caça furtiva, mundos antes inimagináveis: com histórias de amor e príncipes encantados! No entanto, sem perder o direcionamento de que a boa conduta seria o melhor caminho para alcançar a tão almejada felicidade por muitas delas, que presenciaram transformações substanciais em seus mundos e na sociedade, entre as décadas de 60 e 70 do século XX.

É neste limiar que enveredo minhas lentes, cuja motivação adveio dos resultados dos estudos desenvolvidos durante o Curso de Mestrado em Educação¹. Nele, investiguei acerca das representações de leituras realizadas como prática pedagógica, por ex-normalistas do Instituto de Educação “Rui Barbosa” (IERB) durante as décadas de 60 e 70 do século XX. Por conseguinte, às memórias dessas leitoras pouco se revelou sobre as leituras praticadas institucionalmente.

Considerando-se que as prescrições de tais atividades indicadas às alunas do IERB objetivavam disciplinar, estabelecer valores e normas, promover o pensar, o raciocínio, implicar aprendizagem, estabelecer uma relação dialógica entre o leitor e o texto lido, ainda que não se tenha a garantia de que tais preceitos tenham sido seguidos pelas alunas, a partir dos depoimentos coletados para a pesquisa de Mestrado, é certo afirmar que aquelas relacionadas à função do sistema escolar objetivavam cumprir propostas curriculares, as quais estavam concebidas como aprendizagem esquemática de produção do saber. Talvez, por esse motivo, muitas das leituras realizadas pelas ex-normalistas institucionalmente não denotaram

¹ A Dissertação de Mestrado intitulada “Representações das práticas de leitura de normalistas do Instituto de Educação ‘Rui Barbosa’ durante as décadas de 60 e 70 do século XX”, desenvolvida no Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, foi defendida em 5 jun. 2009 e participaram da Comissão Examinadora a Prof^ª. Dr^ª. Maria Teresa Santos Cunha e o Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento. Os membros da Banca avaliaram pertinente prosseguir a investigação e sugeriram dar continuidade à pesquisa, a qual passou a ser o objeto de estudo do Doutorado.

significação, por estarem associadas predominantemente a atividades ilustrativas, as quais não favoreciam a criatividade, a produção efetiva de conhecimento, com incentivo ao hábito.

Dessa maneira, as lembranças, a respeito das leituras institucionalizadas, desenvolvidas no espaço escolar, não desenvolveram, na maioria dos casos, o gosto pela leitura, uma vez que as práticas eram realizadas, predominantemente, como instrumento para instruir e normatizar. Tais razões instigaram-me a adentrar ao universo das práticas de leitura de lazer destas normalistas, posto que foi possível depreender que muitas das depoentes guardaram mais recordações das leituras não prescritas pela escola.

Os gestos de leituras referenciavam de forma recorrente a um mundo marginalizado – aos romances proibidos, aos impressos femininos e, neste caso peculiar, às fotonovelas inseridas em tais revistas. De acordo com as depoentes, este material possibilitava-lhes a descoberta de saberes ora censurados, ora inapropriados às moças de família; assim, apreendiam-nos predominantemente fora do alcance de pais, professores e maridos, já que lhes despertavam representações muitas vezes não condizentes com o padrão de mulher aceito e exigido socialmente em diferentes aspectos, entre os quais: namoro, virgindade (tabu pouco falado, mas onipresente), casamento, profissão e, até mesmo, filhos; por isso, as representações desses textos não eram vistas positivamente.

Em contrapartida, implícita, ou explicitamente, estes impressos dialogam com suas leitoras as transformações dos tempos pelas quais passava a sociedade, como também as conquistas de espaços para / pelas mulheres. Assim sendo, defendo a Tese de que os impressos a elas destinados denotam crucial relevância em seu processo de formação, inculcando opiniões imbuídas de condutas, normas e padrões dotados de uma Pedagogia, denominada nesta investigação de Pedagogia de Fotonovelas, a qual deveria ser seguida pelas leitoras.

Ressalto que o conceito “Pedagogia de Fotonovelas” é por mim compreendido como dispositivo pedagógico que abrange não apenas os enredos das histórias de fotonovelas presentes nos impressos destinados ao público feminino, mas também toda e qualquer leitura não canônica manifestada como instrumento de (in) formação extraescolar no processo de inculcação de valores, normas e padrões direcionados à “mulher moderna”. Daí a perspectiva representativa e abrangente do termo “fotonovelas” operar como portador de uma pedagogia

No caso das fotonovelas, entendo que, a partir das orientações, imagens, enredos, lições de moral, defino-as como meio de formação, que permitem um conjunto de práticas e são portadoras de modos de ser, de se comportar, de viver, de escolher e de amar, operando,

assim, um papel central na vida social de suas leitoras; por esta razão, exprimem uma Pedagogia que lhes é singular, denominada neste estudo de Pedagogia de Fotonovelas.

Neste estudo, os motivos para a escolha do IERB devem-se ao fato de que, no processo de educação, os cursos normais, desde o final do século XIX, denotaram grande relevância para a ampliação da escolaridade feminina, por representar para este público praticamente a única oportunidade de prosseguir nos estudos para além do ensino primário, preparar-se para a profissão docente e apreender noções de cultura geral necessárias àquelas que permaneceriam nas escolas até o casamento, e mesmo para as que assumissem o celibato pedagógico.

Com o passar do tempo, buscaram legitimar-se nos diversos campos, através do acesso à instrução e à profissão. Portanto, muitos aspectos indicaram que essa mudança acontecida gradual e lentamente por elas à procura da aquisição de conhecimentos e diplomas para a aceitação feminina nos diferentes setores da sociedade.

No IERB, especificamente, considerado como o principal centro de formação do magistério primário de Sergipe, as jovens tentaram libertar-se da função socialmente imposta e almejavam ascensão socioeconômica: “A possibilidade de exercer uma profissão socialmente permitida garantia às mulheres a oportunidade de transcender o âmbito doméstico na busca de realização e independência social e econômica” (FREITAS, 2003b, p. 37).

Quanto ao marco temporal, em que está inserido este estudo, justifica-se por ser marcado por alterações sociais, culturais e comportamentais, consequentemente, tais alterações contribuíram no processo de constituição de subjetividade de formação das mulheres. É um período que coincide com o término da Segunda Guerra Mundial, com os fatos marcadamente conhecidos como “Maio de 1968”, denúncia ao patriarcado, consolidação de direitos civis, e, especificamente, no país, crescimento urbano significativo e de intensa industrialização, impulsionado ainda na década de 50 do século XX pelo Plano de Metas do então presidente Juscelino Kubitschek (1956 – 1960), cujo intuito era o de trazer a industrialização para o Brasil e o desenvolvimento de “cinquenta anos em cinco”. Ainda nessa década, o Brasil venceu sua primeira Copa do Mundo.

Foi nessa conjuntura de progresso e desenvolvimento industrializado que o país adentrou a década de 60 do século XX e viu-se assolar a ênfase no consumo, no individualismo e na competição. Com a produção em massa de bens de consumo, em especial, os eletrodomésticos, a aquisição de novos hábitos foi impulsionada, visando à inserção do indivíduo aos padrões estabelecidos pelas novas necessidades e por um novo estilo de vida.

Tais fatores também ampliaram as oportunidades de acesso à profissionalização e instrução entre jovens de ambos os sexos. Entretanto, às mulheres, ainda havia o preconceito ao ingresso a determinados cursos superiores, entre os quais: Direito, Medicina e Engenharia; por isso, a frequência maior desse público dava-se em cursos na área da licenciatura, predominando a profissão de professora primária e professora de ensino médio, além de cursos como enfermagem e serviço social, por exemplo, à grande maioria delas, pois era praticamente a única opção possível.

Ainda assim, muitas conquistas foram alcançadas pelo público feminino durante as décadas de 60 e 70 do século XX – como exemplos, em 1962, foi permitido à mulher, a partir do Estatuto da Mulher Casada², exercer atividades laborais sem a anuência do marido; em 1968, a proibição, a partir da Lei nº 5473/68³, de discriminação por sexo, ou estado civil, para ocupar vagas no mercado de trabalho e, em 1977, uma conquista fundamental foi a aprovação da Lei do Divórcio⁴.

Essas leis, apesar de garantirem direitos legais às mulheres, não é possível afirmar quanto ao cumprimento delas, uma vez que este não é o objeto crucial deste estudo. Por conseguinte, destaco que o fato de serem aprovadas são indícios⁵ de conquistas adquiridas no período de delimitação deste estudo, já que a presença destas leis garante, pelo menos, legalmente, direitos outrora negados ou silenciados.

Já no campo educacional, a valorização do magistério primário esteve na pauta das reivindicações docentes durante os anos 1960; houve alastramento da teoria do capital humano, definido como a proporção existente entre capacidade intelectual e escolarização formal; em 1971, a Lei nº 5692/71 reformou o ensino de 1º e 2º graus, extinguiu as Escolas Normais e criou a Habilitação Específica para o Magistério de 2º grau, possibilitando à carreira docente novos rumos, pois, com o liberalismo em voga, o acesso à escola não mais era visto como meio de distinção social.

² Estatuto da Mulher Casada. Lei nº 4.121, de 27 de agosto de 1962, que dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Disponível em: http://www.dji.com.br/leis_ordinarias/1962-004121-emc/estatuto_da_mulher_casada.htm#Estatuto da Mulher Casada. Acesso em: 22 ago. 2011.

³ Lei nº 5473/68, de 10 de julho de 1968, que regula o provimento de cargos sujeito à seleção. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/128557/lei-5473-68>. Acesso em: 22 ago. 2011.

⁴ Lei nº 6515/77, de 26 de dezembro de 1977, que regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e seus respectivos processos e dá outras providências. Disponível em: <http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1977/6515.htm>. Acesso em: 22 ago. 2011.

⁵ Os indícios, na História Cultural, são de grande valia no processo de descoberta de dada realidade de um objeto de estudo, permitindo reconstruir aspectos de sua história. Ginzburg (1989) remete ao método indiciário e ratifica a relevância dos resíduos, dos dados marginais e dos pormenores considerados, muitas vezes, triviais, irrelevantes aos “olhares dos não-pesquisadores”. Por essa razão, afirma que “[...] a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177).

Os referidos acontecimentos, aliados à industrialização e ao desenvolvimento da economia, reestruturaram os espaços ocupados pelas mulheres na sociedade brasileira, redefinindo, conseqüentemente, não apenas o perfil das leitoras, mas também o processo de formação de mulheres nos anos 1960 e 1970. Referente aos acessos à leitura, na década de 60 do século XX, houve a produção de livros com temas diversos, além de publicações de revistas, autenticamente, femininas; já na década seguinte, conforme Lajolo (1995), foi iniciado, no Brasil, o “boom” editorial; a circulação livresca aumentou substancialmente – em 1970, ocorreu a Primeira Bienal do livro; em 1972, houve a celebração do Ano Internacional do Livro e, em 1973, a fundação do Círculo do Livro. Para Lacerda (2003, p. 49), “nesse panorama cultural gerado nos anos 1960 e amadurecido nos anos 1970, contracenam não apenas livros, mas outros objetos culturais, como o rádio, a televisão, o cinema e as artes”.

Nesse cenário, Brasília, símbolo da moderna arquitetura brasileira, projetada pelos arquitetos Oscar Niemayer e Lúcio Costa foi inaugurada. Além disso, conforme Miguel (2009, p. 18), muitos acontecimentos marcaram a sociedade brasileira na década de 60 do século XX, entre eles, a escolarização das mulheres de forma mais enfática, a sexualidade vista de forma politizada, o aparecimento de métodos contraceptivos, em especial, a pílula do inventor Gregory Pinkus. Estes passaram a ser vistos como uma “descoberta revolucionária”, tendo em vista que a intimidade e a sexualidade não mais precisariam estar associadas à reprodução e o reaparecimento do movimento feminista no início da década de 70 do século XX:

[...] marca a mudança mais drástica nos discursos sobre gênero na revista. Essa que usava as noções de “mulher liberada” ou “emancipação da mulher”, aludindo à revolução sexual, era, agora, confrontada com um movimento feminista radical, atuante e mundializado, irradiando dos Estados Unidos e da Europa e invadindo paulatinamente terras brasileiras (PRIORE, 2006, p. 305).

Este discurso, também bastante recorrente nas leituras ordinárias (marcadas por uma linguagem coloquial, com vistas a informar e a entreter o público) destinadas às mulheres, patenteia as alterações, ainda que paulatinas, dos papéis femininos em meio a uma nova sociedade – moderna, de consumo, de incentivo ao acesso à educação e à profissionalização deste público leitor.

O *rock*, que já repercutia no país desde a década de 50 do século XX, intensificou-se na década seguinte com a Jovem Guarda, incorporando-se à Música Popular Brasileira e ao Tropicalismo. Enquanto neste mundo de boemia, “os jovens requebravam embalados pelo

‘rock-‘n’-roll’, depois pelo ‘twist’; outros bebiam cubas-libres, sussurrando a tenra bossa-nova” (SOUZA, 2010, p. 61), outro mundo, contraditoriamente, despontava turbulento, autoritário e repressor – era a Ditadura Militar⁶ que se instaurou em abril de 1964 e se estendeu por toda a década posterior. Nesse momento, duas vertentes atuaram no país – uma constituída pelo Regime Militar; outra, por jovens esquerdistas e nacionalistas, atuantes em movimentos estudantis e questionadores da conjuntura em que se encontrava a nação.

Neste ambiente tenso, a liberdade de expressão também deixou de existir e o controle legítimo a pairar os meios de comunicação de massa, os quais passaram a ter restrições, com o Ato Institucional Número 5 (AI – 5) – com durabilidade de dez anos (entre 1968 e 1978), objetivava manter a segurança nacional, primar pela moralidade e pela família brasileira, começando, desta maneira, um processo intenso de censura a diferentes meios de comunicação; consequentemente, tal normativa fez com que muitos destes veículos deixassem de circular e outros passassem a fazê-lo de forma mais comedida.

Sobre este aspecto, Reimão (2010, p. 276) afirma que o estabelecimento da censura destinava-se ao “[...] cinema, televisão, teatro, espetáculos públicos, música e rádio e prática presente em várias revistas e jornais impressos”. A partir de 1970, estendeu-se aos livros, fato que ocasionou reações adversas em vários setores da sociedade, entre os quais: editores, escritores e associações da sociedade civil.

Entre as produções censuradas pelo Regime Militar, havia, entre outros, peças teatrais, poesias, músicas, livros não ficcionais e ficcionais. Estes, quando considerados eróticos, ou pornográficos. Neste universo, Reimão (2010, p. 284) informa que: “13 são de autoria de Adelaide Carraro, 18 de Cassandra Rios⁷, 22 são assinados como doutor G. Pop, 17 como Brigitte Bijou e 6 como Márcia Fagundes Varela”.

No estudo realizado por Reimão (2010), não se mencionou impedimento de circulação de revistas femininas. Porém, em todas as edições de *Capricho*⁸ analisadas para este estudo, a partir de 1964, havia o selo do Instituto Verificador de Circulação (IVC), o que denota o fato

⁶ Com o golpe, houve uma preocupação exacerbada de valorização à pátria e a questões consideradas nacionais. Souza (2010, p. 369) informa que esta orientação cívica, muito perspicaz do período militar, foi garantida, principalmente, “na obrigatoriedade da Educação Moral e Cívica, na criação dos grêmios cívicos, na normatização dos desfiles de 7 de Setembro, manteve os vínculos entre escola pública e construção da nacionalidade”.

⁷ Mais informações sobre práticas de leituras furtivas de Cassandra Rios e Adelaide Carraro, no processo de educação feminina, verificar: Melo (2009).

⁸ Por escolha metodológica, na escrita desta Tese, os nomes das revistas estarão mencionados em itálico.

de tais impressos também passarem pelo crivo do Regime. Outro indício salutar é a idade aconselhável exposta nas capas destas revistas.

Miguel (2009, p. 18) ratifica que, nas entrelinhas do divertimento, ou até mesmo, do conhecimento, “valores morais, estéticos e políticos eram difundidos, participando, assim da construção de hábitos e comportamentos desejados e necessários para a manutenção da ‘ordem’ imposta pelo sistema vigente”.

Nesta conjuntura, ao público feminino, impressos específicos eram-lhe direcionados, e neles estavam incutidas “verdades” necessárias à vida em sociedade de forma harmônica, traçando, assim, uma Pedagogia específica a ser seguida pela mulher no que tange a padrões de comportamentos, códigos morais, opiniões, consumo, relações de gênero e de poder institucionalizadas socialmente.

A partir dos parâmetros postos como “certos”, ou “errados”, à mulher era então traçado o seu destino: caso não acatasse aos ensinamentos, provavelmente, teria um fim sombrio; diferentemente das recatadas, obedientes e que seguiam à risca os preceitos ideais à moça de família que poria sempre como prioridade em sua vida o marido e os filhos com a promessa do tão almejado “ser feliz para sempre”.

1.2 O LUGAR DESTA HISTÓRIA NA HISTÓRIA

Escrever a História fundamentada em diferentes formas de pesquisar começou a abranger um novo olhar para a Academia no momento em que o movimento dos *Annales* apresentou ao campo historiográfico possibilidades de compreender métodos, objetos e fontes de pesquisa de maneira diversa da escola positivista, então dominante, demonstrando que a História pode ser contada pelos sujeitos que a constroem⁹.

Neste ínterim, sujeitos como mulheres, crianças, negros, escravos, desvalidos, enfim, os comumente marginalizados, aqueles a quem não era dada a voz nos registros das pesquisas historiográficas, passaram a sair dos silêncios das fontes e serem enfatizados nas investigações empreendidas pelo movimento dos *Annales*.

⁹ Nesta subseção, adoto como base, primordialmente, os trabalhos de Dosse (1992) e Burke (1997), por serem pertinentes para compreender o movimento, posteriormente, a Escola dos *Annales*. Por conseguinte, destaco que destoam em vários aspectos no que se refere à temática central abordada por ambos. Enquanto este historiador pontua, em cinco capítulos, momentos cruciais para o surgimento, a consolidação, bem como os pesquisadores que protagonizaram cada uma das gerações, ressaltando também o papel de cada uma delas para à Escola, sem tecer críticas negativas; aquele, por sua vez, em três capítulos, excetua os *Annales* sob um panorama crítico, por vezes, irônico, desnudando fragilidades, contradições e crises dentro da própria Escola. Não pretendo com isso minimizar a relevância de um estudo, ou de outro; aspiro a entender o lugar de onde falo a partir de diferentes olhares, ainda que haja confrontos entre seus enunciadores.

Este, para legitimar-se como campo de pesquisa historiográfica também tem a sua história, da qual destaco três momentos cruciais, apresentados de forma sucinta em ordem cronológica nesta subseção, quais sejam: uma provável crise de aceitação ou não da História como ciência; a contribuição do grupo dos *Annales* por apresentar uma proposta inovadora de se desenvolver pesquisa e, finalmente, a relevância da História Cultural para os estudos historiográficos.

Para melhor compreender as razões que possibilitaram a consolidação deste movimento, é mister entender o cenário francês que incentivou a inserção de uma nova forma de se pensar e de se historicizar os fatos: saudosista da Belle Époque (1871), em fins dos Oitocentos, para uma realidade dissonante, a da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918)¹⁰, surge a necessidade de evidenciar problemáticas sociais e econômicas em detrimento de fatos políticos, favorecendo a difusão dos *Annales* – iniciado como movimento e posteriormente legitimado como Escola.

A rejeição ao individual, cronológico e político, como também a adesão a múltiplas possibilidades de fontes, métodos e objetos de pesquisa ocasionou uma aparente crise nesse campo, uma vez que as mudanças nas perspectivas em se desenvolver tais estudos não adotavam os parâmetros de investigação predominantemente utilizados pelo paradigma tradicional.

Sobremaneira, como a História é uma ciência marcada por distintas correntes de pesquisa, apresenta também diferentes objetos e métodos de estudo – o que ocasiona paradoxos no que se refere à definição de História, bem como de seus objetos, dado que a História não pode ser considerada uma ciência singular, perceptível sob uma única visão ou mesmo corrente, fortalecendo ainda mais a impressão de ser uma ciência em crise.

Contudo, as diversas maneiras de se fazer História, mesmo trazendo debates calorosos em razão da desconfiança de alguns pesquisadores mais conservadores acerca da legitimidade da pesquisa, objetos, fontes e métodos adotados, é indiscutível que o movimento dos *Annales* permitiu nova vitalidade ao campo historiográfico, contribuindo significativamente para os estudos neste viés investigativo.

¹⁰ Sobre esta questão, Dosse (1992, p. 27), ressalta: “A guerra anuncia o fim da Belle Époque para uma Europa em que se percebe as primícias do declínio ou da decadência. Antes da guerra, tudo se decidia na Europa. O discurso eurocêntrico dos historiadores correspondia bem a um mundo unificado pelo capitalismo e dominado por Londres e Paris. Ao sair da guerra, a Europa está enfraquecida pela sangria humana que se eleva a vários milhões de mortos, pela destruição material, mas sobretudo pela ascensão de novas potências bem mais dinâmicas, como o Japão e principalmente os Estados Unidos. A imbricação mundial dos problemas, o estado de dependência para com o Novo Mundo relativizam a mensagem universal dos europeus e mudam a direção também do discurso do historiador, no sentido de superar o eurocentrismo, no sentido de levar em consideração os destinos no plural e as civilizações múltiplas”.

Uma das singularidades é a necessidade de diálogo com outros campos de saber. Nesta perspectiva, Le Goff (2003, p. 23 – 25), para melhor defini-la como ciência, vale-se de pensamentos de outros estudiosos, entre os quais: Marc Bloch, para o qual a História não poderia estar associada à cronologia, em razão de ser ela “a ciência dos homens no tempo”; Lucien Febvre, que afirmava ser a História a ciência extensiva às sociedades humanas, não sendo podendo ser, por isso, limitada a ideia de sê-la dos homens; Croce, que a entendia como “o conhecimento do eterno presente”; Émile Callot, uma narração compreensível de um “passado definitivamente esgotado”; e os historiadores do período contemporâneo entendem-na de forma diferente “da História dos períodos anteriores por razões várias”.

Entre estes motivos, acentuam-se os métodos, os objetos e as fontes adotados na pesquisa historiográfica com diferentes técnicas de estudo. Diante deste fato, os documentos devem ser visualizados sob a óptica do pesquisador, pois:

Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser capaz apenas de discernir o que é “falso”, avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estar sujeitos a tratamentos destinados a transformar sua função de mentira em confissão de verdade (LE GOFF, 2003, p. 110).

Tais fontes adotadas para a pesquisa historiográfica e a necessidade de a História dialogar com outros campos das Ciências Sociais para legitimar-se, ocasionaram, para alguns críticos, uma fragmentação na pesquisa historiográfica; já para Chartier (2002, p. 65 – 67), as mudanças nas perspectivas em se pesquisar não advêm de uma crise; e sim, da necessidade de um projeto de uma história global, de uma definição territorial dos objetos de pesquisa e da primazia ao recorte social em detrimento do temporal.

Diante de tais fatos, a fundação da Revista *Annales*, em 1929, por Marc Bloch e Lucien Febvre foi de grande relevância não apenas para a historiografia, mas também para a divulgação do papel da História na sociedade e para buscar aproximá-la a outras ciências sociais. Dessa maneira, foi possível averiguar novas orientações da História a partir dos anos 1970 com estudos para novos objetos de pesquisa, bem como o diálogo da História com outros campos das Ciências não só Sociais, mas também das Ciências da Natureza e as da Vida. Consequentemente às mudanças ocorridas nos métodos, também se perceberam alterações nos documentos investigados com abrangência a novas fontes de pesquisa.

No que tange a importância dada à documentação utilizada pelo historiador, as fontes não se restringem a documentos escritos, também são aceitos outros vestígios para o exercício do ofício. Neste sentido, o movimento dos *Annales* ampliou significativamente as possibilidades de pesquisa historiográfica, por transmutar a História como prática científica. Consoante Le Goff (2003, p. 128 – 130), é perceptível a renovação da ciência histórica na segunda metade do século XX a partir de suas manifestações, tais como: o desenvolvimento da História Econômica e Social, a História Oral e a História Quantitativa.

O grupo dos *Annales* apresentou uma proposta inovadora na forma de se fazer pesquisa, bem como denotou a necessidade de considerar a relação entre as ideias e a realidade social a partir de categorias várias. O movimento dos *Annales* pode ser perceptível como:

[...] um grupo monolítico, com uma prática histórica uniforme, quantitativa no que concerne ao método, determinista em suas concepções, hostil, ou, pelo menos, indiferente à política e aos eventos. Esse estereótipo dos *Annales* ignora tanto as divergências individuais entre seus membros quanto seu desenvolvimento no tempo (BURKE, 1997, p. 12).

Este grupo, organizado em três gerações, encontra-se classificado de acordo com os objetivos traçados no campo da pesquisa. A primeira delas, liderada por Lucien Febvre e Marc Bloch, almejou conquistar o campo da pesquisa historiográfica e assim o fizeram fundando a Revista francesa dos *Annales*¹¹, em 1928, com a finalidade inicial de promover debates nos campos da história econômica e social, a fim de que servisse de instrumento difusor “em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história” (BURKE, 1997, p. 23), tornando-se, de forma gradativa, em núcleo de uma escola histórica e passada para instituições de ensino básico e superior.

A segunda, comandada por Fernand Braudel, denotou um período de estabilidade, alicerçando a institucionalidade de uma escola. Segundo este historiador, o “homem”, como objeto da história, pode assim sê-lo sob duas perspectivas:

Primeiramente, no espelho de uma história social, "e então serão impelidos ao primeiro plano a construção interna, a estrutura dos liames sociais"; ou, segunda possibilidade, no sentido de uma história política, de uma política de significação aristotélica: a essa altura, tratar-se-á de compreender como

¹¹ A Revista dos *Annales* não foi a primeira tentativa de divulgar a produção científica do “novo” fazer historiográfico. Antes dela, Lucien Febvre havia idealizado uma revista para ter circulação internacional, com discussões sobre história econômica; apesar de o plano ter fracassado.

objeto a ação política, "a autodeterminação dos homens" (BRAUDEL, 1987, p. 174).

A terceira e última geração, composta por Roger Chartier, Jacques Le Goff, Le Roy Ladurie, entre outros, pretendeu angariar novos objetos de estudo. Apesar de não ter sido aceita por alguns pesquisadores que acreditavam no término dos *Annales* com a geração antecessora, estudiosos como Peter Burke, entendeu-a como integrante dos *Annales*. Tal consideração é válida visto que, assim como as outras gerações, esta também apresentou novas alternativas de escrita para a História e sua marca central foram alterações de cunho intelectual, passando a abranger novos teores, dos quais Burke (1997) enfatiza três deles: “a redescoberta da história das mentalidades, a tentativa de empregar métodos quantitativos na história cultural e, finalmente, a reação contrária a tais métodos [...]” (BURKE, 1997, p. 57). A alteração de eixo de interesses dos pesquisadores dos *Annales* foi interpretada por alguns críticos, entre os quais Dosse (1992), de forma negativa. Tal estudioso levantou alguns problemas, entre eles, o de fragmentação, definição, explicação e, em especial, de fontes e métodos.

Em contrapartida, Burke (1997) entendeu que o “itinerário intelectual de alguns historiadores dos *Annales* transferiu-se da base econômica para a ‘superestrutura’ cultural, ‘do porão ao sótão’” (BURKE, 1997, p. 57), ampliando, na verdade, o trânsito em diferentes campos do saber, diversidades de objetos de investigação, além de uma abrangência de visões de mundo.

A terceira geração, também denominada de História Nova, História Cultural ou História Sociocultural, refere-se ao paradigma da atividade humana, análise das estruturas, pessoas comuns, documentos oficiais e outras evidências, movimentos coletivos, ações individuais, tendências e acontecimentos e ao relativismo cultural. Pode melhor ser explicada por Burke (2002, p. 10), ao afirmar que: “A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional [...]”. Nesta perspectiva, ainda é possível, conforme Burke (2002, p. 10 – 15), traçar algumas divergências entre estes dois paradigmas. Enquanto a História Tradicional alude à política, preocupa-se com a narrativa dos acontecimentos, com o feito de grandes homens, é baseada em documentos oficiais e é objetiva, o paradigma da História Nova refere-se à atividade humana, preocupa-se com a análise das estruturas, com pessoas comuns, com documentos oficiais e outras evidências, com movimentos coletivos, ações individuais, tendências, acontecimentos e com o relativismo cultural.

Para Chartier (2002, p. 88 – 97), a História Nova apresenta na atualidade alguns desafios, tais como: romper a ligação entre a história e as ciências sociais; superar o confronto entre o estudo das posições e das relações, de um lado, e a análise das ações e das interações, de outro; e transpor a assertiva de que toda história é uma narrativa.

Acentuo, por fim, que, com a Escola dos *Annales*, firmou-se uma nova proposta de se desenvolver estudos historiográficos, bem como permitir uma visão mais ampla no campo da pesquisa. Ressalto ainda que o grupo pertencente a este movimento introduziu uma ampliação na pesquisa historiográfica – com a aceitação de novas fontes, análises, reflexões e metodologias. Em especial, a terceira geração é salutar para as pesquisas historiográficas, em razão de os estudos neste campo legitimarem-se e consolidaram-se de forma paulatina e um maior número de pesquisadores passou a desenvolver investigações a partir deste viés, visto que o alargamento de fontes e métodos implicou ampliação de objetos até então inviáveis, além de permitir entender a História a partir do caráter interpretativo, conhecê-la pelos fatos do cotidiano.

No Brasil, é a partir da década de 1980 que estudos desenvolvidos sob o viés da terceira geração dos *Annales* começaram a ser perceptíveis tanto quantitativa quanto qualitativamente, sendo assim denominada de História Cultural.

É nesta perspectiva teórica que me apoio para desenvolver esta tese, em que toda esta História, todos estes autores foram os que me deram subsídios epistemológicos para eu produzir esta história, a história de leituras não canônicas pautada por uma pedagogia característica, a Pedagogia de Fotonovelas.

1.3 PERCURSOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Considero a análise histórico-sociológica do impresso e de representações de leitura fundamentadas nos aportes teórico-metodológicos da História Cultural, História da Educação Feminina, História do Impresso e História da Leitura, a fim de investigar a Pedagogia de Fotonovelas no processo de formação de leitoras normalistas do IERB entre as décadas de 60 e 70 do século XX. Para tal, adoto a Revista *Capricho*, como também depoimentos da comunidade leitora como fontes primordiais para compreender representações e reverberações de práticas e de padrões incutidos no discurso das referenciadas leituras não canônicas, pautado em uma Pedagogia típica direcionado às mulheres, a fim de nelas incutir condutas, normas e padrões conformados socialmente; nesta perspectiva, parto da hipótese de que os impressos exercem contributo no processo de formação extraescolar de suas leitoras. Em

razão disso, operam como modelos de adesão e/ou resistência para, quem com eles dialoga, elaborar acepções referentes às formas de viver, agir, enxergar as pessoas e relacionarem-se com elas.

A partir da hipótese chave deste estudo, compreendida por mim como o eixo central e motivador desta tese, há outras não menos importantes; no entanto, por mim denominadas de “hipóteses secundárias”, que me possibilitaram indícios sobre meu objeto de investigação, explicitadas adiante.

Os impressos direcionados ao mundo feminino incentivam as leitoras a adentrarem a um universo de prazer e interação com o mundo escrito, instigando-as à descoberta de “novos mundos”; a leitura, direcionada a este público leitor, pode ser compreendida como um universo de produção de sentidos e operar como condição básica com o próprio texto que se oferece à leitura, à interlocução; a aproximação e a intimidade entre impressos e leitoras facultam a produção de materiais de leituras específicos às leitoras, com objetivo, muitas vezes, de revelar transgressões, mas também dirimir regras, habilidades e valores sociais, ainda que os “modelos” de como ser, estar e viver não estejam postos explicitamente; a publicidade funciona como processo de socialização e legitimação da comunidade leitora, a partir das diferentes representações anunciadas de perfis femininos; os impressos femininos são portadores de uma Pedagogia, os quais constituem partes integrantes do processo educacional não formal das mulheres.

Entendo, para efeito de análise, que as revistas femininas são emissárias de um meio de formação, que permitem um conjunto de práticas e também veiculam modos de ser, de se comportar, de viver, de escolher e de amar, operando um papel central na vida social de suas leitoras. Assim sendo, os impressos e as fotonovelas neles inseridas explicitam representações destas imagens de mulheres, com as quais muitas leitoras dialogaram e espelharam-se nelas para suas vidas.

Consoante Martins (2008), revistas são fontes documentais caras ao historiador. E justifica a assertiva pelo teor diverso, caráter lúdico, leitura apazível, pluralidade de seções e envolvimento do pesquisador com o tempo pretérito, na investida da reconstrução do momento investigado. Entretanto, a autora alerta que o manuseio com a referida fonte requer cuidados, posto que: “[...] transportam e induzem o pesquisador a configurações quase pictóricas do passado, tal como um espelho disforme, refletem imagens falsas, imagens de superfície, que requerem investigação e decodificação” e que para serem adotadas como documentos é necessário considerar: “[...] as condições de sua produção, de sua negociação,

de seu mecenato propiciador, das revoluções técnicas a que se assistia e, sobretudo, da natureza dos capitais nele envolvidos” (MARTINS, 2008, p. 21).

Depreendo que, independentemente das fontes a serem adotadas pelo historiador, elas precisam ser aferidas com cautela – por serem artefatos de um tempo, de uma sociedade, enfim, de uma história que deixou seus vestígios e, por esta razão, requer do pesquisador um manuseio prudente, cauteloso, que vise à reconstituição dos fatos de forma mais próxima possível de como ocorreram, buscando compreender suas possíveis representações e reverberações.

Evidencio ainda que a “Representação” é compreendida como resultado de uma prática, ou seja, as representações devem estar relacionadas ao modo de ver e de compreender o mundo; por conseguinte, podem ser observadas sob uma dupla perspectiva, a saber: “[...] tornar presente uma ausência, mas também exibir sua própria presença enquanto imagem e, assim, constituir aquele que a olha como sujeito que olha” (CHARTIER, 2002, p. 165). Neste direcionamento, compreendo que as referidas representações produzem sentidos e operam como condição básica com o texto que se oferece à leitura, à interlocução, uma vez que possibilitam adquirir capitais culturais para as tomadas de decisão em diferentes setores da vida de suas leitoras.

Como o capital alude a questões que permitem ao indivíduo legitimar-se socialmente, neste estudo, a categoria capital cultural é compreendida a partir da concepção de Bourdieu (1998), o qual se refere ao capital cultural como a toda e a qualquer forma de conhecimento cultural dentro da sociedade. A fim de melhor explicar sobre o capital cultural, Bourdieu (1998) afirma que o mesmo existe sob três formas, a saber:

[...] no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens duráveis – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ele confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais (BOURDIEU, 1998, p. 74).

Dessa maneira, a aquisição de capitais culturais está relacionada a um conjunto de fatores. Um deles, que depende unicamente do investimento individual para aquisição de capitais não transmissíveis, já que está vinculado ao investimento e ao tempo dedicado pelo indivíduo para adquiri-lo; outro, alusivo a suportes materiais, transmissíveis em sua

materialidade e, o último, o institucionalizado, seria aquele fundamentado como um tipo de certificação de competência cultural como, por exemplo, um diploma.

Assim posto, Bourdieu (1998) afirma que a aquisição de capitais culturais está associada a ligações extrafamiliares e às disputas existentes nos diferentes setores dos campos sociais; dessa forma, as relações estabelecidas ocorrem não apenas de forma objetiva, mas também em razão das trocas materiais e simbólicas. A partir dos fatos expostos, ressalto que o objetivo geral desta tese é pesquisar como leituras de lazer, em especial, de fotonovelas, contribuíram para ensinar, a partir de uma pedagogia específica, às suas leitoras, modos de ser e de se comportar, possibilitando-lhes representações acerca do mundo em que viviam.

Partindo-se deste pressuposto, delimitei os seguintes objetivos específicos: notabilizar os diferentes sentidos dos impressos e das fotonovelas destinados ao mundo feminino; elencar como revistas designadas ao público feminino despertam o imaginário de suas leitoras, pedagogizando-as; investigar regras, habilidades e valores imbuídos de “modelos” de como o mundo feminino deve ser, estar e se comportar; discutir sobre o conceito de mulher moderna, a partir de perfis femininos elencados na publicidade dos impressos destinados ao referido público leitor; e entender a respeito do processo educacional não formal das mulheres, por intermédio da Pedagogia de Fotonovelas.

Diante dessa perspectiva, investigar revistas femininas, mais especificamente, a *Capricho* sob a ótica da História do Impresso para compreender como as representações dessas leituras ocorreram como práticas culturais, bem como reverberaram nas escolhas pessoais e profissionais da comunidade leitora, é de suma relevância para entender como se constitui esta leitura não canônica sob a égide da Pedagogia de Fotonovelas.

Ressalto ainda que as leituras de lazer realizadas pelas normalistas do IERB, no período delimitado desta investigação, permitem pensar a respeito do processo de educação feminina dessa instituição de ensino, buscando compreender as representações sociais que estas leituras proporcionaram às alunas desta escola reverberar para a aquisição de repertórios de *habitus* de leitura.

Habitus é considerado em conformidade com Bourdieu (2005) como o “sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2005, p. 191).

Dessa maneira, a leitura, facultada pela aquisição do hábito, não pode ser compreendida apenas como busca de informações, mas também como prazer e fruição do texto. Tal relevância é evidente no momento em que o *habitus* e o hábito de leitura,

repercutem na vida das ex-normalistas, produzem conhecimentos e consolidam padrões a partir de uma Pedagogia singular ao suporte de leitura de livre acesso destinado ao público feminino, constituindo possibilidades de aprendizagens sob a ótica da “Pedagogia”, tal como defendido neste estudo, ou seja: “Existe pedagogia em qualquer lugar onde o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar comum” (GIROUX; McLAREN, 1995, p. 144).

Assim sendo, para efetivar esta pesquisa, optei por investigar em estudos bibliográficos, fontes documentais e orais, haja vista a necessidade de diálogo e de confronto entre os diferentes indícios.

Os estudos bibliográficos foram selecionados a partir da História Cultural, aliada à abordagem da História do Impresso, História da Mulher e da Leitura, cuja discussão esteve pautada, primordialmente, no cenário em que os impressos femininos e as fotonovelas foram consolidados, em especial, no Brasil, durante as décadas de 60 e 70 do século XX.

O *corpus* das fontes documentais¹² é constituído por dois elementos chave: suporte (Revista *Capricho*) e depoimentos da comunidade leitora. Neste estudo, considero documento, tal como o compreende Veyne (1982, p. 53): “[...] fonte ou documento é, antes de tudo, um acontecimento, grande ou pequeno: documento pode ser definido como todo acontecimento que deixou, até nós, uma marca material”.

Para analisar os impressos a partir da Pedagogia de Fotonovelas, elaborei quadros sínteses¹³, em que se incluíram informações sobre publicação, materialidade, anúncios, cursos, estereótipos femininos e masculinos, bem como informações cruciais sobre as histórias de fotonovelas: dados técnicos, contextualização da trama, características, perfis, aprendizagens, contribuição para formação, problemática enunciada, representações femininas, valores recorrentes nas narrativas em cada número/coleção.

Reforço ainda que os depoimentos foram coletados a partir de um roteiro que trata dos processos de realização das leituras de fotonovelas com informação sobre acesso, circulação, representação e reverberação de tais práticas. Neste sentido, é mister a assertiva de Queiroz (1987, p. 13) ao ratificar que depoimento é um “[...] procedimento ou conjunto de procedimentos, de modos de fazer bem definidos e transmissíveis, destinados a alcançar determinados objetivos”; neste caso específico, relacioná-lo às memórias de leitura da

¹² Na seção II, irei detalhar a constituição de cada um dos elementos chave das fontes documentais.

¹³ O modelo do quadro síntese que eu elaborei para realizar a análise das fotonovelas encontra-se no Apêndice A; enquanto o quadro síntese para elementos do suporte, no Apêndice B.

comunidade leitora, durante o período em que viveu a referida experiência como estudantes do IERB. Para tal, ouvi 16 depoimentos, consoante expressos no Quadro I, de ex-alunas do IERB – sergipanas e residentes em Aracaju, as quais foram selecionadas mediante a condição de terem estudado nesta escola durante as décadas de 60 e 70 do século XX e foram localizadas a partir de indicações.

Quadro I – Comunidade leitora

Nome	Cessão do depoimento	Período em que estudou na Escola Normal	Faixa etária de ingresso na escola	Formação acadêmica	Atividades laborais
Carmem Meire Alves Campos Fontes	25 fev. 2008	1965 a 1970; 1972 a 1976	13 anos	Curso técnico, na antiga Escola Técnica; Ginásial e Pedagógico no IERB.	Secretaria de Segurança Pública
Denise Carvalho do Nascimento Moreira	28 maio 2014	1976 a 1979	14 anos	Pedagógico, no IERB; Pedagogia, na Faculdade Pio Décimo	Secretaria Municipal e Estadual de Educação
Eliana Menezes Santos	21 fev. 2008	1979 a 1981	15 anos	Ginásial, no IERB; Pedagogia e especialização em Orientação Educacional	Secretaria Estadual de Educação
Genivalda Gonzaga da Mota	3 ago. 2007	1969 a 1972; 1973 a 1975	13 anos	Ginásial e Pedagógico, no IERB.	Secretaria Estadual de Educação
Tereza Cristina Cerqueira da Graça	17 fev. 2008; 11 jun. 2014	1971 a 1975	13 anos	Curso técnico, na antiga Escola Técnica; Ginásial e Pedagógico, no IERB; Pedagogia e Mestrado e Educação (UFS) e Doutorado (em andamento), na PUC/RS	Secretaria Municipal de Educação / Universidade Tiradentes
Iara Carvalho do Nascimento	26 maio 2014	1965 a 1969	14 anos	Pedagógico, no IERB; Pedagogia, na	Ministério da Saúde / Secretaria

				Faculdade Pio Décimo; e incompletos: Odontologia e Letras	Municipal de Educação
Maria Anete Nunes de Meneses	8 jan. 2008	1965 a 1968: Pedagógico	14 anos	Pedagógico, no IERB; Pedagogia, na Faculdade Pio Décimo	Secretaria Estadual de Educação
Maria Aparecida dos Santos	14 jan. 2008	1975 e 1979	14 anos	Pedagógico	Secretaria Estadual de Educação
Maria Assunção Ribeiro	29 maio 2014	1974 a 1977	13 anos	Pedagógico	Tribunal de Justiça
Maria Conceição Nascimento de França	27 maio 2014	1974 a 1977	14 anos	Pedagógico	Secretaria Estadual de Educação
Maria das Graças Góis Santos	14 jan. 2008	Entre 1972 e 1973 (duas primeiras séries do Curso Ginásial) e entre 1976 e 1979 (Curso Pedagógico)	13 anos	Ginásial e Pedagógico, no IERB.	Secretaria Municipal e Estadual de Educação
Maria do Carmo Dias Monte Alegre	25 fev. 2008	1965 e 1966	13 anos	Ginásial; Pedagogia, incompleto	Quando solteira, servidora da Secretaria Municipal e Estadual de Educação. Após casar, dedicou-se à família.
Maria Lenilda Soares	21 fev. 2008	1978 a 1981	14 anos	Pedagógico	Secretaria Estadual de Educação
Sônia Barreto	4 abr. 2007	1966 a 1966	13 anos	Pedagógico, no IERB; Ciências Sociais / RJ	Departamento de Educação da Secretaria de Estado da Educação
Telma Maria da Silva Santos	4 abr. 2007	Entre 1961 e 1967	13 anos	Pedagógico, no IERB; Serviço Social, na UFS	Secretaria Municipal e Estadual de

					Educação
--	--	--	--	--	----------

Fonte: Quadro elaborado pela autora, a partir de informações fornecidas pelas depoentes.

Acentuo que o “discurso da memória, transformado em testemunho, tem a ambição da autodefesa; quer persuadir o interlocutor presente e assegurar-se uma posição no futuro; justamente por isso também é atribuído a ele um efeito reparador da subjetividade” (SARLO, 2007, p. 51).

Para o encontro com a comunidade leitora, preparei um roteiro¹⁴ para acompanhar os depoimentos, os quais foram gravados, posteriormente transcritos, como também solicitada a anuência das depoentes para publicar as informações fornecidas, além da adoção dos nomes verídicos. Para a execução da pesquisa oral, também levei edições de *Capricho* das décadas em investigação e a recorrência dos elementos do suporte presente nas memórias das leitoras, em especial, das fotonovelas lidas por elas, foram então os escolhidos como *corpus* de análise para esta tese.

Apesar de tantos avanços alcançados pelo universo feminino no período cronológico em que está compreendida esta tese, percebi que, como ilustrado no Quadro I, grande parte das depoentes seguiu a clave da profissionalização a elas destinado como extensão de um mundo considerado inerente às mulheres. Mesmo em menor proporção, vestígios de um mundo que parecia não mais existir com tantas conquistas para as mulheres, a partir dos anos 1960, ainda houve, por conseguinte, quem “optasse” em deixar a carreira para investir no sonho do matrimônio.

Este desejo, de felicidade (com) partilhada, reverberava-se em tantas leituras, trazidas à tona pelas leitoras através de suas memórias, as quais são construídas socialmente e podem ser adotadas como fontes para produzir conhecimento, os depoimentos são utilizados, neste estudo, no processo da História de Educação Feminina, na tentativa de reconstituir como se estabeleceram essas representações acerca do suporte e das leituras realizadas pelas ex-normalistas do IERB, nas décadas de 60 e 70 do século XX, como também compreender como se estabeleceu a pedagogização nessas leitoras, tendo em vista que a possibilidade de chegar ao real também ocorre a partir de sonhos, fantasias, enredos construídos no imaginário social.

¹⁴ O roteiro que me serviu de parâmetro para acompanhar a coleta de depoimentos da comunidade leitora encontra-se no Apêndice C.

Em tempo, notabilizo o pensamento de Halbeachs (1990, p. 14), o qual afirma existir uma memória individual “dentro de quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente”.

Friso que o levantamento das fontes e o diálogo entre elas, no que concerne às práticas de leitura, a coleta de depoimentos com ex-normalistas do período investigado são procedimentos metodológicos aplicados visando a analisar os vestígios do que elas leram, possibilitando a reconstrução de uma narrativa, presente apenas nas memórias das depoentes, pois: “[...] a força da história oral é a força de qualquer história metodologicamente competente. Vem da extensão e da inteligência com que muitos tipos de fonte são aproveitados para operar em harmonia” (PRINS, 2002, p. 194).

Neste direcionamento, o trabalho com a metodologia de investigação oral, juntamente com o diálogo entre as pesquisas bibliográfica e documental, oportuniza apreender como esses impressos destinados à mulher e as fotonovelas facultaram o acesso a uma educação (in) formal, instruindo seu público leitor, através de uma Pedagogia que lhe era singular, a partir de “um modo particular de subjetivação de ensino e de aprendizagem de formas de agir, sentir, atribuir valores, e assim por diante” (FISCHER, 2002, p. 158), tendo em vista que o dispositivo pedagógico presente nos suportes de leitura inter-relacionam cultura, sujeitos e sociedade, produzindo, assim, no processo de constituição de sujeitos e de suas subjetividades na sociedade, “imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à ‘educação’ das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem” (FISCHER, 2002, p. 153).

Quanto à abordagem do objeto investigativo, o cenário do IERB foi objeto de averiguação de outros pesquisadores; ademais, nenhum deles tratou sobre a História do Impresso, ou sobre a História da Leitura na perspectiva da Pedagogia de Fotonovelas, no universo das normalistas aracajuanas, como retratado nos estudos apresentados adiante.

Brito (2001), para realizar sua pesquisa, contou com o auxílio de fontes documentais e bibliográficas; entre elas, regulamentos de ensino, leis, decretos-leis, leis orgânicas. Pretendeu “analisar a difusão e concretização das idéias propugnadas pela escola nova no IERB no período de 1930 – 1957”, denotando o referido Instituto de Educação como principal agente formador do quadro do magistério primário em Sergipe.

Portanto, buscou demonstrar como as reformas educacionais foram empreendidas conforme as alterações sociais e políticas a partir de uma discussão referente às iniciativas de renovação educacional empreendidas nacionalmente. Em seu estudo, Brito (2001) também traçou um panorama do cenário político sergipano pós-30, analisou as alterações curriculares

ocorridas sucessivamente no intuito de atender aos novos ideários pedagógicos, além de ter analisado os resultados da Legislação Federal de 1946, que transformou a Escola Normal Rui Barbosa em Instituto de Educação Rui Barbosa, ocasionando alterações quanto à criação e à prática pedagógica dos professores atuantes no IERB a partir de 1945, que incidiram nas iniciativas para propagar os métodos escolanovistas.

Freitas (2003b) objetivou “analisar as representações das ex-normalistas do IERB – Escola Normal – no período de 1920 – 1950 acerca da formação profissional e do ingresso na carreira do magistério”, a partir de uma diversidade de fontes. Entre as quais: histórias de vida resumidas e inacabadas de ex-normalistas do IERB entre as décadas de 20 e 50 do século XX, impressos, mensagens presidenciais e governamentais.

Para produzir seu estudo, a pesquisadora considerou o processo de admissão da Escola Normal, a durabilidade e a estrutura do curso, a convivência entre as alunas no período de formação, além do ingresso na carreira profissional.

Assim sendo, Freitas (2003b) traçou um mapeamento histórico da feminização do magistério em Sergipe; reportou-se às representações do cotidiano das normalistas para analisar o processo de ingresso na Escola Normal, considerando-se os requisitos legais e as representações das informantes; estudou o currículo da formação profissional no período delimitado de sua pesquisa; relatou a convivência entre docentes e alunas, bem como o cotidiano da formação profissional, além de ter sistematizado a trajetória profissional das informantes.

Valença (2005) procurou “analisar a contribuição da Escola Normal para a formação e a profissionalização das jovens aracajuanas, a partir das práticas escolares da instituição, durante o período de 1871 – 1931”, buscando, mais especificamente, delinear um perfil histórico do curso normal estabelecido em Sergipe nas últimas décadas do século XIX, como também conhecer os ideais da pedagogia Moderna no processo de instrução feminina durante as primeiras décadas republicanas.

Em sua pesquisa, a autora justificou a escolha do marco temporal tendo em vista a primeira implantação do curso normal em Sergipe, conforme Regulamento de 24 de Outubro de 1871 (*sic*: 1870), e a primeira publicação do projeto de lei para transformar a Escola Normal em Instituto de Educação no ano de 1931. Valença (2005), para investigar representações da cultura escolar feminina, utilizou-se de fontes diversas, como: leis, decretos, atas, portarias, relatórios e ofícios referentes à Escola Normal em Aracaju.

Melo (2009) investigou como as leituras prescritivas, adotadas nas aulas de Língua Portuguesa no Instituto de Educação Rui Barbosa, contribuíram como elemento para

formação de leitoras, durante as décadas de 60 e 70 do século XX. Para isso, a autora se utilizou de depoimentos, cadernetas de notas, atas e regulamentos institucionais como principais fontes investigativas.

Essas leituras permitiram-me uma constituição mais abrangente das questões funcionais da educação feminina em Sergipe, além de possibilitarem uma percepção ampliada quanto às atividades educativas desenvolvidas na Escola Normal.

Por conseguinte, pesquisas no campo de leituras de lazer, de forma peculiar, impressos femininos e fotonovelas ainda são incipientes. No Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, outros autores ainda não se debruçaram para investigar este universo de leituras. Considerando-se a produção nacional, identifiquei Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado que apresentaram como núcleo investigativo revistas femininas e fotonovelas, com pretensões diversas; não obstante, nenhum deles defendeu a existência de uma Pedagogia de Fotonovelas nos suportes de leitura ao público feminino, proposta fim desta tese.

Habert (1974) anunciou não trabalhar em sua pesquisa com o público leitor, mas com a questão da conjuntura da indústria cultural a partir das fotonovelas. Assim, analisou questões referentes ao histórico das fotonovelas internacional e nacionalmente, teceu um panorama sobre os projetos editoriais, os modelos das revistas de fotonovelas, o processo de diagramação, discutiu questões como a produção, a reprodução, a montagem e, por fim, apresentou informações alusivas ao conteúdo recorrente nas fotonovelas.

Barzotto (1998) considerou três elementos de análise para realizar sua pesquisa no impresso *Realidade*, a saber: o suporte, o texto e o discurso, para compreender a ideia de “modernidade” tão difundida no período de investigação (abril de 1966 a janeiro de 1976).

Destaco ainda a pesquisa de Dantas (2008) que estudou acerca da Revista *Cidade Nova* com a finalidade de investigar as propostas de educação em artigos e cartas de leitores do referido impresso, no período compreendido entre 1980 a 2005.

Guimarães (2008) pesquisou sobre a concepção de mulher divulgada pela Revista *Nova* entre os anos de 1973 a 2005, buscando averiguar se esta “nova” mulher arquitetada por este impresso denota, de fato, emancipação feminina, conforme propõe *Nova*, ou apoia-se em valores outrora consolidados.

Sampaio (2008) se debruçou a ouvir leitores de fotonovelas, em especial, as lembranças pessoais, a significação das histórias para cada um dos onze entrevistados, objetivando produzir uma “memória da leitura de fotonovelas” (SAMPAIO, 2008, p. 4).

Azevedo (2009) utilizou os suportes *Cláudia* e *Querida* para investigar como a representação da mulher das décadas de 60 e 70 do século XX passou a ser configurada, considerando-se os feminismos enfatizados no referido momento histórico. Para tal, centrou-se em seções com direcionamento para o “caráter revolucionário” entre as quais matérias que retratassem sobre atuação política, direitos das mulheres, natalidade e questões conjugais.

Barreiros (2009) pretendeu compreender a concepção de gênero literário para a Revista Ilustrada (1876 – 1898), tendo em vista que o periódico não era um lugar de debates literários.

Bueno (2009) recorreu a três exemplares da *Revista Cláudia* publicados durante a década de 80 do século XX, com a finalidade de discutir os papéis destinados à mulher, cujos modos de ser estão intrinsecamente relacionados à maneira de vestir, já que este é, consoante a autora, um indicativo de “novos tempos”.

Miguel (2009) objetivou compreender a possibilidade de uma revista destinada ao público feminino servir como “lugar de memória”, buscando verificar a contribuição da revista na constituição de subjetividade de mulheres. A amostragem da investigação da autora constituiu-se de vinte exemplares da *Capricho* pertencentes às décadas de 50 e 60 do século XX e três leitoras dessas revistas do período selecionado para sua investigação.

Novelli (2009) direcionou a sua investigação para anúncios publicitários de cinco marcas nacionais presentes na Revista *Vogue Brasil* e publicados entre os anos de 2000 e 2001, com a finalidade de compreender a concepção de juventude no processo de formação de um *ethos* social na contemporaneidade.

Salerno (2009) discorreu sobre imaginários e comportamentos femininos figurados a partir de diferentes seções de trinta e um exemplares da Revista *Querida*, durante os anos de 1958 a 1968.

Soares (2009) perscrutou acerca do ser mulher e do ser homem nas primeiras décadas do século XX em estudo comparativo entre o código civil de 1916 e a *Revista Feminina*, publicada em São Paulo.

Santos (2011) analisou a questão de gênero, sob uma perspectiva social e histórica, buscando desnaturalizar o referido fato como apenas biológico. Para tal, utilizou-se de três impressos publicados durante a década de 1950, os quais foram adotados como fontes e objetos de investigação, quais sejam: a Revista *Jornal das Moças*, a Revista *Querida* e a Revista *Vida Doméstica*, com publicações, respectivamente, semanal, quinzenal e mensal.

Sasaki (2011) estudou modelos femininos na Revista *Jornal das Moças*, no período compreendido entre 1948 e 1968, buscando analisar determinadas alterações e continuidades nos discursos elencados em diferentes seções do referido impresso.

Amparo (2012) investigou três aspectos de práticas de leitura na coleção de romances *Clássicos Históricos*, considerando o processo de formação de leitoras.

Evidencio que as leituras desses estudos foram de importância fundamental para entender o universo dos impressos, das revistas femininas e das fotonovelas. No entanto, nenhum deles se propôs a investigar o suporte e o gênero fotonovela como instrumento formativo, através da constituição de uma Pedagogia no processo de (in) formação de seu público leitor, proposta desta tese, cuja investigação encontra-se estruturada em 6 seções, assim alicerçadas:

A primeira delas, “Prelúdio: caminhos escolhidos”, esclareço como me aproximei do objeto de pesquisa, apresento a tese, os objetivos, o cenário, as hipóteses, o estado da arte, como também as escolhas teóricas e metodológicas.

A segunda seção “Suportes para (in) formar mulheres” encontra-se estruturada em duas subseções: “Impressos femininos: impressões sobre / para a mulher durante as décadas de 60 e 70 do século XX”, adentro ao universo de discussão das revistas para compreender a conjuntura em que surgiram e a relação com o público feminino, leitor e consumidor desses impressos, como também abordo acerca das diferentes formas de apreensão do material escrito, observando-se a heterogeneidade de espaços, tempos, materiais de leituras e leitores, a partir de diferentes possibilidades de representações e reverberações de leitura; posteriormente, em: “Fotonovelas: inspirando mulheres durante as décadas de 60 e 70 do século XX”, debate sobre fatos ocorridos historicamente, no processo de consolidação da fotonovela internacional, considerando-se o *locus* de emergência, e nacionalmente, a fim de compreender o momento de concretização desse gênero textual, de sua circulação no país, predominantemente durante as décadas de 60 e 70 do século XX, além de aspectos concernentes às características, peculiaridades, produção e práticas de leitura de fotonovelas, consideradas como fatores primordiais para a compra das revistas femininas.

Na terceira, “Folhear *Capricho* e pedagogizar leitoras”, direciono a discussão para o suporte *Capricho*, em que aspiro não apenas a uma reflexão a respeito da importância da revista como meio de formação e informação, mas também à relação de intimidade estabelecida entre leitoras e Revista. Para tal, encontra-se subdividida em: “Capas, versos e anversos” e “Leitoras e *Capricho*: eternas amigas”.

A quarta seção “Temas e tramas: (re) conhecendo-se mulher na *Capricho*” encontra-se estruturada em dois momentos: “Leitora, qualifique-se sem sair de casa” e “Quem é você? teste nos Testes”, considerando-os como fundamentais para a pedagogização feminina, pelos elementos que os constituem e pelas recorrências nas memórias da comunidade leitora.

A quinta seção “Publicidade: anunciar para convencer” encontra-se subdividida em: “Propagandas em *Capricho* para a ‘mulher moderna’” e “Pedagogia de fotonovelas no discurso publicitário”, com destaque para propagandas de itens para a mulher – como produtos de higiene pessoal, beleza, limpeza para casa, praticidade para o lar, enfim, uma série de anúncios que remetem a possibilidades de rotulações para modelos de mulheres, sendo, por isto, também compreendidos como possíveis “aulas” para inserção da consumidora a um mundo específico propagado por este mercado: o da mulher “moderna”.

Na sexta e última seção “Enredando histórias: a Pedagogia de fotonovelas nas tramas”, discorro sobre “Impressos femininos: Páginas que transitam para a formação da mulher ‘moderna’”; “Leitoras *Capricho* e fotonovelas: uma história de amor” e “Aprender a ser e a estar: o (re) encontro entre a comunidade leitora e os dispositivos de leitura”, momento em que enfatizo os depoimentos das ex-normalistas e a relação com a Pedagogia de Fotonovelas.

Por fim, nas Considerações Finais, por mim designadas de “Epílogo: caminhos percorridos e... a percorrer”, sintetizo ideias chave da tese, além de sugerir propostas de investigação que nasceram a partir de diálogos e confrontos com este objeto de estudo, permitindo-me ampliar o olhar para possibilidades de pesquisas no campo da História da Educação, História da Leitura, História dos Impressos, História de Fotonovelas estrangeiras, História das Mulheres em enredos enveredados de muitas transformações, mas também inúmeras permanências.

2 SUPORTES PARA (IN) FORMAR MULHERES

2.1 IMPRESSOS FEMININOS: IMPRESSÕES SOBRE / PARA A MULHER DURANTE AS DÉCADAS DE 60 E 70 DO SÉCULO XX

Como a História Cultural permitiu à Historiografia ampliar as possibilidades de objetos de pesquisa, optei por dialogá-la com a História do Impresso e a História da Leitura para compreender a Educação Feminina a partir de acessos a uma educação extraescolar, não institucionalizada. Para tal, debato aqui acerca dos impressos tipicamente designados ao público feminino, a fim de melhor perceber este universo destinado ao ser “mulher”.

Essas primeiras manifestações datam do século XVII. Foram publicadas em forma de jornal, na Alemanha e, posteriormente, Inglaterra e França. Nelas, as temáticas abordadas assemelhavam-se a coletâneas didáticas sobre temas diversos, funcionando como veículo de comunicação intermediário entre o livro e o jornal. Somente no início do século XIX, as revistas passaram a tratar sobre assuntos mais abrangentes e os limites entre jornais e revistas se tornaram menos tênues.

Segundo Martins (2008, p. 39), cabia àqueles publicar dados políticos; e a estas, “temas variados, de informação mais elaborada, anunciando as últimas descobertas sobre as matérias abordadas”. Além disso, os referidos suportes foram essenciais para difundir a literatura romântica. Foi também neste período que se teve acesso aos primeiros exemplares das revistas, publicadas na Grã-Bretanha, da maneira como se conhece na atualidade.

Neste momento, o grande desafio para legitimar o empreendimento e inseri-lo no mercado aludia à dificuldade de acessos. Tal problemática, paulatinamente, passou a ser amenizada com a ampliação dos meios de transporte, favorecendo, assim, a circulação de ideias, as quais também eram empreendidas por instituições e / ou associações. Uma das maneiras para garantir a venda deste suporte foi fazê-lo por meio de assinaturas; tal modalidade inaugurou o ciclo de vendagens deste suporte no Brasil ainda nos Oitocentos¹⁵.

A caça por assinantes tornou-se praticamente uma obsessão das editoras. No século seguinte, esta busca foi amenizada, posto que os custos tornaram-se mais baratos, em especial,

¹⁵ Em 1812, foi publicada em Salvador a primeira Revista elaborada no Brasil, *As Variedades ou Ensaios de Literatura*, com abordagem de temas eruditos e um custo superior ao de aquisição de um livro; no ano seguinte, *O Patriota* é lançado no Rio de Janeiro. Também aqui, em 1822, foi lançada a seguinte revista: *Anais Fluminenses de Ciências, Arte e Literatura*. Outros periódicos foram lançados; no entanto, uma peculiaridade comum era o fato de não resistir por muito tempo no mercado editorial, com durabilidade máxima entre um ou dois anos. Destes, o que ainda permanece em circulação, foi editado em 1839 – a *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro* – que passou a ser publicada no país, com discussões de caráter científico e cultural. Para mais informações, consultar: Buitoni (2009); Martins (2008); Mira (2001) e Scalzo (2011).

por três razões, quais sejam: a inserção da publicidade nestes impressos, passando a contribuir no custeio destas produções; o aperfeiçoamento das técnicas de impressão e a redução do custo do papel.

Em 1827, os primeiros registros de magazines segmentados começaram a ser mencionados. É neste mesmo ano que surge, de acordo com Scalzo (2011), a primeira revista direcionada ao público feminino¹⁶: *Espelho Diamantino*, descrita como:

Periódico de Política, Literatura, Belas Artes, Teatro e Moda dedicado às Senhoras Brasileiras, que trazia textos leves e didáticos sobre política nacional e internacional, trechos de romances estrangeiros, críticas de literatura, música, belas-artes, teatro e notícia sobre moda, além de crônicas e anedotas. Tudo isso para deixar a mulher “à altura da civilização e de seus progressos” (SCALZO, 2011, p. 28).

Conforme se pode perceber, praticamente não havia espaço para tratar de assuntos sobre atualidades, política, enfim, assuntos que possibilitassem à leitora estar informada acerca do mundo além daquele vivenciado por ela, que era primordialmente o da família.

A partir das temáticas abordadas no primeiro suporte feminino registrado no Brasil, infere-se a abrangência de temas que deveriam ser do interesse da mulher e estar ao alcance delas: “textos leves” sobre atualidades, por serem assuntos tratados de forma veemente pelos homens – “o mundo público, sobretudo econômico e político, é reservado aos homens, e é este que conta” (PERROT, 1989, p. 10); e ênfase à moda, anedotas, culinária e arte, de forma geral. O acesso a informações superficiais era considerado, pois, suficiente para as leitoras estarem “à altura da civilização e do progresso”, ratificando, assim, o espaço a elas legitimado – o privado: “Elas se inscrevem num século XIX que faz do privado um lugar da felicidade imóvel, cujo palco é a casa, os atores, os membros da família, e as mulheres, as testemunhas e as cronistas” (PERROT, 1989, p. 14).

Leitoras e revistas adaptaram-se às transformações dos tempos e dos espaços. Neste sentido, os impressos destinados ao público feminino buscaram veicular o discurso, direcionando-o para o que era considerado singular do ser mulher e acompanhar as mudanças oriundas na sociedade, a fim de não correr o risco de serem “abandonadas” pelo seu público: que deixaram de ser simplesmente leitoras compenetradas no ambiente do lar a leitoras e consumidoras. Diante disso, os suportes a elas direcionados também denotaram alterações

¹⁶ O primeiro registro de revista direcionada ao público masculino, também conhecida por “galante”, foi a *Rio Nu* (1898); por conseguinte, o auge do gênero somente aconteceu quatro anos depois com *A Maçã*. As seções “traziam notas políticas e sociais, piadas e contos picantes, caricaturas, desenhos e fotos eróticas” (SCALZO, 2011, p. 30). Outras acepções de “romances para homens” foram: “livros para homens”; “romances só para homens”; “leituras para velhos”.

visíveis: da produção apenas verbal para a verbal e iconográfica, posto que, atraído pelos bens de consumo, outro perfil de leitora se figurava: “aquele da mulher consumidora, informada dos produtos em voga, estimulada para sua aquisição, sensível às ofertas do mercado” (MARTINS, 2008, p. 378).

Estes impressos, considerados produções com estilo “magazine moderno” para a mulher, foram introduzidos por *Cláudia*, em 1961, por apresentar em seu conteúdo propagandas, as quais eram, em conformidade com Bassanezi (1996, p. 35), “elaboradas com vistas às possibilidades abertas pela urbanização crescente e a expansão das classes médias”, em que as mulheres eram elencadas como público alvo consumidor.

Neste ínterim, os impressos buscavam estabelecer uma relação de proximidade, ou quicá, de intimidade, de identificação intensa com sua leitora, colaborando com a formação da personalidade e constituição de *habitus*, a partir de um veículo de comunicação – definido por Scalzo (2011, p. 11 – 12) como “[...] um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento”. Entre os suportes¹⁷ utilizados como instrumento para formar e informar este público leitor específico, talvez a grande procura por revistas deveu-se em razão da acessibilidade a baixo custo, com periodicidade variável de publicações – semanal, quinzenal, mensal, e assim sucessivamente.

Entendo que os suportes destinados à mulher apresentavam, no período investigado deste estudo, – implícita, ou explicitamente – ensinamentos acerca de espaços, tempos, condições, valores, enfim, formas de ser e de estar consideradas próprias para a boa moça, para a mulher de família, cuja forma de pensar e de agir era considerada distinta de como faziam as levianas, ocasionando barreiras entre elas, posto que os parâmetros de comportamento a cada um destes estereótipos eram cuidadosamente detalhados nas diferentes seções destas revistas, que não impunham o que as leitoras deveriam fazer – aconselhavam-nas, demonstrando a escala de ganhos e perdas com as escolhas que fariam, deixando aparentemente às leitoras a liberdade de decidir sobre o que seria melhor para a felicidade delas.

Pinsky (2012, p. 472) enfatiza que a imagem da mulher leviana era apresentada objetivando “destacar o oposto do ideal, o que a mulher não deve ser ou fazer”, servindo, desta forma, como processo de educação, de instrumento de uma Pedagogia, defendida nesta tese, como Pedagogia de Fotonovelas, cujas leitoras, a fim de não serem com elas

¹⁷ Esta característica peculiar da revista distinguiu-a bem do livro (cuja aquisição era mais cara e menos acessível à grande parcela da sociedade) e do jornal (cuja preocupação era prioritariamente com abordagens temáticas imediatas e, por isso, apresentou uma tendência a publicações diárias).

identificadas não poderiam de forma alguma assemelharem-se a elas “sequer no modo de falar, caminhar, vestir, ou perfumar-se, a fim de evitar os ambientes por onde esta circula”.

Por esta razão, de forma concomitante, “as revistas são capazes de formar gostos, opiniões, padrões de consumo e de conduta. Acabam servindo muitas vezes como guias de ação, conselheiras persuasivas e companheiras de lazer” (BASSANEZI, 1996, p. 15). De caráter predominantemente conotativo, ilustrativo, figurativo, informativo, além de disponibilizar uma variedade de informações, intercaladas a imagens, e em poucas páginas, os rastros de impressões eram incutidos para a felicidade, ou infelicidade.

Assim sendo, as leituras de lazer, especificamente, os impressos femininos e as fotonovelas neles inseridas serviram como instrumento de formação extraescolar na vida de suas leitoras, possibilitando-lhes o acesso a conhecimentos, informações e valores a partir de uma Pedagogia peculiar em que valores, regras e até mesmo os sonhos estavam ali prescritos: “A gente discutia os enredos da história, porque, no fundo, no fundo, a gente sonhava em ser uma mocinha da fotonovela. A gente queria ser feliz para sempre, a gente queria ter o namorado perfeito, era tudo que qualquer moça daquela época queria”¹⁸. Reforço que este “tudo” (marido trabalhador, casa bonita, filhos saudáveis, emprego de professora) associava-se, justamente, a um comportamento prescrito para um grupo específico de mulheres; por isso, posso afirmar que a leitura de fotonovelas é também uma questão de gênero e de classe.

Neste momento, os suportes direcionados ao público feminino passam então a ter papel primordial de ponderar as idealizações, os sonhos de contos de fadas de suas leitoras, dado que a preservação da instituição família é crucial e se sobrepunha a quaisquer sentimentos, desejos e sonhos.

As revistas alimentam *nas jovens* o ideal do amor romântico (ainda que domesticado e com vistas ao casamento), colocam, desta forma, *o homem* nas alturas, o príncipe encantado (ou mais atualizado, o galã de cinema) que as levará para o altar no ‘dia mais feliz’ de suas vidas. O homem, posto no pedestal, torna-se a *meta*, o objetivo de vida destas jovens. O futuro marido passa a ser aquele capaz de dar toda a felicidade almejada pela mulher [...] (BASSANEZI, 1996, p. 83).

De maneira perspicaz, ou não, os meios de comunicação de massa levam a uma padronização, fazendo daqueles que não a seguem ser classificados habitualmente como “anormais”. Dessa forma, tal perspectiva abrange visões de mundo, além de uma amplitude de campos e objetos de pesquisa, entre eles, o da História da Leitura. Esta pode ser

¹⁸ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

compreendida, conforme Darnton (2010, p. 216), como as diferentes “[...] maneiras usadas pelos textos para limitar os leitores, bem como as formas de os leitores tomarem liberdades com o texto”, reverberando suas significações e construindo suas representações.

Diante disso, as práticas de leitura desenvolvidas por um leitor, ou por um grupo de leitores, permitem investigar, entre outros aspectos, representações, reverberações, usos e produções de significados apreendidos no processo de formação de tal comunidade leitora, posto que, em partes, toda história da leitura presume que a liberdade do leitor se “desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura” (CHARTIER, 2004, p. 77).

Tal situação acontece, porque as representações alteram em conformidade com fatores diversos, como os espaços, os tempos, os materiais de leitura, bem como as justificativas para a ocorrência delas. Por essa razão, o leitor, a cada nova leitura, em cada momento de leitura, o é também um novo leitor; por conseguinte, Chartier (2004, p. 91 e 92) afirma que “esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade. O que muda é que o recorte dessas comunidades, segundo os períodos, não é regido pelos mesmos princípios”.

Isso posto, é de suma relevância historicizar a leitura, já que ela tem também uma história e “o significado dos textos depende das capacidades, das convenções e das práticas de leitura próprias das comunidades que constituem, na sincronia, ou na diacronia, seus diferentes públicos” (CHARTIER, 2009, p. 37).

Nesse sentido, as práticas de leitura e os seus usos se distinguem, de acordo com as necessidades de dada comunidade leitora, a qual faz com que determinadas práticas se legitimem como privilegiadas, necessárias e até mesmo indispensáveis no processo de formação humana. Diante disso, o estatuto pedagógico dos impressos femininos, de forma abrangente, e das fotonovelas, de maneira específica, sobrelevam temáticas que adotam estratégias de linguagem e construção de discursos que viabilizam persuadir e produzir significado a um público-alvo leitor destas revistas, considerando, sobremaneira, a mídia como *locus* privilegiado de produção de sujeitos – neste caso específico, do sujeito-mulher.

Em se tratando de dispositivos pedagógicos, Darnton discute acerca de como leitores apreendem leituras realizadas, de hábitos de leitura e de práticas de leitura com intenções utilitárias; põe a leitura e a escrita como atividades inseparáveis e como formas de melhor compreender o mundo. Por conseguinte, alerta para o fato de que “os documentos raramente

mostram os leitores em atividade, modelando o sentido a partir dos textos, e os próprios documentos também são textos, o que requer interpretação” (DARNTON, 2011, p. 171).

Dessa forma, é mister considerar a amplitude de significados dados pela leitura e à leitura. Esta, uma vez compreendida como fenômeno social, como prática cultural, não tem fins eruditos, presta-se, em contrapartida, a “ajudar um homem a progredir no mundo, e suas porções mais úteis vinham na forma de provérbios, fábulas e mesmo nas legendas dos livros de emblemas” (DARNTON, 2010, p. 177).

Dessa forma, entendo que o estudo de livros utilitários, ordinários, enfim, permitem não apenas aos historiadores da leitura, mas também aos estudiosos do impresso, melhor compreenderem a leitura e o suporte como práticas culturais, já que denotam vestígios de práticas cotidianas de dada comunidade leitora com representações e reverberações a partir de diferentes suportes de leitura.

Consonante Darnton (2002), os historiadores da leitura objetivam encontrar relações existentes entre leitura e vida, entre elaboração de textos e compreensão da vida, no intuito de investigarem possíveis reações dos leitores. No entanto, o autor afirma que esta não é uma tarefa fácil, já que, raramente, os documentos são reveladores de práticas com leitores em atividade, buscando significados nas leituras realizadas, além de que os próprios documentos, por serem textos, também precisam de interpretação, pois muitos deles não proporcionam acesso às informações necessárias à reconstrução das experiências de leituras vivenciadas pelos leitores, ao que o autor denomina de dimensões interiores da leitura.

Por conseguinte, a história externa da leitura é mais acessível. Ratifica ainda que “tendo estudado a leitura como um fenômeno social, podem responder muitas das perguntas de ‘quem’, ‘o que’, ‘onde’ e ‘quando’, o que pode ser de grande ajuda na abordagem dos mais difíceis ‘porquês’ e ‘comos’” (DARNTON, 2002, p. 203). Desses elementos, segundo o autor, o “onde” é de suma relevância, uma vez que fornece indícios acerca da situação do leitor, buscando entender a ocupação do leitor em seu ambiente e, conseqüentemente, da natureza de suas experiências.

Conforme a discussão posta, Chartier e Bourdieu (2001, p. 237) entendem haver neste âmbito um clima de apropriação¹⁹ e chamam atenção para o fato de que “diante do livro,

¹⁹ Chartier (2001, p. 116) depreende a apropriação como “um uso inventivo e criador”, permitindo ao leitor se apropriar da leitura que realiza, uma vez que tal perspectiva de apropriação significa atualizar, na leitura, o texto sob a perspectiva de uma relação existente entre dois mundos, quais sejam: “o mundo do texto, tal como o propõem a ficção e a história, e o mundo do leitor que se apropria dele (atualiza e realiza o texto) e o recebe, de maneira que se modifiquem sua concepção, sua visão, ou sua representação do tempo, do indivíduo, do sujeito”.

devemos saber que existem leituras diversas, portanto competências diferentes, instrumentos diferentes para apropriar-se desse objeto”, o que permite depreender que leitura não implica apenas habilidades, mas significações, as quais podem variar em conformidade com a cultura a que pertence um indivíduo, às experiências de vida, aos modos de ler. Enfim, há uma série de fatores que fazem com que leitor e leitura sejam únicos em cada situação de interlocução, em cada momento histórico.

Nesse sentido, Chartier (2003, p. 33 – 34) assegura a existência de duas mudanças significativas favoráveis no processo da História da Leitura. Segundo ele, a primeira alteração marca “a transformação da modalidade física, corporal, do ato de leitura. Ela insiste sobre a importância decisiva da passagem de uma leitura necessariamente oralizada, indispensável ao leitor para a compreensão do sentido, a uma leitura possivelmente silenciosa e visual”.

Considerando-se essa perspectiva, apesar de apresentar objetivos diversos, no caso específico da formação educacional feminina, a relevância do livro foi singular, já que passou a assumir novo papel na vida das mulheres. Ao remontar às práticas de leitura desenvolvidas em sua adolescência, Moraes (2003, p. 15) afirmou que “as personagens do meu mundo imaginário tomavam forma, materializavam-se, pois sempre encontrava alguém que se identificava com as personagens dos meus romances favoritos”. Tal fato possibilitou-as não mais se encontrar à margem dos ideais do seu tempo – romances, jornais e revistas circulavam nos espaços privados, ampliando o acesso a diferentes impressos e, conseqüentemente, a diferentes representações das leituras realizadas.

Muitas delas aludiam a leituras prescritivas de comportamentos e modelos de atitudes, necessários à formação edificante do caráter, da moralidade, contribuindo com o processo de formação educacional não apenas dentro da escola, mas também no espaço externo ao ambiente acadêmico, dotando-as de práticas, preceitos e representações.

Outras produções que circulavam nos espaços privados eram femininas. Como a literatura de mulheres esteve muito ligada ou próxima da experiência pessoal de vida da escritora, a tendência à autobiografia e ao caráter confessional era a sua principal característica; nos diários e cartas, primeiras manifestações literárias de mulheres, prevaleceu um fluxo de sentimentos pessoais repassados que encontravam aprovação familiar e social à prática de uma literatura auto endereçada ou destinada a um reduzido círculo de leitores, além de muni-los, nos diários e cartas, com uma fórmula preciosa e única de expressar segredos²⁰.

²⁰ Sobre produção feminina, consultar, entre outros: Abreu (2008); Cunha (1999); Bastos, Cunha e Mignot (2002); Gomes (2004); Chartier (1991; 2007); Telles (2006).

A frequência com que mulheres mantiveram diários e correspondências demonstra que a motivação para essa prática era uma necessidade de expressar sentimentos pessoais contidos. Nos escritos, as mulheres deixavam fluir a criatividade e, às escondidas, escreviam histórias imaginárias destinadas ao fundo de uma gaveta ou de um baú esquecido.

Nessa ficção, encontrava-se uma literatura em que personagens inspiradas no seio familiar interagiam em um cenário doméstico, reproduzindo situações cotidianas, ou então, revelando a indignação do papel feminino passivo e dependente diante do meio social. Outrora queimados, antes mesmo que fossem encontrados, tais manuscritos podem ser considerados como primeira manifestação literária feminina, cuja escrita passou a ser visualizada pelas mulheres como instrumento capaz de promover mudanças significativas em suas vidas.

Por ser inspirada no particular, através da literatura de mulheres, é possível inferir não só a tentativa pessoal da escritora, como também a experiência feminina, a qual transcendeu o autobiográfico e resultou numa visão literária da condição feminina, retratando sua realidade e denunciando sua situação social. Darnton (2002, p. 202) afirma que “[...] as escritoras muitas vezes voltavam-se para a literatura depois de enviuvarem ou se separarem dos maridos. A maioria tinha riqueza independente”.

Outro aspecto contributivo para o acesso a leituras foram os folhetins²¹, os quais concederam o acesso à leitura pelas mulheres, ampliando a circulação da literatura romanceada, provocando mudanças nos procedimentos de práticas de leitura – isolamento, ao invés dos serões em voz alta; como também nas temáticas de interesse – curiosidades despertadas pelas questões políticas da época.

Neste universo de produção, escrita e leitura são postas como indivisíveis, uma vez que “pertenciam a um esforço contínuo de compreender as coisas, pois o mundo era cheio de sinais: era possível navegar por ele utilizando a leitura, e, ao manter um registro do que lia, você criava seu próprio livro, um livro com a marca de sua personalidade” (DARNTON, 2010, p. 165), tal como registra uma das depoentes:

Talvez essa vivência com a leitura e com a escrita foi me mostrando que eu poderia inventar coisas e escrever coisas inventadas por mim e bolar finais felizes, ou não. Então não era tão real para mim, era apenas uma coisa que

²¹ Os folhetins, nascidos na França em 1836, eram histórias publicadas, diariamente, nos jornais em espaços de entretenimento. Conforme Mollier (2008, p. 33), aparentemente banal, o folhetim apenas começou a despertar o interesse de estudiosos no momento em que deixou de ser apenas “o folhetim da imprensa diária, antiga crônica das artes e das letras da semana [e] e se transformou ao ceder sua rubrica ao romance-folhetim”. No Brasil, influenciaram substancialmente a formação da identidade nacional. Com abordagens temáticas diversas, compuseram o cotidiano e o imaginário dos leitores. Apareceram no Brasil ainda no século XIX. Mais informações sobre a referida temática, consultar: Meyer (1996).

alguém sentou, elaborou e quis ver alguém feliz acreditando no que ele escreveu²².

Desta forma, a formação de leitores relaciona-se a mecanismos de idas e vindas, processo maior de interlocução, de diálogo, estabelecido entre o leitor e o texto e que, nele, as palavras ganham significados, valores que variam de acordo com as vivências, as experiências, as quais transformam a pessoa, também a partir de leituras não canônicas, fazendo-a pensar, (re) ver a vida, modificar atitudes e pontos de vista, criar novos interesses, transformar modos de ser, de pensar e de existir socialmente, potencializando visões múltiplas sobre a realidade de seu interior e do mundo que a cerca, tal como assegura Chartier (2004, p. 61): “Todo o texto é o produto de uma leitura, uma construção do seu leitor”.

Nesta acepção, coaduno com a perspectiva de que a prática da leitura está em ininterrupta alteração e que as representações deste fato cultural estão associadas à forma de o indivíduo adquirir prazer, informações, conhecimentos, ou manter contato com os mundos que o cercam, como demonstra o relato de uma das depoentes:

Eu sempre gostei muito de ler e fazia isso como uma coisa comum, não achava que estava fazendo nada demais, porque estava lendo. Algumas leituras eram muito proibidas, eu lembro de uma época que uma colega minha tinha um livro chamado “A carne”²³ e eu peguei esse livro escondido para ler. Como naquela época os adolescentes guardavam as coisas embaixo do colchão, eu lia esse livro escondido de minha mãe, até um dia em que ela desconfiou e quando levantou o meu colchão, encontrou. Foi bem na época que eu estudava na Escola Normal e ela me chamou e perguntou a quem pertencia aquele livro e eu disse que era de uma colega minha. Ela disse: “– Pois hoje você vai devolver, e se eu encontrar esse livro aqui outro dia, você vai ver o que é que eu faço com você!”. E no outro dia, eu perdi todas as aulas para ler o livro até o fim. (Risos). Mas, eu só me satisfiz depois que eu li, e depois eu devolvi à menina, disse: “– Olhe, hoje eu não assisti aula, porque eu tinha que ler o livro até o fim”. Isso ficou muito gravado, porque quando eu cheguei, a minha mãe foi logo mexer na minha pasta para ver se eu tinha trazido o livro de volta. Eu não trouxe, mas li o que eu queria ler²⁴.

Consoante depoimento, a leitura não prescrita instiga o imaginário, o sentimento de liberdade a partir de um aprendizado efetivado através do não cumprimento de normas explicitamente impostas – talvez por este motivo, as táticas utilizadas pelas leitoras para

²² Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

²³ O romance “A carne”, do naturalista Júlio Ribeiro, foi publicado em 1888 e faz alusão à história de Lenita que, aos 22 anos, deixa a cidade para morar no interior de São Paulo na fazenda do Sr. Barbosa por conta da morte do pai dela. Neste interim, Lenita vai se descobrindo mulher e é invadida pelo desejo da “carne”. Mais informações, verificar: Ribeiro (2011). El Far (2004, p. 251) sinaliza que o referido romance esteve entre os acusados de pornografia no período naturalista e fora considerado como “verdadeiro inimigo da alma”.

²⁴ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

“desobedecer” regras a elas impostas como “camisa de força”, ou seja, para serem obrigatoriamente cumpridas.

Por conseguinte, a coerção provocava descumprimento das normas; já os suportes femininos convidavam-nas a compor um grupo para serem inseridas nele; a Pedagogia adotada, neste caso, não coagia, não se apresentava de forma pragmática, oferecia-lhes uma aparente permissão de escolha, demonstrando que a sorte – boa, ou má – dependeria delas.

Em vista disso, utilizando-se de estratégias, ou táticas²⁵, os modelos difundidos pelos impressos instituídos como femininos provocavam na comunidade leitora mais adesão do que resistência às prescrições e às normas ali expressas, dado que não as ordenavam, mas sim, convidavam-nas a se inserir em um mundo verdadeiramente promissor em que não apenas a busca pelo par perfeito, mas o cumprimento e a permanência aos ritos de uma relação dentro dos parâmetros julgados socialmente como normais: namoro, noivado, casamento (diga-se de passagem, noiva virgem) era encarado como “missão cumprida” no processo educacional feminino.

Após este rito, caberia a ela, não mais menina e nem moça, agora mulher, primar pela manutenção de sua felicidade, que estaria única e exclusivamente nas mãos das “boas” esposas, com múltiplas habilidades e funcionalidades.

Àquelas não tão aptas assim, ou que pretendiam se aperfeiçoar em seus dotes, teriam a colaboração de revistas direcionadas ao público feminino, que aconselhavam, ouviam, davam dicas sobre temas diversos e, como boas amigas que eram, também faziam companhia a suas leitoras.

Neste universo, a interlocução com a prática de leitura era uma constante e, em algumas famílias, incentivadas, tal como atesta o depoimento a seguir:

Eu sempre vivi num ambiente familiar em que a leitura era um hábito. Minha mãe sempre foi uma pessoa muito estudiosa, e ela também era professora e o meu ambiente era educacional. Aos poucos, a gente foi estudando para ser professor, e minha mãe costumava presentear a gente com livros²⁶.

²⁵ Neste estudo, compreendo as categorias “estratégia” e “tática” a partir de Certeau (1994, XLVI). Segundo ele, por estratégia entende-se “um cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’”. Sendo isolado, ele “postula um lugar suscetível de ser circunscrito como um próprio e, portanto, para servir de base para uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A racionalidade política, econômica ou científica se construiu sobre esse modelo estratégico”. Por tática, “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto sobre uma fronteira que distingue o outro como uma totalidade visível. A tática não tem outro lugar senão aquele do outro”. Mais adiante, explica que a tática “não dispõe de base para capitalizar suas vantagens, preparar suas expansões e assegurar uma independência em relação às circunstâncias”.

²⁶ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

Entendo, por fim, que a leitura, sob a perspectiva da Pedagogia de Fotonovelas, existe a partir do momento em que a produção de sentido, sob as formas de representações e de reverberações, é produzida ao longo do tempo e faz do hábito da leitura um *habitus*, propiciando o “nascimento” de um leitor, com suas formas de ser, de pensar, de agir e de sentir, o qual é instigado por diferentes dispositivos, suportes, ou materialidades, a partir de um veículo peculiar – no caso específico deste estudo, impressos não canônicos direcionados ao público feminino.

2.2 FOTONOVELAS: INSPIRANDO MULHERES DURANTE AS DÉCADAS DE 60 E 70 DO SÉCULO XX

Neste subitem, discuto, especificamente, sobre uma das razões mais instigantes que faziam com que muitas leitoras justificassem suas escolhas pela *Capricho*: fotonovelas. Para melhor compreendê-las, o momento histórico em que esta pesquisa está inserida, décadas de 60 e 70 do século XX, foi o de maior circulação das fotonovelas no Brasil, cujo intervalo em que estiveram em ascensão coincidiu com o de crescimento industrial, de consumo e de maior acessibilidade à informação, tal como já expresso na seção anterior.

Dessa maneira, pretendo, neste momento, abranger o universo da produção, reprodução e circulação das fotonovelas no Brasil, a fim de entender possíveis mecanismos pedagógicos adotados por tais enredos, inspiradores para suas leitoras e que, de certa forma, serviram como instrumento de formação. Ratifico ainda que são compreendidas neste estudo sob a perspectiva da História Nova, considerando-as como objeto cultural²⁷.

Para tal, reportar-me-ei às características peculiares das fotonovelas, as emergências, as estratégias editoriais de venda e a predominância de conteúdos presentes nos enredos. Estas histórias, conhecidas como imprensa do coração, podem ser consideradas “produto de uma indústria cultural e [que] veiculam conteúdo consumido cotidianamente por um grande público” (HABERT, 1974, p. 17). Com enredo melodramático, herdou do cinema e dos congêneres do rádio e da televisão as temáticas alusivas a discussões amorosas, traições e mal-entendidos; os personagens caracterizados como heróis, vilões e vítimas; a divisão do mundo entre ricos e pobres; a visão maniqueísta; além de um moralismo e desfecho traçado pelo destino.

²⁷ Objeto cultural é entendido, neste estudo, de acordo com Chartier (2004) a partir da consideração dos aspectos alusivos à produção, circulação, representação e reverberação do impresso por suas leitoras.

Tais impressos nasceram nos estúdios italianos de Cinecittá logo após a Segunda Guerra Mundial, em razão de problemas financeiros para difundir o cinema. Como subproduto deste gênero, inicialmente, o propósito foi o de produzir revistas com resumos e fotografias de filmes – fato que popularizou o cine-romance (composto de fotografias escolhidas de um filme e um texto sucinto, cujas histórias eram elaboradas nos cenários dos estúdios cinematográficos no período dos intervalos das filmagens).

Apenas em março de 1947, surgiram as primeiras narrativas organizadas, geralmente, em capítulos, associando fotografias e textos. *Sogno* e *Bolero* foram as revistas em que se publicaram as primeiras fotonovelas italianas. Na França, em 1949, foi lançada a primeira fotonovela em *Festival*; posteriormente, a produção começou a ser exportada para Luxemburgo, Bélgica e, em seguida, para América Latina e África do Norte.

Em razão do grande sucesso, a ideia de reprodução foi copiada por diversos países e obteve êxito – entre eles, o Brasil. Aqui, chegou de forma imediata, em 1947, com a publicação de *Grande Hotel* – proveniente da tradução francesa *Nous Deux* e esta, da italiana *Grand Hôtel*²⁸ – ambas do grupo Del Duca, atuante na Itália e França, centros de propagação desse tipo textual, cujo pioneirismo no gênero foi proveniente do italiano, Arturo Vecchi, que chegou ao país por volta de 1913 e fundou, em São Paulo, sua editora – especialista em revender romances-folhetins editados na Itália, ou Espanha, e escritos em língua portuguesa.

Alusivo aos enredos, estes eram passados paulatinamente aos leitores, os quais tinham acesso ao desfecho somente após dois, ou três anos. Essa prática foi a base para a editora adentrar ao mercado das fotonovelas, especializando-se neste segmento e fazendo com que liderasse as vendas: cerca de 80 a 180 mil exemplares destas revistas – *Fascinação*, *Sentimental*, *Romântica*, *Ternura* e *Sonho* – predominaram no mercado.

Habert (1974) frisa que, além da Vecchi, editoras que também passaram a publicar fotonovelas foram: a Rio Gráfica – com *Destino*, *Garotas*, *Meu romance*, *Sortilégio*, entre outras; Bloch e Abril. Esta lançou a *Capricho*, em 1952, com o diferencial de oferecer a seu público, em uma mesma edição, histórias completas; enquanto que a *Grande Hotel* publicava os capítulos.

A autora lembra ainda que, apesar de as fotonovelas consumidas no Brasil serem montadas aqui, eram produzidas na Itália, ou na França, cujo processo de escrita se assemelhava muito ao da criação de um filme: havia a necessidade de um roteiro, escrito

²⁸ Em países europeus, como França e Itália, ainda são produzidas fotonovelas à moda dos impressos femininos, tal como circularam entre os anos 50 e 80 no Brasil. Pretendo, posteriormente, aprofundar este objeto de investigação.

conforme os fotogramas. Assim sendo, para realizar tal trabalho era necessário um grande número de profissionais, como: diretor, fotógrafo, roteirista, entre outros.

Sampaio (2008, p. 63) afirma ainda que, neste período introdutório, “sempre aparecia uma ficha técnica, que funcionava mais ou menos como os créditos iniciais de um filme, com os nomes dos atores e respectivos personagens, além do autor, do argumento e do fotógrafo”, cujas credenciais referenciavam-se à produção original, não à fase de diagramação e montagem realizadas no país em que eram vendidas. Além disso, essas informações variavam em conformidade com a empresa responsável pela publicação da fotonovela.

Na primeira década que as fotonovelas foram produzidas no Brasil, as temáticas apresentadas eram muito próximas das abordadas pelo gênero europeu, em especial, Itália e França. Enredos repletos de lições de boas maneiras e questões higienistas eram muito comuns, com a diferença de que havia a tradução para os países em que eram exportadas. Esta condição justifica o fato de ser comum encontrar estrelas do cinema europeu como personagens.

Ademais, a trama era “construída de maneira mais neutra, mais mediana, de forma a penetrar em diferentes mercados e não ferir os sentimentos nacionais e os preconceitos dos leitores” (HABERT, 1974, p. 67); por isso, as primeiras histórias abordavam temas mais globais, evitando tecer aspectos pontuais de dadas localidades, em especial, para evitar possíveis necessidades de adaptações de enredos aos países para as quais seriam exportadas, além do cuidado com questões alusivas a prováveis censuras (de ordem moral e também oficial) nos países em que eram comercializadas, como lembrou uma depoente: “Naquela época, a censura era silenciosa. A mãe dizia: ‘-Não pode!’. A gente entendia no olhar que não podia e entendia o porquê. Então a gente aprendia a interpretar os olhares dos pais”²⁹.

Então, muitas vezes, a fim de se evitar as múltiplas censuras, optava-se por cenas com beijos, abraços, ou outros indícios mais pudicos de intimidade, em vez de imagens com erotismo, nudez, ou sexo explícito: “Tanto as histórias como os conselhos e a vida dos astros vinham sempre carregados pela moral rígida da época, pela valorização da renúncia, do sofrimento, da virgindade, do casamento” (MIRA, 2001, p. 35 e 36). Ainda assim, os beijos eram considerados desacato à moral e aos bons costumes: “‘Safada’ significava que tinha beijo e a gente não poderia ver esses beijos”³⁰.

²⁹ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

³⁰ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

Corroboro o fato de que a rígida censura a publicações que ferissem a moral e os bons costumes estava legalmente prevista no Decreto-lei 1077, publicado em 26 de janeiro de 1970³¹:

O Art. 3º e 4º do Decreto-Lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970, prevê penalidade às revistas e aos programas televisivos que fizerem publicações obscenas:

Art. 3º Verificada a existência de matéria ofensiva à moral e aos bons costumes, o Ministro da Justiça proibirá a divulgação da publicação e determinará a busca e a apreensão de todos os seus exemplares.

Art. 4º As publicações vindas do estrangeiro e destinadas à distribuição ou venda no Brasil também ficarão sujeitas, quando de sua entrada no país, à verificação estabelecida na forma do artigo 2º dêste Decreto-lei.

Outro fato observado foram estratégias variadas adotadas pelas editoras para garantir a vendas das revistas. Para tal, apresentavam o suporte com novas disposições do conteúdo; cuidados com a diagramação e impressão; papel de boa qualidade; título e formato atrativos; publicações periódicas e campanhas temporárias de venda, por exemplo.

Referente aos enredos de fotonovelas, de forma específica, como no primeiro momento era necessário traduzir os textos, esta tarefa era realizada por colaboradores, pessoas sem vínculo empregatício com a editora; posteriormente, selecionavam-se as fotografias e os escritos que iriam integrar a narrativa. Por conseguinte, no Brasil, inicialmente, tais profissionais não eram especializados em publicar fotonovelas. Por essa razão, eram editadas por pessoas sem conhecimento técnico especializado, limitados a organizar as fotografias e os textos, em conformidade com o roteiro pré-estabelecido e, assim, adequavam a distribuição dos textos verbal e iconográfico em consonância com o tamanho das páginas e da revista.

Em contrapartida, a combinação entre discurso e imagem é de salutar relevância, tendo em vista que, esta correlação permite “[...] substituir a velocidade (uma porção de espaço percorrido numa porção de tempo) pela densidade (uma porção de tempo condensada naquela porção de espaço)” (ENTLER, 2007, p. 45) e é justamente o efeito dessa combinação, em especial, em gênero textual como a fotonovela, em que há necessidade de integração entre texto e imagem, que provoca o interesse, ou não, pela leitura; assim sendo, as imagens “devem excitar, entreter, surpreender, informar, comunicar ideias ou ajudar o leitor a entender a matéria” (SCALZO, 2011, p. 70).

³¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del1077.htm. Acesso em: 20 jan. 2015.

Saliento que o trabalho com imagens requer o criterioso olhar de quem as utiliza como objeto, ou fonte de investigação, considerando-se as condições de produção, sob a perspectiva histórico-cultural, sem analisa-las a partir de fórmulas prontas, tal como alerta Burke (2004). Para ele, a questão central é buscar significação das imagens, considerando-se o momento social, espacial, temporal e o “para quem” há sentido na produção e /ou interpretação das referidas fontes.

No Brasil, por exemplo, as revistas de fotonovela começaram a ser difundidas nos anos 1950, mais especificamente, conforme Habert (1974, p. 33), “[...] em 1951, Artes Gráficas do Brasil (São Paulo) lançou a primeira revista de fotonovela, *Encanto*”. Assim, outras editoras passaram a publicar revistas de fotonovelas: a Abril lançou *Capricho* em 1952 e a *Noturno* em 1959; a Vecchi, responsável pela *Grande Hotel*, lançou, em 1967, *Jacques Douglas*.

Apesar de *Grande Hotel* apresentar o início de publicação datada de 1947, nestas revistas, as fotonovelas começaram a aparecer apenas em 1951; anteriormente, tal revista era caracterizada por publicar semanalmente histórias desenhadas, cujas ilustrações apresentavam traços de sensualismo e erotismo. Outras editoras que também publicaram fotonovelas foram a Bloch, a Prelúdio e a Rio Gráfica e Editora.

No final da década de 50 do século XX, as revistas de fotonovelas começaram a ficar acessíveis ao público consumidor brasileiro, facultando o acesso e estimulando uma efervescência na leitura desse gênero. Nas duas décadas posteriores, um período de maior circulação do gênero no Brasil foi notório: ficou em segundo lugar na procura pelos leitores, perdendo apenas para os quadrinhos infantis.

Consoante Habert (1974, p. 22), *Capricho*, da Editora Abril, apresentava uma venda quinzenal próxima a 211.400 exemplares e somente perdia as vendas para *Pato Donald*, *Mickey* e *Tio Patinhas*, cuja média periódica era de 400 mil exemplares. Assinalo que o quantitativo da população brasileira neste período estava estimada, nos anos 1960, em 70.119.071 e, nos anos 1970, em 93.215.301, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Por conseguinte, apenas na década seguinte fotonovelas foram lançadas por editoras brasileiras: a Bloch e a Abril iniciaram a produção na década de 60 do século XX; já a Rio Gráfica Editora, a partir da década seguinte. Esta situação facultou às revistas apresentar alterações editoriais, aproximando-se mais da realidade brasileira, pelo menos, no que se referia à linguagem: mais coloquial, mais próxima do português falado nos grandes centros

urbanos, além de ser comum reconhecer os ídolos da televisão como personagens das fotonovelas brasileiras.

Em depoimento, uma das ex-normalistas lembrou que: “A gente via os atores, cantores... Roberto Carlos fazendo fotonovela. Era um sucesso. A gente adorava ver os nossos ídolos brasileiros nas fotonovelas. Me lembro bem de Jerry Adriani, Wanderley Cardoso...”³²

Outra afirmou que ao estar lendo impressos femininos, era abordada pela mãe: “–Não tem nada para estudar, não? Aí você não vai aprender nada que preste!’ E, às vezes, eu ainda dizia: ‘–Não mãe, eu só tô olhando aqui Roberto Carlos’, ou então: ‘–Não mãe, porque aqui tem Ronnie Von’. Ela sabia que eu gostava de Ronnie Von” (Risos)³³.

Em razão do fato de a comunidade leitora se referir a artistas brasileiros em algumas histórias de fotonovelas, investiguei e localizei a presença deles em outros impressos, como em *Sétimo Céu* e em *Melodias*, mas não em edições da *Capricho*.

Habert (1974) lembra que as revistas de fotonovela se expandiram, permaneceram no mercado por muito tempo, dialogaram com o processo de modernização da sociedade e acompanharam tal avanço a partir, por exemplo, de uma abordagem ao desenvolvimento industrial, maior acesso a bens de consumo e aos meios de comunicação de massa; no entanto, “não chegam a criar propriamente um imaginário nacional, mas elas contribuem para a formação de um novo imaginário através da distribuição de um conteúdo romanesco com situações mais ou menos típicas” (HABERT, 1974, p. 35).

Em Sergipe, especificamente, a comunidade leitora consultada para esta tese informou que, apesar de ser uma leitura destinada às mulheres e ser este público o que mais denotava interesse pelo gênero, homens também realizavam leituras, não apenas de fotonovelas, mas também de suportes considerados de indicação feminina.

Da mesma maneira, depoentes afirmaram ter também acesso a impressos rotulados como masculinos, revistinhas de “desenho animado”, de teor “pornográfico” que sugeriam atos sexuais, de Carlos Zéfiro, como relata uma das depoentes: “No ginásio, eu lembro que, pela primeira vez, eu li, eu vi um livro que chegou nas minhas mãos na Escola Técnica... um livrinho de Carlos Zéfiro, que eram desenhos de gente transando”³⁴. Estes livros de bolso, ou catecismos, notabilizados pela leitora, abrangia um mundo masculino repleto de erotismo e desprovido de pudor. Tais publicações eram compradas e / ou adquiridas às escondidas, disputadas entre os rapazes e produzidas a bico de pena. Para Priore:

³² Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

³³ Cf.: NASCIMENTO, Iara Carvalho do. Depoimento concedido em 26 maio 2014. Aracaju-SE.

³⁴ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 17 fev. 2008. Aracaju-SE.

Os títulos ambíguos só faziam aumentar a curiosidade: *Aventuras de João Cavalo*, *A pagadora de promessas*, entre outros. Nas posições mais escabrosas, “boazudas” com o corpo de violão se responsabilizavam pelos prazeres solitários de adolescentes, que, no mais das vezes, acabavam no banheiro, melando páginas e combatendo espinhas (PRIORE, 2011, p. 99).

Percebo que o rito para o acesso às leituras ocorria de forma muito similar, independentemente de serem rotuladas como suportes para rapazes, ou moças. Todas as leitoras entrevistadas afirmaram realizar trocas, ou compras em sebos, sendo raros os momentos em que podiam se dar “ao luxo” de adquirir um exemplar novo, em bancas de revistas:

A gente lia, comentava, trocava revistas. Quando alguém podia, comprava uma revista nova, porque a gente não era de camada social elevada, então a gente às vezes ganhava um dinheirinho extra, alguma coisa assim e comprava revista nova e todo mundo ficava na expectativa de trocar as revistas³⁵.

Para as depoentes, o grande tema relacionava-se à temática do amor, que, apesar de haver em ambos os impressos, nos destinados às mulheres, o assunto era abordado considerando-se o romance, o sentimento, a elevação espiritual; já nos direcionados aos homens, incutia-se a questão sexual, financeira. No entanto, destaco ainda que o fato de a leitura estar rotulada como “para mulher”, ou “para homem”, não implica dizer não ser lida pelo sexo oposto. O que notabilizo nestes suportes é a divergência de abordagens: assim, o “ser mulher” e o “ser homem” revelam formas de educar bastante distintas. Apesar de haver um trânsito nas leituras entre os jovens, no exercício de seus papéis sociais, tanto no espaço doméstico, quanto no ambiente público, as funções eram muito bem pré-estabelecidas.

El Far (2004) esclarece que, em razão do fato de as narrativas eróticas, ou “leituras para homens”, ter caráter pornográfico e incitar o prazer eram, por isso, proibidas às mulheres, tendo em vista que elas não saberiam como lidar com o mundo da ficção e iriam querer transpor para a realidade os mundos vividos pelas personagens das histórias. A autora adverte ainda que:

Tanto os livros de sucessivas aventuras sexuais quanto aqueles que se contentavam em mencionar os encantos do amor fora da esfera do casamento deveriam ser interditados às moças e senhoras de boa índole. Os homens, por seu turno, segundo as expectativas da época, saberiam provar desses

³⁵ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

prazeres conscientes de ser a família a verdadeira residência de suas afeições (EL FAR, 2004, p. 199).

Assim sendo, ao público feminino cabia o exercício da docilidade, delicadeza, amabilidade, enfim, qualidades consideradas praticamente inerentes à mulher, posto que a ela deveria educar, instruir, disciplinar e moralizar crianças com zelo e primor – ora no espaço privado (no exercício da maternidade), ora no espaço público (extensão dos dotes domésticos, cuja maternagem simbólica era entendida como fundamental para o exercício da docência). Neste sentido, leituras destinadas a este público apresentavam explícita, ou implicitamente, contribuição salutar no processo de pedagogização, a fim de que atuassem efetivamente nos diferentes papéis que deveriam prestar à sociedade, posto que:

Vidas narradas e vidas vividas estão inter-relacionadas e são interdependentes. Códigos sociais e culturais, visíveis e vividos no interior dos diferentes espaços sociais constituem, pautam, normalizam e normatizam não só a própria criação, a elaboração das narrativas, como ainda o modo pelo qual elas são lidas, percebidas, recebidas (FISCHER, 2005, p. 48).

Nos enredos, a presença marcante do melodrama delimitava a preferência do gênero pelo público predominantemente feminino. Habert (1974) informa que a leitura de fotonovelas era realizada principalmente por jovens com pouca experiência de vida, ou leitoras provenientes de baixo poder aquisitivo e /ou escolaridade elementar – fato refutado nesta investigação, uma vez que a comunidade leitora, cuja formação profissional é a docência, declarou ler suportes deste gênero. Talvez por serem conhecidas preconceituosamente como literatura “menor”, “sem valor”, eram recorrentemente taxadas de leituras de prostitutas, ou de empregadas domésticas, por exemplo, pela sociedade da época, de acordo com as entrevistadas.

O pilar dos elementos adotados como nuance para o desenvolvimento dos enredos são basicamente os seguintes: amor, casamento, sexo dentro dos limites conjugais, apresentados a partir do imaginário. Além disso, o discurso dialoga também com diferentes seções das revistas, através de conselhos, dicas sobre beleza, anúncios publicitários de setores diversificados, questões alusivas à moda, saúde, economia doméstica, problemáticas sentimentais e assuntos jurídicos. Todos estes elementos, aliados, denotam padrões a serem seguidos – pela mulher, pelo homem, pela sociedade.

Habert (1974, p. 93) informa que “o que os meios de comunicação fazem é organizar, dentro de padrões de maior racionalidade, um repertório já desenvolvido, seja de procedência

erudita, seja popular (tradições populares e romances de folhetim)”, possibilitando ao referido gênero literário se difundir entre dada comunidade, por interesses diversos; e assim também ocorreu com as fotonovelas entre o público feminino, durante as décadas de 60 e 70 do século XX.

Entre as razões, alguns dos motivos que o levou a realizar as leituras das fotonovelas foram as indicações de colegas, o uso de uma linguagem mais próxima do coloquial, os temas abordados, o envolvimento pela construção narrativa³⁶ e, em especial, o fato de as personagens serem representações da “mulher moderna” que, independentemente, de prendas do lar, ou profissionais, precisavam estar inseridas em uma sociedade que requeria a exigência de dados padrões de consumo, a fim de serem aceitas socialmente.

Referente ao texto, ele está organizado nas fotonovelas a partir de três momentos, quais sejam: legenda, diálogo e resumo; quanto ao uso das fotografias, elas passavam por técnicas de diagramação, no intuito de se obter o ritmo, o movimento da história narrada. Habert (1974, p. 83) explica a importância desse conjunto para a constituição do texto. Os resumos explicam os cortes nas ações, ou acontecimentos, além de permitir adiantar, ou desenvolver uma ação; quanto às legendas, estas enunciam a explicação de fotografias, tornando-as claras; o diálogo, por sua vez, representa o lugar da ação.

Por conseguinte, a autora chama a atenção para o fato de que as fotonovelas produzidas no período mais próximo do estudo realizado por ela, ou seja, a década de 70 do século XX, os resumos e as legendas começaram a desaparecer, enquanto as fotografias passaram a se tornar independentes das explicações textuais, facultando a existência de “uma recepção mais subjetiva por parte do leitor, bem como uma grande variedade de significados” (HABERT, 1974, p. 83).

Em fins dos anos 1970, o fluxo das revistas de fotonovela começou a reduzir paulatinamente. Várias foram as razões contributivas para a queda nas vendas: alteração da postura da mulher referente ao amor e ao casamento; novos padrões de beleza e moda; limitação do gênero como veículo publicitário. A crise deste gênero não se limitou ao Brasil; o acesso a outros suportes femininos, como também revistas especializadas em televisão, além da ascensão da telenovela, foram fatores pontuais para o declínio da fotonovela. Além do suporte atrativo, outro aspecto importante para a telenovela é o fato de ela se distanciar “[...] do padrão melodramático, importado e exótico, tornando-se mais realista e brasileira.

³⁶ Na fotonovela, a narrativa é construída, basicamente, por três partes: “a exposição, que trata da introdução e articulação dos elementos essenciais; o retardamento, um processo de nutrição da exposição, sustentada em pequenas situações de desequilíbrio; e finalmente, a solução, que conclui, construindo novo equilíbrio” (HABERT, 1974, p. 110).

A sociedade brasileira se moderniza, e a televisão é o veículo que mais atinge o público popular após os anos 60” (MIRA, 2001, p. 37).

Tentativas posteriores para atualizar temáticas, tramas e personagens, tanto por parte das fotonovelas, quanto das radionovelas, foram constantes; por conseguinte, ambas não mais conseguiram alcançar a sucessora, a telenovela. Suportes distintos, porém, neles, incutida uma Pedagogia que visa à (in) formação de seu interlocutor, que adere, ou resiste aos ensinamentos propostos pelos meios de comunicação.

3 FOLHEAR *CAPRICHOS* E PEDAGOGIZAR LEITORAS

3.1 PANORAMA DA *CAPRICHOS*: CAPAS, VERSOS E ANVERSOS

Nesta seção da tese, analiso a Revista *Capricho*, por ser ela considerada como uma das revistas femininas mais antigas, que começou a circular no Brasil, desde 1952, além de ser recorrente nas lembranças das depoentes: “Tinha aquela *Capricho*, que era uma revista que também a gente lia muito”³⁷. Assim sendo, a fim de realizar este processo investigativo, selecionei a Revista *Capricho* como suporte de análise. Para tal, foram adotadas, especificamente, dez edições, tal como expresso no Quadro II.

Quadro II – Revistas *Capricho*, selecionadas como fontes de análise para esta Tese

Edição	Período de publicação	Quantidade de páginas da revista	Título da Fotonovela da edição	Quantidade de páginas da fotonovela	Índice percentual das fotonovelas por edição
nº 103	set. 1960	112	Até breve, amor!	37	33%
nº 150	ago. 1964	132	O amor de uma noite	42	32%
nº 167	jan.1966a	98	Uma mulher muito amada	46	47%
nº 176	out.1966b	114	O amor que não morreu	46	40%
nº 213	dez.1968	122	Traição por amor	46	38%
			A noite da angústia	22	18%
nº 218	fev.1969	107	Um anjo em meu caminho	32	30%
			Felicidade Proibida	24	22%
nº 271	1971a	114	O drama da professora	55	48%
nº 281	ago. 1971b	114	Uma flor no inferno	26	23%
			Remorso	28	24,5%
nº 344	jan. 1974	114	A vingança de Anne	41	36%
nº 375	mar. 1975	114	O anjo loiro	36	31,5%

Fonte: Quadro elaborado pela autora, a partir das edições analisadas.

³⁷ Cf.: SOARES, Maria Lenilda. Depoimento concedido em 21 fev. 2008. Aracaju-SE.

Em suas edições, havia a publicação de fotonovelas, consideradas o fator crucial para a compra desse impresso por suas leitoras: “Venho através desta cumprimentá-los por serem os responsáveis por esta maravilhosa revista, mora! Eu só comprava CAPRICHÔ por causa dos cartazes, mas agora eu a leio do começo ao fim. Principalmente a fotonovela” (CAPRICHÔ, 1968, p. 121). Como se percebe, são as fotonovelas a principal razão para a compra dessa revista e, além disso, foi o grande diferencial da *Capricho*: primeiro impresso feminino a publicar fotonovelas completas. Com dimensões de 20,5 x 27,5, o nome da revista é posto, em todas as edições analisadas, na parte superior de forma centralizada, alterando as cores do logotipo em algumas edições.

Com ela, Habert (1974) afirma ter iniciado um novo período no mercado editorial brasileiro, além de se ter inaugurado uma imprensa moderna feminina, lançada como revista ideal para a mulher. Em todas as edições analisadas, seções com uma diversidade temática aludiam a interesses destinados ao público adulto feminino.

Não apenas a questão conteudística imprime significação ao leitor, mas também o aspecto formal denota relevância para engendrar significado. Desta maneira, o diálogo entre forma e conteúdo é de grande valia no processo de relação entre leitor, texto e leitura. Chartier (2004, p. 126 – 127) afirma não haver texto algum desconectado de sua materialidade, uma vez que “não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”. Considerando tal assertiva, Chartier (2004) informa que as representações de leitura consideram dois dispositivos essenciais, quais sejam:

Os que decorrem do estabelecimento do texto; das estratégias de escrita, das intenções do “autor” e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor (CHARTIER, 2002, p. 126 – 127).

É notório que não se concebe o entendimento do texto por apenas um único viés. O diálogo entre os diferentes elementos é de fundamental relevância para depreender representações postuladas entre leitor, autor e diferentes marcas textuais. Neste sentido, dentre os elementos inseridos neste processo, optei, por razões metodológicas para a produção desta tese, debater primeiramente sobre as capas das edições da *Capricho* ora analisadas, cuja apreciação está sequenciada cronologicamente.

Ressalto ainda a importância de a capa de um impresso ser de grande relevância para a investigação ora desenvolvida, tendo em vista a riqueza icônica, apresentação de elementos

persuasivos que convencem a comunidade leitora no momento da compra, além de fornecer indícios fundamentais acerca da História do Impresso e da História da Leitura, por constar “o resumo irresistível de cada edição, uma espécie de vitrine para o deleite e a sedução do leitor” (SCALZO, 2011, p. 62), sendo, dessa forma, de salutar importância no processo de aquisição e leitura de revistas, por funcionar como um dispositivo de sedução e atração ao público leitor – desde a escolha das chamadas da publicação às imagens expressas. No caso específico das edições analisadas da *Capricho* anunciavam ainda a seu público ser ela: “A maior revista feminina da América do Sul”³⁸, permitindo inferir, não apenas ter grande circulação, mas também e, principalmente, aceitação por sua comunidade leitora.

Um dado recorrente nas capas das *Caprichos* verificadas é a relação sinonímica entre o referido impresso e a Mulher Moderna, considerando-o como “a Revista da Mulher Moderna”. Assim, “moderna”, neste caso, teria uma acepção a mais do que o “moderna” rotulado e amplamente difundido no período investigado: não bastaria ser consumidora dos bens de consumo oferecidos pelo mercado, precisaria ser também leitora da *Capricho* – assertiva convidativa, ou quiçá, imperativa à leitura de tal impresso, caso desejasse estar inserida no cenário das “mulheres modernas”. Nesta acepção, estariam incutidas não somente as leitoras de *Capricho*, mas também as consumidoras dos produtos indicados por ela e que acatavam as dicas e sugestões no cotidiano de suas vidas privadas, tornando-as mais práticas.

Como a fotonovela foi evidenciada pelas depoentes como uma das razões cruciais para a compra desta revista, em todas as edições analisadas, a chamada era enfática. Especificamente, três exemplares anunciaram duas fotonovelas: 213, de 1968; 218 de 1969 e 281 de 1971b.

Na primeira delas, a de nº 103, de setembro de 1960 (figura 1), a inferência ao quantitativo significativo de exemplares: 517.000. Outros aspectos que chamam a atenção e que também são convidativos à leitura são os indicativos de haver nele uma fotonovela completa: “Até breve, amor” e o questionamento: “É possível a amizade entre um homem e uma mulher?”, além da imagem de uma moça dentro dos padrões de beleza almejados e exigidos socialmente – jovem, magra, branca, de cabelos escuros, sorridente, bem maquiada, com vestes europeizadas, distante da realidade tropical brasileira. Após tantos indícios convidativos à leitura, abaixo, na parte esquerda, a quantidade de páginas e o valor a ser pago para a aquisição do exemplar.

³⁸ Este aposto esteve presente em praticamente todas as edições analisadas. Fonte: *Capricho* (1960).

Relevante evidenciar que a forma de abordar diferentes temáticas no suporte *Capricho* quanto ao aspecto formal não denotou alterações tão significativas quanto às abordagens alusivas à inserção da mulher na sociedade, especificamente, no ambiente acadêmico e profissional, à questão sexual, e, conseqüentemente, às relações homem e mulher, que também passaram por modificações no período ora analisado.

O casamento, destino com o qual o homem e a mulher não escapariam, denotava papéis bem precisos acerca das funções de cada um neste “contrato social”. Aquele deveria prover economicamente o lar; esta, a família, estruturando-a educacional e moralmente – ou seja, a honra, a reputação, a integridade, enfim, o alicerce dos princípios triunfantes de uma família, estava associado basicamente à prática cotidiana feminina, que deveria ser ética e coerente aos códigos morais pré-estabelecidos.

Isso posto, a mensagem transmitida por tal veículo de comunicação visava a um público específico: o feminino e estava organizado de forma a dotar a leitora em diferentes habilidades; a encorajá-la a ser “independente”; inseri-la ao mundo do consumo e das “mulheres modernas”; orientá-la sobre moda, beleza, astrologia, comportamento, culinária, dietas, ginásticas; além de oferecer conselhos e ouvir confissões; informá-la acerca de propagandas de setores diversos, entre os quais: utensílios domésticos, produtos facilitadores às atividades do lar, cursos profissionalizantes, beleza, higiene pessoal, lingiere; relacionamentos – ápice dos debates em diferentes seções dos exemplares analisados.

Na primeira capa analisada (Figura 1), a modelo, exposta anonimamente, apresenta maquiagem marcante, vestes em tecido de xadrez, além de calçar luvas, denotando resquícios da cultura europeia, que ainda estava muito enfática no Brasil. Paulatinamente, o acesso a elementos da cultura norte-americana também são perceptíveis nos impressos; inclusive, nas capas, as quais apresentam modelos com trajes mais despojados, sugerindo que, na década de 70 do século XX, a mulher já podia transitar em espaços antes inacessíveis, ou a ela desaconselháveis.

Figura 1 Capa da edição de nº 103, de 1960, da Revista *Capricho*.



Fonte: Acervo particular da autora.

A edição nº 150, de 1964 (figura 2), exhibe uma jovem magra, branca, loira, com olhos claros, maquiagem e visual impecáveis. Também se direciona à leitora, convidando-a a se identificar com a chamada recorrente de ser: “A revista mensal da mulher moderna”, realça ser um suporte destinado ao público feminino: “maior revista feminina da América do Sul”, além de acentuar a grande circulação, dado o quantitativo de exemplares: 520.000³⁹. Tais dados possibilitam inferir o universo de possíveis acessos deste impresso por um vasto público consumidor, pois, além do número de exemplares reproduzidos, a circulação ainda ocorria através de trocas e / ou empréstimos: “A gente levava os livros para ler, emprestava. [...] A gente, às vezes, trocava as revistas”⁴⁰, mencionou uma das depoentes.

Cunha (1995, p. 83) lembra que: “A leitura parece atuar, assim, como uma das práticas constitutivas da intimidade individual, colocando a leitora em contato direto com suas emoções e pensamentos, em solidão e recolhimento”.

Nesta edição, os destaques se direcionaram para: o fracasso de Tony Perkins no teatro; lindos modelos em jérsei; caderno especial: ideias práticas para decoração do lar; fotonovela: “O amor de uma noite”. Além de dicas, conselhos, anúncios e reportagens de interesses considerados tipicamente femininos, a íntima relação entre a mídia impressa e a televisiva demonstra interesse das leitoras pela vida dos artistas, tal como expresso no seguinte relato: “Às vezes eu folheava, às vezes eu olhava os artistas”⁴¹. Como estes impressos eram povoados de informações sobre estrelas nacionais e internacionais, apesar da dificuldade de acesso, muitas delas se esforçavam para ter notícias sobre seus ídolos: “E não tinha esse acesso tão fácil e muitas compravam para ver os artistas mesmo”⁴². Na capa, chamadas para elementos chave de seções com as quais, possivelmente, as leitoras mais se identificavam, operando como estratégia de venda do referido suporte:

Vinham conselhos de como cuidar do filho, como se a vida tivesse uma receita pronta. E naquele momento as pessoas acreditavam nessas receitas prontas. Então a gente lia como alguma coisa que fosse acrescentar à vida da gente, como aquisição de um novo conhecimento mesmo, que a gente mais tarde, com filhos ou não, a gente pudesse praticar⁴³.

³⁹ Considerando-se o parâmetro de outros magazines femininos de grande circulação, como Cláudia, cuja publicação atingia, por exemplo, cerca de 150.000 exemplares. Mais informações, verificar Bassanezi (1996, p. 37).

⁴⁰ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 17 fev. 2008. Aracaju-SE.

⁴¹ Cf.: NASCIMENTO, Iara Carvalho do. Depoimento concedido em 26 maio 2014. Aracaju-SE.

⁴² Cf.: NASCIMENTO, Iara Carvalho do. Depoimento concedido em 26 maio 2014. Aracaju-SE.

⁴³ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

Figura 2 Capa da edição de nº 150, de ago. 1964, da Revista *Capricho*.



Fonte: Acervo particular da autora.

Além de instigar o imaginário das leitoras, estimulando-as a adquirir o exemplar e a ler as partes de interesse, reverberando, assim, práticas de leitura e representações que acresceriam conhecimentos e ensinamentos à vida delas, tal como o registro da depoente, que declara o fato de compreender o referido dispositivo de leitura como espécie de fórmula, de receita pronta à vida da comunidade de leitoras deste suporte, por acrescentar informações e conhecimentos para a prática cotidiana, ou até mesmo, preparando-as ao futuro próximo que as esperava – a maternidade.

Cunha (1995, p. 67), em estudo desenvolvido a respeito da coleção de romances M. Delly, informa ainda que a preocupação com as capas dos impressos “é bastante grande e há todo um procedimento para se fazer uma abordagem visual que corresponda ao conteúdo da obra”, justamente por despertar de forma mais enfática e significativa a curiosidade do público leitor, constituindo-se, desta forma, em protocolos de leitura, considerados por Chartier (1996, p. 20) a partir de dispositivos necessários à prática de leitura, em conformidade às intenções do autor, ou do editor, tendo em vista que “o protocolo de leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal”.

Deste modo, a leitura, para ser considerada de significação, tal como sugere Chartier (2004, p. 25 – 26), precisa haver diálogo entre leitores, competentes pelas práticas de ler, e textos, dotados de significados vinculados a dispositivos discursivos e formais.

Alusivo ao impresso não canônico destinado ao público feminino, a ponderação a diferentes mundos e a apresentação deles como passíveis de convivência harmônica, desde que a comunidade leitora acate conselhos, instruções e ensinamentos fornecidos em diferentes seções do suporte, constituem, dessa maneira, instrumento de mediação para acesso à felicidade, a partir das fórmulas, das receitas prontas para uma vida ideal, feliz, como recompensa às moças bem comportadas, recatadas, obedientes aos rigores das normas, disciplinadas, perspicazes e controladoras de suas ações segundo normas sociais vigentes.

Nesta acepção, a pedagogização pelo impresso feminino, sob a perspectiva da Pedagogia de Fotonovelas, perpassa também pelo elemento capa, tendo em vista que a associação entre as linguagens verbal e visual oportunizam compreender representações de mundos que convivem no limiar do real e do imaginário, considerando-se diferentes possibilidades de leitura a partir de expectativas, sonhos e indagações, os quais estão instigados por uma diversidade de elementos do impresso, cujo “processo de construção de sentido de um texto, a partir de suas imagens de capa, se relacionava a cada comunidade de

leitoras que, dotadas de competências específicas e práticas culturais singulares poderiam produzir sentidos diferenciados, contrastantes” (CUNHA, 1995, p. 86).

A edição de janeiro de 1964 (figura 3) demonstra alterações suaves na forma de representar o estereótipo feminino nas capas da *Capricho*. Apesar de preservar o ideal de beleza da “mulher importada” – branca, loira e magra –, agora a imagem aparece de forma mais próxima à realidade nacional, com maquiagem e vestes leves. Também se preserva a logomarca; em contrapartida, a cor é alterada de branca para amarela – intencionalmente, ou não, esta modificação coincide com as transformações de diferentes ordens – social, econômica, política, histórica, enfim – pelas quais o público feminino também começou a sofrer socialmente, uma vez que partiu da suavidade, pureza, inocência e virgindade (qualificativos atribuídos, por exemplo, à simbologia da cor branca), para angariar outros espaços, que se assemelham à simbologia da cor amarela, com direcionamento para, entre outras acepções, o intelecto, otimismo, felicidade, glória.

O anúncio de ser “A maior Revista Feminina da América do Sul” permanece; porém, o número de exemplares vendidos é silenciado, talvez em razão do fato de o número já não ser tão expressivo como nas edições anteriores, a informação de ser o impresso da mulher moderna sai do plano externo, para o interno da revista, onde consta no sumário com outros elementos também presentes no referido suporte.

O título da fotonovela, em evidência na cor vermelha, e dois elementos, antes ausentes, notabilizam-se: horóscopo e a chamada para aquisição gratuita de um anel de brilhantes. Ainda na capa, a informação de que os detalhes para obter o objeto estavam “na página 82”. Aqui, o discurso de “gratuito” se torna meio discrepante, de fato, da efetivação prática para conquistar a peça anunciada: primeiramente, a leitora precisa recortar da capa a imagem do anel em três revistas – *Capricho*, *Ilusão* e *Noturno*; colar nos espaços indicados no cupom anexo; enviar para o endereço informado e, apenas assim, poder concorrer a um sorteio promocional.

Essa prática possibilita inferir acerca de estratégias adotadas para persuadir leitoras à compra de diferentes suportes de uma mesma editora, denotando possível facilidade de acesso a um objeto de desejo que as legitimariam entre leitoras de revistas femininas, em especial, de fotonovelas.

Figura 3 Capa da edição de nº 167, de jan. 1966, da Revista *Capricho*.



Fonte: Acervo particular da autora.

No entanto, os relatos das depoentes demonstraram que a aquisição para tais suportes não ocorria tão facilmente e a circulação a partir de trocas, ou empréstimos, era o meio mais comum de as práticas ocorrerem, tal como expressa uma depoente:

Uma revista dessas raramente chegava em casa. Uma revista *Capricho* dessa se chegasse foi porque alguém emprestou ou alguém cedeu, não porque a minha mãe permitiu que comprasse. E assim... o acesso à revista mesmo, que a gente tinha, era quando tomava emprestado das amigas, ou então na casa da minha tia, que a minha tia comprava revistas, que ela era solteira. Entendeu? E nunca se casou, tinha o trabalho dela. Entendeu?⁴⁴

Espaços destinados a matérias de interesses femininos, também recorrentes em outros exemplares, foram localizados nesta edição: culinária, moda, beleza, informes sobre artistas, anúncios de temáticas diversas, moldes para roupas, contos, crônicas e reportagens. Na seção Horóscopo, ao mencionar a temática dos signos para as mulheres, na realidade, o discurso transmitia informação das características femininas aos parceiros, fornecendo informações sobre o tipo de mulher adequado a determinadas situações, em conformidade com o signo a que ela pertencesse, como expresso na assertiva: “O marido da sagitariana terá uma espôsa tranqüila e instruída” (CAPRICHIO, 1966a, p. 25).

Neste íterim, apesar de o impresso ser destinado à mulher, muito de seu discurso estava direcionado ao que o homem almejava encontrar nela, pois, conforme Almeida (2007, p. 110), a educação feminina “não possuía um fim em si mesma, mas era direcionada ao bem-estar masculino”, ratificando a característica da passividade como atributo de sua formação moral: “Os limites da masculinidade e de feminilidade reforçados pelas revistas determinam quase sempre imagens de força e iniciativa para o homem; doçura, passividade, ‘instinto maternal’ e sentimentalismo para a mulher” (BASSANEZI, 1996, p. 57).

Assim sendo, muito do que estava (im) posto à mulher, neste processo de rupturas e permanências, revelou que acatar as ações que lhe eram atribuídas era, na maioria das vezes, a escolha coerente a ser feita, a fim de não provocar conflitos no âmbito familiar, fosse com os pais, fosse com os maridos. Em contrapartida, táticas são ensinadas pelos suportes destinados ao público feminino como formas de alcançarem o que almejam, sem a geração de discussões, ao que Bassanezi (1996), denomina de “jeitinho feminino”, ou “poder dissimulado”, no intuito de as mulheres alcançarem seus ideais sem ofuscar a aparente preeminência masculina.

⁴⁴ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

Neste sentido, a Pedagogia de Fotonovelas prima ensinar à mulher que a conquista seja dela, mas deixe transparecer ser do homem. Essa atitude clarifica os lugares de cada um – homem e mulher – na sociedade.

Em outubro de 1966, a edição nº 176 (figura 4) foi publicada. Nela, o perfil da modelo, que estampou a capa, evidencia apenas o rosto da jovem, também branca e magra, com maquiagem leve, olhar aparentando focar nela mesma, cabelos esvoaçantes e castanhos, sorriso descontraído, imprimindo tom de liberdade e autenticidade.

Os destaques deste exemplar nortearam para a ambição de Laurence Harvey, ator de cinema, e outras notícias sobre astros de televisão; questões de moda, com instruções para bordar com pedrinhas. Além de chamadas recorrentes com dicas para ensinar e / ou aperfeiçoar habilidades “tipicamente femininas”. Por fim, o destaque esperado pelas leitoras da fotonovela: “O amor que não morreu”.

Das acepções dos exemplares anteriores, o único que prevaleceu nesta foi a associação da *Capricho* ao fato de ser “A maior Revista Feminina da América do Sul”. Nesta e nas posteriores, a sinonímia de *Capricho* à mulher moderna desaparece; por conseguinte, está presente nos discursos, anúncios, reportagens, pesquisas realizadas, ofertas de cursos, dicas sobre venda de produtos que tornariam a vida da dona de casa mais proveitoso.

Neste número, ainda no mês de outubro, a reportagem: “O papai Noel da Vila Mariana” é evidenciada no sumário, convidando a leitora a se comover com a caridade de Alberto, homem simples, mas que pensa nas crianças pobres, sem oportunidade de comemorarem o Natal. Para isso, contou com apoio de empresas e, no ano anterior, havia presenteado sete mil crianças. Ele é “bom marido e bom pai”, além de que “fica feliz em poder ajudar seus amigos, as crianças” (CAPRICHIO, 1966, p. 30).

Alberto é posto como filão característico do homem ideal: fora bom filho, é bom marido, bom pai, é humilde, solidário, generoso e, por isso, foi recompensado em sua vida: deixou de ser um homem pobre, progrediu na vida e, apesar de não ser um homem rico, “não o impede de proporcionar conforto a sua família e de realizar seu grande sonho: garantir um pouco de felicidade às crianças pobres” (CAPRICHIO, 1966, p. 30).

Esta matéria não deixa também de direcionar as leitoras da *Capricho* a uma reflexão de cunho moral, demonstrando que a condescendência da esposa é fundamental para o sucesso do marido e, conseqüentemente, da família, além de denotar as características ideais de um homem para relacionarem-se e, o mais importante: a receita para a felicidade é sempre a prática incondicional do bem e a harmonia conjugal.

Figura 4 Capa da edição de nº 176, de out. 1966, da Revista *Capricho*.



Fonte: Acervo particular da autora.

A *Capricho* nº 213, publicada em dezembro de 1968 (figura 5), é a primeira e única edição do *corpus* em análise que apresenta, na contracapa, o crédito com o nome da modelo da revista, Adriana Pietro, revelação do teatro e cinema brasileiros. As características desta jovem não destoam dos padrões apresentados e almejados socialmente nos demais exemplares analisados – loira, magra e branca. O nome do suporte em branco denota simetria à representação expressa pela modelo, que expressa singeleza e tranquilidade.

Ressalto que, apesar de tais impressos serem povoados de informações sobre os mundos cinematográfico e televisivo, estes últimos ainda não eram tão acessíveis à comunidade leitora, em sua grande maioria, tal como recorda uma das depoentes: “Quando eu era criança, na minha casa não tinha televisão”⁴⁵. Em contrapartida, é válido lembrar que o fato de não se ter televisão deve ser relativizado por não implicar condição indispensável para acesso à programação televisiva, tendo em vista a habitual prática da partilha, ou seja, o proprietário do aparelho autorizava a vizinhança a assistir à televisão em suas casas.

Ainda assim, nos lares providos de aparelho televisivo, não se tinha muito o que optar a assistir: “A televisão pra gente aqui só tinha um canal mesmo, a TV Sergipe. Porque ela chega aqui em 72, 73... Não me lembro exatamente quando foi... Mas era... Era mais ou menos isso”⁴⁶.

Destaco ainda que nestes meios de comunicação, a representação da mulher ainda está no parâmetro cinematográfico do *star system*⁴⁷, apesar das conquistas do espaço público e de todo o processo de emancipação feminina.

Referente à capa da edição em análise, o slogan de ser a maior revista feminina da América do Sul permaneceu intacto tal como as publicações precedentes. Nesta, especificamente, “2 emocionantes fotonovelas” foi o grande diferencial das anteriores, além de uma reportagem especial sobre os “maridos de hoje” e uma “conversa” com as leitoras sobre o tema: “Os homens de olhos verdes são falsos?”.

⁴⁵ Cf.: NASCIMENTO, Iara Carvalho do. Depoimento concedido em 26 maio 2014. Aracaju-SE.

⁴⁶ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

⁴⁷ O *star system* é elemento integrante da indústria cinematográfica que utiliza estereótipos na construção de tramas. Nos anos 1960, as mulheres apareciam ainda sob tais arquétipos, apresentadas de forma reacionária. No Brasil, o padrão importado é o norte americano e teve a revista *Cinearte*, em circulação entre os anos de 1926 e 1942, como principal divulgadora do modelo hollywoodiano neste país. Entre as estrelas da época, Carmen Miranda é a que alcança eminência internacional entre as décadas de 30 e 40 do século XX e, posteriormente, os filmes carnavalescos por ela produzidos tornaram-se chanchadas durante as décadas de 40 e 50 do século XX. Saliento que as chanchadas constituíam, predominantemente, em sátiras ao cinema norte americano e eram repletas de improvisos e espontaneidades. No Brasil, as duas principais produtoras foram a *Cinédia* e *Atlântida*, citas no Rio de Janeiro. Nos anos 1970, ainda como uma das variantes do gênero cinematográfico no Brasil, ênfase à pornochanchada, originada nas comédias italianas dos anos 1960, em que se destacam os atributos sexuais da mulher brasileira, além dos desejos e fantasias masculinos. Mais informações, consultar: Ferro (1992); Gubberninkoff (2009); Jolly (2012); Manini (2005).

Figura 5 Capa da edição de nº 213, de dez. 1968, da Revista *Capricho*.



Fonte: Acervo particular da autora.

Conforme uma das depoentes, o fato de se ter olhos verdes era um assunto polêmico:

Muita gente acreditava que as pessoas que tinham o olho verde eram pessoas falsas. Eu me lembro disso: - “Ah, minha filha... Você confia nela? Ela tem olho verde”. Eu digo: - “Olhe que besteira... uma coisa genética e uma herança dela”. Então, dizia: - “Ah, não confio não, ela tem o olho verde”. Olhe, que besteira!⁴⁸

Em razão da crença em tal assertiva, nota-se, aqui, um clima de apropriação de elementos instigados, debatidos, nos impressos femininos, considerados científicos. Reportagens também sobre o mundo artístico foram enfáticas: de 14 seções, 6, ou seja, 42,8% das matérias referiram-se ao mundo dos holofotes, demonstrando interesse do público pela vida de modelos, cantores, cantoras, atores e atrizes, tanto nacionais quanto internacionais, uma evidência para tal assertiva pode coincidir com pedidos de leitoras na seção “Cartas”, solicitando reportagens com seus ídolos; ou, em contrapartida, pode ter sido utilizada como estratégia editorial para desfocar a censura do Regime Militar, com o Ato Institucional nº 5, a qual foi instalada neste mesmo período em que a referida edição foi publicada, ou seja, dezembro de 1968.

Neste exemplar, especificamente, uma das epístolas agradece à *Capricho* por ter atendido ao pedido de produzir uma matéria com Ava Gardner, considerada um mito de beleza universal, e solicita à redação: “Como nosso pedido acima já foi atendido, resta-nos fazer mais um: queremos fazer uma reportagem com Elvis Presley” (CAPRICHIO, 1968, p. 121). Outro fato relevante nesta Carta foi o de ter sido assinada por 68 pessoas, das quais 66 são mulheres; 2, homens, permitindo entender tratar-se de um Fã Clube da Revista *Capricho*, pelo seguinte indício: “Somos fãs da revista CAPRICHIO e agradecemos a satisfação que nos deram” (CAPRICHIO, 1968, p. 121) e ratificando indícios de que, mesmo sendo revista direcionada ao público feminino, não implica dizer que o masculino também não realizava tais leituras, uma vez que grande parte do grupo é constituído por mulheres, 97%, confirmando a hipótese de que a maior parte do público consumidor deste perfil de revista e, consequentemente, de fotonovelas, é feminino. Outro dado é a opinião dos leitores na escolha e seleção dos conteúdos, até porque é necessária a curiosidade e a satisfação do consumidor para a venda do impresso e sua manutenção no mercado.

Os outros quantitativos das seções foram ocupados pelos seguintes números: 2 foram as fotonovelas indicadas na capa e os outros 6, subdividiram em: Pesquisa – “Como são os

⁴⁸ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

maridos de hoje?"; uma seção de horóscopo; 3 referentes à interação com leitoras: "Marga Mason: por que ninguém me quer?"; "Entre mulheres"; "Cartas" e uma seção de Moda, além disso, anúncios de temas diversos – cuidados pessoais, com o lar, com a família, propagandas de cursos povoaram incessantemente as páginas da edição. A última edição em análise da década de 60 (figura 6) traz na capa uma moça com o mesmo perfil anunciado em toda a década – magra, jovem, branca, alegre e com a impressão de estar em harmonia com o famoso jargão "de bem com a vida".

Os destaques da edição são: duas fotonovelas completas – "Um anjo em meu caminho" e "Felicidade proibida" – além de questões relacionadas ao matrimônio: "Dener: um casamento fracassado" e à paternidade: "Agnaldo Rayol: eu também já fui pai". As sete reportagens sobre famosos ocupam as primeiras páginas da referida edição.

Das matérias, o destaque para o fracasso do casamento de Maria Stella Dener, anunciado na capa, denuncia já uma modificação de comportamento no final da década de 60 do século XX que irá se legitimar como direito da mulher na década posterior, tendo em vista que: "Até os anos 1960, a sexualidade devia se realizar por meio do casamento, e a mulher que se entregasse a um homem fora dele era dada como perdida" (PRIORE, 2013, p. 73).

Por conseguinte, é interessante que é a primeira vez que se discute sobre divórcio na *Capricho*, a partir de iniciativa feminina, fato que permite perceber o quanto a sensação de independência começa a estreitar laços com a mulher que se alicerçaria na década seguinte – a que reivindica direitos, inclusive, a de tutela dos filhos com separação judicial.

Comparando-se o início desta década para o final dela, muitas alterações houve: reportagens que buscavam apenas disseminar o ideal das virtudes e da moral da boa esposa, da boa mãe e da dona de casa prendada, começaram a ceder espaço para reportagens que transitavam entre a abertura de espaços para questionamentos, reclamações:

"Quero comunicar aos responsáveis por CAPRICHÔ que perdi a vontade de colecionar esta revista. Os motivos foram muitos. Primeiro, porque cansei de enviar cartas que ficavam eternamente sem resposta. Depois, a tãda hora estão aumentando o preço da revista" (CAPRICHÔ, 1969, p. 26) e a possibilidade de se ouvir, ainda que timidamente, a mulher: "Para mim, ser apenas um manequim, mesmo que famoso, é ainda muito pouco para me sentir realizada. Quero aparecer por mim mesma, por tudo aquilo que eu fizer. Preciso me libertar dessa imagem de Maria Stella, a mulher do Dener e nada mais. Quero ser eu mesma, conhecida pelos meus próprios méritos, sem interferências de ninguém" (CAPRICHÔ, 1969, p. 6).

Figura 6 Capa da edição de nº 218, de fev. 1969, da Revista *Capricho*.



Fonte: Acervo particular da autora.

Posturas de mulheres que revelam seus pontos de vista e posicionam-se diante das problemáticas encontradas por elas também se mostraram recorrentes. No caso da modelo, especificamente, é possível perceber que o motivo principal para desejar o divórcio é o fato de não ser reconhecida pela sua profissão, seu talento, mas por ser simplesmente a esposa do famoso costureiro brasileiro Dener, ou seja, sua imagem não consegue se dissociar socialmente da figura masculina.

A primeira edição da década de 70 do século XX (figura 7) não alterou o perfil das moças das capas – continuaram as belezas tipicamente tradicionais da década anterior. *Capricho* agora realçada em vermelho.

A novidade nas edições desta década é o fato de a censura informar a faixa etária adequada para a leitura da *Capricho*, o que não aconteceu na década anterior. Destas, três delas – referentes aos anos 1971 (edições 271 e 281) e 1974 (edição 344) – o impresso é desaconselhável para menores de 16 anos, já a do ano 1975 (edição 375), a idade é de 18 anos. Além de ser verificada pelo Instituto de Verificação de Circulação (IVC), como todos os impressos analisados desde a implantação do Regime Militar, em 1964, a restrição tornou-se ainda maior na década de 70, limitando a idade.

Vale lembrar ainda que nos anos 1970 passaram a ter força no país a revolução sexual e o movimento feminista: “A pílula e as discussões sobre o aborto, o feminismo e os movimentos de minorias, a progressão das uniões livres, os corpos nus expostos na mídia e na propaganda, enfim, a liberação da palavra e do olhar mudaram a vida das pessoas e sua maneira de ver o amor” (PRIORE, 2006, p. 13).

Na capa, seis temas são evidenciados: “Fotonovela: o drama da professora”; “Conto: vingança bôba”; “Romance: trágico dilema”; “Sexo: ele tem inimigos”; “Taquigrafia: pra ganhar dinheiro”; “Artigo: os pais quadrados”; “Verdade: ah, êsses homens!”.

Algumas palavras chave das reportagens especiais direcionam à nova conjuntura da sociedade para a década de 1970: “pais quadrados”, “ganhar dinheiro”, “ah, êsses homens!” e, em especial, “sexo”, posto que é a primeira vez, entre as edições analisadas, que se discute abertamente sobre sexo, não apenas no interior da *Capricho*, mas explicitamente na capa.

Figura 7 Capa da edição de nº 271, de 1971, da Revista *Capricho*.



Fonte: Acervo particular da autora.

Neste período, referir-se ao vocábulo “sexo” já não pesava tanto; já se permitia enunciá-lo sem recorrer necessariamente a palavras e/ou expressões metafóricas:

Por influência dos meios de comunicação e, sobretudo, da televisão, o vocabulário para expressar o amor passa a evitar eufemismos. Embora nos anos 1960 ainda se utilize uma linguagem neutra e distante para falar de sexo – mencionavam-se, entretantes, “relações” e “genitais” -, aos poucos, caminhou-se para dizer “coito”, “orgasmo” e companhia (PRIORE, 2013, p. 76).

Esse tema foi tratado na Revista em “O livro de Capricho” com capítulos publicados a cada edição. Nesta, havia a publicação do terceiro deles: “Os inimigos do sexo”, cuja abordagem ocorria pelo método do catecismo, ou seja, através de perguntas e respostas e, assim, o conteúdo desenvolvia-se, instruindo as leitoras em diferentes aspectos, desde questões sobre frigidez, noite de núpcias, gravidez, infelicidade no matrimônio, até a luta pela igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Um alerta para o fato de a esposa ter cautela, caso a remuneração dela fosse superior a do marido, a fim de evitar problemas conjugais, ao passo que a *Capricho* entendia que: “Algumas mulheres que conseguem ganhar mais que o marido, ou que, como êles, têm algum cargo importante, tendem às vezes, embora inconscientemente, a negar sua qualidade de mulher, em certos aspectos” (O LIVRO DE CAPRICHOS, 1971, p. 40).

Percebo que, embora, nesta década, já fossem notórias algumas alterações referentes a uma maior participação feminina na sociedade, no mercado de trabalho e na inserção em alguns cursos de nível médio e superior, permaneciam como primordiais os cuidados com o lar, o marido e os filhos, conforme relata uma das depoentes: “Alguns trabalhos não eram para as mulheres. Muitas se casavam para ter a liberdade de sair da cola dos pais. Casavam cedo por isso. E muitos maridos proibiam elas de trabalhar. Mulher era para ser professora, era para ser dona de casa”⁴⁹.

Neste momento, ainda de forma predominante, o provedor e o chefe de família centralizavam-se na figura masculina: “Quando a minha mãe casou, o meu pai não quis que ela estudasse, ela estava fazendo curso normal, parou, porque foi morar com meu pai, foi constituir família. Ele ia dar o céu e a terra”⁵⁰. Situações como a retratada neste depoimento indicam uma permanência, por mais que já tenha havido mudanças benéficas à mulher, como atesta uma das depoentes:

⁴⁹ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

⁵⁰ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

As mulheres ganharam um avanço; porque alguns trabalhos não eram para as mulheres, entendeu? Tinha trabalho que não era permitido para as mulheres... E com relação a isso, eu acho que avançou porque a mulher teve oportunidade de avançar no trabalho, de estudar mais, de conhecer mais, de se envolver em outros departamentos, de avançar na carreira profissional⁵¹.

Assim sendo, a conquista do espaço público, de acesso mais abrangente ao mundo acadêmico e ao mercado de trabalho são vislumbrados positivamente e interpretados como avanços na História da Mulher.

Na edição de nº 281 (figura 8), também de 1971, apesar de permanecer o padrão de beleza das demais moças das capas *Capricho*, inova em alguns aspectos: no primeiro deles, a impressão de que serve como pano de fundo para fotografar a jovem – parte do nome da Revista está suprimido pela imagem da modelo; quanto ao slogan “A maior Revista Feminina da América do Sul”, aparece apenas “do Sul”, permitindo compreender que a logomarca do impresso, agora na cor azul, já estava consolidada e seria facilmente identificada, ou seja, apesar das alterações no tipo de fonte, de manchetes, a fonte da marca permanece inalterada.

Outro aspecto é o fato de os destaques da edição virem estampado em uma blusa branca que a modelo vestia, convidando às leitoras a também vestirem a camisa da *Capricho*. Quanto à expressão facial da modelo, subentende-se que a mordida sutil nos lábios revela pensamentos subentendidos na mente da modelo. Os títulos das fotonovelas não foram enunciados na capa, como ocorreu em todas as demais edições, limitando-se a anunciar: “2 fotonovelas; 8 diplomas ‘especiais’; Você daria uma ‘prova de amor’?”

Chamou a atenção a inferência ao que seria “uma prova de amor”, cuja crônica estava inserida na seção “Teatro da vida” e a história organizada em três atos, cuja trama se baseava na solicitação de um rapaz rico às garotas de bairros periféricos do Rio de Janeiro de “uma prova de amor”; no entanto, uma delas, Lindalva, explicou ao seu pai o pedido do namorado, Hélio. Enfurecido, vingou-se dele, dando-lhe “um tiro no trazeiro”, o que o fez nunca mais retornar à Olaria, bairro onde moravam.

Este fato, ainda que tratado no plano do imaginário, revelou uma das funções do impresso, sob a ótica da Pedagogia de Fotonovelas: por um lado, anuncia a representação da mulher solteira, que deveria saber se comportar, em consonância com as regras da “boa moça”, que precisava se defender, quando necessário, provar ser recatada, de boa família, que sabia impor limites.

⁵¹ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

Figura 8 Capa da edição da *Capricho* de nº 281, de ago. 1971.



Fonte: Acervo particular da autora.

Também a felicidade das moças estava representada como prudência em compartilhar com os pais acerca dos fatos que ocorriam em suas vidas; em especial, quando se tratava de assuntos relacionados a namoro, visto que esta era considerada uma etapa preparatória para o noivado e o matrimônio, pois o rapaz rotulado de namorador não é fator agravante socialmente tanto quanto a moça namoradeira e, quando a moça se deixa seduzir pelos encantos e sedução dos rapazes, socialmente, o fato era compreendido, tal como lembra Bassanezi: “Mas não são os ‘rapazes aproveitadores’ os verdadeiros culpados pela desilusão e má reputação das moças, são *elas* mesmas que não souberam escolher bem ou ‘dar-se o respeito’” (BASSANEZI, 1996, p. 108).

Em contrapartida, mesmo sendo seguras de si, as moças, em especial, no momento do namoro, não eram deixadas à toa; suas atitudes não podiam “correr frouxas”. Este rito de passagem sucedia-se com regras, que extrapolavam a vigilância do casal: pais, familiares e envolvidos uniam-se para assegurar a honra da moça e, conseqüentemente, da família, como expressa uma das depoentes: “Quando minha irmã namorava, era assim: duas cadeiras na varanda viradas para a televisão. Eles não ficavam virados um para o outro. E meu pai ia, e meu pai vinha, e minha mãe ia... Era uma área de trânsito. Ninguém tinha privacidade pra nada”⁵².

Se, por um lado, a revista traz a representação de como a moça deve agir; por outro, expressa também a representação da paternidade, atrelada ao controle exercido sobre a família, em especial, aos cuidados que precisaria ter com a integridade das filhas, mantendo-as virgens até o casamento, tendo em vista que a inquietação em preservar a virgindade das adolescentes até o casamento, era tema ainda visto pelas famílias como grande tabu social, como expresso no relato a seguir de uma depoente:

Para eles não era para existir relação sexual antes do casamento. O essencial era todas se casarem virgem. E se imaginasse... Era um escândalo! Tinha muitas famílias que colocavam a menina para fora de casa mesmo. Já tive colega que a mãe botou pra fora de casa porque apareceu grávida. E, na escola, todo mundo dizia: “ – Olhe, tá vendo ela? Tá vendo? Claudete tá grávida!” Entendeu? Era apontada, discriminada, com certeza era... Por todo mundo ela era taxada como “a safada”. Fez sexo antes do casamento e ainda fez a besteira de engravidar. Era “a safada”.⁵³

Histórias como essas possibilitavam às jovens pensarem nas conseqüências que determinadas atitudes poderiam repercutir positiva, ou negativamente, em suas vidas, pois,

⁵² Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

⁵³ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

nos anos 1970, a liberdade sexual já se encontrava muito em voga e parecia caber à *Capricho* o papel de instruir suas leitoras sobre o que seria correto, ou errado moralmente.

Do mesmo modo, a história pode ser reverberada sob a perspectiva de estímulo para se consolidarem diálogos entre pais e filhas sobre temas considerados tabus, em especial, à sexualidade, pois tais questões eram silenciadas e, quando discutidas, provocavam, muitas vezes, estranhamento: “Nunes Mendonça⁵⁴ foi um professor fantástico, não bem visto pelo pessoal, porque ele falava de muitas coisas... falava até de sexo e aí o pessoal achava meio estranho, os outros professores, coordenadores... Mas a gente adorava”⁵⁵, denotando, assim, que as normalistas da sociedade sergipana das décadas de 60 e 70 do século XX também demonstravam interesse em temáticas, as quais lhes instigariam e, consequentemente, possibilitar-lhes-iam novas descobertas, muitas vezes, negadas, a partir de diálogos abertos no campo familiar e a narrativa seria um incentivo à prática da verdade e do diálogo, fundamental à instrução das leitoras.

Alegria, beleza, jovialidade são adjetivos que podem qualificar a modelo da edição de 1974 (figura 9), além das características recorrentes dos demais exemplares, são um convite à compra e à possível leitura do impresso. Destaques para a fotonovela: “A vingança de Anne”, para assuntos de moda, beleza, culinária, decoração e 12 páginas dedicadas à vida íntima dos ídolos da televisão.

⁵⁴ Difusor do escolanovismo, em Sergipe, Nunes Mendonça, “consciente da importância de uma boa formação para o preparo da futura professora, atuava no sentido de despertar o interesse pela leitura. Fato que certamente o levou a ser eleito, pelas alunas do IERB, presidente de honra do ‘Clube Literário das Normalistas’” (SOUZA, 2003, p. 47). Esse professor adentrou no IERB em 1955, permanecendo nele até o ano de 1960. Devido aos conflitos perpetuados na instituição, muitos não o aceitaram como candidato a catedrático no ano de 1962; por conseguinte, enfrentou as resistências, assumindo em 1963 a vaga a que havia se submetido. Como os conflitos não cessaram, foi aposentado compulsoriamente no ano seguinte. Vários foram os motivos para a não aceitação de Nunes Mendonça no campo educacional em que ele estava inserido. De acordo com estudos de Souza (2003), as aulas de Educação Sexual introduzidas na disciplina Pedagogia tinham sido uma das razões que maior repercussão ocasionou na comunidade do IERB no período em que o professor esteve presente. Tais aulas eram ministradas através das “aulas vitais”, cuja metodologia estava inspirada em aulas dadas na Universidade de Paris entre os séculos XIII e XIV. A proposta fundamentava-se em questionamentos feitos pelas alunas sobre qualquer temática do interesse delas; no entanto, “cerca de 95% eram sobre problemas sexuais” (SOUZA, 2003, p. 53). Nessas aulas, utilizava, inclusive, recursos visuais presentes em bibliografias não recomendadas às jovens; a atitude do professor, embora tenha sido bem quista por algumas alunas, também provocou incômodo em outros membros da comunidade – entre alunas, pais e profissionais do IERB. Mais informações sobre a trajetória de Nunes Mendonça, consultar: Souza (2003).

⁵⁵ Cf.: BARRETO, Sônia. Depoimento concedido em 04 abr. 2007. Aracaju-SE.

Figura 9 Capa da edição de nº 344, de jan. 1974, da Revista *Capricho*.



Fonte: Acervo particular da autora.

Notadamente, o conto “Aprendiz de vigarista” sugere padronização física da mulher. A protagonista, tal como a garota da capa, era “linda, linda de olhos verdes de gata, cabelos loiros com tons de ouro velho, uma beleza ao sol” (CAPRICHOS, 1974, p. 48). Como várias páginas deste exemplar foram extraviadas, não foi possível ter acesso a todo o enredo deste conto, além de outros elementos relevantes e fundamentais para análise da materialidade do impresso.

Encontrar, aliás, Revistas sem laudas foi prática constante durante o processo de seleção e análise. Tal recorrência permite inferir acerca da prática das leitoras em colecionar seções desses impressos, tal como anunciado por uma delas: “Tinha gente que colecionava. Tinha colega que emprestava com a maior recomendação, com todo cuidado”⁵⁶, tornando-se um rito daquela geração, recordado com afinco pelas depoentes.

Folheando as páginas das *Caprichos*, não raro encontrei seções destinadas a esclarecimentos de dúvidas sobre legislação. Especificamente, a seção “Em nome da Lei”, presente nas três últimas edições analisadas, considerando-se a ordem cronológica de publicação, objetivava informar, sob o ponto de vista legal, à pessoa lesada sobre diversidades temáticas, em que as respostas eram fornecidas por orientações de advogados, permitindo depreender mais uma função deste impresso: instruir as leitoras, imprimindo legitimidade ao discurso, agora também na esfera jurídica – tal como um questionamento, na referida edição, de uma mãe solteira, sobre o direito de receber, ou não, pensão do provedor e a consultora jurídica responde-lhe que “o compromisso dele é com a filha, independentemente de você” (CAPRICHOS, 1974, p. 4).

A situação, ora apresentada, denota, mais uma vez, o lugar da mulher na sociedade, atrelado à boa conduta social, às ações íntegras, morais. Diante disso, o diálogo entre leitora e consultora jurídica revela o “preço” pago pela “mãe solteira” por ter quebrado o código de honra, pois como ela não seguiu as regras pré-estabelecidas socialmente, sofreu as consequências de seus atos, posto que além de ser discriminada por ter um filho sem seguir os passos convencionais do casamento, encontra mais dificuldades para consolidar-se em uma profissão, bem como a legislação não garante amparo a ela – quiçá, à criança. Esta também é uma das formas muito recorrentes de pedagogizar as leitoras: a partir de exemplos – bem sucedidos, ou não – como maneira de fazê-las olhar para elas mesmas e pensar sobre como agir, sem trazer explicitamente, no discurso, as ordens, as normas de conduta.

⁵⁶ Cf.: NASCIMENTO, Iara Carvalho do. Depoimento concedido em 26 maio 2014. Aracaju-SE.

Circunstância semelhante ocorre na edição de 1971, nº 281, por exemplo, no momento em que uma leitora indaga quanto ao direito de um filho de mãe solteira ser registrado pelo pai, uma vez que este afirmava estar impedido a tal ato, por ser casado. E obteve como resposta: “É verdade, sim. O artigo 358 do Código Civil diz que, enquanto fôr casado, o pai de seu filho não poderá reconhecer a criança. Havendo o desquite, porém, o artigo 1º da Lei 883 do mesmo código permite êsse reconhecimento” (CAPRICHO, 1971b, p. 09).

Com a Lei nº 6015 de 31 de dezembro de 1973, o Art. 60 assegura que: “Quando se tratar de filho ilegítimo, não será declarado o nome do pai sem que este expressamente o autorize e compareça, por si ou por procurador especial, para, reconhecendo-o, assinar, ou não sabendo ou não podendo, mandar assinar a seu rogo o respectivo assento com duas testemunhas”.

Tais condições ratificam a rejeição social – não apenas às mães solteiras, mas também aos filhos, considerados bastardos, como menciona uma das depoentes:

A gente discutia muito essa coisa de virgindade. E tinha muito preconceito com a menina que transasse antes do casamento. Ainda existia muita coisa na minha época. “Ele ou ela quem dá o primeiro passo?”. Isso aqui é uma coisa que começou ser discutida nas revistas... E é interessante. Eu me lembro de Marta Célia, minha colega, que ela tinha essa mentalidade mais avançada de achar que a moça devia tomar iniciativa com o rapaz, devia dizer que queria namorar com ele, alguma coisa assim. Nós não concordávamos.⁵⁷

Provavelmente, por isso, uma preocupação tão grande em educar as moças para seguirem os padrões conformados socialmente e não serem, no futuro, vítimas também de preconceitos semelhantes a esse, além da desvalorização explícita às “mães solteiras” e àquelas ditas “fáceis”, por serem rejeitadas até mesmo no ciclo de amizade e condenadas ao fracasso e à infelicidade.

Em 1975, ano escolhido pela Organização das Nações Unidas (ONU), como o Ano Internacional da Mulher, em análise a edição de nº 375, publicada em março (figura 10). Na capa, uma jovem com visual descontraído, dentro dos parâmetros de beleza das edições anteriores. Nos destaques, chamadas para testes, culinária, direitos legais da mulher (e dos filhos) na separação, fotonovela: “O anjo loiro” e uma reportagem especial sobre virgindade.

⁵⁷ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

Figura 10 Capa da edição de nº 375, de mar. 1975, da Revista *Capricho*.



Fonte: Acervo particular da autora.

A temática “virgindade” foi anunciada abertamente e, pela primeira vez, apareceu como destaque em uma capa, revelando que, em uma geração, a mentalidade da comunidade leitora passou por mudanças e a Revista precisou acompanhar tais alterações, posto que, mesmo sendo um assunto que ainda fosse silenciado em muitos lares, o público ansiava em conhecer sobre o que se tratava, a exemplo do relato de uma depoente:

Esses assuntos eram proibidos. Virgindade? Falar em casa? Tudo que a gente sabia, a gente aprendia na escola e essas coisas a gente aprendia na prática; mas... Falar desse assunto? Você é doida! O que chamava mais atenção nas capas é o que já vem mais em destaque. Por exemplo: “Especial: virgindade” – chama atenção, porque você já vai exatamente procurar, porque é um assunto que interessa... O que está em letras garrafais é o que era mais interessante e que a gente, às vezes, até queria ver.⁵⁸

Neste cenário, em meados da década de 70 do século XX, a abertura sexual estava visivelmente expressa; assim sendo, necessário seria também convidar este novo perfil que ora se alicerçava. Nesta publicação, por exemplo, como ilustrado na figura 11, a imagem de uma mulher ao centro comendo uma maçã: seria mera semelhança ao pecado original?

Figura 11 Ilustração da reportagem “Virgindade”. Edição de nº 375, de mar. 1975, da Revista *Capricho*.



Fonte: Acervo particular da autora.

A afirmação da *Capricho* de que a virgindade delimita não apenas a integridade física da mulher, mas também a moral, revela permanências; onde o suporte denota haver mudanças, perpetua, contudo, um discurso em defesa do pressuposto de que as leitoras devem ser orientadas, pedagogizadas, instruídas, moldadas, enfim, para os parâmetros de uma

⁵⁸ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

sociedade que, mesmo permitindo a elas terem acesso a matérias sobre virgindade e sexualidade, por exemplo, deveriam ser educadas e moldadas para o cumprimento de padrões impostos socialmente a elas.

Nesse sentido, o valor dado à mulher residiria em sua conduta moral. Através desta, era comum “dividir as mulheres em duas categorias: as virgens (‘as puras’) e as ‘outras’. E, embora [os homens] procurem muito as ‘outras’, preferem casar-se com as ‘puras’” (CAPRICHIO, 1975, p. 35). Noto aqui a permanência de valores incutidos socialmente e o papel modelador no que se refere à vida amorosa, revelando à jovem que, apesar da liberação sexual, ela deveria se “manter pura” para um bom casamento, até porque a *Capricho* lembre ainda que o Código Civil prevê a nulidade do matrimônio pela ausência de castidade: “Se não contar, seu casamento pode ser anulado (o Código Civil brasileiro prevê essa possibilidade, se o marido constatar que a esposa não é virgem)” (CAPRICHIO, 1975, p. 37).

A opinião desta castidade tão exigida da mulher é silenciada pelo impresso e apenas justificada por razões históricas, em que, segundo a Revista, por ser mais fraca fisicamente, sempre necessitou da proteção masculina; já o homem “como era o protetor, o dominador, também era dono, o senhor absoluto de sua mulher” (CAPRICHIO, 1975, p. 35); por isso, há a justificativa de que, mesmo em sociedades “mais adiantadas”, em que se permite o trabalho feminino, a tendência é priorizar “seus papéis tradicionais de esposa e mãe. Portanto, suas principais funções são relacionadas com o lar, enquanto ao homem cabe o papel mais ativo de sustentar e proteger a família” (CAPRICHIO, 1975, p. 35). Diante disso, é notório que mesmo a mulher alcançando espaços públicos, a sua prioridade deveria ainda ser o privado.

Alusivo à temática da castidade feminina, segundo pesquisa realizada pela *Capricho*, grande parte dos entrevistados concordou na permanência da “pureza” até o casamento. Algumas das respostas dadas à Revista foram: “O homem que se casa com mulher que não é virgem, duvida de sua fidelidade depois do casamento”; “Mulher experiente pode constranger o homem: ele é quem deve orientar a esposa na vida sexual” (CAPRICHIO, 1975, p. 36). Tais respostas permitem pensar como os valores, sob a ótica de investigação desta tese, qual seja, a Pedagogia de Fotonovelas, estavam impostos nos impressos, ainda que, implicitamente, fazendo com que a leitora compreendesse que atitudes e padrões de vida legitimados socialmente precisavam ser preservados para o alcance da felicidade.

Conforme apresentado pelo impresso, mais uma vez, é sugerido então o diálogo entre filhas e pais, principalmente, mães, para evitar tal problemática, em uma sociedade onde “moça moderna tem acesso à informação, à cultura, ao trabalho, torna-se materialmente mais independente mais cedo, amadurece mais depressa física e mentalmente” (CAPRICHIO, 1975,

p. 36). Por isso, se a mãe não tem o hábito de dialogar com a filha, cabe a esta procurá-la para informar-se sobre o assunto, pois mesmo sabendo que “esses conhecimentos podem ser transmitidos por livros, ou por qualquer pessoa experiente, mas quem melhor do que a mãe, para conversar francamente?” (CAPRICHIO, 1975, p. 36).

A revista defende o pressuposto de que a leitora deve priorizar a conversa franca e aberta com a mãe e buscar informações por outros meios apenas na ausência de um diálogo no lar.

Por conseguinte, apesar de demonstrar a necessidade de um diálogo com a mãe, a Revista é enfática: “A escolha deve estar de acordo com o modo de ser, de pensar, com os princípios de cada uma” (CAPRICHIO, 1975, p. 36). E, apesar de aparentemente a reportagem deixar o livre arbítrio à leitora, afirma que as consequências para a perda da virgindade estaria associada ao fato de que “uma moça que pensa (e age) assim tem muito a perder junto com a virgindade” (CAPRICHIO, 1975, p. 37).

A partir da análise das revistas é possível perceber mudanças e permanências nas relações homem / mulher, as quais incluem: “regras de comportamento, nas imagens e nos papéis femininos e masculinos, nas idéias sobre namoro, casamento, maternidade, sexualidade, trabalho e felicidade” (BASSANEZI, 1996, p. 10).

Por fim, a *Capricho* traz as palavras de um religioso (Padre) para expor a temática sob o ponto de vista moral: “A castidade (ou pureza), em si própria, não consiste num pormenor anatômico. [...] Se às qualidades morais se associar a integridade, tanto melhor” (CAPRICHIO, 1975, p. 37), denotando associação da conduta sexual aos princípios éticos da moralização difundidos pela Igreja Católica, que postula a castidade feminina, entendida como símbolo de pureza a ser preservada até o enlace conjugal, cuja recompensa é a felicidade, denotando, desta maneira, a preservação de relações de poder patriarcalistas incutidas historicamente.

Nos exemplares selecionados como *corpus* de investigação, ao analisar elementos da materialidade da capa, como também chamadas com ênfase para manchetes, deparei-me basicamente com duas situações principais no processo de educação feminina, sob a concepção da Pedagogia de Fotonovelas:

Manutenção e consolidação de preceitos e preconceitos concebidos como essenciais no processo de formação e educação feminina, tais como: a mulher, entendida por mim, sob a lógica da representação da princesa de contos de fadas, tendo em vista que diferentes seções do suporte analisado incentivam a leitora ao encontro incessante por um mundo que a aproxime dos padrões de beleza ali (re) apresentados e (im) postos como universais; os

incontáveis dotes e habilidades, compreendidos como inerentes ao universo feminino, que deve dominar para conquistar um casamento promissor; autocontrole nos pensamentos e nas ações, a fim de não sofrer consequências posteriores que modifiquem o final feliz de seu enredo.

Alterações de condutas em diferentes dimensões – do “eu”; do “outro” e dos “outros” – a partir da concomitância de transformações nas esferas social, política, econômica e, principalmente, histórica, atuaram de forma coadjuvante no processo de emancipação da mulher, possibilitando-lhe diferentes acessos, entre os quais: à instrução em diferentes níveis de ensino; ao mercado de trabalho; a direitos na Legislação, por exemplo. Acentuo, por conseguinte, que Família, Escola, Igreja e Estado, independentemente do momento, mantiveram discurso uníssono acerca da manutenção de princípios morais, para estabelecimento da ética familiar.

Em contrapartida, a severa autoridade dos pais, centralizada na figura paterna, com discurso unilateral, de obediência, paulatinamente, passou a evidenciar a necessidade do diálogo, da compreensão das filhas, cuja conversa deveria ocorrer, de preferência, com as mães. Assim sendo, primava-se por uma defesa de “uma liberdade com responsabilidade” para as jovens.

As relações sexuais, que deveriam ocorrer apenas após consolidado o matrimônio e com fins para procriação, com o uso de métodos contraceptivos, em especial, o anticoncepcional, passaram a ser praticadas visando à satisfação sexual⁵⁹.

Os slogans de “A maior Revista Feminina da América do Sul”; “a Revista da Mulher Moderna” e “desaconselhável para menores de 18 anos” foram recorrentes, assim como a representação dos perfis femininos presentes nas capas que constituem este corpus documental também revelaram esta variação: em todas elas, apesar de estarem imagens de mulheres – jovens, magras e brancas –, os rostos foram tornando-se mais reais, com menos maquiagem; também a moda feminina acompanhou esta transubstanciação – os trajes da primeira metade da década de 60 do século XX, com toques mais europeizados, cederam, aos poucos, para tons americanizados e, posteriormente, abasileirados.

⁵⁹ “A pílula anticoncepcional, que começa a ser difundida, ainda que timidamente, no Brasil, nos primeiros anos da década de 60, representa um fator de liberação sexual e uma peça fundamental nas possibilidades de questionamento de antigos valores com a castidade feminina. Entretanto, estas influências da pílula nos padrões de comportamento e na mentalidade social só se fazem sentir com intensidade mais visível na segunda metade dos anos 60. A falta de informações, a moral vigente, as dificuldades de acesso às pílulas e seus efeitos colaterais pesam enormemente contra o uso deste anticoncepcional na época” (BASSANEZI, 1996, p. 152 – 153).

Depreendo que os exemplares analisados corroboraram tais indícios, no momento em que seções foram inseridas, temáticas discutidas e vozes ouvidas, com diálogos entre impresso, suporte teórico e memórias da comunidade leitora.

3.2 LEITORAS E *CAPRICHOS*: ETERNAS AMIGAS

Tratar as leitoras de forma íntima, chamando-as de amigas e estabelecendo com elas constante diálogo, foi característica unânime em todas as edições analisadas; provavelmente, para retribuir às expectativas delas, acatando, de um lado, as formas de refletir e atuar socialmente e, de outro, instruí-las e moldá-las dentro de padrões estabelecidos previamente, que as conformem no âmbito social, como moças de família, ou levianas, fez parte de um discurso constante não apenas nas edições analisadas, mas também esta dualidade ficou marcada nas memórias da comunidade leitora desta investigação, tendo em vista que as depoentes reportaram-se com muita propriedade para as lições expressas e impressas nos exemplares analisados.

Observando-se a conjuntura da imprensa feminina ora analisada, a preocupação em relacionar mulher ao consumo, foi uma constante no discurso das revistas, uma vez que tais impressos demonstravam preocupar-se com o luxo útil, o qual estaria direcionado ao conforto do lar e o inútil, à moda, à beleza da leitora. Por isso, os temas trabalhados pelos impressos femininos se direcionam a tais temáticas e ao amor, predominantemente. Assim posto, a mulher consegue êxito – seja pessoal, seja profissionalmente – quando tem disciplina no uso de atributos que lhe façam ficar bela, tais como: maquiagem, roupas e acessórios.

O conhecimento e a distinção acerca de parâmetros como: “certo” e “errado”; “aceito” e “inaceitável”; “moça de família” e “moça leviana”; “mulher e homem modernos” foram elucidados pelas depoentes de maneira análoga às mencionadas na *Capricho*.

Isto posto, a linguagem empregada pelo suporte proporciona receitas, fórmulas de vida para a felicidade, com abordagem de regras comportamentais sutis, cautelosas, suaves e delicadas, provocando no público-alvo “uma sensação de bem-estar, correspondendo de certa forma aos seus interesses e inquietações, levando em conta suas expectativas – situação que acaba por colocar limites ao discurso das revistas e aos valores que difundem” (BASSANEZI, 1996, p. 16).

Outro aspecto de grande relevância é o caráter conselheiro e companheiro que os impressos femininos assumiram para as leitoras, colaborando, de certa forma, para manter certos padrões de comportamentos exigidos socialmente, como também, em outros

momentos, ocasionar rupturas desses modelos, fazendo-as opinar e estabelecer preceitos de consumo e de hábitos adquiridos a partir do universo da leitura das Revistas, em especial, das histórias de fotonovelas nelas contidas, dado que a linguagem coloquial e o caráter sentimental são fatores que ensejam maior aproximação entre a materialidade e sua recepção: “Capricho é uma revista antiquíssima! Eu não sei nem se ela ainda existe. Mas eu me lembro que eu lia. Eu lia tudo. Tinha uns livrinhos que era de fotonovela, assim como hoje tem esses livrinhos de romance. Eu me lembro que eu lia, porque era interessante ler”.⁶⁰

No início da década de 60 do século XX, tantos eufemismos adotados para expressar vocabulários como “sentimentos”, “relações”, foram, aos poucos, cedendo espaço para outros mais apropriados ao momento, entre os quais: amor, sexo, prazer... Choque para alguns, normalidade para outros, necessidade de autoafirmação para muitos.

A eclosão da Segunda Guerra Mundial, a revolução sexual, o movimento feminista, a vida hippie, os festivais de música, enfim, novas maneiras de se vestir e de “trajar” o mundo – facultaram à juventude se embalar no ritmo da inesquecível Celly Campello e outras vozes nesta tentativa de representar o mundo rebelde, a partir das letras e melodias, que passavam a experimentar.

Isso posto, para melhor compreender o olhar das leitoras de *Capricho*, a partir do momento histórico vivenciado no período em análise em que este impresso esteve em circulação, busquei contato com a responsável pela *Capricho* e pela Abril, na tentativa de ter acesso às correspondências encaminhadas pelas leitoras à Redação; no entanto, nem a Revista, nem a Editora arquivaram estes documentos.

Entretanto, Napolitano (2006, p. 250), recorda que as fontes documentais no campo midiático apresentam uma grande problemática referente ao registro histórico, posto que: “As fontes são praticamente inexistentes, estão desorganizadas, ou são inacessíveis (cartas de fãs, relatórios de audiência, enquetes, etc.)”. E foi justamente o que percebi ao procurar tanto a *Capricho*, quanto a Abril. Um indício localizado em um dos exemplares permite confirmar a informação recebida por ambas: Um leitor gostaria de entrar em contato com uma garota que havia encaminhado uma carta à Redação da *Capricho* e pediu o endereço dela; entretanto, obtive a resposta: “Cipriano, nós não costumamos guardar as cartas respondidas, por isso já não temos o endereço da Vera” (CAPRICHÔ, 1974, p. 6)⁶¹.

⁶⁰ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

⁶¹ Este acontecimento chama a atenção para a ausência de arquivamento de fontes, essenciais a pesquisadores.

A comunidade leitora desta investigação também manteve a prática de enviar correspondências ao corpo editorial do suporte analisado, com a finalidade precípua de esclarecer dúvidas sobre assuntos ainda tidos como tabus no meio familiar, como explanado a seguir:

A gente mandou carta. Eu e minhas colegas. Geralmente a gente perguntava alguma coisa, pedia um esclarecimento relativo à sexualidade, obviamente... À sexualidade e ao amor. Era isso. Mas a gente nunca teve o prazer de ver nossas cartas publicadas. A gente mandava cartinha e ficava todo mundo na expectativa, mas... Não. Nunca⁶².

Quando indaguei à comunidade leitora acerca do envio de correspondências, todas as ex-normalistas se lembraram de uma situação, ou outra, em que enviaram cartas, ou então, de amigas que o fizeram; contudo, apenas uma delas confirmou ler respostas da *Capricho* a uma colega de turma – fato que instigava não apenas a ela, mas também às demais estudantes a visitarem esta seção para averiguar a publicação, ou não, das correspondências da referida aluna, como narrado a seguir:

Eu nunca mandei nada. Agora eu tenho uma colega na Escola Normal, que eu lembro de uma revista que saiu um artigo sobre os presidiários, e ela tinha uma verdadeira paixão por homem preso, e ela mandava carta pra o presídio, e ela às vezes escrevia para a revista contando as histórias que ela vivia com esses presidiários, porque ela dizia: “– Eu só me apaixono por homem que está preso”. Isso sempre me chamou atenção... Faz muito tempo que não a vejo. Nem sei mais o destino dela... Eu lembro que eu lia, porque eu procurava as cartas de Janete. Era Janete o nome dela. Quando ela dizia: “– Ah, mandei uma carta pra *Capricho*”. Duas vezes eu li... Dois artigos... Vamos chamar de artigo... As cartinhas que ela mandou falando de um amor que ela viveu com dois presidiários⁶³.

Praticar a escrita, além da leitura, era uma atividade recorrente entre a comunidade leitora que a manteve a partir de manifestações diversas, entre as quais: epístolas, diários e poesias, por exemplo, consoante expresso por uma ex-normalista, referindo-se ao diário de memórias dela⁶⁴:

⁶² Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

⁶³ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

⁶⁴ A Pedagogia da produção escrita é um objeto de investigação deveras instigante. A seção de epístolas nas Revistas Femininas ocupava um percentual significativo nas referidas publicações. As epístolas são, por sua vez, fontes e objetos de investigação caros à História da Educação. Dantas (2014), por exemplo, utilizou-as para investigar como o referido gênero textual foi adotado pela italiana Chiara Lubich como instrumento para formar e transmitir valores católicos a diferentes partes de todo o mundo. Mais informações, conferir: Dantas (2014).

Eu era estudante da Escola Normal... Olhe aqui! E ele tinha nome, viu? Vivinho! Vivinho é o nome do diário (Risos). Veja isso aqui! Foi um código que eu inventei... um negócio com números e acabei me esquecendo... Mas depois eu inventei um que eu sei até hoje. Inventei um código de escrever... Pro povo não pegar minhas coisas (Risos)⁶⁵.

Tal como expressão, as epístolas aproximavam muito o suporte de suas leitoras. Outra forma de tornar a relação também amigável, bem próxima entre a leitora e a sua confidente era a seção “Cantinho da Amizade”. Apareceu nos anos 1970, transparecendo oportunizar o estabelecimento de relações sociais e / ou sentimentais a partir da Revista. A faixa etária dessas moças estava entre 18 e 28 anos e revelavam, na maioria dos casos, almejar apenas a amizade dos rapazes; outras afirmavam estar “à espera da felicidade”, “à espera de carinho”; corresponderem-se “para sério compromisso”.

Nela, havia descrições de características físicas, habilidades, pretensões e gostos dos remetentes, predominantemente, leitoras, indicando a localidade e a finalidade para contatos – sendo notória uma característica distinta da reportagem da década anterior quando afirmava não ser possível a amizade entre homens e mulheres, presente na edição de 1960, cujos dados apresentavam legitimidade científica e a chamada para a reportagem também estampada na capa da edição: “Será possível uma amizade entre um homem e uma mulher?”, denotando indicativos de que esta não seria uma relação possível, dado que, por serem ingênuas e puras, as mulheres acreditam na boa intenção dos homens; estes, por conseguinte, não visualizam a amizade da mesma maneira, pois: “Difícilmente o homem resiste à atração do sexo oposto, embora êle, muitas vezes, saiba que tem responsabilidades que não lhe permitem pensar em uma ligação séria e duradoura” (CAPRICHIO, 1960, p. 09).

Pesquisas e consultas a especialistas, psicólogos, pais, leitoras, por exemplo, é uma constante em matérias como estas que discutem temáticas de interesse do público-alvo. Depreendo ser esta uma tentativa de legitimar o discurso a partir do cientificismo, do laicismo, ou seja, a argumentação com base na religião passou a estar fundamentada cientificamente.

Noto que a forma como essa temática foi abordada nesta seção trouxe uma representação masculina conformada ao adultério, tendo em vista que sempre haveria interesse para fins extraconjugais; já a mulher, por ser descrita como uma figura com características inerentes à maternidade, era fundamental a ela se defender dos artifícios de conquista do sexo oposto, tal como exposto na própria matéria: “Para o homem, raramente

⁶⁵ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

existe um sentimento de amizade. Ele quer ser o ‘conquistador’ a fim de satisfazer seu orgulho e ser o ‘tal’” (CAPRICHIO, 1960, p. 10), já a percepção da mulher é posta da seguinte maneira: “Talvez por suas tendências maternais, a mulher pode ter uma grande amizade por pessoas do sexo oposto” (CAPRICHIO, 1960, p. 10).

Depreendo, assim, que, como o público leitor predominante deste impresso eram mulheres, tal reportagem serviu para instruí-las a evitar aproximações com homens, a fim de não ficarem “mal faladas”, pois passaram a conhecer, a partir da leitura da reportagem, quais seriam, de fato, as “verdadeiras” intenções da aproximação masculina e caberia a elas a decisão de se aproximarem, ou de se afastarem de tais amizades.

Compreendo que a Revista conseguiu, com essa reportagem, disseminou, no processo de leitura, um valor de prática moral essencial à felicidade delas, pois, agindo consoante aconselhado pelo referido impresso, elas conseguiriam manter a sua boa reputação, evitar constrangimentos morais e sociais, ou prejudicar a harmonia conjugal e familiar, pois, em várias seções da revista estava a representação do que seria: “A ‘boa esposa’, a ‘moça de família’, a ‘jovem rebelde’, o ‘bom partido’, o ‘marido ideal’, a ‘leviana – com quem os rapazes namoram, mas não se casam’, a ‘outra’, a ‘felicidade conjugal’, as ‘infidelidades’, o ‘jeitinho feminino’” (BASSANEZI, 1996, p. 10). Assim, o impresso conseguia se utilizar de estratégias para reverberação de valores prescritos e inscritos à “mulher moderna”.

Uma das depoentes, por exemplo, afirmou acreditar não ter sido punida por Deus, porque sempre soube distinguir o que era moralmente aceito, ou não: “Agora, aquelas brincadeiras, todo mundo quer. Tem quem use bem e tem quem use mal. Eu acredito que tenho usado pelo bem, porque graças a Deus nunca pratiquei aquelas coisas que mostrava lá⁶⁶”. Esta situação denota o quanto ela reverberou a relação de felicidade às boas práticas.

Em “O coração pergunta e Marga Mason responde”, na publicação nº 150, de 1964, a partir de pseudônimos, as leitoras enviavam correspondências sobre assuntos de diferentes setores do universo feminino, entre os quais: incertezas, conflitos, esclarecimentos, conselhos para enfrentar situações diversas, a partir de uma interlocução próxima e íntima – os diálogos de esclarecimentos são introduzidos por expressões como “você”, “querida amiga”, “minha querida”, “minha amiga”. Entre as temáticas abordadas, as mais recorrentes estiveram relacionadas ao matrimônio, namoro, adultério e a estereótipos, entre eles, “mulher fácil” e “homem ideal”:

⁶⁶ Cf.: MENESES, Maria Anete Nunes de. Depoimento concedido em 08 jan. 2008. Aracaju-SE.

Ideia de mulher fácil: “Ele disse que eu era uma garôta fácil. Acha que dançar com colegas, conversar e rir é ser fácil”. Marga Mason responde: “[...] Esse rapaz é tolo e atrasado. Afinal, nem houve um namoro firme entre vocês! [...]. Um namorado firme tem o direito de não querer que sua garôta dance com outros, de sentir ciúmes [...]” (CAPRICHIO, 1964, p. 128).

A representação de “mulher fácil” se contrapõe à de “mulher de família”. Esta, recatada, subserviente; aquela, independente, relaciona-se com diferentes homens, age de forma autônoma e, por isso, é “mal falada”.

Outro aspecto recorrente foi a concepção de matrimônio: “Casei-me cedo demais e sòmente dois anos depois cheguei à conclusão de que não amo realmente meu marido. Infelizmente, apaixonei-me por outro”. A resposta que a leitora recebe é a seguinte: “Quando uma môça se casa, minha amiga, assume compromissos aos quais não pode fugir. Tenha juízo e tire esse outro rapaz do seu pensamento e do seu coração” (CAPRICHIO, 1966a, p. 28).

Neste diálogo, é perspicaz o constructo de que a união conjugal é indissolúvel e qualquer atitude contrária vai de encontro aos princípios da boa moral, ainda que a escolha do parceiro não tenha sido satisfatória; no entanto, o que ela precisa, segundo sua conselheira, é ter juízo e dedicar-se ao seu marido. Esta postura reafirma o discurso de manutenção do matrimônio sob todas e quaisquer circunstâncias, dado que vários fatores ainda pesavam às mulheres separadas: o aspecto afetivo; as necessidades financeiras, pois grande parte ainda dependia economicamente da figura masculina; além da rotulação social, que associava mulheres separadas a “fáceis” e a “mal vistas”. Como expressou uma das depoentes:

A minha irmã casou, separou e voltou para casa. Eu cansei de dar conselho para ela não voltar para casa: “– Você não já tem seu trabalho? Vá morar sozinha!”. Ela tinha uma filhinha. Mas morar sozinha era feio para uma mulher. Uma mulher que morava sozinha era uma mulher disponível. Até na década de 70 mesmo, se a mulher resolvesse morar sozinha, ela era disponível. Qualquer um podia ir lá e ela não quis, voltou para casa e sofreu as consequências disso, porque tudo que você faz, você sofre as consequências.⁶⁷

Este posicionamento é também ratificado quando uma leitora, ainda noiva, pede conselho para saber se deve, ou não, casar-se, pois, apesar de já estar noiva por cinco anos com um rapaz trabalhador e honesto, conheceu outro de caráter duvidoso, apaixonou-se e obteve a seguinte resposta de Marga Mason: “[...] uma môça é mais feliz casada com um rapaz responsável, trabalhador, que pensa no futuro, dá-lhe amparo material e moral. [...]. Um

⁶⁷ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

marido é um companheiro para tôda a vida. Não é para semanas, meses, ou anos: é para sempre [...]” (CAPRICHIO, 1969, p. 19).

O discurso também sobreleva o parâmetro do que seria o homem ideal: bom caráter, correto, respeitador e trabalhador, capaz de amparar material e moralmente a esposa.

No entanto, observo um destaque para representações de como deveriam se estabelecer as relações, ainda que historicamente muitas conquistas já tivessem sido adquiridas pela mulher – o amparo material é mais compreensível pelo fato de que a dependência financeira da mulher era uma realidade em muitas famílias brasileiras; entretanto, este amparo moral aludia a quê, afinal? Ao fato de que a personalidade, o caráter, as ações, enfim, a vida dela estaria estreitamente relacionada a seu cônjuge.

Assim, se optasse por deixar o noivo, de bom caráter, por outro, de atitudes duvidosas, ela, conseqüentemente, também seria mal quista. Dessa forma, esta não seria a atitude mais aconselhada e esperada para uma moça de “boa família” que não desejasse ver sua reputação abalada, mesmo que tivesse acesso a determinados espaços que outras não os frequentassem, como relato a seguir:

Eu tenho que reconhecer que tive uma mãe muito esclarecida, apesar de repressora, em parte. Mas, mesmo assim, ela dava umas brechas para algumas coisas. E eu fazia parte do movimento escoteiro.⁶⁸ Por conta disso, eu viajava muito, conhecia muitas pessoas, trocava ideias com outros jovens, e isso me deu algumas vantagens em algumas coisas da minha vida tanto pessoal, quanto profissional. Eu tinha uma oportunidade que outros jovens não tinham, entendeu? De me expandir mais, de querer mais outras coisas⁶⁹.

Sobre o adultério, temática recorrente em duas edições analisadas, as leitoras solicitaram conselhos sobre a manutenção, ou não, de relacionamento com homem casado e as respostas foram bastante semelhantes: “Tenha mêdo também de destruir sua vida, seu futuro, por causa de um amor sem nenhuma possibilidade de torná-la feliz. [...]. Assim, você estará defendendo sua felicidade e a dessa senhora que não deve pagar por erros alheios” (CAPRICHIO, 1966b, p. 20); dois anos após, a resposta dada a outra leitora é praticamente idêntica: “Tudo estaria muito bem, Gaúcha, se êle fôsse um homem livre. [...]. Você verá que êsse romance não oferece futuro algum. Além disso, não é direito ‘roubar’ o marido alheio. Ponha-se no lugar da espôsa traída: você gostaria que lhe fizessem o mesmo?” (CAPRICHIO, 1968, p. 19).

⁶⁸ Sobre escotismo, verificar estudos desenvolvidos por Nascimento (2008).

⁶⁹ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

A repulsa à infidelidade feminina é temática recorrente. Conforme Priore (2006, p. 295), “estava associada a instintos maternos de péssima qualidade. Segundo a imprensa da época, adúlteras eram mães ineptas para criar seus próprios filhos”. Sendo assim, a reprovação à prática do adultério feminino era visivelmente expressa. Em contrapartida, o comportamento poligâmico dos maridos devia ser visto com compreensão pelas esposas, além de serem fornecidos alguns conselhos pelos impressos para manutenção do casamento: “Maridos não deviam ser incomodados com suspeitas, interrogatórios ou ciúme por suas esposas. Permitir que eles saíssem com amigos, relevar as conquistas amorosas e aventuras e atraí-los com afeição eram procedimentos aconselhados para quem quisesse manter uma boa vida conjugal” (PRIORE, 2006, p. 294).

Na década de 70 do século XX, a seção manteve-se; no entanto, intitulada apenas com “O coração pergunta”, pois as respostas passaram a ser dadas por Maria Beatriz, com uma dinâmica muito semelhante à década anterior. Por conseguinte, o discurso tencionava a prescrições para a mulher estar sempre em autorreflexão, tendo em vista que as respostas às leitoras apresentavam sempre o “peso” do problema com culpabilidade explícita na figura feminina; dessa maneira, mais uma vez, a pedagogia de fotonovelas denota que, mesmo ampliada a liberdade de expressão e a acessibilidade a direitos, por exemplo, a mulher precisava ter maturidade para saber lidar com a diversidade e a adversidade.

Para ilustrar, a edição nº 344 trouxe o depoimento de uma jovem que se sentia infeliz por não ser correspondida e compreendida em seus sentimentos amorosos, ao passo que a resposta apresentada denotou problema nela: “[...] Estude bem seu comportamento, procure ser atenciosa e carinhosa com as pessoas. Depois desta autoanálise, tenho certeza de que você descobrirá os motivos dessa incompreensão e poderá remediá-la” (CAPRICHIO, 1973, p. 3), ou seja, os fracassos a serem solucionados em uma relação tinham vínculo com algum problema manifestado pela mulher.

A edição nº 375 apresentou, entre os relatos, um bastante angustiante de uma leitora, afirmando que o marido trabalhava em outra cidade e ela somente o via uma vez por mês. Sonhava com condições melhores para ela, para os filhos, desejava ter o marido em casa mais vezes, como também passear com ele e obteve como resposta: “[...] Será que você também se esforça para cooperar com ele, fazer em sua casa um ambiente agradável quando ele chega, mantendo bem limpa e em ordem sua casinha pobre [...]. Acho que você está vivendo fora da realidade. Acorde” (CAPRICHIO, 1975, p. 12).

Este diálogo permite refletir sobre a premissa de que à mulher real, então, não é permitido sonhar. Ela precisa acordar! Não pode desejar condições melhores para ela, para os

filhos, não pode sonhar com conforto. É necessário acordar, contradizendo, inclusive, o próprio discurso imposto pelo veículo que comunica a referida mensagem: consumo, comodidade, praticidade para o dia a dia da dona de casa.

Depreendi, com as edições da *Capricho* analisadas, que as vozes femininas deixaram de estar presente apenas como receptora das informações e, paulatinamente, passaram a ser mais atuantes, a sugerir matérias, a reclamar sobre crises conjugais, a opinar contrariamente sobre a moral sexual, por exemplo. Enfim, tais atitudes denotaram expressões de “rebeldia” para alguns setores da sociedade, tendo em vista que poderiam ocasionar rupturas nas normas familiares pré-estabelecidas, em especial, familiares e alterar relações e representações do “ser mulher” e do “ser homem”.

Não obstante, novas circunstâncias de mundo apresentadas às mulheres faziam-nas transitar entre o tradicional e o moderno. Neste interim, suportes eram-lhes fornecidos para conseguirem transitar em meio a tantas transformações e fazendo-as compreender que era possível encontrar liberdade com responsabilidade: “Estas ‘artimanhas’ ao mesmo tempo em que dão às mulheres uma margem de manobra, um espaço de ação, reforçam o lugar masculino no primeiro plano das relações homem-mulher” (BASSANEZI, 1996, p. 88).

Desse modo, tais seções do impresso, consoante a Pedagogia de Fotonovelas, desempenhou papel importante de instruir a comunidade leitora, oferecendo-lhe suportes para que, a partir de táticas, ou estratégias, as mulheres conseguissem (sobre) viver ao mundo “moderno”.

4 TEMAS E TRAMAS: (RE) CONHECENDO-SE MULHER NA *CAPRICHÔ*

4.1 LEITORA, QUALIFIQUE-SE SEM SAIR DE CASA!

A abertura ao mercado de trabalho às mulheres de classe média, como debatido anteriormente, ocorreu de forma enfática no período histórico desta investigação. Ainda assim, as que optavam por exercer atividades remuneradas precisavam (com) provar a todo instante, além de sua capacidade para o exercício do labor, também demonstrar excelente conduta moral.

Por muito tempo, poucas profissões eram legitimadas à mulher; entre as quais, a docência – a de professora primária, por exemplo, estava associada à questão da maternagem simbólica. Em fins dos anos 1960 e por toda a década de 1970, o discurso do profissionalismo, em relação ao ensino, esteve de maneira mais avivada no país⁷⁰.

Em decorrência de tais fatos, o campo educacional acompanhou as alterações pelas quais vivenciava a sociedade e ostentou-se um caráter profissional à docência. Assim, houve “uma tendência em se substituir a representação da professora como *mãe espiritual* por uma nova figura: a de *profissional do ensino* [...]” (LOURO, 2006, p. 472 – 473).

A inserção das mulheres em empregos de consumo coletivo, tais como enfermagem, magistério e funcionalismo público, possibilitou às mulheres, a partir dos anos 1950, melhor integração entre elas no que se refere a atividades produtivas. Bassanezi (1996, p. 209 – 210) salienta que este momento “marca, de certa forma, uma ruptura com o trabalho doméstico, exige qualificação, coloca as mulheres competindo em relativa igualdade de condições com os homens no mercado de trabalho, torna as mulheres assalariadas – membros remunerados da família”. A autora ressalta ainda que é o setor terciário o que contribui de forma mais significativa para a emancipação das mulheres, por oferecer melhores possibilidades no que concerne à condição socioeconômica deste público.

De forma mais ampla, a participação da mulher no mercado de trabalho também começou, paulatinamente, a atingir profissões outrora inacessíveis, tais como: o campo do

⁷⁰ Momento de Regime Militar; consequentemente, de repressão e de controle social. Entre as alterações perceptíveis no campo educacional com a inserção do período ditatorial, citam-se: Alteração de Legislação, procedimentos e relações foram estabelecidas no campo educacional, tais como a inserção das disciplinas Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política do Brasil (OSPB), controle sobre preferências político-ideológicas dos docentes, burocratização das atividades escolares e edições específicas de livros e manuais docentes. Mais informações, consultar: LOURO, 2006, p. 443 – 481.

Direito, da Medicina, da Engenharia⁷¹, ocasionando, de certa maneira, uma ruptura com a tríade em que a mulher era vista – mãe, esposa e professora e contribuindo, conseqüentemente, para a emancipação feminina.

Neste aspecto, vários cursos foram ofertados como incentivo à profissionalização da mão de obra feminina. Contudo, o fato de haver ampliação das possibilidades de escolarização a mulheres não implica dizer que a elas foram delegados os mesmos acessos ofertados a homens, tal como corrobora Bassanezi (1996):

O incentivo à educação de níveis médio e superior ocorre em resposta ao aumento da demanda dos servidores burocráticos, financeiros e educacionais nos setores públicos e privados. Quanto mais elevado o nível de escolaridade da mulher, em termos individuais, maior a probabilidade de participação no mercado de trabalho e melhor a qualidade de sua mão-de-obra (BASSANEZI, 1996, p. 225 – 226).

Concomitante à escolarização, o público feminino angariou também o mercado de trabalho, alegando razões diversas, entre as quais, adquirir autonomia. Por conseguinte, independentemente dos motivos que o levou à procura de remuneração, havia sempre o alerta de que a honra deveria ser preservada: “Apesar de ter diminuído o controle dos maridos, pais e irmãos sobre as mulheres quando elas trabalham, estas devem procurar afastar dúvidas ou comportamentos que possam ‘reduzir as oportunidades para o casamento’ e/ou ‘manchar’ sua reputação” (BASSANEZI, 1996, p. 212).

Com o intuito de entender a possível contribuição do impresso como instrumento de pedagogização, a partir da ampliação do acesso feminino à escolarização e à profissionalização, considerando-se os parâmetros impostos socialmente à “moça de família”, investiguei o perfil de cursos ofertados e / ou anunciados nas *Caprichos* analisadas para, desta forma, melhor depreender sobre quais seriam as habilidades e / ou profissões que a moça de família poderia se enquadrar, considerando-se os avanços proclamados socialmente.

Partindo-se então deste ponto central, localizei, de forma enfática, anúncios de vários Cursos por Correspondência, e alguns realizados por módulos, sendo uma constante nestes impressos a oferta de cursos dentro destes parâmetros.

Oportunidades profissionais às mulheres, prometendo-lhes ganhar bem sem sair de casa, além de ofertas de Cursos que incentivavam qualificá-las, foram enunciadas com frequência nas edições analisadas. Uma das depoentes ressalva a importância destes cursos

⁷¹ Sobre as primeiras sergipanas a se legitimarem nestas profissões, consideradas tipicamente masculinas, consultar Freitas (2003a).

para qualificar a mão de obra feminina: “Certamente, muitas mulheres, por esse país afora, aprenderam a costurar através do Instituto Universal Brasileiro”⁷².

A relação entre revista feminina e seu público, como debatido anteriormente, é marcada pela confiança e intimidade entre interlocutores. Neste sentido, o momento de investigação desta tese revela alterações substanciais na vida da mulher em diferentes setores, uma vez que a saída dela da esfera doméstica, para o acesso ao mercado de trabalho, além de uma aparente equiparação pública ao sexo masculino, ocasionaram rupturas fundamentais nas relações homem – mulher e, conseqüentemente, tal situação fez com que os impressos, ditos próprios de leitura feminina, também repensassem a forma de se direcionar a ela, preocupando-se, assim, com o novo perfil feminino que ora se alicerçava: a também profissional em busca de satisfação.

Isto posto, há, de forma concomitante, crescimento significativo no mercado de revistas destinadas a mulheres e que não mais a tratavam plenamente como donas de casa e mães, mas também enxergavam nelas pessoas que almejavam concretizar sonhos e se estabelecerem no mercado de trabalho.

A fim de pensar sobre legitimação da mão de obra feminina no período de investigação desta tese e, para melhor entender este universo, analisei anúncios de cursos no suporte adotado como fonte e objeto de investigação nesta tese, em especial, cursos por correspondência, tendo em vista o fato de prometerem, além de conhecimento, certificação a quem os fizesse.

Assim sendo, diferentes seções das revistas femininas propiciavam “formar o indivíduo socializado e operar essa formação através de múltiplas vias institucionais e múltiplas técnicas” (CAMBI, 1999, p. 23). Ratifico ainda, para efeito de análise que, a partir das habilidades oferecidas pelas revistas e / ou adquiridas pelas leitoras, também era possível a obtenção de recursos financeiros por intermédio dos cursos realizados, como lembra uma das depoentes:

Ah! Fui aluna do Instituto Universal Brasileiro! Meu Deus! Olha, é isso mesmo, Jesus! Preenchia isso aqui, mandava pelos Correios. Olha, eu fiz dois cursos. Eu fiz Corte e Costura e Desenho. Eu tenho até a carteirinha do Instituto Universal. Você recebia os fascículos e tinha as lições para você mandar de volta pelos Correios e eles corrigiam e lhe mandavam o material seguinte. Na minha época era assim. O que eu queria com o curso? Eu queria aperfeiçoar⁷³.

⁷² Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

⁷³ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

O Instituto Universal Brasileiro, fundado em 1941, foi a segunda escola na modalidade a distância e com ensino por correspondência a existir no país⁷⁴; a primeira delas foi o Instituto Monitor, em 1939. As instituições, na modalidade correspondência, atingiram seu apogeu durante o período de intensa industrialização no país, em que havia necessidade de profissionais preparados em diferentes áreas do saber e necessitavam tanto do capital simbólico⁷⁵, quanto do capital cultural, em curto período.

A metodologia adotada por tais cursos tal como recordado pela depoente dava-se a partir de fascículos, os quais eram entregues nas residências dos cursistas pelos Correios; posteriormente, as dúvidas e atividades redirecionadas e, por fim, recebidas as respostas pelos alunos. As avaliações eram encaminhadas aos instrutores e as notas, lançadas em fichas individuais.

Todas as depoentes se recordaram dos Institutos que ofereceram cursos por correspondência, ou que eram ofertados nos próprios impressos. Uma delas pontuou o seguinte:

Eu me lembro que eu fiz um curso de datilografia, de Redação... Eu quis fazer um curso de Taquigrafia⁷⁶... Que importância tinha? Mas eu achava interessante, porque minha tia fez esse curso de taquigrafia e ela trabalhava no INSS⁷⁷ (o INPS⁷⁸ antes). E você conversava com ela, e ela escrevia aquilo tudo na forma de símbolo, e eu achava aquilo fantástico!⁷⁹

Taquigrafia era bastante ambicionado; nas edições de 1971, por exemplo, estavam presentes módulos de um Curso de Taquigrafia oferecido pela *Capricho*: “Curso de Taquigrafia... bem antigo!”⁸⁰. A figura 12 ilustra uma das aulas, a qual estava organizada por “parte” e por “lições”. Nestas, teoria e exercício.

⁷⁴ Informações disponíveis no sítio: <http://www.institutouniversal.com.br/institucional/quem-somos>. Acesso em: 6 fev. 2015.

⁷⁵ Bourdieu (2003, p. 145) afirma que o capital simbólico

⁷⁶ Cf. o Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa v. 3.0, taquigrafia é “Técnica de escrita que utiliza caracteres abreviados especiais, permitindo que se anotem as palavras com a mesma rapidez com que são pronunciadas”.

⁷⁷ Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

⁷⁸ Instituto Nacional da Previdência Social (INPS).

⁷⁹ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

⁸⁰ Cf.: RIBEIRO, Maria Assunção. Depoimento concedido em 29 maio 2014. Aracaju-SE.

Figura 12 Ilustração de uma das lições do Curso de Taquigrafia. *Capricho*, edição nº 271, 1971.

CURSO DE TAQUIGRAFIA

Terceira parte

QUINTA LIÇÃO

1 — LIGAÇÃO DE SINAIS CURVOS E ABERTOS

a) Seus valores:

ca, que, qui, etc.

ka, ke, ki, etc.

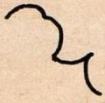
ja, je, ji, etc.

ga, gue, gui, etc.

na, ne, ni, etc.

va, ve, vi, etc.






b) **Ligação:** liguemos de acôrdo com as lições anteriores:













Exercício 1 — O mesmo das lições anteriores, porém com os sinais curvos e fechados.






2 — TAQUIGRAFANDO

Unir cada um desses sinais com os outros da mesma classe. Assim:

(k)     

(g)     

(n)     

(v)     

Exercício 2 — Taquigrafe as seguintes palavras:

côco, quina, cava, jeca, gago, naco,

nova, vaca, vaga, vivo.

SEXTA LIÇÃO

1 — SINAIS CURVOS E FECHADOS


a) Seus valores:

za, ze, zi, etc.

lha, lhe, lhi, etc.





nha, nhe, nhi, etc.





b) **Ligação:** fazer a ligação dos sinais, dêste jeito:







2 — TAQUIGRAFANDO

Unimos êsses sinais assim:

(z)    

(lh)    

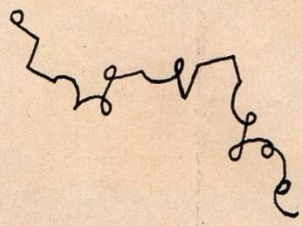
(nh)    

Exercício 1 — Taquigrafe estas palavras:

juízo, talha, bala, casa, calha, zero, tenho, banho.

3 — LIGAÇÃO DO ALFABETO













Pratique a ligação do alfabeto completo:














Exercício 2 — Exercite todos os dias o alfabeto ligado. No princípio, desenhe os sinais grandes e bem feitos, até automatizá-los. Depois vá diminuindo de tamanho. Assim conseguirá maior velocidade.

EXERCÍCIOS RESOLVIDOS

TERCEIRA LIÇÃO, Exercício 2

cêra	faça	raça	fato	terá
				
taça	tatu	fado	dado	duro
				
tara	sofá			
				

QUARTA LIÇÃO, Exercício 2

belo	mimo	mapa	pala	mala
				
chapa	lapa	mola	mecha	xale
				
lama				
				

26 — CAPRICHOS

Fonte: Acervo particular da autora.

Esta modalidade era bastante procurada por pessoas que fossem trabalhar em funções que exigissem agilidade na escrita, como exemplos, o secretariado e a imprensa; por esta razão, era bastante cotejado por moças, para empregarem-se em repartições com melhores salários. Outra depoente também expressou seu desejo em realizar o referido curso: Eu tinha vontade de fazer taquigrafia. Achava bonito escrever rápido, aquela coisa, mas acabei não fazendo não⁸¹.

Faludi, por exemplo, ao investigar sobre o fenômeno *Backlash* ao feminismo nos Estados Unidos, ainda na década de 70 do século XX, que afirmava ser a liberdade das mulheres a causa da infelicidade delas, a autora parte à procura de indícios que refutem tal assertiva e, no pronunciamento de uma de suas depoentes, Connaught “Connie” Marshner, esta revelou que:

Seu pai também induziu Connie e sua irmã mais velha, que viria a se tornar advogada, a entrarem na universidade e a ficarem longe de “empregos femininos” mal remunerados. “Meu pai era muito inteligente”, lembra-se ela. “Ele me disse para não aprender taquigrafia”. Os Coyne estimularam as filhas a apreciar o valor da auto-suficiência – lição de que Connie faria bastante uso na idade adulta. “Nunca me ocorreu depender dos outros. Acho que alguém que seja educado para depender dos outros deve se libertar. Mas eu não fui educada dessa forma” (FALUDI, 2001, p. 250).

Conforme enunciado, é perceptível como a taquigrafia estava quase que impreterivelmente associada ao processo de formação feminina, não apenas para aquisição de capital cultural, mas também para o ingresso na vida profissional.

Além de a referida modalidade estar disponível para aprendizagem nos impressos, havia também escolas especializadas, tal como a Divulgação Taquigráfica Brasileira, que a ofereciam de forma gratuita, em 48 lições, como ilustrado na Figura 13. Além deste, as opções também dos cursos de Português e de Correspondência.

⁸¹ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

Figura 13 Anúncio de “Divulgação Taquigráfica Brasileira”. *Capricho*, edição nº 150, ago. 1964.

GRÁTIS

CURSOS COMPLETOS DE

- * TAQUIGRAFIA ☐
- * PORTUGUÊS ☐
- * CORRESPONDÊNCIA ☐

A DIVULGAÇÃO TAQUIGRÁFICA BRASILEIRA, visando a permitir que pessoas de todo o Brasil possam gozar desse privilégio, abriu as matrículas para os seus cursos gratuitos por correspondência, em 48 lições. Envie já este cupom devidamente preenchido à Caixa Postal 7779 — S. Paulo, assinalando o curso escolhido.

C-8	
NOME	
RUA E N.º	
CIDADE	
ESTADO	

Fonte: Acervo particular da autora.

Nos exemplares analisados, em todas as edições estavam anúncios de Curso de Enfermagem, Cursos por correspondência ofertados pela Escola Popular de Artes; anúncios também da Academia Americana de Cinema para formação de artistas, teatro, rádio, ou TV, dentre outras escolas.

Apesar de uma das depoentes afirmar ter participado de peças teatrais, ratificou também não ter realizado nenhum destes cursos ofertados pelo suporte feminino, como expresso a seguir:

Eu participei de teatro. Drama... Que hoje em dia se chama teatro, era drama. E eu participava de apresentação. E era com música. E era com música, entendeu? A gente ensaiava as peças na casa de Cláudia. As peças eram cantadas, os dramas. A gente tirava a música e ia cantando e representando... De amor, de morte... Era uma parte da literatura... Eu acho que de literatura. Tinha uma parte assim, não foi na Escola Normal, foi no bairro onde eu morava. Todas de branco. Assim, bonitas, cantando. As mulheres cantando e

seguindo o cavalheiro para ele se apaixonar, entendeu? Ele escolheria uma entre aquelas seis pra ele casar, entendeu?⁸²

Como descrito, é perceptível que a representação do amor romântico, do príncipe encantado estava incutida como ideais de vida das jovens que, mesmo em atividade teatral lúdica, buscavam enredos em que o cavalheiro escolheria uma entre as seis moças, trajadas com vestes “brancas”, de forma consciente, ou não, a cor símbolo da pureza e da virgindade – valores indispensáveis às boas moças naquele momento.

Saliento que as propagandas dos cursos, geralmente, referenciavam imagens de moças que coadunavam com os estereótipos exibidos já nas capas das Revistas: brancas, jovens e magras, possibilitando não apenas compreender ser esta a representação de mulher “padronizada” almejada no mercado de trabalho, como também entender que as propostas de cursos eram legítimas ao público feminino.

Em todas as edições analisadas, ênfase constante ao aperfeiçoamento para os trabalhos manuais, permitindo apreender que esta seria uma qualidade intrínseca à mulher, como informado no seguinte pronunciamento: “Os cursos que eu fiz? Curso que toda moça fazia: curso de costura, bordado, datilografia...”⁸³.

Esta declaração viabiliza depreender que Corte e Costura, Plissê, Bordado, Tricô, por exemplo, habilidades próprias da natureza feminina, eram anunciadas constantemente nos suportes direcionados à mulher, que se aprimorariam, ou, quem desejasse, também estaria apta a ter renda com as prescrições. No relato seguinte, a depoente se recorda de como a *Capricho* ensinava as jovens a passarem ferro nestas roupas, das quais, inclusive, as saias do IERB, também eram à plissê:

“Plisar⁸⁴”, roupa plissada. Sempre amei, amei roupa plisada... Tinha umas receitas na revista que botava álcool... Comprava o pano Tergal... Nas minhas saias da escola, comprava o pano tergal, jogava no álcool e passava ferro, entendeu? No caso, enxugando ele no ferro. Eu lembro que essa receita tinha em revista. E eu fiz por essa revista. Olhe! “Aprenda a plisar!”. Tá vendo? “Aprenda a plisar!”⁸⁵.

Neste sentido, mesmo com a vida moderna, não podia deixar de “ter em vista” aquilo que lhe era inerente à sua natureza, ou seja, os trabalhos manuais estavam intrinsicamente

⁸² Cf.: MONTE ALEGRE, Maria do Carmo Dias. Depoimento concedido em 25 fev. 2008. Aracaju-SE.

⁸³ Cf.: NASCIMENTO, Iara Carvalho do. Depoimento concedido em 26 maio 2014. Aracaju-SE.

⁸⁴ “Plissar” significa pôr pregas nas roupas, conforme depoente.

⁸⁵ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

ligados à representação feminina, ainda que ela estivesse inserida no mercado de trabalho, alcançasse autonomia intelectual, financeira, ou social, por exemplo, como atesta uma das depoentes:

[...] minha avó é a mulher que eu mais admiro no mundo. Minha avó sempre foi uma mulher muito forte, muito dona de si e foi sempre um exemplo... ela queria que eu fosse uma doutora, mas achava que tinha que saber as coisas femininas como bordar, costurar, fazer crochê... Essas coisas, eu sei fazer. Bordar não.... eu tomei muito cascudinho dela e puxão de orelha, mas não consegui não... e aí ela me ensinava essas coisas e sempre dizia que a mulher devia ser independente⁸⁶.

Apesar de incentivar a neta a estudar para ser independente, a avó, tal como a *Capricho*, ensinava-lhe que era essencial a ela, como a toda mulher, conhecer as habilidades consideradas tipicamente femininas, posto que era consensual que o centro da preocupação fundamental deste público deveria ser a dedicação ao lar, ao cuidado com os filhos e ao zelo da família. Neste sentido, o suporte analisado é posto como caixa de utensílios pedagógicos. Estes compreendidos como repertório de conhecimentos organizados que comporta inúmeros dispositivos relacionados à forma de ensinar, cujas regras “não necessitam de explicitação, sendo dadas como regras culturalmente compartilhadas [...]” (CARVALHO, 2001, p. 139).

Como dito, tais cursos estavam não apenas anunciados para serem realizados por escolas específicas; havia, igualmente, nas próprias edições da *Capricho* analisadas a possibilidade à leitora de aprender, ou aprimorar habilidades, consideradas inerentes a ela e que eram apreendidas com primor por suas leitoras, como declara a memorialista no excerto a seguir:

Eu lembro de uma blusa linda de crochê toda trabalhada. E eu cheguei a fazer. Eu fiz a minha! A minha era preta, entendeu? Você fazia o crochê e ia formando umas flores, um desenho bonito aqui na frente, e essa foi da revista. E eu cheguei a receber encomendas dessa blusa, tá entendendo?⁸⁷.

Consoante impressos investigados e depoentes consultadas, ficou evidente que a Pedagogia de Fotonovelas, neste sentido, teve importância primordial no processo não somente de prescrever normas, valores e ensinamentos, mas também, de oferecer às leitoras alternativas de conquistar a “independência” financeira – trabalhando na esfera pública, ou mesmo, na particular, no seu próprio lar, como declarou uma leitora: “Eu fazia roupas

⁸⁶ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 17 fev. 2008. Aracaju-SE.

⁸⁷ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

transadas, sabe? Fazia para vender, vendia. Tinha as minhas roupas, que eu fazia! E muitas ideias, eu tirei de revistas!”⁸⁸, a qual demonstra ter reverberado de ideias que contribuíram para o seu processo de emancipação.

Até mesmo a quem não desejasse o aprimoramento para fins laborais, o impresso trazia imbuído o discurso da necessidade de ingresso neste mundo, mesmo que fosse para benefício “próprio”, tal como sustentado, por exemplo, na edição nº 167, 7 laudas das 98 foram dedicadas à prescrição de ensinar à leitora como costurar “vestidos leves” para as férias, prometendo-as deixá-las mais belas, uma vez que: “Os modelos estão aí não apenas para você admirar mas também para fazer em casa, porque os moldes que acompanham cada modelo facilitam sua tarefa. Com muita elegância, suas férias serão as melhores dêste mundo!” (CAPRICHIO, 1966a, p. 11).

Encontrei reportagens sobre como aprimorar e renovar peças já antigas nos guarda-roupas, mostrando às leitoras como bordar, decorar, costurar e reaproveita-las, como lembrado por uma delas:

Essas revistas traziam esse tipo de coisa: Enfeite natalino, cestinha de flores, customização... Que nem chamava esse nome. Eu não me lembro desse nome. Mas, customização de roupas e tal, olhe! Sua calça jeans velha... Ah, eu era especialista! (Risos). Muita ideia eu tirei de revista. E eu ganhava dinheiro para fazer para os outros. As meninas chegavam lá: “-Vixe! Adorei sua calça, adorei sua nesga! Bote uma nesga pra mim!”. Então, eu botava, entendeu? E ganhava o dinheiro. Sempre me virei para poder ganhar um dinheirinho. E era assim, as revistas me ajudavam muito. Eu pegava ideias e mandava ver⁸⁹.

Observei também manuais para decoração de casa, confecção de cortinas, produção de abajures, uso de plantas em ambientes corretos. Exemplos são como um caderno especial, ilustrado na figura 14, que ensina à leitora a decorar a casa e, através da costura, fazer capas para poltronas, cortinas e abajures, com a promessa de o lar ficar mais acolhedor e encantador apenas “com um pouco de boa vontade” (CAPRICHIO, 1964, p. 37).

Tal habilidade era ensinada, pois se acreditava ser essencial a uma moça de “bons costumes” ter tais conhecimentos, a fim de “estar preparada para a vida”.

⁸⁸ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

⁸⁹ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

Figura 14 Parte do Caderno “Decoração”. *Capricho*, 1964, edição nº 150, p. 24.

DECOR AÇÃO:

O abajur, o cabide e o chaveiro: todos são lindos. Querendo, você pode fazer os três. Por que não?

CABIDE

Uma idéia sensacional para qualquer tipo de ambiente ou estilo de decoração: cabides presos ao teto como móveis. São tão bonitos quanto baratos e fáceis de fazer. Você precisa apenas de alguns metros de corda (de acordo com o número de cabides que fizer), ganchos em forma de S (um para cada cabide), pregos e pedaços de barbante, sisal ou tirinhas de couro. Reunido o material, comece cortando a corda no tamanho desejado. Não esqueça que, se for muito curta, você terá dificuldade em alcançá-la sempre que tentar pendurar alguma coisa. Muito comprida também não serve, pois os objetos pendurados podem bater no chão. As duas pontas da corda devem ser enroladas formando um arco, arrematado com algumas voltas de sisal, barbante ou tiras de couro. Numa das pontas, você pendura o gancho. A outra é fixada ao teto com um prego. E está pronto o seu cabide-móvel.

CHAVEIRO

Com uma bola e um pedaço de corda — ou mesmo sisal ou barbante —, você pode fazer um modelo exclusivo de chaveiro. Não acredita? Então veja só como é verdade. Para começar, arrume uma bola pequena. Pode ser de borracha, isopor ou, se você achar mais prático, de papel amassado e enrolado com fita adesiva, dando uma forma bem arredondada. Depois enrole a bola com a corda, dando voltas sem deixar nenhum espaço descoberto. Na ponta da corda que foi enrolada na bola, você pendura a chave, terminando com um nó. Sendo tão fácil você pode fazer muitos chaveiros, um para cada chave, ou colocar várias chaves em um só.

ABAJUR

Pelo efeito decorativo é difícil acreditar que custe pouco e seja tão simples de fazer. Para a base, você vai precisar de cola, corda ou sisal, um pote de porcelana ou cerâmica (ou, ainda, uma garrafa ou lata), areia, um bocal para lâmpada, fio de eletricidade, com interruptor e tomada, e uma lâmpada. Para a cúpula, só é necessária uma folha de cartolina, tinta guache, cola e um pedaço de sisal, corda ou barbante.

A primeira coisa a fazer é enrolar a corda ou sisal no pote, lata ou garrafa. Passe cola onde for colocar a corda para fixar bem. Se usar uma lata, precisa ser pintada na base e em cima com tinta esmalte. Antes de pôr o bocal, o fio e a lâmpada (material comprado em lojas de ferragens ou aproveitado de um abajur velho), encha a base com areia, para ficar firme. Depois, pode fazer a cúpula.

Corte a cartolina na largura que achar melhor, usando todo o comprimento da folha, que é dobrada como sanfona e pintada com tinta guache. É bom pintar depois de dobrar, para não rachar a tinta. Cole as partes laterais da cartolina e, a seguir, faça duas fileiras de furos (com a distância de alguns centímetros entre uma e outra) na parte superior da cartolina. Por eles, você passa um fio de barbante, sisal ou corda. Esse fio é amarrado com um nó (no interior da cúpula), dando ao sanfonado uma forma cônica.

LINDO,

24 — CAPRICHIO

Fonte: Acervo particular da autora.

Uma das depoentes ressalta acerca de suas habilidades, consideradas inerentes ao público feminino pela sociedade em que está situado o momento histórico de análise desta tese:

Decoração? Eu fazia algumas coisas. Coisa que eu via em revista para fazer com aproveitamento. Reciclagem, enfeites, flores de meia, de tecido. Minha mãe fazia e eu ajudava a ela. Bolsa de ráfia. Eu aprendi a fazer o macramê, que são os pontos que você faz os nós... Aprendi a fazer crochê. Fazia crochê muito bem, inclusive. Nessa época, eu já vendia também crochê. Eu fazia xale⁹⁰, fazia muitos xales para as velhinhas de lá do Siqueira (Campos). Eu vendia e ganhava meu dinheirinho. Elas encomendavam e eu era muito rápida no crochê. Fazia rápido, entendeu? Me lembro bem que eu vendia enquanto era estudante da Escola Normal. Eu ia para a feirinha do Siqueira vender umas cestinhas de vime enfeitadinhas de flores, que eu e mamãe fazia. Eu e minha mãe⁹¹.

Enfim, em seções como estas, as leitoras da Revista, de fato, aprendiam e/ou aprimoravam com “capricho” as habilidades consideradas intrínsecas à mulher: cozinhar, bordar, decorar... eram aptidões indispensáveis a uma moça que desejasse alcançar um bom futuro, o qual estava intrinsecamente associado a um bom casamento.

Além das qualificações ofertadas pela própria *Capricho*, algumas escolas de ensino por correspondência se destacaram neste período, tal como expresso no início deste item 4.1, as quais foram procuradas, muitas vezes, com a finalidade, tal qual afirma Bourdieu (2005), para obtenção de diploma e, desta maneira, legitimar a profissão para o/a cursista se inserir no mercado de trabalho, ou, em alguns casos, manter-se nele, como salienta uma das depoentes: “Tinha curso de datilografia. Eu já sabia datilografia, só fui para tirar o diploma”⁹².

Outras pessoas, por sua vez, objetivavam aliar o capital simbólico ao cultural, e também frequentaram tais instituições, como expresso no seguinte relato: “Fiz vários cursinhos por correspondência: um curso de comunicação, datilografia... Esses cursos de antigamente. O de Corte e Costura, eu nunca fiz, porque eu já sabia costurar. Aprendi a costurar com 13 anos de idade, sozinha! Minha mãe era costureira, aprendi”⁹³.

⁹⁰ O xale era um tipo de manta muito usado como adorno, ou agasalho por senhoras sobre os ombros.

⁹¹ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Entrevista concedida em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

⁹² MENESES, Maria Anete Nunes de. Depoimento concedido em 8 jan. 2008. Aracaju-SE.

⁹³ Cf.: MENESES, Maria Anete Nunes de. Depoimento concedido em 08 jan. 2008. Aracaju-SE.

Alusivo à oferta de Cursos por correspondência, a divulgação realizada pelo Instituto Universal Brasileiro esteve presente em todos os exemplares selecionados para esta análise e prometiam assegurar, com eficácia, uma profissão a seus alunos, garantindo, desta maneira, o futuro de quem optasse por estudar nele. Esta escola foi lembrada por toda a comunidade leitora deste texto, como recorda uma das depoentes:

Lembro que tinha um curso que saía em quase todas as revistas, do Instituto Universal Brasileiro... eu desenho, faço Desenho Artístico, porque descobri que tenho habilidade. Fui me especializando em algumas coisas e desenho mesmo porque gosto⁹⁴.

Nos anúncios, a legitimidade dos cursos ofertados, por serem aprovados pelo Departamento do Ensino Profissional; depoimentos de êxito de ex-alunos; as características dos cursos ofertados (neste anúncio, ilustrado na figura 15, sete), a síntese do que constava neles e, a cada uma das escolhas, a promessa de que o aluno levaria um quite de aprendizagem gratuitamente e, por fim, dois cupons para serem enviados folhetos completos sobre os cursos escolhidos, com a expressão enfática: “Este cupom é seu”; “Este é para seu melhor amigo”.

Dos anúncios, três deles estavam direcionados aos homens: “Rádio – televisão – transistores e eletrônica”; “Eletricidade” e “Contabilidade prática”. Tal inferência pode ser constatada ao averiguar a forma de se dirigir ao público-alvo, respectivamente por: “cada um de nossos alunos”; “seja um técnico especializado” e “cada aluno nosso”. Além disso, uma das depoentes também ratifica esta constatação: “Querer ser eletricista, era profissão de homem. Uma mulher não podia... Não podia querer tantas coisas, porque era determinado aquilo só para os homens.”⁹⁵

Dois, demonstravam se dirigir a ambos os públicos: “Desenho artístico e publicitário – Desenho mecânico – Desenho arquitetônico” e “Madureza Ginásial”. Pela mesma razão, nestes anúncios, não há vocativos, ou outras expressões que direcionem o discurso especificamente para homens, ou mulheres; também a primeira destas opções foi cursada por depoentes, como expressa uma delas: “Fiz curso de letrista, de cartazista, desenho publicitário. E desenho mesmo porque gosto”⁹⁶.

E, por fim, dois deles aparentavam estar direcionados para a profissionalização das mulheres: “Bordado – Auxiliar – Português – Inglês – Secretário” e “Corte – Costura”.

⁹⁴ Cf.: MORENO, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 abr. 2014. Aracaju-SE.

⁹⁵ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

⁹⁶ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

Interpreto a primeira oferta como “um pacote de cursos” para habilitar a leitora em diferentes aptidões e, assim, ampliar as chances de se inserir no mercado profissional.

A segunda opção “Corte – Costura” chama a atenção para o fato de associar a habilidade de coser, não somente como inerente à mulher, mas também como instrumento para a independência financeira dela⁹⁷. De fato, neste momento, memorialistas afirmaram ter utilizado de seus “dotes femininos” para conseguirem adquirir algumas regalias que não eram possíveis de ser dadas pela família. Uma delas lembrou que, enquanto estudante do IERB, costurava para ter “seu dinheirinho”, como posto no excerto a seguir:

Eu sempre me virei para ter meu dinheirinho. Sempre me virei. Algumas coisas eu podia comprar. Nessa época, eu tinha minha máquina de costura e eu fazia a pantalone dos moleques, entendeu? Já costurava algumas coisas para fora. Então eu já tinha meu dinheirinho. Lembro do Juraci... Eu fazia as pantalonas dele na época, a pantalone rosa, a moda (Risos). Tinha uns meninos mais conservadores que não queriam usar pantalone rosa; então, eu fazia marrom, preta; mas ele não! A dele, era rosa. E eu fiz duas pantalonas rosas para ele. Me lembro que uma saiu com o corte errado, eu corri em um dia de sábado para a “Confiança” para comprar outro pano e cortar novamente, que eu cortei errado de novo... Ficou horrível! (Risos)⁹⁸.

Razões como as expressas por esta ex-normalista, que se utilizou de táticas, enxergando nos trabalhos manuais a possibilidade para angariar fundos e, com isso, adquirir melhores condições de estudo, trabalho e lazer, não incorporando a vida da dona de casa, representa o perfil da mulher moderna, como realçado nestas décadas investigadas.

⁹⁷ É sabido que muitas mulheres, oriundas deste período em investigação, adotaram suas habilidades “femininas” para conquistarem sua independência financeira, ou, muitas vezes, complementarem rendas familiares. Trabalhando em suas horas vagas, diga-se de passagem, horas dedicadas a fio ao cuidado com a família, para exercerem trabalhos manuais. Estas mulheres, costureiras, rendeiras, bordadeiras, por exemplo, merecem ser investigadas com mais afinco pela História da Educação Feminina.

⁹⁸ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

Figura 25 Anúncio do Instituto Universal Brasileiro. *Capricho*, edição nº 176, 1966, p. 14 – 15.

[illegible]

Nos impressos dos anos de 1974 e 1975, o quantitativo dos cursos aumentou substancialmente – de sete para dezessete e vinte, respectivamente. Outro dado importante foi que o encarte de 1975 já estava colorido, como expresso na figura 16, e não mais trazia depoimentos de alunos, talvez o entendimento de o próprio nome da Instituição a legitimar, sem a necessidade de outros elementos para consolidarem-na; ademais, era, para muitos, um sonho estudar nele, tal como mencionado a seguir:

O Instituto Universal Brasileiro era o meu objeto de desejo, e minha mãe, meu pai, não tinham condição de pagar um curso desses para mim. Então, eu sonhava todos os dias quando eu pegava a revista: “–Poxa, um dia eu vou fazer um curso no Instituto Universal Brasileiro!”⁹⁹

Assim sendo, mãos de obra foram formadas a partir dele. Em especial, de acordo com Rodrigues (2012), pessoas que tinham necessidade de se profissionalizar com rapidez; apresentavam, em sua grande maioria, uma rotina conturbada; ou então, moravam em locais onde não havia acesso para cursos técnicos, profissionais, ou de aperfeiçoamento, na modalidade presencial. A autora afirma ainda que o perfil dos discentes era constituído, em especial por: “Homens com idade média entre 25 e 28 anos. Mais de 70% deles tinham família constituída, em média por dois filhos, e 65% estavam empregados e possuíam situação financeira estabilizada”.

Neste ínterim, os cursos mais procurados durante os anos de 1960 estavam atrelados a razões ligadas ao crescimento da indústria, acessibilidade a aparelhos de rádio e aos eletrodomésticos. Estes associados também ao mercado de consumo e ao estigma de “mulher moderna”. Nos anos de 1970, as propostas de curso se ampliaram – para ilustrar: “Rádio – televisão – transistores e eletrônica” foi substituído pelo de “rádio – transistores – televisão (preto e branco) e televisão a cores”, dado que revelou o fato de a televisão a cores já ser uma demanda nos lares brasileiros; o curso de Madureza Ginásial (diploma do Curso Ginásial em dez meses), estendeu-se para, além do ginásial, o de colegial, demonstrando a necessidade de ampliar a instrução escolar do público leitor que buscava os cursos por correspondência. O curso de Madureza Ginásial, necessários para dar agilidade ao processo de certificação aos jovens com idade a partir de 16 anos estava previsto no Art. 99 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 4024/61: “Aos maiores de dezesseis anos será permitida a obtenção de certificados de conclusão do curso ginásial, mediante a prestação de exames de madureza após estudos realizados sem observância de regime escolar”.

⁹⁹ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

Em contrapartida, o Decreto-Lei nº 709/69 alterou, em Parágrafo Único, o Art. 99 da LDB 4024/61, objetivando ampliar a modalidade do Madureza para também o Curso Colegial – o que possibilitou a jovens com idade a partir de 19 anos frequentar esta última modalidade de ensino. Portanto, o referido Artigo passou a vigorar da seguinte maneira:

Art. 99. Aos maiores de dezesseis anos será permitida a obtenção de certificados de conclusão do curso ginásial, mediante a prestação de exames de madureza, após estudos realizados sem observância do regime escolar. Parágrafo único. Nas mesmas condições, permitir-se-á a obtenção do certificado de conclusão do curso colegial aos maiores de dezenove anos (DECRETO-LEI 709/69).

Percebo, com isso, que cursos ofertados por tais Institutos estavam previstos pela legislação em vigor – fato que demonstra a legitimidade que tinham para qualificar e diplomar a mão de obra que estava inserida, ou precisava se inserir no mercado de trabalho. O curso de Corte e Costura, por exemplo, aperfeiçoou-se para, além deste, o de bordado, tricô e crochê, permitindo à mulher expandir as aptidões de aprendizagem no campo da costura e nas habilidades consideradas eminentemente femininas, tal como lembrou uma das leitoras:

Dotes de culinária... Havia curso de culinária também. Outros cursos que eram oferecidos pelo Instituto. Mas, sobretudo, sempre as coisinhas de trabalhos manuais que vinham nessas revistas, como: época de natal, fazer enfeite de natal; época do dia das mães... Faz uma cesta colorida, uma cesta de florzinha. Então, isso acabava por dar dinheiro¹⁰⁰.

Diante disso, em conformidade com a Pedagogia de Fotonovelas, o impresso adota a estratégia de utilizar desenvolturas inerentes à mulher; e esta, as táticas de reverberar os conhecimentos em situações propícias. Desenho arquitetônico, mecânico, artístico e publicitário; inglês; matemática; português; administração de empresas; secretariado moderno; eletricidade; mecânica geral; auxiliar de escritório; torneiro mecânico; refrigeração e ar condicionado; contabilidade prática; mecânica de automóveis denotaram profissões associadas para atender determinados segmentos da sociedade: “Não fui só eu que fui para o Instituto Universal Brasileiro. Colegas meus, inclusive, homens, foram para o Instituto Universal Brasileiro para fazer cursos como Rádio, Mecânica, Televisão... Era comum aos meninos fazerem cursos como estes¹⁰¹”.

¹⁰⁰ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

¹⁰¹ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE

Figura 16 Anúncio do Instituto Universal Brasileiro. *Capricho*, edição nº 375, 1975, p. 78 – 79.

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

assegure seu futuro, estudando por correspondência no

Av. General Olímpio

FAÇA VOCÊ TAMBÉM COMO MAIOR ORGANIZAÇÃO DE ENSINO POR

Esta extraordinária preferência se justifica plenamente. É A EFICIÊNCIA DE NOSSOS ENSIAMENTOS, A SÉRIE, A ORGANIZAÇÃO DE NOSSOS CURSOS, A CONSTANTE ATUALIZAÇÃO DE NOSSOS CURSOS, A TANTAS E TANTAS OUTRAS razões que nos facultam dizer, sem receio de cometer exageros, que o Instituto Universal Brasileiro é, realmente, A MAIOR, A MAIS COMPLETA, A MAIS PERFEITA escola por correspondência de todo o território brasileiro.

NUM TOTAL DE 8.000 METROS QUADRADOS, 310 FUNCIONÁRIOS, ENTRE PROFESSORES E AUXILIARES, ZELAM POR SEUS ESTUDOS, E A ESCOLA QUE CHEGA ATÉ VOCÊ!

DESENHO MECÂNICO

DESENHO ARQUITETÔNICO

PORTUGUÊS

INGLÊS

MATEMÁTICA

MAIOREZA GINASIAL

MAIOREZA COLEGIAL

DESENHO ARTÍSTICO E PUBLICITÁRIO

BORDADO TRICÔ E CROCHÊ

NÃO TEMOS FÉRIAS!

Nossos cursos funcionam o ano todo, sem interrupção.

ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

SECRETARIADO MODERNO

MECÂNICA GERAL

QUÍMICA DE LABORATÓRIO

ELETRICIDADE

REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO

CONTABILIDADE PRÁTICA

MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS

CORTE E COSTURA

RÁDIO TRANSISTORES TELEVISÃO (PRETO-BRANCO) TELEVISÃO A CORES

TORNEIRO MECÂNICO

850.000 PESSOAS que já estudaram na correspondência do país!

Agora, se você está aguardando que você também seja para fazer parte desta grande família, faça o seu pedido de matrícula por correspondência. CONTE CONOSCO.

Escreva para o Instituto Universal Brasileiro, Caixa Postal 5058 - São Paulo - SP.

Nome..... Nº.....
Rua..... Estado.....
Cidade.....

Nome..... Nº.....
Rua..... Estado.....
Cidade.....

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
AV. GENERAL OLÍMPIO, 685
CAIXA POSTAL 5058 - SÃO PAULO

Sr. DIRETOR: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de..... por correspondência (colocar o curso desejado).

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
AV. GENERAL OLÍMPIO, 685
CAIXA POSTAL 5058 - SÃO PAULO

Sr. DIRETOR: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de..... por correspondência (colocar o curso desejado).

COMECE A ESTUDAR IMEDIATAMENTE!

Matricule-se na mais bem organizada escola por correspondência do país. Ela lhe permite estudar em sua própria casa, como se o professor estivesse a seu lado, e ainda lhe envia todo o material necessário gratuitamente.

Mande o cupom abaixo ou escreva-nos hoje mesmo.

Fonte: Acervo particular da autora.

Cursos semelhantes ao do Instituto Universal Brasileiro também foram ofertados por “Dom Bosco – escolas reunidas”, que garantia ao seu diplomado alcançar prestígio, cultura e dinheiro com o método “professor em casa”. Na edição nº 218, de 1969, especificamente, três Institutos ofereceram cursos nesta modalidade. Um foi o Universal Brasileiro, conforme características especificadas nas edições supracitadas; outro, o Dom Bosco, que ofertou novas possibilidades de curso.

Chamou a atenção o fato de o curso de madureza ser ofertado em três modalidades – ginásio, clássico e científico – fundamentado no Art. 99 em 11 meses de uma Lei não indicada no anúncio, que, ao investigar na legislação do período, corresponde à LDB 4024/61. A chamada inicial também é bastante convidativa: “Triunfe! Qualquer que seja sua profissão ou idade, ganhando mais dinheiro!” (CAPRICHIO, 1969, p. 52). A outra escola foi o Instituto Monitor, também com a mesma modalidade de ensino, adotava como estratégia para atrair alunos a promessa a quem nele estudasse prosperar na vida, através do método “aprenda fazendo”.

O Ensino Técnico Paulista por correspondência apareceu na edição de janeiro de 1966 e assegurava ao aluno ganhar dinheiro no próprio domicílio, sendo “um competente profissional, estudando em casa, na hora de folga, pelo nosso método exclusivo de ensino por correspondência” (CAPRICHIO, 1966a, p. 49), com os cursos: prático perfumista, fotografar e revelar, relojoeiro técnico e desenho.

Percebo que todos os Institutos garantiam ter sede própria e apresentavam um nome distinto para o mesmo método de ensino por correspondência; certificavam ao aluno vencer na vida de alguma forma: com conhecimento, com dinheiro, com uma profissão. O apelo comercial, esperado, dava-se de forma diferenciada: no Instituto Universal, através dos depoimentos; no Monitor, pelo próprio nome do Instituto e pelo método sugerido, havia imagens de pessoas fazendo o ofício da profissão escolhida; o Dom Bosco associava a imagem do “triunfe” a de dois jovens com o traje de formatura (ainda que a pessoa que optasse por fazer os cursos não passasse por cerimônias de Colação de Grau) – triunfar associava-se a colar grau no Instituto Dom Bosco.

Outro ponto fundamental é o fato de que o método de ensino foi muito discutido no período em análise. Até em outras reportagens, como: “Você pode treinar a memória”, na edição nº 375, de 1975, falava-se em método para aprimorar a memória: “Treine você e também seu filho a memorizar fatos rotineiros – peça que a criança repita historinhas, músicas, etc., sem forçá-la a isto, por favor – e também auxilie a criança a aprender a estudar com método” (CAPRICHIO, 1975, p. 42).

Figura 17 Anúncio do Instituto Dom Bosco. *Capricho*, edição nº 218, 1969, p. 66.

TRIUNFE!

qualquer que seja sua profissão ou idade, ganhando mais dinheiro!



DESENHO

- MECÂNICO
- ARTÍSTICO
- ARQUITETÔNICO
- PUBLICITÁRIO

MADUREZA
(Art. 99) em 11 meses.

- GINÁSIO
- CLÁSSICO
- CIENTÍFICO

E MAIS:

- CONTABILIDADE (PRÁTICA)
- RÁDIO E TELEVISÃO
- PROPAGANDA
- VENDEDOR
- CORRETOR
- CORTE E COSTURA
- SECRETARIADO (PRÁTICO)
- TAQUIGRAFIA
- PREPARATÓRIO À AERONÁUTICA
- INGLÊS
- PORTUGUÊS



Além do necessário para o seu estudo, com assistência de professores especializados, você receberá completamente *grátis* todo o material prático necessário.

ESCOLHA JÁ O CURSO DE SUA PREFERÊNCIA
E PEÇA PROSPECTOS GRÁTIS, HOJE MESMO À:

DOM BOSCO – ESCOLAS REUNIDAS
Rua Formosa, 69 – Caixa Postal, 7754 – Fone 37-1920 – São Paulo

Este cupom é para você

Sr. Diretor:

Peço prospectos grátis sobre o Curso de:

Nome: _____

Rua: _____ N.º _____

Cidade: _____ Estado: _____

CA-2

Este cupom é para um(a) amigo(a)

Sr. Diretor:

Peço prospectos grátis sobre o Curso de:

Nome: _____

Rua: _____ N.º _____

Cidade: _____ Estado: _____

CA-2

Fonte: Acervo particular da autora.

Gradativamente, “Surgem novas possibilidades de participação também feminina no mercado de trabalho. Estas transformações trazidas pelo desenvolvimento econômico têm reflexos importantes no status sócio-econômico das mulheres” (BASSANEZI, 1996, p. 47). Assim posto, observando-se os anúncios, verifiquei que, no início da década de 60 do século XX, a mão de obra feminina aparece ainda de forma tutelada (em casa, porém com seu próprio rendimento), apesar de ser um indício do processo de profissionalização da mulher.

Em contrapartida, asseguro que o acúmulo de capitais culturais foi de grande valia para a legitimação da mulher na sociedade das décadas de 60 e 70 do século XX, uma vez que, incorporados através das práticas de leituras realizadas pelas normalistas do IERB, no período investigado, proporciona melhor reflexão acerca do processo de educação feminina desta instituição de ensino, buscando compreender as representações sociais que as práticas de leitura permitiram às alunas desta escola reverberar no processo de prescrição de normas, além de aquisição de *habitus* e valores.

Fica evidente que a profissionalização da mulher ocorreu por diversas formas no período desta investigação e que os impressos femininos também tiveram sua parcela de contribuição para este fim.

Assim sendo, o suporte em análise cumpre, mais uma vez, com o processo de pedagogização de suas leitoras. Ratifico que, no início da investigação, busquei apenas entender como os anúncios levavam-nas a reverberação de tais conhecimentos; no decorrer da pesquisa, a comunidade leitora anunciou também as habilidades apreendidas no próprio suporte – fato que me direcionou a observar ambos os vestígios para possibilidades de qualificação profissional, ou aprimoramento de habilidades.

Isto posto, a Pedagogia de Fotonovelas contribuiu duplamente neste processo de qualificação – ora direcionando as leitoras a escolas específicas¹⁰², ora fazendo o próprio papel destas escolas com guias para decoração; cadernos de trabalhos manuais, de receitas – que extrapolam o espaço da culinária: cremes de beleza e produtos de limpeza, por exemplo; cursos; enfim, um universo tão amplo que é possível produzir estudos somente com estes indícios.

¹⁰² Estudar escolas de ensino por correspondência que se instituíram como primeira modalidade de Educação a Distância (EAD) no país também é uma instigante alternativa para estudos no campo da História da Educação.

4.2 QUEM É VOCÊ? TESTE NOS TESTES

O casamento, considerado por muito tempo a metáfora para a felicidade eterna entre as jovens – e, por isso, um dos temas mais recorrentes nas revistas femininas – foi retratado nesta seção específica como estratégia de pedagogização da leitora, a fim de se reconhecer, pontuar “suas falhas”, corrigindo-as. Os testes, tão corriqueiros nestas publicações, a Pedagogia de Fotonovelas funciona como instrumento de correção, reflexão, além, é óbvio, de prescrição, em especial, na fase dos resultados – momento em que o público-alvo tomava conhecimento sobre o que precisaria ser ajustado para se tornar a representação de “moça ideal”, sob o entendimento dos outros e não ao dela mesma, uma vez que os resultados serviam de parâmetros para saber se a mulher estaria dentro do código moral prescrito, inscrito nos moldes desejados pela sociedade da época.

Para tal, os resultados seriam positivos quando a pontuação obtida estivesse em consonância aos padrões consagrados e aceitos como corretos socialmente. De acordo com as entrevistadas, elas apontaram o prazer que lhes dava realizar os testes anunciados nas edições a que tinha acesso, como expresso adiante: “Eu gostava de pegar as revistas emprestadas para fazer os testes. Essas coisas assim eu gostava de fazer. Eu adorava fazer esses testes e gostava disso mesmo!”¹⁰³

Na edição n° 103 da *Capricho*, por exemplo, é proposto um teste à leitora, a fim de saber se “êle vai pedi-la em casamento”, conforme expresso na figura 18.

As perguntas propostas condicionavam-na a entender que sua função era a de agradar o noivo e a de ser gentil para com ele (verificar itens 1, 3 e 9), legitimando o sentimento implícito de subserviência e cumprimento de papéis sociais, pois afirmava educar a leitora a se comportar “nos vários momentos de um encontro a dois”.

Conforme o teste, seria a companheira ideal, caso passasse na prova, composta por quatro etapas: a primeira, se atingisse um mínimo de pontos (doze), podia ser convidada para sair; na segunda, eram necessários trinta pontos para ir ao cinema; na terceira, quarenta e cinco, para ir à confeitaria e cinquenta e seis, para conseguir o casamento.

Entretanto, para alcançar a pontuação “mínima” para realizar o sonho do matrimônio, praticamente, grande parte dos itens precisaria obter resposta favorável à boa relação, uma vez que atitudes contrárias levavam-na à pontuação “zero” no teste.

¹⁰³ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

Figura 18 “Teste” para a leitora conhecer se está apta ao casamento. *Capricho*, edição nº 103, 1960, p. 6.

Quer saber se ele vai

Eis um novo tipo de teste que lhe permitirá controlar seu comportamento nos vários momentos de um encontro a dois. Se passar na prova, você será a companheira ideal.

Responda e assinale os pontos nos quadrinhos:

Você necessitará 30 pontos para chegar ao cinema.

Some os pontos das duas colunas

Quando ele a visita em sua casa

1 Nas noites geladas e chuvosas, diverte-se deixando-o entrar na sala, em lugar de ir correndo abrir a porta?
Sim = zero. Não = 4 pontos.

2 Se ainda não está pronta quando “ele” chega, inventa que ficou trabalhando e não está pronta até aquele momento, para não fazer má figura?
Sim = zero. Não = 2 pontos (é melhor ser sincera).

3 Quando “ele” aparece com uma gravata amarela e um ternão listado que não lhe agrada, faz com que vá andando rapidamente?
Sim = zero (procure não ser impulsiva). Não = 3 pontos.

4 Estando resfriada, pede-lhe que guarde no bolso lenços de seu pai, para tê-los à mão quando precisar, sem encher sua bolsinha?
Sim = zero (você é muito infantil). Não = 2 pontos.

5 Quando seu alegre diabinho pula no ternão azul-marinho que “ele” ostenta, leva o bichinho para fora em lugar de rir?
Sim = 4 pontos. Não = zero (é se isso acontecesse com você!).

6 Antes de sair para o cinema, insiste para que ele, além de ir com ela, leve uma caixa de doces e uma toalha de mão, para que ela não fique completamente surda?
Sim = zero (cuidado, não exagere). Não = 2 pontos.

Some os pontos desta coluna

Ele se casa

7 No fundo do coração, acha que o carro dele está muito velho para o vestido elegante que você está usando?
Sim = 2 pontos. Não = zero (não seja tão convencida).

8 Espera que ele lhe abra a porta, antes de descer do carro, como se fosse o seu chefe?
Sim = zero (precisa ser mais esponsável). Não = 1 ponto.

9 Enquanto ele dirige, evita chamar-lhe a atenção sobre você para fazê-lo admitir seu colar novo?
Sim = 5 pontos. Não = zero (pense no perigo de uma trombada).

10 Se o carro parar por qualquer razão misteriosa, não se dá ao trabalho de sair para não ter que ajudá-lo e para não arriscar-se a sujar o vestido?
Sim = zero (você é muito enojada). Não = 3 pontos.

11 Consegue demonstrar algum interesse, se “ele” quiser explicá-lhe as vantagens do motor de 6 cilindros sobre o de quatro?
Sim = 5 pontos. Não = zero (a técnica também tem seu fascínio).

12 Se ele faz “huchingens” quando muda a marcha, evita fazer comentários sobre isso, principalmente se outros amigos estiverem com você?
Sim = 3 pontos. Não = zero (as mulheres prudentes não agradam).

Some os pontos das duas colunas

Você precisa de 45 pontos para entrar numa confraria.

pedi-la em casamento?

Se você insistir de 56 pontos para cima

13 “Ele” está recebendo seu primeiro ordenado. Contente-se com um cinema de segunda classe, embora preferisse ver a esposa de um filme no melhor cinema da cidade?
Sim = 4 pontos. Não = zero (procure adaptar-se à realidade).

14 Faz adivinha o programa do passeio, a ponto de constrangê-lo a renunciar ao suspirado filme de “cow-boy” para assistir a um drama caetissimo.
Sim = zero. Não = 3 pontos (mostre-se confederadamente ao menos algumas vezes).

15 Espera um momento interessante da conversa para pedir-lhe que acenda um cigarro, fazendo com que ele procure os fofinhos febrilmente em todos os bolsos?
Sim = zero (não faça mais isso). Não = 3 pontos.

16 Se ele rodeia-lhe os ombros com o braço, num gesto afetuoso, você dá-lhe uma covinha, para que não a distraia do filme?
Sim = zero (existem meios mais gentis). Não = 2 pontos.

17 “Ele” gostou muitíssimo do filme e você não. Abste-se de dizer-lhe que, na próxima vez, escolherá o programa?
Sim = 5 pontos. Não = zero (decisivamente, você não é diplomata).

18 Quando acabam de sair do cinema, obri-ge-o a voltar, no escuro, para procurar as livras do clarão que você esqueceu?
Sim = zero (você é muito desordenada). Não = 4 pontos.

Some os pontos das três colunas

Você precisa de 45 pontos para entrar numa confraria.

Fonte: Acervo particular da autora.

Sendo assim, a leitora infere que, para poder casar, precisa ser pacífica, discreta, gentil, resignada, prendada e obediente, entre outras “qualificações” consideradas como inerentes a mulheres de “boa família” que deveriam ser prudentes e sagazes do papel social exercido por ela como futura esposa. Essas características estão postas no Teste em questões como as explanadas, por exemplo, nos itens 8, 12, 13, 17 e 19.

Isso posto, a Revista evidenciou uma hierarquia presente na sociedade de que era o homem o chefe de família e a mulher, a companheira, a responsável pela felicidade conjugal. Para tal, ela deveria ser capaz de também, além das características mencionadas, saber bem administrar a harmonia conjugal, estar em consonância com o pensamento do parceiro, interessar-se pelo diálogo por ele estabelecido – como expresso, por exemplo, nas assertivas 11 e 23.

Os testes, recorrentes no suporte analisado, de forma lúdica, cumprem mais uma vez o papel de orientar as moças a não caírem nas tentações, seduções dos rapazes, por serem ingênuas, influenciáveis e facilmente manipuláveis. Em vista disso, a partir dos resultados dos testes, as revistas ofereciam técnicas para elas conseguirem “escapar” das “más intenções” destes rapazes, bem como realizar exame de autorreflexão acerca de suas atitudes, como revelado por uma das depoentes: “Ah! Adorava responder os testes que vinham nas revistas. Eu não acreditava a ponto de achar que era exatamente daquele jeito. Mesmo assim, eu achava que tinha um fundo de verdade”¹⁰⁴. Nestes experimentos, a liberdade comedida, qualidades tidas como inerentes ao ser feminino, por exemplo, corroboravam com a assertiva de que o vínculo existente entre homens e mulheres é elucidado a partir dos modos de como “as pessoas dão significado e interpretam suas experiências (entre elas, a da percepção das diferenças sexuais) em épocas e contextos determinados, e, ao mesmo tempo, passam a agir de acordo com os significados construídos” (BASSANEZI, 1996, p. 12), revelando que, de certa maneira, os impressos contribuía com a perpetuação de estereótipos de homens e de mulheres e estas, apesar de muitas conquistas, ainda precisavam preservar pilares de passividade para o não comprometimento à felicidade.

Duas páginas da edição nº 150 da *Capricho* de 1964 (figura 19) foram ocupadas com o teste: “Dize-me como sentas e dir-te-ei quem és”, o qual discorria sobre diferentes maneiras de sentar das mulheres e, conseqüentemente, estariam relacionadas às formas de ser, de agir, ao seu temperamento, à personalidade e ao fato de serem, ou não, boa companhia.

¹⁰⁴ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

Figura 19 Teste: “Dize-me como sentas e dir-te-ei quem és”. *Capricho*, edição nº 150, 1964, p. 30 e 31.

DIZE-ME COMO SENTAS E DIR-TE-EI QUEM ÉS

1 A posição destas pernas é característica de uma mulher que procura a feminilidade, equilíbrio e segurança na própria personalidade e independência de atitudes. Indica, também, dotes negativos, como uma prevenção e desconfiança, desconfiança e apreensão.

2 Um pé move-se nervosamente, enquanto o outro se apóia sobre o salto. Esta atitude denota uma mulher impulsiva, que julga os outros de acordo com os seus próprios padrões. Em resumo, personalidade inconsistente e inquieta.

3 A mão é generosa, simples, humana, sem complicações. Indica uma boa companhia. Seria um crime trair sua confiança, seu espírito de desinteressada dedicação. Ela jamais seria capaz de desiludir alguém, muito ou pouco, não tem malícia.

4 Esta é irreverente, desorganizada, habita a descurar-se de si e dos outros, presunçosa e incapaz de lançar o olhar para o futuro. Sorri de preguiça mental. Bastaria pouco, porém, para endireitá-la.

5 Posição das pernas característica de uma mulher que tem um gosto refinado, ambiciosas e em busca de estímulos. Donas de bom senso, seriedade moral e profissional. Representam um pouco, mas só para serem mais agradáveis.

6 Quem cruza as pernas desta jeito escolheu, dentro dos pecados capitais, a preguiça como seu próprio símbolo. Ademais, faz acompanhar esta preguiça de negligência, lentidão e falta de dinamismo. Um relaxamento material e moral a distingue.

7 Esta estranha posição revela caráter hipocóndrico, cheio de reticências, mas, no fundo, necessitado de calor humano. É uma pessoa que, para sentir-se completa, precisa de uma personalidade forte ao seu lado.

8 Pernas assim montadas, com os sapatos quase fora do pé, denotam claudicação, insegurança, insegurança nos dotes exteriores. Com a posição assim não é difícil marcar encontro. Especialmente, se o interessado tem recursos económicos...

9 Trata-se de mulher sincera, afetuosa, disposta a sacrificar-se por nobres ideais. Sabe gastar o próprio dinheiro com segurança. Ótima companhia, já mais ultrapassa os limites do bom senso.

10 Uma moça sensata, com idéias tradicionais de amor-casa-família, limpa no pensamento e nas ações. É honesta, não tem macacinhos no sôco. Sabe o que diz e o que quer. Ódia as contradições.

30 — CAPRICHIO

CAPRICHIO — 31

Fonte: Acervo particular da autora.

Através da forma de sentar, a mulher que se reconhece como na Imagem 1 é feminina, equilibrada, independente e, ao mesmo tempo, desconfiada e apreensiva; a 2, impulsiva, inconstante e inquieta; a 3, sem malícias; a 4, desorganizada, presunçosa, sofre de “preguiça mental”; a 5, talentosa, ambiciosa, dona de bom senso, de seriedade moral e profissional; a 6, é preguiçosa, negligente, lenta e não tem dinamismo; a 7, hipocondríaca, retraída, mas que necessita de proteção; a 8, ligeira, fácil para se marcar encontro, principalmente, “se o interessado tem recursos econômicos”; a 9, sincera, afetuosa, disposta, sabe usar seu próprio dinheiro com segurança e “jamais ultrapassa os limites do bom senso”; a 10, por fim, é sensata, tem pensamentos tradicionais: “amor-casa-família”, honesta.

As representações de mulheres a partir de formas de sentar revelaram (pre) conceitos a dadas representações mais despojadas; quando o sentar tencionava a alguma posição considerada inadequada, também o comportamento associado a tal estilo estaria inadequado, tal qual ocorre com as posições: 2, 4, 6, 7 e 8, que denotaram maneiras impróprias para uma mulher sentar e, conseqüentemente, comportar-se; diferentemente das formas expostas como aceitas socialmente, as quais também estavam conformadas a padrões de comportamentos positivos, tal qual expresso com as outras disposições.

Ah, fazia todos! Antigamente as pessoas acreditavam nessas coisas. Eu gostava, porque... Como o resultado era bom... Eu acreditava. Como dizia o que eu queria que fosse ao meu respeito, eu achava bom, porque nós agimos de acordo com a nossa conveniência. Como o resultado era positivo, eu ficava me achando¹⁰⁵.

Por conseguinte, percebi que a ênfase neste teste direciona o caráter, a moral feminina à maneira de se sentar. Se, por um lado, o teste revela que, independentemente da situação em que se encontrasse, a leitora deveria saber como se sentar e, conseqüentemente, como se comportar, visto que seria possível integrar sua forma de sentar à sua personalidade, fazendo-a, sempre que necessário, repensar sobre sua maneira de sentar, caso desejasse uma representação diferente do resultado expresso pela prova.

Por outro lado, permitiria à sociedade conhecer de forma “transparente” a personalidade feminina a partir de ações como estas – por exemplo, ao homem, para saber escolher a mulher ideal, de comportamento correto, observando-a simplesmente pelo aspecto enunciado em um teste desta natureza; a outras mulheres, a fim de perceber se andavam, ou não, com boas companhias, buscando, neste caso, observar e avaliar o “comportamento” de

¹⁰⁵ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

seu ciclo de amizades, apesar de os gestos estarem associados não à personalidade, mas sim, a ocasiões e a ambientes, por exemplo.

Para debater sobre os possíveis resultados de testes como estes, uma das leitoras recordou que eles tinham sentido quando executados coletivamente, como explicitado a seguir:

“–Mulher, deu o que aí? Vixe Maria! me conte, me conte!” (Risos) Ficava assim, geralmente uma aplicava o teste e a outra ia ver o resultado, porque geralmente uma página era para você aplicar o teste, e a outra dizia de A a B, quantos pontos fez e tal, e a outra ia comentar. Realmente... Se você sabe enfrentar a vida... Adorava esses testes. Aqui! De nove a doze pontos... É isso! De zero a quatro pontos... Entendeu? Geralmente era muito difícil a gente fazer isso sozinha. Eu lembro que os testes a gente deixava para fazer com as colegas... Porque o bom não era você saber de si própria, era você saber das colegas também e ver a diferença de resultado entre uma e outra e discutir se realmente aquilo era verdade, entendeu? Uma dizia: “–Não, eu acho que é!”; a outra: “–Eu acho que não, não acho não, por causa disso!”. Aí começava a briga. “–Não, não, eu acho que ela é assim mesmo. Confere, confere!”. Então, isso dava muito o que falar. Olha! O teste de como se senta... Ah! Meu Deus do céu!... (Risos)¹⁰⁶.

Nesta seção da *Capricho*, na acepção da Pedagogia de Fotonovelas, o impresso contribui significativamente com diferentes representações de mulher constituídas por elas, para elas e para o outro, ressaltando, a partir de um instrumento de lazer e diversão para elas, aprendizados, reflexões e mudanças de atitudes e de condutas, sempre que, em se tratando especificamente dos testes, os resultados alertassem como uma necessidade alterar modos de ser, de agir e de se comportar.

“Ela, êle e os defeitos mútuos” (figura 20) demonstrou doze situações, das quais seis estavam direcionadas às mulheres e as outras, aos homens, na tentativa de instruí-los como comportarem-se diante delas sem provocar constrangimentos e manterem uma postura conforme os padrões morais e éticos exigidos socialmente para obterem êxito na relação.

Diante disso, da mulher, a representação do comportamento deveria estar associado à gentileza, sutileza, docilidade e graciosidade. Eram características como estas que faziam com que ela pudesse ser compreendida como uma moça de “boa família”.

Por esta razão, reverberarem-se de regras da boa conduta era fundamental àquelas que almejavam êxito em uma relação, precisando, enfim, atentarem-se a tais manuais inseridos nos impressos a elas destinados.

¹⁰⁶ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE .

Figura 20 “Ela, êle e os defeitos mútuos”. *Capricho*, edição nº 150, 1964, p. 126 e 127.

ELA, ELE e os defeitos mútuos

A GAROTA MANEQUIM... — A maneira de andar pode ser muito interessante. O que não é agradável ao olhar masculino. Cuidado com o andar, que deve ser leve e macio, sem rebolar ou mover-se muito. Faça o exercício das manequins ande durante cinco minutos com um livro na cabeça.

A GAROTA DAS MIL MÃOS... — Ele tem, realmente, a impressão de que a garota que o acompanha tem mil mãos, pois ela gesticula sem parar. Isso logo o aborrece... Quem tem esse defeito precisa pouco, com graça e medida.

A GAROTA SUPERMAQUILADA... — En-geral, as garotas bem maquiadas, com tanta base, suscitam muita admiração nos homens. Mas poucas são aquelas que sabem usar maquiagem simples.

A GAROTA SENTADA... — Como é que você se senta? Abandona-se na poltrona de qualquer maneira? Ou fica bem ereta e controla sua atitude? Esta segunda posição, é mais agradável à vista e é a pre-

Fique atenta quando ele a olha: o marido, o noivo, o namorado e mesmo um vago admirador observam tudo quanto você faz e podem julgar mal seus hábitos e atitudes.

ELA O VE MUITO FRIVOLO... — Há homens que se preocupam muito com os trajes e a elegância, gostando de receber elogios. Você poderá limitá-la com alguns cumprimentos, mas não lhe dê conselhos de elegância: é muito fácil magoá-lo.

ELA O VE MUITO LOQUAZ... — O homem que fala demais é um tipo superficial e um pouco egoísta. Fala alto e amontoa palavras sem necessidade. Você pode notar que fala sempre de si mesmo. Procure neutralizar com habilidade esse mau hábito.

ELA VE NELE UM TIMIDO... — Quem jamais fixando os olhos em seu interlocutor, pode ser um tímido e não um desleal, como geralmente se pensa. Procure conhecê-lo bem e encorajá-lo, se for de fato um tipo tímido.

ELA O VE FECHADO EM SI MESMO... — Quando você vê um homem sério, sempre fechado e reservado, não deve insistir para conhecer logo seus hábitos, sua vida íntima e suas preocupações. Poderá conquistá-lo com serenidade, discrição e bom humor.

ELA O VE GENEROSO... — Quando você está preocupada ou indecisa, em qualquer situação difícil, procure sempre a generosidade e a sua res- peito, é o caso de confiar nele: certa- mente tem bom caráter e tudo fará para vê-la livre de seus problemas.

A GAROTA NO CAFÉ... — Uma jovem deve esforçar-se por ter gestos graciosos e estar a par da etiqueta, tanto em casa quanto fora. Ela deve sempre a observar nessas circunstâncias. Mesmo quando estiver só, habitue-se às regras da etiqueta.

A GAROTA SUPERMAQUILADA... — En-geral, as garotas bem maquiadas, com tanta base, suscitam muita admiração nos homens. Mas poucas são aquelas que sabem usar maquiagem simples.

A GAROTA SENTADA... — Como é que você se senta? Abandona-se na poltrona de qualquer maneira? Ou fica bem ereta e controla sua atitude? Esta segunda posição, é mais agradável à vista e é a pre-

126 — CAPRICHIO

CAPRICHIO — 127

Neste, especificamente, ao ilustrar os defeitos femininos – considerados, pela revista: mulher que gesticula muito ao falar: “garôta das mil mãos”; que se enfeita demais: “garôta árvore-do-natal”; “garôta supermaquilada”; a determinadas formas de sentar, ou de andar: “garôta sentada”; “garôta manequim” e cuidados ao sair: “garôta no café” – a prescrição focou normas que as mulheres deveriam corrigir para estarem em consonância aos padrões almejados socialmente, em especial, pelos homens.

Ao aludir à mulher que gesticula demais, o alerta foi: “Quem tem êsse defeito precisa aprender a controlar-se e a gesticular pouco, com graça e medida”; interessante também a ênfase dada à preocupação que a mulher deveria ter com o que o homem iria pensar sobre ela. Ao ilustrar a posição “correta” para sentar-se, a assertiva: “Esta segunda posição, que é um sinal certo de boa educação, é mais agradável à vista e ele a preferirá”, quando retratada a maquiagem, a certeza: “Um rapaz prefere que sua amada use maquiagem simples”, ou ainda, como deveria comportar-se no café: “Mesmo quando estiver só, habitue-se às regras de etiqueta” (CAPRICHIO, 1964, p. 126).

Aqui, regras para boa conduta, bom comportamento e, até mesmo, boa educação sendo, assim, um manual de instrução para suas leitoras, o que permite confirmar a hipótese chave desta tese de que os impressos femininos são formadores de um constructo de regras, direcionando o discurso a uma Pedagogia que visa a instruir, formar suas leitoras em diferentes assuntos e para distintas ocasiões de suas vidas, o que me permite compreender que este “manual de ensinamentos”, utilizando-se de um conjunto de estratégias, pretendia, de fato, prepará-las para o universo em que viviam, revelando-lhes o que elas deveriam conhecer deste mundo e ensinando-as a utilizarem técnicas para saberem como agir e se comportar nele.

Interessante perceber que, ao apontar os defeitos masculinos, ao contrário do que é feito com a mulher, ou seja, ensinando-a a corrigir-se, a revista ensina-a a tolerar e a aprender a entender e a conviver com os defeitos de seus parceiros, estabelecendo representações, as quais implica tratar de uma “construção cultural do que é percebido e pensado como diferença sexual, ou seja, das maneiras como as sociedades entendem, por exemplo, o que é ‘ser homem’ e ‘ser mulher’, e o que é ‘masculino’ e ‘feminino’” (BASSANEZI, 1996, p. 11).

Assim, aos homens aborrecidos, a mulher deve “dar seu parecer com muito bom senso”; ao frívolo, deverá limitar-se a “alguns cumprimentos, mas não lhe dê conselhos”; ao loquaz, ela deve “neutralizar com habilidade êsse mau hábito”; ao generoso, “é o caso de confiar nele: certamente tem bom caráter”; ao fechado em si mesmo, “poderá conquistá-lo

com serenidade, discrição e bom humor”; ao tímido, deve “conhecê-lo bem e encorajá-lo” (CAPRICHO, 1964, p. 127).

Tais instruções asseguraram a constatação de que as ações femininas deveriam estar direcionadas em função das masculinas, demonstrando passividade, em que a mulher precisava andar corretamente, compreender as falhas masculinas, ajudando ao companheiro a resolver os problemas dele; enquanto os dela, ela mesma tinha que os perceber e consertá-los, a fim de viver de maneira harmônica o relacionamento.

Apesar de o título expressar a existência dos defeitos mútuos do casal, a partir do teste, depreende-se que os femininos sobressaem. Os conselhos dados à leitora neste pequeno manual faculta entender que a elas são enfatizadas as recorrências a habilidades tipicamente apresentadas como inerentes do feminino, apesar de a nova conjuntura social permitir-lhe acesso ao consumo, à dada liberdade social e sexual, ainda assim, ela precisava manter-se presa aos cuidados com a família, *locus* privilegiado da mulher.

Uma das leitoras, ao ser indagada se acreditava nos testes e nos resultados deles, afirmou reconhecer o fato de que as memórias fazem parte de uma representação de um tempo passado e, portanto, deveriam ser compreendidas naquele momento e afirmou, portanto, que: “Naquela época, a gente era adolescente apaixonada. Depois de muitos anos, você vê que é cada bobagem, mas... Que era importante naquele momento”¹⁰⁷.

Neste sentido, posso depreender que as representações dos resultados destes testes tinham repercussões nas leitoras que optavam em seguir, ou não, mais uma vez, a prática prescritiva para moldá-las em conformidade com os padrões aceitáveis e exigidos pela sociedade e para a felicidade delas.

¹⁰⁷ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

5 PUBLICIDADE: ANUNCIAR E CONVENCER

5.1 PROPAGANDAS EM *CAPRICHOS* PARA A MULHER MODERNA

Na virada do século XX, os magazines manifestaram-se nos Estados Unidos no momento em que a economia norte-americana deixou de ser somente agrícola para se tornar industrial; entretanto, no século anterior, já circulavam entre o público leitor, apesar de terem poucas propagandas e serem mantidos pela circulação paga.

Por conseguinte, com a abertura do mercado para produtos industrializados e a consequente ampliação da população urbana, houve um aumento significativo da publicidade, possibilitando a manutenção de impressos nesta modalidade, fazendo-os com que fossem vendidos a preços baixos e a ter circulação nacional.

Neste viés, ainda na década de 30 do século XX, a estética hollywoodiana facultou à imprensa feminina adentrar a uma nova fase, pois o foco ampliou, deixando de tratar apenas sobre lar e moda, para ser também um espaço de discussão de beleza feminina. Nesse período, as propagandas não se preocuparam em alterar os padrões consolidados de mulher.

Com os avanços da indústria de cosmético e da química, tais impressos passaram a explorar consideravelmente a beleza e a maquiagem do rosto feminino e a perceber que a capa ideal seria aquela que mostrasse um rosto formoso, feliz e jovial, convidativo às leitoras, com o propósito de que estas reverberassem a imagem, identificando-se com as moças das capas.

Aliado a este fato, em se tratando de Brasil, especificamente, durante o início da década de 60 do século XX, como o país se encontrava em intensa urbanização e industrialização, as atividades produtivas eram postas sob a lógica do capital, inclusive, a imprensa. Nesta perspectiva, a divisão social do trabalho e a diversificação de novos ofícios relacionados ao comércio e ao setor de serviços ampliaram alternativas de emprego e diferenciaram salários entre níveis remunerativos.

A mulher, por sua vez, por fazer compras, administrar o orçamento doméstico e conquistar o espaço público, facultou um direcionamento da publicidade a ela; isso posto, os magazines passaram a se tornar os espaços preferidos para tal comunicação, dada a expectativa de conquistar novos leitores, ou melhor, leitoras, as editoras buscaram redefinir estratégias de publicação e ela passou a ser visualizada como nova consumidora desta sociedade em amplo processo de modernização.

O consumo dos produtos anunciados correspondia ao aspirado “mundo moderno” e a revista, por sua vez, funcionaria como orientadora em vários assuntos: “elegância, beleza,

criação dos filhos, além de ‘obrigações e direitos da mulher em seu mundo íntimo’” (DUARTE, 2005, p. 19). Neste íterim, a publicidade dialogava com as matérias, reafirmando representações de papéis destinados ao mundo feminino, pois a ênfase era posta na responsabilidade com os lares, cônjuges e filhos; havia a permanência de um discurso em que se prevalecia a moral sexual e não se questionavam valores impostos pela Família, Escola, Igreja e Estado.

Paulatinamente, a indústria de bens de consumo duráveis foi se consolidando e, com o processo de modernização ocorrido no período pós-64, houve alterações consideráveis nos diferentes departamentos da produção cultural, sendo notório o crescimento da produção, o desenvolvimento técnico e a qualificação de profissionais, visando à abrangência do mercado consumidor que ora se formava, em razão da industrialização e da urbanização.

Dessa maneira, tal desenvolvimento não foi perceptível somente neste setor, tendo em vista que vários outros também sofreram mudanças: “A partir dos anos 60, em todos os setores culturais o momento é de grandes transformações: um insipiente mercado de bens simbólicos dá lugar à indústria cultural consolidada. Nos anos 70, o país torna-se o sexto mercado fonográfico do mundo e o sétimo em publicidade” (MIRA, 2001, p. 37 e 38).

Como já expressei em outros momentos desta tese, mulheres buscaram, durante os anos de 1960 e 1970, crescimento pessoal, acesso ao mercado de trabalho, autoconfiança, independência financeira, relações conjugais bem sucedidas, as quais deveriam estar associadas à satisfação sexual. Neste sentido, debater essas questões passou a ser recorrente nas revistas femininas; conseqüentemente, temáticas como: o uso de anticoncepcionais, aborto, sexo e sua liberação, sentimento de culpa, moralidade começaram a ser uma constante nos referidos suportes.

A liberação sexual, ora acentuada na década de 60 do século XX, passou à perspectiva de novas probabilidades de libertação, entre as quais, a conjugal, facultando às mulheres direitos legitimados juridicamente, como: a Lei de Nelson Carneiro – a Lei do Divórcio – pelo Congresso Nacional. Nesse íterim, a mulher, por ser predominantemente a responsável pela compra de vários utensílios e eletrodomésticos para o lar, sublinhou-se o olhar dos impressos para atingir esse público leitor / consumidor de uma diversidade de produtos.

O fato de a presença destes anúncios nas revistas femininas associar este público ao consumo sinalizava a perpetuação da representação acerca da imagem direcionada à mulher, fornecendo-lhe a responsabilidade em cuidar da casa, da família e dos filhos. Além disso, ressaltou que o apelo a tais mercadorias estava associado ao momento de crescimento econômico, iniciado ainda na década de 50 do século XX, em que passaram a fazer parte da

vida doméstica eletrodomésticos, como lembrado por uma das depoentes: “Essa coisa de eletrodoméstico da época, eu conheço tudo. Na minha casa teve. Geralmente quase nunca eram novos, zero quilômetro. Porque meu pai era comerciante, então ele já trocava as coisas.”¹⁰⁸

Assim sendo, a amostragem selecionada de propagandas para esta seção alude especificamente a indícios que representam o cotidiano da mulher – quando moça, com o sonho do casamento feliz e da família constituída; quando casada, uma excelente dona de casa habilidosa, cuidadosa, vaidosa; por isso, representada sob o estereótipo de “moderna”, contribuindo com que o público feminino melhor se integrasse à respectiva sociedade, divulgando modos e modas a serem seguidos e, porque não, copiados.

Sobre as representações femininas a / enunciadas pelo suporte como instrumento pedagógico, as prescrições soam, em alguns momentos, de forma contraditória, tendo em vista que era ensinado à mulher, de forma incisiva a ser independente; por conseguinte, fazia também com que ela compreendesse a supremacia da figura masculina.

Este fato foi recordado por uma das depoentes, como salientado a seguir: “Naquela época a mulher moderna era a mulher que trabalhava, era a mulher que, de alguma forma, se insinuava ser independente, porque independente mesmo ela não conseguia ser, porque senão ela era mal vista”¹⁰⁹, ou seja, ela poderia gozar de algumas vantagens e alguns direitos que a redefinição de papéis destinados a ela lhe permitia; contudo, sem extrapolar os limiares impostos socialmente.

Por isso, a representação de “mulher moderna” estava atrelada a uma aparente independência; tendo em vista que, para não ser mal quista, deveria agradar o cônjuge, não o contrariar, surpreendê-lo e preservá-lo por toda a vida. Tal conquista deveria acontecer não somente durante o casamento, mas também durante o namoro e o noivado.

É o que revela, por exemplo, o anúncio (figura 21) de *Noiva Cláudia*, com a mensagem: “Tão importante quanto conquistar o noivo, é mantê-lo conquistado para sempre” (CAPRICHOS, 1969, p. 51) e, para isso, a nubente contaria com o suporte, da mesma editora da *Capricho*, a qual lhe forneceria: informações sobre casamento, noite de núpcias, cuidados com a saúde, como dialogar com o marido, entre outras instruções pré-nupciais necessárias para a manutenção do matrimônio, expressas como obrigatoriedade feminina.

¹⁰⁸ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

¹⁰⁹ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

Figura 21 Anúncio Publicitário da Revista Noiva Cláudia. *Capricho*, edição nº 218, 1969, p. 51.

TÃO IMPORTANTE QUANTO CONQUISTAR O NOIVO É MANTÊ-LO CONQUISTADO PARA SEMPRE

**NOIVA
CLAUDIA**



E, neste particular, Claudia Noiva pode lhe ajudar muito. A nova edição de Claudia Noiva traz vários artigos sobre o casamento, preparação psicológica para a noite de núpcias, necessidade do exame pré-nupcial e de cuidados com sua saúde, como dialogar com seu marido, indicações para sua lua-de-mel. Veja em Claudia Noiva os mais novos modelos de vestidos de noivas. Os conselhos de beleza, as novidades em lingerie. E muitos outros assuntos importantes para quem está se preparando para o casamento. Compre logo o seu exemplar.

ESTÁ EM TÔDAS AS BANCAS.

Fonte: Acervo particular da autora.

Como expresso nas fontes orais, documentais e bibliográficas, as propagandas adotavam a estratégia de convencimento de que os produtos anunciados eram essenciais ao ingresso da mulher ao “mundo moderno”. Partindo-se desse pressuposto, buscavam convencer a leitora para adquirir uma variedade de produtos: além dos utensílios domésticos, artigos relativos à praticidade, bem estar, beleza, por exemplo, ou seja, quaisquer referências que aludissem à vida moderna e que, consequentemente, estaria associada, à representação da “mulher moderna”.

Assim posto, a relação publicidade e leitoras é assinalada pela persuasão para adquirir produtos, cujo instrumento de convencimento adotado para o público leitor girava em torno do fato de que a inserção da leitora ao estereótipo de mulher moderna dar-se-ia com a obtenção de bens de consumo, os quais prometiam beleza, bem-estar, praticidade, agilidade, conforto, segurança, entre outras vantagens.

Anúncios constantes de ferro elétrico, máquina de lavar, batedeira, liquidificador, aspirador de pó, entre outras necessidades, passaram a ser acentuados, ambicionados e consumidos pelo perfil feminino que ora se firmava, cuja aquisição não apenas facilitaria a vida da nova dona de casa, mas também forneceria a ela mais tempo para se dedicar à família, conforme ilustrado na figura 22, que retrata uma propaganda do Motor Elétrico Arno, denotando que a costura, por si só, já seria uma habilidade feminina. E, por isso, o instrumental seria a elas de grande valia, como recordado por uma das normalistas:

Máquina de costura... Motor elétrico Arno... E a minha máquina eu fui comprar mesmo, quando eu já estava na Universidade. Meu primeiro salário de professora do município, em 77, eu comprei minha máquina. [...]. Essa aqui era uma máquina que minha avó tinha e eu usava... Era mais ou menos desse modelo aqui. Tinha motor! No começo, não tinha, só depois foi que botou o motor¹¹⁰.

O motor elétrico, referenciado no anúncio, possibilitaria à dona de casa “mais tempo livre para dedicar a seus filhos! Para cuidar de seu lar!”, contudo jamais para pensar no bem-estar dela mesma. A imagem feminina expressa na ilustração revela como deveria ser a representação da dona de casa: bem arrumada, de unhas bem feitas, bem maquiada, feliz, satisfeita, pensando em sua total dedicação aos filhos e cosendo em uma máquina de costura com o motor elétrico Arno, com todas as vantagens oferecidas apenas por ele.

¹¹⁰ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

Figura 22 Anúncio Publicitário do Motor Elétrico Arno. *Capricho*, edição nº 103, 1960, p. 12.

mais tempo livre...

para dedicar a seus filhos!
para cuidar de seu lar!

MOTOR ELÉTRICO
ARNO

- o complemento indispensável para sua máquina de costura

Rende mais em menos tempo! Com Motor ARNO, em sua máquina, V. trabalha numa velocidade nunca alcançada pelo pedal - V. costura com muito mais facilidade e conforto, sem esforço e sem dor nas pernas! E, assim, V. faz qualquer vestido, em muito menos tempo!

Veja por que ARNO é melhor!

Motor Universal - Gasta menos energia que uma lâmpada comum. Não precisa de lubrificação!

Regulagem de velocidade - A um simples toque de botão, começa a trabalhar na velocidade que V. deseja, com aceleração sempre suave, sem solavancos!

Farol com lâmpada fixado na máquina - Luz abundante na área da agulha. Não trepida, não faz sombra, não cansa a vista! V. vê melhor a costura!

Trilho universal - Adaptável a qualquer máquina de costura. O motor pode ser colocado sobre o trilho em várias posições, adequadas às diversas marcas de máquinas.

Se V. é costureira, veja como ARNO lhe ajuda: Trabalhando o mesmo número de horas que trabalha normalmente, V. costura um número de peças muito maior, sem cansaço e sem esforço.

GRÁTIS! Mande-nos este cupão e receba o útil folheto "Conheça bem o motor de sua máquina de costura".

À ARNO S. A. - INDÚSTRIA E COMÉRCIO - C. P., 8.217 - S. Paulo
Mandem-me grátis o folheto ilustrado "Conheça bem o motor de sua máquina de costura".

NOME
RUA N.º
CIDADE ESTADO

Fonte: Acervo particular da autora.

Entendo que ao rito da mulher professora, ela precisaria também se instrumentalizar com os “equipamentos” que a legitimariam ao mundo “moderno”.

Na seção destinada a dicas e a conselhos para os bebês – “Conselhos infantis para êste mês” – havia indicações de uma conselheira da linha *Johnson e Johnson* para cuidados essenciais ao enxugar o rosto do bebê, como brincar, limpar suas roupas e da necessidade de a criança precisar de confiança e de incentivo e, ao lado dessa matéria, propagandas do talco e de cotonetes da referida linha. Em destaque, a imagem de um bebê e a frase: “Um bebê Johnson é um bebê feliz”.

Diante disso, é possível deduzir também que àquelas solteiras, noivas, ou que, apesar de casadas, ainda não tinham filhos, tal espaço serviria como um preparativo para o legado destinado culturalmente à mulher – a maternidade, independentemente de ser dona de casa, ou uma profissional que exercia seu ofício no espaço público, ou privado, pois o ato de ter filhos estava associado a um compromisso social, efetivado com o casamento – temática recorrente em todas as revistas analisadas, nas quais traziam não somente reportagens, ou contos sobre esse assunto, mas também anúncios publicitários incisivos, cujo matrimônio era focalizado como prática essencial na vida cotidiana feminina, em que a esposa ideal seria aquela que:

[...] não criticava, que evitava comentários desfavoráveis, a que se vestisse sobriamente, a que limitasse passeios quando o marido estivesse ausente, a que não fosse muito vaidosa nem provocasse ciúme no marido. Mas era fundamental que ela cuidasse de sua boa aparência: embelezar-se era uma obrigação [...]. Jamais discutir por questões de dinheiro, aliás, o melhor era não discutir por nada. A boa companheira integrava-se às opiniões do marido, agradando-o sempre (PRIORE, 2006, p. 292).

Partindo-se deste pressuposto, as propagandas direcionavam seus discursos, buscando atingir ao padrão ideal de esposa, tal como se pode averiguar no anúncio ilustrado na figura 23 que referencia “Um dia na vida de uma jovem mamãe”, cujo objetivo seria utilizar o absorvente Modess Pétala Branca, denotando que Valéria, uma mulher exemplar em todos os aspectos – esposa dedicada, mamãe carinhosa, dona de casa cuidadosa e moderna, amiga atenciosa, não se deixava abater em seu dia a dia, simplesmente, por saber bem escolher o seu parceiro: absorvente Modess Pétala Branca.

A persuasão para a melhor escolha quando se está menstruada, vocabulário, aliás, não adotado em nenhuma das revistas analisadas em ambas as décadas –substituído pela expressão “aqueles dias”, é posta em um pequeno filme, retratando o cotidiano de uma jovem mamãe, que não deixa de realizar nenhuma de suas atribuições cotidianas – cuidar do filho, ir

à feira, reunir-se com as amigas para um chá em sua casa, realizar as tarefas domésticas e, à noite, ir com o marido ao cinema, após deixar o filho com a avó.

A propaganda sobre o absorvente proporciona a compreensão de que o dia a dia de Valéria era muito feliz e, além disso, ela se sentia segura em realizar todas as suas atribuições de forma confortável, sem se preocupar com a escolha de suas roupas, ou com a realização de suas atividades por estar “naqueles dias”, pois Modess “Pétala Branca” proporcionava “tranquilidade e despreocupação”.

Outro ponto enfatizado é que após o banho, “ela volta a ter uma aparência descansada”, posto que o referido absorvente era “mais prático e higiênico! Nada para lavar...”. Com certeza, referindo-se às toalhinhas muito usadas ainda pelas mulheres – talvez em razão de os absorventes serem caros e, por isso, pouco acessíveis.

Assim, as mulheres que adiriam ao Modess “Pétala Branca” seriam as inseridas a um público consumidor específico e, portanto, no compito do universo de mulheres modernas. Diante disso, a Pedagogia deste anúncio permite entender que as consumidoras do Modess “Pétala Branca” eram donas de casa que davam conta de suas atribuições: “Dia de feira! Ela sai bem cedo, disposta [...]”; são doces: “Gentil, recebe as amigas para o chá”; estavam inseridas no universo das novidades do lar: “Em sua casa tudo é moderno. Mulher prática, também exige o melhor para seu conforto [...]”. E, mesmo após um dia agitado, em que se dedicou ao filho, fez feira, cuidou da casa, fez comida, serviu chá às amigas, ainda encontrava disposição para um programa a dois: “A vovó ficará com o bebê. Valéria e o marido irão ao cinema [...]” (CAPRICHIO, 1964, p. 12).

Valéria, posta como estereótipo da mulher ideal para os padrões exigidos nos anos 1960, aceitou o uso do Modess “Pétala Branca” com muita facilidade, servindo de ensinamento às leitoras para que apreendessem com ela, uma jovem mamãe, a apropriarem-se de seu cotidiano para terem uma vida em tom de conformidade, porém, com ar de felicidade e completude como a dela, em relação ao comportamento materno, conjugal, na administração com o lar, no trato com as amigas e, em especial, na escolha do que a fazia sentir-se melhor no cotidiano para ter toda esta harmonia: o uso do absorvente da *Johnson e Johnson*, não relaxando da aparência, mantendo-se sempre atenta e solícita aos anseios de seu cônjuge.

Figura 23 Anúncio Publicitário do Absorvente Modess “Pétala Branca”. *Capricho*, edição nº 150, 1964, p. 12.

Um dia na vida DE UMA JOVEM MAMÃE

VALÉRIA, UMA JOVEM
DONA DE CASA, JÁ É MAMÃE.





O DIA DE UMA
DONA DE CASA
COMEÇA BEM
CEDO. APÓS O
BANHO DO BEBÊ,
AS TAREFAS
SE SUCEDEM:
PREPARAR
MAMADEIRAS,
ARRUMAR A
CASA, PLANEJAR
AS REFEIÇÕES...



Dia de feirinha! Ela sai bem cedo, disposta, não deixando que “aqueles dias” interfiram em suas atividades. Sabe que a superabsorvência de Modess “Pétala Macia” oferece a maior segurança!



Gentil, recebe as amigas para o chá. Não se preocupa com o tipo de “toilette” a usar, pois Modess “Pétala Macia” não se deixa notar, mesmo sob os vestidos mais justos.



Em sua casa tudo é moderno. Mulher prática, também exige o melhor para seu conforto íntimo. Modess “Pétala Macia” é leve, macia, dá completa liberdade de movimentos... e custa menos do que um vidrinho de esmalte!

Um dia bem movimentado; mas, após o banho, Valéria volta a ter uma aparência descansada. Ela usa o absorvente Modess “Pétala Macia”... tão mais prático e higiênico! Nada para lavar...





A vovó ficará com o bebê. Valéria e o marido irão ao cinema. Sua tranquilidade estará assegurada por Modess “Pétala Macia”... a melhor proteção higiênica para a mulher moderna!

“NAQUELES DIAS” A SEGURANÇA E O CONFORTO DE MODESS, O ÚNICO QUE TEM A COBERTURA AVELUDADA “PÉTALA MACIA”, SÃO MUITO IMPORTANTES, PROPORCIONANDO TRANQUILIDADE E DESPREOCUPAÇÃO. E AGORA, MODESS COM “PÉTALA MACIA” OU COM COBERTURA DE GAZE SÃO ENCONTRADOS COM DESODORANTE – MAIS UM APERFEIÇOAMENTO FEITO PARA V. I.

Johnson & Johnson

A LIBÉLULA

(continuação da pág. anterior)

poucos mas graciosos móveis da sala, sobre o tapete e o abajur debaixo do qual Mieta tinha reunido as lições que quase havia terminado de corrigir. Gostava que Henrique não a tratasse por mamãe e sim por Mi, diminutivo de Mieta, que por sua vez o era de Marieta. Era uma tolice, mas que os fazia parecer irmãos e não mãe e filho, tanto mais que Henrique já tinha cinco anos e Mieta apenas vinte e quatro. Finalmente, gostava muito de ficar fumando um cigarro depois de um dia de trabalho, enquanto Mieta terminava de corrigir as lições ou cerzia as meias do filhinho. Em geral, falavam do passado, de quando eram colegas da Universidade, ela, no primeiro ano de Arquitetura e ele, no quarto ano. Mieta ainda não se casara, não ficara viúva e apenas as ambições artísticas e profissionais enchiam-lhe a vida. Tinham sido colegas por pouco tempo, menos de um ano. Porém, Miguel jamais esquecera aquele período.

Voltando do quarto do menino, ela viu-o pensativo:

— Tem alguma preocupação? — indagou.

— Nada de particular — disse ele sacudindo os ombros. — Estava pensando no passado.

Viu-a tomar o maço de lições com as longas mãos brancas, prendê-lo com um elástico e colocá-lo na grande bolsa que no dia seguinte levaria para a escola. Quando, por fim, ela sentou-se e tomou um cigarro, Miguel apressou-se em acendê-lo.

— Sabe o que eu pensava? — disse depois. — Que você ainda é muitíssimo jovem e bonita... Sem perceber, naturalmente, ainda espera...

— O quê? — interrompeu-o ela.
— Que lhe aconteça alguma coisa, uma coisa agradável... Não compreende? Sua vida apenas começou...

Mieta fez cair a cinza no cinzeiro com um golpe seco.

— Que espécie de conversa séria é essa? Que há com você?

Miguel não respondeu. Em pensamento, reviu-a radiosa de felicidade há seis anos, no dia do seu casamento. Deixara tudo de lado: a Universidade, a Arquitetura, os conselhos dele, Miguel, que até o momento haviam sido seguidos sem discussão. Deixara de lado a opinião da família: duas tias que a tinham criado como filha e que eram contrárias ao seu casamento com Pedro, depois de apenas três meses de namoro.

Tinha sido amor à primeira vista e é preciso convir que havia motivo para vi-

(continua na página 117)

Fonte: Acervo particular da autora.

O apelo à inserção da leitora à modernidade esteve presente em grande parte dos anúncios averiguados. Um deles (figura 24) expressou, com propriedade, a fase de transição entre os dois mundos – o da mulher não inserida no mundo moderno e o daquela que já fazia parte deste universo, revelando os benefícios deste.

Tal discurso dialogou de forma vinculada à imagem feminina presente no referido anúncio – metade em preto e branco e a outra, em cores. A primeira parte associada à mulher não inserida aos tempos modernos e, portanto, à fração feminina, conforme enunciado, que não comprou a Nova Arno; a outra, em cores, ao outro grupo de mulheres, coincidente, na imagem, também à localização da enceradeira.

A propaganda da Nova Arno evidenciou que uma parcela considerável da população já havia aderido ao consumo de bens duráveis e, em especial, que, praticamente, metade das donas de casa já havia comprado as novas enceradeiras Arno e, além disso, estavam satisfeitas com a aquisição, por oferecer vantagens que as enceradeiras antigas não apresentavam.

Interessante perceber também que um elemento sugestivo de transformação: as mulheres que não estavam no mundo moderno iriam brevemente fazer parte dele – fato identificado pela mão da mulher que está passando por uma transição do preto e branco para o colorido e é este o braço que segura a enceradeira associado ao discurso: “Compre uma Nova Arno – e logo chegará sua vez de elogiar...” (CAPRICHIO, 1964, p. 81).

Este anúncio permite perceber que somente as mulheres dotadas de bens de consumo oferecidos pelo mundo moderno podiam elogiar as vantagens e o conforto oferecido às donas de casa – prova disso é a comparação feita entre a enceradeira Arno e as outras, antigas e, por isso, inadequadas ao padrão do mundo moderno. Ao afirmar que o cabo não cai, não trepida, é mais leve e mais silenciosa, presume-se que todas as outras são contrárias e, por isso, ineficazes.

Nesta publicidade, os espaços público e privado ocupados pela mulher estão no limiar, chegando, por ora, a se confundirem. Por esta razão, evidencio, mais uma vez, um convite à inserção ao mundo do consumo, da praticidade e a chamada às donas de casa, sempre bem vestidas, satisfeitas e felizes com o legado a elas destinado: administrar o lar, agora, com conforto, rapidez e praticidade, mas sem se descuidar de sua aparência: era essencial estar bela e de bom humor para receber seu marido; a casa, por sua vez, deveria ser um lugar aconchegante e confortável, em que o marido precisava sentir-se bem e feliz.

Figura 24 Anúncio Publicitário da Enceradeira Nova Arno. *Capricho*, edição nº 150, 1964, p. 81.

**Metade
das donas
de casa
usa Arno**

Pergunte de casa em casa, se quiser.
Em cada 100 mulheres que possuem enceradeira,
pelo menos 48 dirão: "Eu tenho Arno".
Por que será? Porque as donas de casa sabem
que a Nova Arno raspa, encera, lustra e dá brilho
com uma única escôva — é muito mais prático.
Porque é mais fácil de manejar.
Porque tem haste dupla. O cabo não cai, nem a
escôva fica trepidando. Porque a Nova Arno
é mais leve, mais silenciosa. Chega de elogios!
Compre uma Nova Arno — e logo chegará
sua vez de elogiar...

**ENCERADEIRA
NOVA ARNO**

supor

Fonte: Acervo particular da autora.

A propaganda da máquina de lavar Bendix Pekina, por sua vez, apresentou um anúncio que funcionava como um verdadeiro manual de ensinamento às mulheres, para convencer os maridos “seguros” a conquistar a anuência deles para a compra da mercadoria, propiciando o entendimento de que o controle financeiro da família ainda recaía para os homens, cabendo a estes a decisão do que seria útil, ou não, fazer parte do lar. Por esta razão, a ênfase na economia de tempo para realizar tarefas, cujo tempo livre seria dedicado ao marido e aos filhos, além de um discurso direcionado para praticidade, economia, felicidade e harmonia a favor da família. Nesse anúncio, especificamente, ilustrado na figura 25, no destaque, a informação: “Se o seu marido acha que as máquinas de lavar roupas são absurdamente caras, mostre-lhe este anúncio da Bendix Pekina” (CAPRICHIO, 1966, p. 44).

No lado esquerdo, a imagem de um terno, com o bolso preso a um cadeado denotou a figura de um homem somítico, econômico. Assim, a missão da esposa seria, com o uso de estratégias e táticas, saber conversar com ele e mostrar-lhe todas as vantagens da referida máquina para persuadi-lo a comprar. Relevante a maneira como a dona de casa é instruída a travar um diálogo com o cônjuge, a fim de convencê-lo sobre a importância do eletrodoméstico e, por conseguinte, a simulação de um diálogo entre esposa e marido, em que ela deveria apresentar a ele toda a modernidade da máquina, demonstrando, inclusive, a funcionalidade de cada uma das partes do aparelho.

No começo, as aparentes respostas eram em tom de desconfiança. Até que, ao chegar ao último diálogo, demonstraram haver um convencimento para comprar a máquina de lavar. Diante disso, a leitora / consumidora depreenderia que, com parcimônia e informação, conseguiria condicionar o cônjuge a adquirir a tão sonhada máquina de lavar, pois, apesar de o dinheiro ser dele, dependeria unicamente dela convencê-lo.

Após ensinar à mulher a conquistar a confiança do marido, explicitou as condições de pagamento para efetivação da compra. Assim sendo, é inegável como a publicidade, assim como as revistas, de uma forma geral:

Buscam, na medida do possível, refletir um aparente consenso social, ou melhor, as idéias dominantes sobre o masculino, o feminino e as relações homem-mulher. Assim, elas também são espaços onde as relações sociais, com sua distribuição de poder, se estabelecem, são produzidas, reforçadas e reproduzidas (BASSANEZI, 1996, p. 15).

Noto como este e outros anúncios revelaram indícios, não apenas da publicidade em si, mas também de normas e de instruções a suas leitoras, incutindo, portanto, uma Pedagogia de Fotonovelas, com reverberação de valores, atitudes e comportamentos.

Figura 25 Anúncio Publicitário da Máquina de Lavar Bendix Pekina. *Capricho*, edição nº 176, 1966, p. 44.

Se o seu marido acha que as máquinas de lavar roupa são absurdamente caras, mostre-lhe este anúncio da Bendix Pekina.



Finalmente, uma boa máquina de lavar roupa a preço económico, meu bem! É o preço mais barato do Brasil!
Bah!

Olhe, aqui dentro cabem três quilos de roupa de cada vez. O sistema de lavar da Bendix Pekina é perfeito!
O do tanque também, não?

Veja como é simples lavar. Enche-se de água, liga-se este botão e pronto. Depois de algum tempo, deixa-se a água escorrer, enxagua-se com putra água, deixa-se escorrer de novo e pronto.
Hmmm.

Bem... um pouquinho de eletricidade sempre é necessário. Mas dizem que o motor da Bendix Pekina é de baixíssimo consumo.
O que é que você entende disso?

Para seu funcionamento, basta uma torneira e uma tomada. Facilma de instalar. Que gastar água, que nada! No tanque gasta-se mais!

Esse é o rôlo secador. Não consome eletricidade, não. Eu mesma o movimento. Baratinho, não?
Hmmm.

Olhe que beleza de construção, meu bem. A Pekina é ultra-reforçada. Foi feita para durar a vida inteira e não ocupa quase nenhum espaço.
Bem...

Custa menos de 20 mil cruzeiros mensais. Obviamente, os planos de venda variam de revendedor para revendedor, dependendo do prazo de pagamento.

Passe um lápis vermelho nas linhas pontilhadas. Se nem assim o seu marido se convencer, tente comovê-lo com lágrimas. Em último caso, ameace voltar para a casa da mamãe.

BENDIX
Produto da Bendix Home Appliances do Brasil S.A. - sob licença da Philco Corporation.
Bendix lava ainda melhor com **WVA**.



Fonte: Acervo particular da autora.

As chamadas para propagandas de eletrodomésticos coincidiram com o momento de acelerado crescimento da economia e convidavam as leitoras a adentrarem ao universo do consumo das novidades facilitadoras para a vida das donas de casa.

Houve também, nas edições analisadas, um aumento significativo de propagandas de outras revistas femininas da Abril: *Cláudia*, *Carícia*, *Nova*, *Manequim* e *Pop*, além de outras indicações da mesma editora: *Biblioteca das Crianças*, *Clássicos Modernos* e *Os Pensadores*.

Entre tais anúncios, realço um (figura 26) que sugeria às leitoras adquirir, além da *Capricho*, outras revistas de fotonovelas, enunciando que os melhores enredos do mundo estavam na Editora Abril.

No centro desta propaganda, a imagem de uma jovem, de forma bem descontraída – deitada, descalça e concentrada –, com uma *Capricho* na mão, indicava leitura e, ao lado dela, um exemplar de *Ilusão*, *Supernovelas*, *Noturno* e *Contigo*, ou seja, as revistas da Abril que também publicavam fotonovelas.

Este anúncio revelou que as instruções estavam direcionadas não apenas às solteiras, noivas, mas também às casadas, reverberando o fato de que a leitura de fotonovelas era extensiva ao universo feminino, independentemente de seu estado civil, como relatou uma depoente: “Lá em casa, eu não precisava esconder. Minha mãe também era uma leitora de fotonovela¹¹¹”.

Nesta metalinguagem, o convite às leitoras da *Capricho* a realizarem também leituras de outras revistas de fotonovelas, pois todas elas teriam a legitimidade da mesma editora: “Você gosta, exige e merece o melhor entretenimento. Por isso, nós escolhemos e publicamos...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 88), enfatizando uma prática de leitura muito comum pelo público feminino, além da diversidade de opções de escolhas.

¹¹¹ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

Figura 26 Propaganda da Abril de revistas de Fotonovelas. *Capricho*, edição nº 271, 1971, p. 88.

Você gosta, exige e merece
o melhor entretenimento.
Por isso, nós escolhemos e publicamos...



**AS MELHORES
FOTONOVELAS
DO MUNDO!**

EDITORA ABRIL



Fonte: Acervo particular da autora.

Outros temas não abordados abertamente durante a década de 60 do século XX, como testes de gravidez, por exemplo, passaram a estar presentes em diferentes edições no decorrer da década seguinte, consoante figura 27, cujo anúncio abordava elementos que interessariam à mulher da década de 70 do século XX e eram bastante recorrentes na publicidade deste período: economia, praticidade, comodidade e elegância: “Em 20 segundos, sem sair de sua casa, V. fará o seu próprio teste de gravidez: Twentisec” (CAPRICHIO, 1971b, p. 04).

Neste anúncio, a imagem sombria em preto e branco de uma jovem, com ar preocupado, demonstrando que a problemática da gravidez fora do casamento era da mulher e denegria a imagem dela; apesar de a criança não ser gerada apenas por ela; por conseguinte, em momento algum, referiu-se ao homem, expôs a imagem de um casal, apenas aludiu à mulher como única responsável e prejudicada em um “ato impensado”.

Em “Gravidez... sim ou não?”, assim como o discurso foi direcionado à mulher, associando ser este um assunto de preocupação e ansiedade feminina e abstendo o homem desta responsabilidade, verifiquei também anúncios de testes de gravidez de outras empresas em outras edições e todos eles assemelhavam-se a este, ou seja, nenhum deles fez menção à imagem masculina, como assegurado por Unitest, ao declarar: “O ‘teste da certeza’ com UNITEST é de execução sumamente simples, cômoda e econômica, sendo apresentado em elegantes estojos contendo instruções detalhadas sobre o seu uso” (CAPRICHIO, 1974, p. 73).

Referente a esta temática, não localizei menções sobre testes de gravidez em nenhuma das revistas analisadas nos anos 1960, diferentemente dos impressos da década seguinte, em que todos eles traziam alguma publicidade sobre testes como estes, denotando a liberação sexual então em voga.

Figura 27 Propaganda de Teste de gravidez. *Capricho*, edição nº 281, 1971, p. 4.

gravidez... sim ou não?

Em 20 segundos, sem sair de sua casa,
V. fará o seu próprio teste de gravidez:

TwentiseC

- ★ segurança absoluta.
- ★ simples e econômico.
- ★ largamente usado na Europa e nos Estados Unidos. AGORA NO BRASIL.
- ★ único teste rápido existente no mundo que é feito em casa pela própria mulher.

Apresentado em
estojo com 2 testes.

TWENTISEC (diga tuentisseque)
Procure nas farmácias e drogarias.

fabricado nos Estados Unidos por
JULIUS SCHMID INC. New York

Fonte: Acervo particular da autora.

Na década de 1970 do século XX, o foco direcionou a mulher moderna àquela representação de autônoma, habilidosa e criativa, como que tinha autonomia, habilidade, criatividade no cotidiano: “Você pode reformar o enxoval de sua casa sem ter que comprar nada” (CAPRICHOS, 1971a, p. 71).

Outra propaganda de sala de jantar ratificava: “Helen. Tentação que custa pouco” (CAPRICHOS, 1974, p. 74), e a ilustração de um ambiente modesto, cujo anúncio não mais focalizava a imagem da mulher que adquirisse o produto seria sinônimo de moderna, como o discurso dos anúncios da década anterior; nesta página publicitária, a mulher seria convencida a comprar Helen por ser prática, funcional e pelo baixo custo: “Leve Helen para casa. Se não for por uma simples questão de bom gosto, pense ao menos na economia que você vai fazer” (CAPRICHOS, 1974, p. 74).

Anúncios de produtos e acessórios que asseguravam tornar a mulher mais bela e sensual também lotaram as páginas da *Capricho*, prometendo à leitora busto mais firme, corpo mais delineado, cosméticos para rejuvenescimento, pele oleosa; complexos vitamínicos, entre outras vantagens oferecidas à beleza feminina, como expressa uma leitora que chegou a adquirir um desses produtos que prometiam milagres:

Eu comprei esse produto que tinha propaganda na revista. Vinham dois líquidos que você passava no seio, e tinha um negócio como desentupidor de pia, sabe? Uma borracha que vinha e você ficava dando fricção no peito para ele crescer. Não adiantou nada (Risos). Eu tentei. (Risos). Eu tentei¹¹².

Seriam estas algumas das possibilidades de convencimento para comprar um produto na década de 70, cujas necessidades, em diferentes aspectos da vida do indivíduo, alteram-se com o passar do tempo, considerando-se que:

A vivência da temporalidade tem importância no desenvolvimento humano, pois através dela conseguimos articular e interagir com os vários campos de significado que participam de nossa construção como indivíduos e nos regulam em nossas ações e comportamentos (BORGES, 2008, p. 75).

Evidencio, por fim, que Scalzo (2011) afirma haver um indicativo de proporcionalidade, indicando que o percentual adequado entre anúncios e material editorial, considerando-se um bom impresso, deve estar na seguinte média: cerca de 20% a 40%, para propagandas; e cerca de 60% e 80% para material editorial – parâmetro, inclusive, presente nas *Caprichos* analisadas.

¹¹² Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE .

Assim sendo, que os anúncios publicitários, além da função prescritiva e de outros atributos, eles tiveram também, no período em que está situado este objeto de estudo, contribuição significativa para manter revistas em circulação. Dessa forma, mais do que acentuar uma ligação entre publicidade em *Capricho* e espaço doméstico, enfatizo a associação entre mulher, lar e consumo.

5.2 PEDAGOGIA DE FOTONOVelas NO DISCURSO PUBLICITÁRIO

Razões diversas fizeram a revista adentrar ao cotidiano feminino e, de forma concomitante, atraiu o interesse de muitas mulheres por tal veículo de comunicação, por apresentar uma linguagem de fácil acesso e, por esse motivo, ela podia ser entendida como uma leitura associada a momentos de repouso e de lazer, após um dia de atividades, em especial, afazeres domésticos, uma vez que podiam ser retomadas facilmente a qualquer momento e não exigiam tanta concentração, possibilitando conciliá-las às atividades laborais, sem abdicar de nenhuma delas.

Diante disso, “a publicidade influencia a revista não apenas no seu conteúdo, mas também no formato, especialmente na padronização da página e no uso da cor, vantagem que a revista terá sobre seus concorrentes até o advento da televisão em cores nos anos 60” (MIRA, 2001, p. 10 e 11).

Neste sentido, o fato de apresentar leituras de fácil entendimento, simples manuseio, abordagem temática associada a interesses inerentes à mulher, tais como: novidades de moda, dicas, receitas, conselhos, notícias e anedotas, construíam, de certa maneira, a representação de um “eu” ideal.

À mulher casada, especificamente, os anúncios publicitários buscavam atraí-las também, e principalmente, com as novidades para o lar, uma vez que propagandas de eletrodomésticos prescreviam anúncios, que direcionavam a dona de casa, não apenas para preocupar-se com os cuidados pessoais, mas também, para atentar-se ao lar, às oportunidades que favoreceriam o bem estar da família, otimização do tempo livre, adequação à modernidade e ampliação das oportunidades e formas de consumo.

A publicidade, presente nos impressos femininos, também demonstrou contribuir para a “pedagogização” da mulher, buscando revelar, a partir do diálogo entre os textos verbais e iconográficos, a representação de um ideal de vida moderna como mola propulsora para a “apropriação consumista”, ainda que não explicitado em todas as propagandas, mas que

reverberaram representações acerca da “mulher moderna”, tal como recordou uma das depoentes:

Meu modelo de mulher era a mulher moderna, a mulher que trabalhava, é a mulher da revista. Tinha uma mulher que morava lá na rua que ela não andava como minha mãe, chulezenta¹¹³. Ela andava sempre prontinha, sempre elegantinha, sempre cheirosinha, entendeu?¹¹⁴

De acordo com o relato dessa leitora, o modelo de “mulher moderna” guardado em suas memórias está em consonância com as imagens femininas (re) apresentadas não apenas nos anúncios, mas em todos os elementos e seções da revista.

Na publicidade, de forma especial, percebi que a Pedagogia de Fotonovelas direcionou a prescrições para um discurso construído, considerando-se os elementos de subjetividade feminina; e as imagens, não como interpretações prontas, acabadas, mas sim, como possibilidades de representações, tal como sublinhou Cunha (1999, p. 51): “A linguagem das disposições tipográficas pode dar uma organização mais ou menos clara à leitura. Isso nunca escapa aos leitores”.

Neste sentido, as campanhas publicitárias foram salutareis para integrar o mundo feminino à sociedade urbana, anunciando modas, modos, mundos a serem adotados como parâmetros reveladores de informações, inovações da vida moderna e urbanizada, oferecendo às leitoras de fotonovelas uma “janela para o mundo” de sonhos para além da realidade vivenciada.

No decurso das análises, a publicidade revelou também ter professado o papel de dispositivo pedagógico da mídia, anunciando produtos, ao tempo em que enunciava representações femininas, as quais eram reverberadas pelo público leitor e consumidor dos referidos impressos.

¹¹³ Sem vaidades, à toa.

¹¹⁴ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

6 ENREDANDO HISTÓRIAS: A PEDAGOGIA DE FOTONOVelas NAS TRAMAS

6.1 IMPRESSOS FEMININOS: PÁGINAS QUE TRANSITAM PARA A FORMAÇÃO DA MULHER “MODERNA”

A partir dos elementos constitutivos das seções da revista feminina, depreendo que, posta como objeto cultural, obteve grande circulação e aceitação por seu público leitor, representando um suporte significativo de representações e reverberações, consoante parâmetros da Pedagogia defendida por esta tese.

Vidal (2005, p. 62) afirma que “a formalidade das práticas impunha reconhecer a importância da consideração acerca dos bens culturais distribuídos na sociedade [...]”. Durante as décadas de 60 e 70 do século XX, houve um crescimento significativo no comércio de revistas destinadas a mulheres e que não as tratavam somente como donas de casa e mães, mas também profissionais, que almejavam concretizar sonhos e se legitimarem no mercado de trabalho, como recordado por Mira ao abordar sobre os índices de produção de revistas: “A indústria de revistas também dobra sua produção entre 1960 e 1975, saltando de 104 para 202 milhões de exemplares” (MIRA, 2001, p. 37 e 38).

Por conseguinte, em razão da conjuntura histórica, as revistas femininas passaram, neste momento, por uma dupla censura: a do regime militar e a das famílias. Para uma das depoentes, este foi um período marcado por contradições, apesar de ser recordado com boas lembranças:

Era uma época muito boa, muito boa, sim. Parecia não correr tanto contra o tempo. [...]. Acho que naquela época a gente aproveitava mais, a época era mais tranquila. Só tinha uma coisa que a gente tinha muito medo na época que era a questão dos movimentos estudantis por conta da Ditadura Militar. Eu tinha muito medo, inclusive, não saía da escola, não pegava ônibus, porque eu tinha muito medo do afrontamento, de violência, que tinha alguns alunos que gostavam de fazer agitações e a gente tinha medo de ser pego pela polícia, de entrar em confronto e aí a gente ficava todo mundo quietinho, dentro da escola, por conta disso. O medo que tinha era por conta do movimento militar, os estudantes que faziam manifestações na rua geralmente iam presos, apanhavam, e tal... E aí a gente tinha muito medo, muito medo mesmo. Eu me lembro muito bem disso: sair pela rua, com grupinho assim, tinha medo, mas outra coisa...¹¹⁵

¹¹⁵ Cf.: MOTA, Genivalda Gonzaga da. Depoimento concedido em 03 ago. 2007. Aracaju-SE.

Evidencio, contudo, que as retomadas ao passado tendem a pô-lo como tempos melhores, em que os fatos aconteciam harmônica e perfeitamente; assim sendo, é possível compreender o porquê de as leitoras reverberarem de forma tão positiva o período em que foram alunas no IERB, como também atestou outra depoente:

As minhas lembranças são todas boas, eu não tenho nada de ruim para falar da Escola Normal. Sempre gostei de lá. Achava bonita a farda, que era aquela que era franzidinha na cintura, saíha de prega, gostava dos professores, de todos. Nunca tive problemas com ninguém, nem com colega, nem com aluno, nem com ninguém. Sempre fui bem com todo mundo lá¹¹⁶.

É fundamental pensar acerca de questões como estas, posto que, apesar de também haver aspectos negativos presenciados pelas normalistas, a maioria delas foi levada pela emoção e insistiram em afirmar que “naquele tempo” tudo era diferente, melhor que nos dias atuais.

Dessa forma, evidencio que o saudosismo nas memórias perpassa a consciência temporal e a maneira de conceber e vivenciar o tempo não implica condições biológicas, ou metafísicas, mas sim, sociais e culturais.

A censura de Estado coibiu acesso às histórias que remetessem ao governo, que aludissem ao regime socialista; a censura no meio familiar ocorria em relação às temáticas que direcionasse a comunidade leitora à descoberta da libido, entre outras temáticas consideradas ofensivas à moral da família; por isso, “muitos pais não permitiam que suas filhas lessem aquele tipo de publicação, considerada vulgar e pouco educativa, conhecida popularmente como ‘revista de empregada doméstica’” (SCALZO, 2011, p. 90).

Esse momento, permeado por alterações sociais, culturais e comportamentais, foi de grande valia no processo de emancipação da mulher, contribuindo significativamente para a reestruturação do espaço público ocupado por elas, como atestado adiante:

Dessa maneira, a emancipação feminina é dada fundamentalmente como uma questão que passa por dimensões sócio-econômicas do período e não como um debate em torno de questões específicas sobre a condição da mulher, como a sexualidade, a maternidade, a contracepção e questões outras que ficam subsumidas em meio aos problemas gerais da sociedade e à luta das mulheres trabalhadoras (MANINI, 1995 / 1996, p. 51).

O público feminino melhor se consolidou em empregos formais, em universidades, organizou movimentos para expressar suas opiniões, como: a Marcha da Família com Deus

¹¹⁶ Cf.: MENESES, Maria Anete Nunes de. Depoimento concedido em 08 jan. 2008. Aracaju-SE.

pela Liberdade, a Passeata dos 100 mil, Marchas da “panela vazia”, entre outras manifestações¹¹⁷, buscando questionar publicamente, sob parâmetros políticos, problemáticas consideradas inerentes à esfera privada, ou seja, à mulher, entre os quais: maternidade, sexualidade, diferenças salariais, violência, elevado custo de vida, entre outras questões, evidenciando, assim “uma situação de discriminação dentro de uma cultura masculina, denunciando, além de desigualdades legais em relação ao homem, uma diferença cultural que desvaloriza a figura feminina mesmo nas relações mais íntimas e cotidianas” (MANINI, 1995 / 1996, p. 45 – 46).

No caso de suportes específicos, a leitura de determinada revista conformava sua comunidade leitora para a prática de ritos peculiares, consoante à pedagogia que lhe era instruída para atitudes, comportamentos e pensamentos comuns. Neste sentido, a funcionalidade do impresso é superior ao que aparentemente demonstra ser, posto que não apenas transmite notícias, mas também educa e entretém seus leitores, tendo em vista que:

[...] as revistas vieram para ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores. Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (as “notícias quentes”) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática) (SCALZO, 2011, p. 14).

Ratifico ainda a importância da materialidade das revistas, cujo formato é uma das maneiras de tornar tal impresso mais atrativo do que outros meios de comunicação – dando condições, consoante Scalzo (2011, p. 39), de “carregar, de guardar, de colocar em uma estante e colecionar, não suja as mãos como os jornais, cabe na mochila e disfarçada dentro de um caderno, na hora da aula”. A facilidade de deslocamento dos leitores com suas revistas permite-lhes levá-las para quaisquer lugares e lê-las nas mais inusitadas ocasiões, tal como relata uma das depoentes:

Essa prática a gente tinha. Levar revista, esconder dentro do livro. Eu lembro que minha tia era muito disciplinada, então os filhos dela tinham hora de estudar. Então eu me lembro das estratégias de botar as revistas dentro do livro, dos cadernos e fazer de conta que estava estudando e, na verdade, a gente estava lendo as revistas. Isso era uma estratégia que a gente usava. [...]. Eu lembro que a escola condenava. A escola sempre condenou¹¹⁸.

¹¹⁷ Consultar, entre outros: Cordeiro (2008), a fim de melhor conhecer manifestações de mulheres em espaços públicos durante o Regime Militar.

¹¹⁸ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

Por ser justamente recorrente um ato que ocorria a partir da adoção de táticas, como por exemplo, disfarce dentro de um caderno na sala de aula, remete a um ato transgressor da leitura no ambiente escolar, considerando-se o parâmetro de que, neste espaço, qualquer leitura que não fosse a institucionalizada, não seria admitida. Ainda assim, as ex-alunas, com o uso de suas táticas, também se utilizavam de estratégias para ampliar o universo de leitoras, como recordado por uma das depoentes:

Eu tinha uma colega que estudava para ser freira. A gente arrumava revista escondido. Mas mesmo que não tivesse homem pelado, nem mulher pelada, de qualquer forma, era um atentado ao pudor. E a gente levava para ela ver, a gente forçava a barra, vamos dizer assim, que a gente judiava ela, a gente maltratava para que ela visse, que a gente queria quebrar as barreiras da história do “não poder”, porque a gente não era freira, a gente não estava estudando para ser freira, a repressão, no nosso caso, era familiar, diferente de uma repressão religiosa e ela, curiosamente, via com a gente e a gente prometia segredo¹¹⁹.

Noto, neste caso, a necessidade de legitimação desta comunidade leitora em um ambiente que não lhes era propício – a escola e, em alguns casos, a família; diante disso, eram instigadas a quebrar regras para conseguirem perpetuar seus universos de fantasias e acompanhar as transformações do mundo “moderno”, em especial, para não deixarem de estar inseridas nele.

Esta modernidade, tão enfatizada durante os anos de 1960 e 1970, e perpetuada de forma adjetivada aos seres humanos nos próprios impressos, inclusive, no suporte utilizado para a investigação desta tese, a *Capricho*, que se autodenominava como a “Revista da Mulher Moderna”.

Além disso, “mulher moderna”¹²⁰ esteve também presente nas chamadas para os cursos, nos anúncios publicitários, nas reportagens, nos diálogos promovidos entre revista e leitoras; enfim, em todas as seções analisadas, a recorrência à “mulher moderna” pareceu ser o elemento persuasivo nuclear que, de fato, promoveria a mudança substancial na vida deste público.

Acredito ser esta a “mola propulsora” que inseria as mulheres em determinados estereótipos, representados, principalmente por “moça de família” e “levianas”, durante a conjuntura histórica dos anos 1960 e 1970, como reportou uma das memorialistas:

¹¹⁹ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

¹²⁰ Pensar a categoria “mulher moderna”, considerando-se tal perspectiva, a partir de diferentes suportes femininos é uma possibilidade de investigação no campo da História dos Impressos e da História das Mulheres.

Uma mulher moderna era aquela que tinha seu trabalho, era independente financeiramente dos pais. Aquela era uma mulher considerada moderna, porque ela trabalhava, tinha o emprego dela e não dependia em tudo dos pais. Agora, o homem moderno não era muito diferente do homem moderno de hoje. Para os homens tudo era mais simples, tudo era mais fácil, tudo eles podiam, entendeu? Mas para as mulheres... As mulheres eram mais reprimidas e não podiam um monte de coisa, as mulheres não podiam sair sozinhas. Me lembro da primeira vez que eu fui sair com meu namorado, que a minha mãe conhecia e minha família sabia quem era, ela queria que eu levasse a minha irmãzinha¹²¹.

Constato que à representação de “mulher moderna”, associava-se a de “homem moderno”. Além dos depoimentos, que me direcionaram a esta inferência, também uma das edições, a de nº 213, de 1968, publicou uma pesquisa intitulada: “Como são os maridos de hoje”, que apresentava opiniões de leitoras sobre estereótipos de como eram e deveriam ser os maridos, enfocando o questionamento sobre as representações de “mulher moderna” e de “homem moderno”.

A fim de enfatizar esta discussão, seguem alguns depoimentos de leitoras da *Capricho*, consultadas pelo impresso¹²², como também da comunidade leitora integrante desta investigação.

M. L. T. C., 24 anos, secretária, apostou ser casada com o marido-modelo, pois ele: “tem um lugar de destaque numa agência de publicidade [...]. Nossa casa é uma gracinha [...]. É mesmo um homem maravilhoso, o marido perfeito. O modelo de como devem ser os maridos atuais: dedicados, gentis, simples, amáveis, companheiros” (CAPRICH, 1968, p. 16).

Esta representação de homem cavalheiro também foi compartilhada por uma das leitoras do IERB, como explanado adiante: “Um homem que depois de casado ainda levava a mulher para o cinema, saía com ela a sós para jantar... Essas coisas eram próprias de um homem moderno”¹²³.

W. A. A., 25 anos, vendedora domiciliar, criticou a ausência de modernidade de seu marido, porque não a deixou usar botas, apesar de estarem na moda e salientou o fato de ter inveja da vizinha, por esta sim, ter um marido moderno, dado que: “Ela tem um marido bem atual. Usa umas roupas bacanas, deixa a mulher usar êsses trajes moderninhos, bem pra frente. Êle é que é o homem desta geração. Não o meu marido...” (CAPRICH, 1968, p. 16).

¹²¹ Cf.: FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

¹²² As leitoras entrevistadas à época pela *Capricho* foram divulgados pela revista apenas com as iniciais de pré nome e sobrenome. Ao me reportar aos depoimentos das leitoras de *Capricho*, especificamente, ex-normalistas do IERB, durante as décadas de 60 e 70 do século XX, continuarei mantendo a referência adotada desde o início da tese, qual seja, nomes completos em nota de rodapé.

¹²³ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

Para esta, a representação de mulher e homem modernos estava associada às formas de se vestir. Fato também lembrado por uma das depoentes para esta tese:

Bom, naquele momento, moderno, era avançado. Que acompanhava mesmo o que estava acontecendo no momento. Por exemplo, tinha uns homens que usavam umas calças boca de sino. Aí os primeiros que começaram a usar, eram considerados modernos, porque acompanhavam a moda dos artistas de televisão. A mulher que usava calça comprida... Quando se via uma foto de uma mulher de calça comprida, ou ela era moderna, ou era uma doida. A minissaia... Eu me lembro de que eu estudava na Escola Normal, fui participar de um desfile de Jogos da Primavera e era com uma bermudinha e a mais comprida que tinha era a minha, que era no joelho (Risos). Porque a minha mãe não deixava¹²⁴.

O. C. N., 30 anos, funcionária pública, reclamou sobre o fato de o marido não ser moderno, posto que: “o homem moderno frequenta boates. [...] Êle tem horror a ié-ié-ié [...] a verdade é que gostar de coisas dêsse tipo significa pertencer a esta geração. Êle diz que os Beatles são um conjuntinho” (CAPRICHIO, 1968, p. 16).

Assim, na concepção das duas últimas entrevistadas pela *Capricho*, os cônjuges não eram modernos por não estarem em consonância, justamente, às mudanças oferecidas pela sociedade alusivas à moda, música, enfim, não aceitarem que as esposas experimentassem as novas acepções oferecidas pelo mundo moderno, pois tais transformações, como recordado por uma das leitoras do IERB, em muitos momentos, eram compreendidas como agressivas, tal como declaro no excerto a seguir: “Moderna era a mulher, por exemplo, que usava um salto alto, que usava um batom, que fumava. Naquela época, o fumo era elegância, era charme. A posição dessas mulheres agredia, porque a sociedade normalmente não acatava”¹²⁵.

Para a primeira entrevistada da *Capricho*, que considerava o marido moderno, por ser bem sucedido na profissão, permite-me a inferência de que, além de uma vida financeira estável – “a casa é uma gracinha”, talvez em razão de comporem o lar eletrodomésticos e acessórios, anunciados pela publicidade e tão sonhados pelas mulheres das décadas de 60 e 70 do século XX, como recordou também uma das depoentes: “A nossa televisão era em preto e branco, então não existia uma ansiedade de que a coisa se modernizasse. Para a gente, a gente tinha o que era de mais moderno”¹²⁶.

¹²⁴ Cf.: NASCIMENTO, Iara Carvalho do. Depoimento concedido em 26 maio 2014. Aracaju-SE.

¹²⁵ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

¹²⁶ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

Quanto à personalidade do cônjuge, definiu-a em conformidade com o modelo dos heróis de fotonovelas e, por isso mesmo, assim deveriam “ser os maridos atuais: dedicados, gentis, simples, amáveis, companheiros”.

Isso posto, depreende-se, de acordo com exposto pelas depoentes, que a representação de “bons partidos”, ou seja, homens que proveriam um casamento promissor e, conseqüentemente, feliz às “moças de família” seriam aqueles que aliavam características seletas, tais como: vida financeira estabilizada, boa índole e boa reputação. Rapaz é considerado um bom partido quando é honesto, trabalhador, responsável, respeitador...

Em contrapartida, segundo uma das memorialistas, o ideal de “amor romântico” cobiçado ainda por muitas jovens, como demonstrado na passagem seguinte: “Eu sonhava com um homem que fosse para o parque, para o cinema, restaurante, que viajasse... Entendeu?”¹²⁷, não estaria intrinsecamente relacionado ao “casamento promissor”, como desejado por outras, como exemplificado na declaração a seguir:

Eu tinha uma amiga. E a gente foi muito amiga. E ela me criticava muito. Ela era uma das que lia muito fotonovela também. E ela esperava o príncipe encantado. Enquanto o meu príncipe encantado era um menino igual a mim, o príncipe encantado dela era um senhor, um homem estabilizado, um homem que pudesse dar uma vida boa a ela, que tivesse carro. [...]. Eu acho que até hoje ela continua à procura do príncipe encantado dela... Acho que a fotonovela fez muito efeito na cabeça dela (Risos)¹²⁸.

Em conformidade com os indícios aqui apresentados, o arquétipo de “mulher moderna” estava associado à figura feminina que alcançava independência financeira, melhorava e / ou ampliava suas possibilidades de escolarização, mas a liberdade dela era com parcimônia; assim, defino-a como: Mulher leitora, habilidosa, vaidosa e consumidora de produtos e eletrodomésticos em voga, que deveria estar apta para administrar o lar, o marido e os filhos com múltiplas competências, e, em plano secundário, dedicar-se ao exercício profissional.

Quanto ao “homem moderno”, apreendo-o da seguinte maneira: O cavalheiro que compreendia a ampliação de acessos ao público feminino, permitindo a inserção das mulheres (esposa e filhas) a ele tuteladas a este “mundo moderno”.

¹²⁷ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

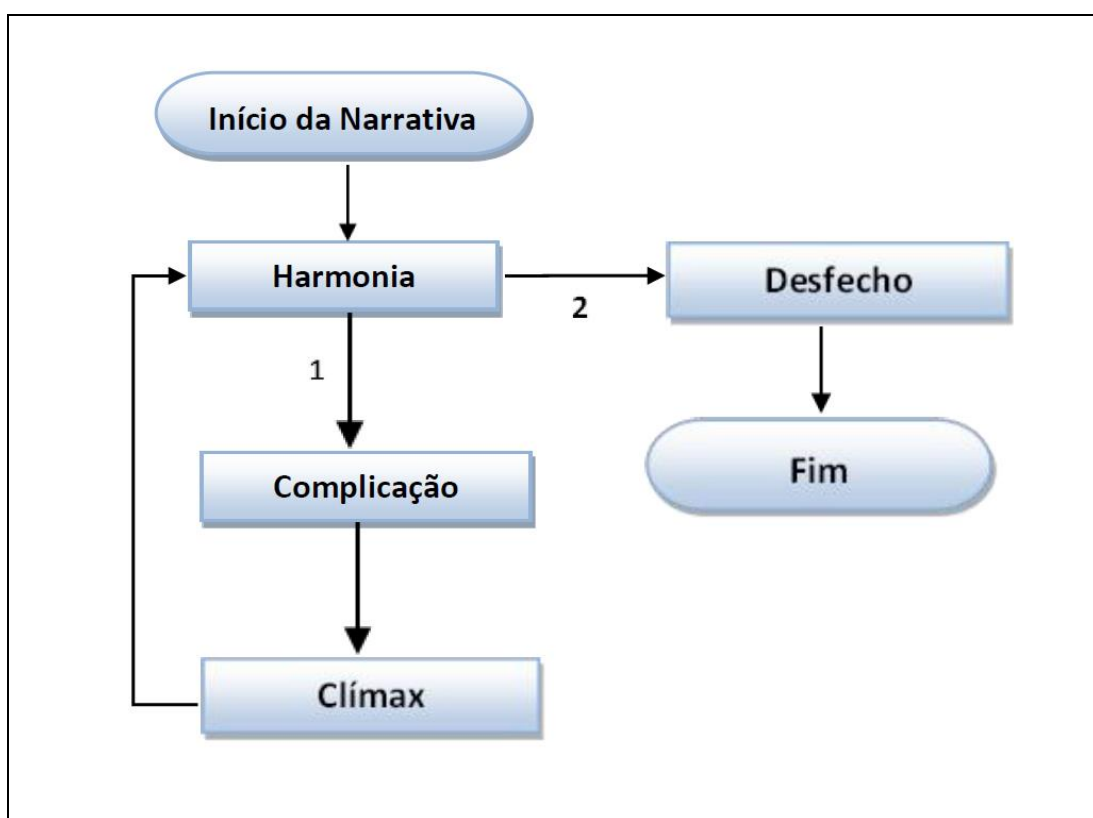
¹²⁸ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

6.2 LEITORAS *CAPRICHÔ* E FOTONOVELAS: UMA HISTÓRIA DE AMOR

Conforme explanado anteriormente, *Capricho* era a principal publicação da Abril e a diversidade de seções atraía um público significativo de leitoras. Em se tratando de impressos femininos, buscava-se perfeição em todos os aspectos; inclusive, as melhores histórias de fotonovelas dessa editora estavam inseridas neste suporte.

Em conformidade com a análise das histórias de fotonovelas e com os depoimentos cedidos para esta tese, entendo que são consideradas melhores histórias as que têm enredos mais bem elaborados, ou seja, perpassam pelo ciclo da harmonia em dois momentos do enredo, obedecendo, estruturalmente, ao fluxograma apresentado no Quadro III.

Quadro III – Fluxograma de narrativa para os enredos de fotonovelas



Fonte: Elaborado pela autora, a partir das fontes analisadas.

Fischer (2002, p. 153) ratifica que os impressos “não constituiriam apenas uma das fontes básicas de informação e lazer: trata-se bem mais de um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações”.

Dessa maneira, diferentemente do que se costumava afirmar sobre fotonovela – de que eram leituras inúteis – as mesmas podem ter contribuído significativamente no processo de formação de seu público leitor, na inculcação de hábitos e valores, como também no processo formativo, com prescrições de normas em temáticas diversas, entre as quais: padrões de comportamento moral, social e físico.

Neste item, o foco está nas fotonovelas como meio de informação, mas principalmente, formação de suas leitoras, quais mensagens, concepções de amor, de vida, de mulheres, de homens transmitiam, enfim, como a Pedagogia de Fotonovelas estava incutida neste objeto cultural que circulou entre normalistas ierbianas durante as décadas de 60 e 70 do século XX, como declarado por uma delas: “Eu gostava muito de ler fotonovelas¹²⁹”.

De acordo com depoimentos coletados do público em questão, não há dúvidas de que lia fotonovelas. Uma das leitoras descreve a tática adotada para o exercício da leitura: “Às vezes eu nem folheava a revista toda. Eu ia na fotonovela direto, antes que a minha mãe chegasse e visse que eu estava com a revista na mão. Às vezes, eu nem via o que tinha no restante da revista, para poder devolver no dia seguinte¹³⁰”.

A leitura a este suporte, por acontecer, predominantemente, longe dos olhos de pais e professores, além de a compra não ser acessível à grande parte da comunidade leitora, dava-se a partir de empréstimos, como recordado por uma das depoentes:

É porque a gente não fazia muito alarde. Quando uma levava, aí a gente ia olhar. Aí alguém se interessava e dizia: “Me empreste”!. Aí, levava. A outra dizia: “Quando você trouxer, eu quero”. Pronto. Ninguém lia lá dentro da escola. A pessoa que pegava emprestado, guardava na pasta, levava para casa, depois trazia¹³¹.

Práticas como estas revelaram o quanto as fotonovelas perpetuaram nas memórias da comunidade leitora, no universo de leituras furtivas, tal como salientado a seguir:

O que se lia eram revistas em quadrinhos. Tinha muitas revistas em quadrinhos, principalmente, as revistas de fotonovelas. Existia muito esse

¹²⁹ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 17 fev. 2008. Aracaju-SE.

¹³⁰ Cf.: NASCIMENTO, Iara Carvalho do. Depoimento concedido em 26 maio 2014. Aracaju-SE.

¹³¹ Cf.: MENESES, Maria Anete Nunes de. Depoimento concedido em 08 jan. 2008. Aracaju-SE.

tipo de leitura, que era uma leitura à parte, e que a gente discutia muito quando a gente se juntava no horário do intervalo e existia essa troca de revistas para que a gente lesse – isso incentivava, isso era legal¹³².

Dessa forma, para melhor compreender a Pedagogia que este objeto cultural visava a ensinar às suas leitoras, necessário se faz conhecer o discurso nele incutido dentro de seus enredos românticos, apaixonados e apaixonantes.

Neste direcionamento, optei por apresentar as histórias em ordem cronológica de publicação e, concomitante à explanação, realizar inferências necessárias à análise e discussão, a fim de compreender a Pedagogia de Fotonovelas a que me propus, para além dos aspectos já apresentados referente às representações cíclicas das ações e comportamentos esperados e valorizados da “boa moça”, “boa esposa”, da “mãe dedicada” e da “mulher moderna”, que consome (mas não compulsivamente), sabe relacionar-se com si mesma e com os outros, manter a virtude, desenvolver a generosidade, a tolerância e a gentileza, entre outros atributos.

Na edição de 1960, **“Até breve, amor!”**¹³³ ocupou 37 páginas das 112 de toda a Revista (33%), sendo um quantitativo considerável. Na página inicial (figura 28), o título aparece no topo, seguido dos nomes dos autores e de seus respectivos personagens e, no lado direito, a ficha técnica. Tal configuração, segundo Habert (1974), era evidenciada nos textos.

Presentes a contextualização da história e a informação de alguns fatos necessários à compreensão das características dos personagens: Stela trabalha há poucos dias em uma boutique famosa, frequentada por mulheres ricas e almeja ficar tão bela quanto elas para poder também ser observada, como imagina que tais mulheres o são. Depara-se com Maurício, por quem se apaixona, mas não é notada.

Alguns elementos da Pedagogia de Fotonovelas podem aqui ser apreendidos neste excerto: A crítica de Milena, a irmã de Stela: “Não sei como é que você pode se apaixonar por um desconhecido...” (CAPRICHIO, 1960, p. 19) representa a configuração de como deveriam estar estabelecidas as relações não apenas sociais, mas também conjugais – com pessoas que tivessem costumes, educação e padrão social equivalente. Além disso, a mensagem de conformação social, acentuada no diálogo entre a protagonista e a irmã, quando esta defende o posicionamento de que se deve viver de acordo com a realidade.

¹³² Cf.: SANTOS, Maria Aparecida dos. Depoimento concedido em 14 jan. 2008. Aracaju-SE.

¹³³ Por organização metodológica, optei em grafar os nomes das fotonovelas, nesta seção, em negrito.

Figura 28 Página inicial da fotonovela “Até breve, amor...”. *Capricho*, edição nº 103, de 1960.

(Copyright Agência Primavera)

ATÉ BREVE, AMOR!

<p>Milena Vanni</p> <p>Raimondo Magni</p> <p>Ester Masing</p> <p>Alex Fabiani</p> <p>Luciana Vedovelli</p> <p>Enza Soldi</p>	<p>STELA</p> <p>DANIEL</p> <p>MILENA</p> <p>MAURÍCIO</p> <p>CLARA</p> <p>BÁRBARA</p>	<p>Direção — Ranieri Rusio</p> <p>Argumento — Stefano Verri</p> <p>Fotografia — Carlo Kima</p>
--	--	--



A "boutique" de Monsieur Franz, caprichoso figurinista e homem mundano, é uma espécie de gruta encantada, onde a vaidade da mulher é plenamente satisfeita através das peles caras e dos colares de brilhantes.



Elegantes aristocratas, atrizes famosas e fascinantes estrangeiras ali vão fazer suas compras. É Stela, a mais jovem e graciosa das "vendedoras"; olha-as passar, encantada, percebendo em seus rostos, aparentemente triunfantes, a fábula da bela vida luxuosa e brilhante.



Caro Franz, o vestido está perfeito! Quanto a jóias, que me sugere?

Tenho exatamente aquilo que lhe convém, condessa: um diadema digno de seus cabelos, e um colar que, amanhã à noite, na Ópera, atrairá os olhares de todos.



Stela, traga-me as jóias da vitrine número três. Eis a chave. Colar, diadema e brincos Dior. Rápido, por favor.

Imediatamente, senhor Franz.



Stela trabalha há poucos dias na "boutique". Para ela, que sempre foi pobre, aquele lugar representa um convite a todas as tentações.

Como gostaria de experimentá-los! Talvez eu também ficasse tão bonita como a condessa! Todos esses brilhantes põem luzes nos cabelos, nos olhos, iluminam o rosto...



Stela olha, com inveja, para a freguesa...

Parece uma rainha! Quando entrar no teatro, todos se voltarão para olhá-la e ela ficará feliz...



A hora do almoço, vai encontrar-se com sua irmã.

Aí! Stela! Vamos almoçar na lanchonete, hoje?

Não, podemos escolher, querida. Lá, pelo menos, poderemos nos sentar tranquilamente.



Ao ver dois jovens, junto a um portão, Milena sorri maliciosa...

Eis o seu amor! Não se emocione, por favor! Não sei como é que você pode se apaixonar por um desconhecido...

Ora essa... e por que não? Você, por acaso, nunca se interessou por um rapaz que viu apenas de passagem, na rua?



Então, estamos combinados, Maurício: ver-nos-emos no "reveillon" do Grande Hotel.

Combinado. Voltarei a tempo.

CAPRICHOS - 19

Fonte: Acervo particular da autora.

Stela aparece, posteriormente, nos fotogramas no exercício profissional. É assediada pelo chefe e recusa a oferta. Mais uma prescrição nesta fotonovela: as leitoras, que alcançaram profissionalmente o espaço público, precisavam estar atentas a prováveis cenas de sedução e, ainda que fossem solteiras, deveriam manter a dignidade e a honra, tal como o fez Stela, que foi demitida por Monsieur Franz, o proprietário da boutique, dizendo não permitir tamanha ousadia de uma subordinada, como declarado na passagem: “Retire-se, imediatamente, e para sempre! Não posso permitir uma afronta como esta dos meus dependentes!” (CAPRICHIO, 1960, p. 21) – o que transparece uma crítica às “mulheres modernas” que buscavam a independência financeira e, por isso, mal vistas por uma parcela considerável da sociedade que ainda não tinha aderido às alterações do “novo mundo”.

A trajetória da protagonista representa a de muitas mulheres que neste momento histórico buscavam acesso ao mercado de trabalho e encontravam dificuldades por razões várias: salarial, assédio, qualificação, além da proibição e preconceito com a mulher.

Apesar de demitida, ela ficou com uma cópia das chaves da boutique e aproveitou a oportunidade para retornar lá, produzir-se e ir ao baile de Reveillon, transformando-se em “uma princesa, pelo menos por uma noite como nas histórias de fadas” (CAPRICHIO, 1960, p. 21).

Essa passagem permite também pensar sobre o universo de leituras realizadas, não somente pela protagonista, mas também, possivelmente, pelas leitoras: contos de fada. É, de fato, o que denota o depoimento transcrito a seguir:

Eu deixava de estar brincando de pique, de manja, de roda com as meninas para estar na biblioteca lendo livros de contos de fada. Adorava Pequeno Príncipe, Gata Borralheira, Branca de Neve, esse povo todo. Tinha uma coleção lá ilustrada, linda, eu sonhava muito. Eu lia aquilo, eu sonhava de noite¹³⁴.

A recorrência aos contos de fada foi uma constante não apenas nos enredos de fotonovelas, mas também em outras seções analisadas do suporte, tal como nos próprios anúncios publicitários, como expresso na ilustração seguinte (figura 29), cuja menção é à história da Branca de Neve e os sete anões.

¹³⁴ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 17 fev. 2008. Aracaju-SE.

Figura 29 Anúncio do creme científico de beleza “Antisardina”. *Capricho*, edição nº 167, 1966, p. 41.

espelho, espelho meu,
haverá mulher mais bela do que eu?



A “magia” do espelho, confirma a sua beleza! E ela deve ser conservada, pelo método mais moderno de tratamento: ANTISARDINA é um creme puro, cientificamente preparado para eliminar as imperfeições da pele.

Antisardina
o segredo da beleza feminina!

cligione-cligione propaganda

ANTISARDINA N.º 1
Aplique à noite, para proteger as mãos.
É excelente base para o pó.

ANTISARDINA N.º 2
Para eliminar sardas, manchas, espinhas e demais imperfeições da pele.

ANTISARDINA N.º 3
Para o tratamento dos ombros, vermelhidões e asperezas dos braços, pernas e mãos.

EM CADA POTE DE ANTISARDINA
grátis,
UMA NOVIDADE PARA VOCÊ!
extrator de cravos
“SEGRÊDO DA BELEZA”

Livre-se dos cravos, sem machucar a pele ao redor, com o maravilhoso EXTRATOR, simples e eficiente. As mulheres mais belas, em todo o mundo, utilizam o mesmo modelo que ANTISARDINA lança, com exclusividade, no Brasil.



Mergulhe numa vasilha de água fervendo uma toalha felpuda, aplicando-a, depois, sobre o rosto. Conserve assim, enquanto suportar o calor. Renove a operação.

Coloque sobre o cravo a pequenina abertura da extremidade do EXTRATOR, exercendo ligeira pressão. A gordura, amolecida pelo calor, será extraída com facilidade.

Aplique o EXTRATOR nos ombros, com o auxílio de outra pessoa. Terminada a extração, é indispensável uma suave massagem com ANTISARDINA N.º 2.

exclusividade
de
ANTISARDINA

Fonte: Acervo particular da autora.

Retornando ao enredo em análise, ao chegar ao baile de Reveillon em que Maurício estava, Stela é cortejada por ele. A atitude do herói a faz concluir que, de fato, são necessárias joias e um belo vestido para poder ser bem vista pelo homem de seus sonhos, representação esta incutida como mola propulsora da apropriação consumista – prática, aliás, bastante convidativa também nos anúncios publicitários ora analisados.

Durante o baile, Stela estava feliz, divertindo-se, quando foi surpreendida pelo proprietário da boutique, denunciada e presa.

Nesta passagem, mais uma prescrição: aprender a controlar os impulsos, a fim de não sofrer consequências com atos impensados. Este ensinamento é muito referendado em todo o impresso, em especial, para conter atos instintivos das leitoras.

Presa, sob pena de dois anos, recebeu recompensa de passar as festas natalinas em família, por bom comportamento e por ter sido detida por acusação leve. No reencontro das irmãs, duas reflexões de cunho social e moral.

A primeira delas, parte de Stela, ao questionar: “Amava Maurício, ou amava apenas ao seu mundo, o mundo dos ricos?” (CAPRICHO, 1960, p. 30).

A segunda, de Milena, que comunicou a necessidade em ter alterado de endereço por sofrer gozações dos vizinhos em decorrência dos atos da irmã.

Assim sendo, é notório como as ações repercutiam na conjuntura social; por este motivo, uma “moça de família” não poderia agir descuidadamente; deveria preservar-se para não ficar “mal falada” e também não “sujar a honra” da família.

Nesse sentido, este excerto permite compreender que as atitudes interferem no cotidiano social não apenas da pessoa que pratica o ato, mas também de quem convive com ela. Diante disso, pergunto: Seria um alerta às leitoras para ficarem atentas com o comportamento de mulheres com as quais convivia, a fim de não sofrer constrangimentos com falhas alheias e pagar por erros não cometidos? Nessa perspectiva, as leitoras deveriam se comportar como vigilantes não somente delas próprias, mas também das pessoas que com elas convivessem.

Durante a trama, mesmo sem saber se encontraria Maurício, ou como procurá-lo, no enredo, a busca obsessiva pelo reencontro com o seu amado – denotando que a mulher não deve desistir de lutar pelo príncipe encantado.

Ao conseguir o número de telefone do herói, telefonou e, ao realizar a ligação, a amante atendeu, desconfiando ser ela. Maurício refuta: “Stela? Que idéia, Clara! Não é

possível que tenha sido ela. Só vi Stela duas vezes: há um ano e hoje à tarde, e nunca lhe dei o número de meu telefone” (CAPRICHO, 1960, p. 37).

O conflito se estabeleceu – Stela pensava não ser amada por Maurício e este acreditou não ser mais procurado por ela, já que ouviu a voz de outra mulher e ele espera ansiosamente seu telefonema, o que não ocorre e pensa: “Ouvii voz de mulher. Eis porque não tornará a chamar. Deve ter ficado decepcionada: é tão romântica, tão sensível, a minha pequena Stela!” (CAPRICHO, 1960, p. 37).

O herói, consciente em ter decepcionado a sua amada e, por conta dos princípios da protagonista, saberia que não retornaria a ligação. E, ao lembrar-se dela, afirmou: “Os olhos de Stela eram eloqüentes naquela noite, como o foram hoje. Amava-me e não se esqueceu de mim. Mas talvez ela pense que eu sou um herói, um homem generoso, leal e sem defeitos...” (CAPRICHO, 1960, p. 37).

Nessa passagem, qualidades que as leitoras das fotonovelas pretendiam encontrar nos rapazes com os quais iriam se relacionar, denotando as características de homem idealizado, possível de se apaixonar.

O segredo de que Stela é detenta corre riscos de ser desvendado, em razão de ameaças de uma ex-prisioneira, que lhe faz chantagens constantemente. Por não ceder às intimidações, Bárbara revela seu mistério à Clara e esta lhe oferece uma recompensa financeira pela informação. A amante propõe à heroína dinheiro para afastar-se de seu amado e não contar-lhe a verdade.

O fato de não aceitar proposta é mais um indício do comportamento de “boa moça”: lutar honestamente pelo amor verdadeiro e sincero.

O clímax do enredo se estabeleceu no momento em que um conjunto de revelações foram feitas: Bárbara informou a Daniel o segredo de Stela e Milena declarou seu amor a ele. Este, por sua vez, acreditou que a escolha de Stela deveu-se em razão do dinheiro e não, do sentimento. Esse fato põe em evidência o conflito existente de relações, o que chama muito a atenção do público leitor.

Na noite de Reveillon, Stela resolveu contar a verdade ao amado: “Deixaram-me sair para as festas de Natal, mas dentro de poucos dias terei de regressar. Pensei que não teria coragem de lhe confessar isso...” (CAPRICHO, 1960, p. 84). Ele também lhe revelou seu segredo: “Stela, não sou melhor do que você. Sou mesmo muito pior. Fui amante de Clara Haller, Stela... E não é tudo: aceitei também dinheiro dela” (CAPRICHO, 1960, p. 84).

Ambos perdoaram-se, prometeram amor eterno e resolveram fugir. As juras de amor, bem típicas das histórias de fotonovelas e a redenção pelo amor verdadeiro fossem, talvez, o momento mais esperado pelas leitoras.

Este momento da trama também exerce uma função pedagógica: a felicidade somente é conquistada com a verdade e, com esta, tudo é possível de ser solucionado.

Por conseguinte, enquanto a situação de harmonia parece se estabelecer na trama, Clara acusou Stela de ter roubado as joias dela e, mesmo tentando justificar o não cometimento de tal delito, não lhe dão credibilidade em consequência do fato ocorrido no passado.

Essa passagem tem também cunho prescritivo: as leitoras não deveriam macular as imagens delas, a fim de não perderem a credibilidade diante da sociedade, ainda que estivesse agindo de forma correta posteriormente.

Percebendo a farsa de Clara, o marido mostrou as joias à polícia e pediu desculpas pelo ocorrido. No momento da fuga, Maurício revelou à sua amada que não poderia viajar com ela, pois pretendia trabalhar para pagar a dívida à ex-amante; Stela também afirmou que não iria embora sem ele e assegurou que preferia concluir a pena: “Estou segura de que devo agir assim” (CAPRICHIO, 1960, p. 90).

Nesta passagem, a Pedagogia da Fotonovela ensina, a partir da ação do casal, que as pessoas devem atuar em conformidade com as leis e assumirem as consequências dos erros, pagando por eles, para poder, de fato, alcançarem a felicidade, revelando que a leitora não podia, enfim, ser covarde ao tentar corrigir falhas, por ventura, cometidas, nem agir ilicitamente.

No dia de retorno ao cárcere, Maurício levou a heroína ao local e ela se apresentou pontualmente, recebendo elogios da religiosa, que cuidava das prisioneiras: “Jamais alguém voltou para a prisão com êsse sorriso nos lábios, Stela” (CAPRICHIO, 1960, p. 90). Ela mostrou a aliança na mão esquerda, indicando o símbolo matrimonial, o qual havia se realizado durante as férias. Chegou o momento da despedida, a heroína foi levada ao cárcere e a religiosa revelou ao herói que, provavelmente, Stela sairia antes do período previsto da cadeia, já que ficou comprovado que o Monsieur Franz era mulherengo e já havia sido acusado por outra mulher por tentativa de sedução, fato favorável à Stela, pois comprovava o desejo de vingança por ela não ter cedido aos anseios dele.

A partir desta trama, entendo que muitos aspectos são representativos de uma percepção de sociedade e de ideais que se desejem atingir, ou que se repudiem socialmente. Evidencio também que, nesta fotonovela, há uma Pedagogia que ensina às leitoras

responderem pelos erros e acertos, conduzindo-as ao fracasso, ou a felicidade, a depender das ações perpetuadas no decorrer de suas vidas, representadas no mundo da ficção através das fotonovelas, mas que as interlocutoras encontram-se como protagonistas de muitas das histórias de fotonovelas lidas, vivenciando as cenas, apropriando-se delas positiva, ou negativamente.

Nesta história, ficou explícita a mensagem de que as práticas dos atos devem ocorrer como prescritos social e legalmente, para haver recompensa; caso contrário, haveria punição.

Na edição nº 150, de 1964, a fotonovela publicada foi **“O amor de uma noite”**. Na página inicial (figura 30), um fotograma ocupou a página praticamente inteira com uma foto sugestiva de um casal apaixonado, cujo rosto da mulher, visto de perfil, está na parte escura e o do homem, iluminado parcialmente com certa penumbra, permite visualizar um pouco sua face.

Não havia informações sobre a ficha técnica, apenas dos atores principais que constituiriam a trama: Maria Giovannini, como Laura; Roy Ciccolini, Mauro e Germano Longo, Marcelo. De 132 páginas da *Capricho*, 42 foram da fotonovela (32%), que iniciou na página 53 e finalizou na 114. Nesta edição, constatei a presença da publicidade concomitante às páginas do enredo – o que não aconteceu no exemplar anterior.

O ambiente desta trama é Milão; por conseguinte, as primeiras cenas passaram-se em San Remo, Itália, em um período de verão.

Ao tentar a sorte em um cassino e fracassar, Laura, moça jovem e bonita, percebeu que um dos jogadores, Marcelo, havia ganhado 8 milhões. Ao deixar o espaço, foi seguido por ela e a questionou quanto pretendia para passar a noite com ele, ao passo que ela respondeu que seria um milhão. De forma irônica, ele lhe diz: “Não é tipo que se desvaloriza, hein? Um milhão! Não acha um pouco caro por uma noite em que não se digna sequer a sorrir?” (CAPRICHIO, 1964, p. 56). Assustada, recusa-se a concretizar o ato e ele, irritado, retirou-se, deixando-a no hotel.

Este momento inicial do enredo é fundamental para compreender a história, tendo em vista que Marcelo apareceu na trama como melhor amigo do homem por quem Laura iria se apaixonar.

Dito isto, durante toda a trama, a protagonista sofreu bastante por ter cometido este ato impensado na vida dela. Mais uma vez, a prescrição de fazer com que as “moças de família” não agissem por impulso, demonstrando que, em algum momento de suas vidas, sofreriam por aquele ato “insano”.

Em diálogo sobre amor entre os amigos, ficaram evidentes também duas visões distintas para um mesmo sentimento, chamando a atenção da leitora para o que deveria entender sobre o que pensavam os homens acerca do amor e, no decorrer da trama, elas inferirem qual o perfil de homem ela se identificaria como o “príncipe encantado” dela.

Mauro revelava representações de homem romântico e, por isso, considerava-se fora de moda, por sonhar com uma moça “delicada e simples, capaz de sentimentos profundos. Uma mulher capaz de dar-se inteiramente a mim: corpo e alma...” (CAPRICHIO, 1964, p. 61). Marcelo, por sua vez, entendia-o de maneira fugaz: “aceita-o quando o encontro e digo-lhe adeus quando parte” (CAPRICHIO, 1964, p. 59).

Mauro e Laura, enfim, conheceram-se e ele quis apresentá-la ao melhor amigo dele. Perplexa, mas como ele agiu com naturalidade, ela pensou não ter sido reconhecida; por conseguinte, ao retornar à pensão, encontrou-se com Marcelo e este a ameaçou contar toda a verdade a Mauro, caso ela não o deixasse.

Amedrontada, mudou de endereço; no entanto, Mauro conseguiu localizá-la. Como prometido, Marcelo contou toda a verdade ao amigo, procurou Laura, ameaçando-a, ao passo que ela revelou-lhe toda a sua trajetória de sofrimento e o porquê estava precisando daquele dinheiro no dia do encontro deles em Milão: “Pobre papai! Quanto desejava ter uma filha doutora! Assim, com enorme sacrifício, mandou-me para a Universidade. Estava no segundo ano de Faculdade” (CAPRICHIO, 1964, p. 85).

Constatei, nesta passagem, a ênfase dada ao capital cultural (Bourdieu, 2005), o qual discorre com o debate em voga no referido momento histórico de ampliação de acesso feminino à profissionalização, demonstrando, nos enredos, a trajetória de mulheres para concretizar este sonho – cujo discurso dialoga com o quantitativo significativo de cursos ofertados e anunciados nos impressos analisados – fazendo, para isso, quaisquer sacrifícios para a obtenção dos diplomas, a fim de alcançarem uma carreira legitimada e, consequentemente, melhores oportunidades de emprego.

Para ver a filha diplomada, a tática adotada pelo pai foi roubar, de forma comedida, da Agência Bancária em que trabalhava, o dinheiro necessário para manter a filha na Faculdade; por conseguinte, por conta de uma vistoria na instituição financeira, o pai não teria como restituir há tempo a pecúnia. Ao chegar em casa, encontrou o pai morto, mas “devolvi o milhão ao Banco. Pelo menos, a memória de meu pai não foi difamada” (CAPRICHIO, 1964, p. 86).

Figura 30 Página inicial da fotonovela “O amor de uma noite”. *Capricho*, edição nº 150, 1964.



O AMOR DE UMA NOITE

LAURA MARIA GIOVANNINI
MAURO ROY CICCOLINI
MARCELO .. GERMANO LONGO

Copyright Editora Abril

San Remo. Últimas noites lânguidas de um belo verão. Alguns temporais já perturbaram a serenidade do mar, mas as noites, na Riviera, são ainda suaves e convidativas. Após o movimento da estação, os mais afortunados podem, agora, gozar de uma tranquilidade preciosa. Quase todos se conhecem, quase todos se re-encontram, depois do crepúsculo, em torno das luzes ofuscantes do cassino.

Esta noite, entretanto, uma pessoa que ninguém conhece está na sala do elegante reduto mundano: uma moça que se move espavorida, naquele mundo que, certamente, não é o seu.

Ganha o vermelho, ainda. Para o Senhor, Sr. Renzi. Senhoras e Senhores, façam o seu jogo, por favor.

Renzi já ganhou cerca de oito milhões.
Se eu fosse ele, desistiria. Os deuses têm caprichos.
Talvez. Esta noite, a sorte lhe sorri.

CAPRICHOS — 53

Fonte: Acervo particular da autora.

Noto um apelo à abordagem da moral, as quais devem ser compreendidas como sistemas de regras que moldam as ações, tal como expresso a seguir:

[...] sistema de reglas que dirigen, o como un ideal que uno desea, en un caso como en el outro, la moral se nos presenta como ligada a un mundo que sin duda no nos es extraño, a un mundo que evidentemente nos toca, pero a un mundo que nos sobrepasa infinitamente; no obstante que cuando queremos, tenemos el sentimiento de elevarnos, de dominar algo dentro de nosotros (DURKHEIM, 1998, p. 37).

Neste enredo, observei a ênfase à questão moral, pois, apesar de morto, a filha preocupou-se em deixar a memória dele livre de acusações e imputações, além de que, mesmo não tendo efetivado o ato sexual no encontro com Marcelo há um ano, ainda assim, ficou mal quista pelo rapaz, ao passo que ele não queria o envolvimento da jovem com seu amigo, precisando ser punida, no presente, por suas falhas cometidas no passado.

Assim como no enredo anterior, a situação também se repetiu: a punição é recorrente quando se há prática de erros, ou seja, é fundamental a apropriação deste valor moral.

Ao esclarecer os fatos, Marcelo percebeu o quanto havia sido injusto com Laura e o quanto a amava e “num ímpeto, Marcelo puxa-a para si e abraça-a, tomado de emoção. Sente sede irresistível de amor e de verdade” (CAPRICHIO, 1964, p. 86). Aqui, o engodo romântico, cíclico nos enredos analisados e comuns às fotonovelas.

Passaram-se os dias e ela não teve mais notícias de seu amado. Ao encontrar-se com Mauro, este lhe diz que o amigo partiu para sempre para a Austrália, pois o amor que sentia por ela era efêmero, de uma noite, como o que sentia também pelas outras mulheres.

O tempo passou e o sofrimento de Laura aumentou com ele. Mauro tentou convencê-la a casar-se com ele; a protagonista recusou. Com o tempo, descobriu estar grávida e Mauro a disse que, em um momento de bebedeira, ficaram juntos e propôs casamento. Este, associado à gestação, foi entendido como solução para os problemas de ambos e Laura, ainda que amasse Marcelo, tinha consciência de que uma nova fase em sua vida começava e pensava tristemente: “não devo pensar em você, nem para amá-lo, nem para odiá-lo. Agora, mais do que nunca, sinto que o perdi” (CAPRICHIO, 1964, p. 105).

A proposta do matrimônio é aqui representada como possibilidade à Laura de não ser vista socialmente como “mãe solteira”, em razão de tantos preconceitos sociais que enfrentaria.

A maternidade, por sua vez, revelou mudar drasticamente a vida dela – sua forma de pensar, de agir e de visualizar a vida, denotando que o destino da mulher, independentemente do amor, é o casamento e, conseqüentemente, a maternidade.

Para surpresa de Mauro, Marcelo retornou de viagem e Mauro disse que iria se casar com Laura, informando-lhe que ela esperava um filho dele. No entanto, ele refutou a informação, pois sabia da esterilidade do amigo, em consequência de uma cirurgia.

Mauro, por sua vez, buscou reaver suas atitudes, na tentativa de ser perdoado pelas pessoas que ele mais ama – Laura e Marcelo. Estes, em contrapartida, se reconciliaram para viverem sua história de amor: “Querido! Você está aqui, junto de mim! Não me deixe mais! A vida espera-nos. Uma longa estrada cheia de sol, que percorreremos juntos: eu, você e nosso filho” (CAPRICHÔ, 1964, p. 114).

A ideia de felicidade plena somente através da univocidade entre marido, esposa e filhos estava inserida nas Revistas *Capricho* também em outras seções – fossem reportagens, entrevistas, anúncios publicitários, além de outros textos literários, entre os quais, crônicas e contos¹³⁵, como foi o caso, por exemplo, de “A boneca índia”, da autoria de Gilberto Maurizi, cujo suspense se iniciou quando Alfredo resolveu presentear sua esposa com uma boneca índia e, após este presente, ela começou a ter desmaios sucessivos e pesadelos constantes. Conversando com um amigo psiquiatra, Hamilton, este lhe sugeriu dar sonífero à esposa para tentar descobrir, através dos sonhos dela, a razão da existência do medo da boneca no inconsciente da esposa.

Assim fez o marido e, no decorrer da trama, descobriu que ela havia presenciado há três anos um assassinato em uma festa fantasia, cuja vítima estava, justamente, vestida de índia; por conseguinte, tais recordações não estavam na memória da mulher, em razão do grande choque que ela tomou ao presenciar a cena.

Temendo ser descoberto, o assassino tentou matar Lídia; e Alfredo iniciou uma investigação acerca de quem seria esse suspeito, provocando um grande suspense, descobrindo que o homicida foi seu amigo psiquiatra. Como recompensa ao herói da trama, a mulher apareceu gestante: “Você está esperando um filho! Desde quando?” (CAPRICHÔ, 1960, p. 59), perpetuando a missão destinada à mulher; pois, nessa história, todos os problemas se resolveram e a felicidade passou a fazer parte do lar no momento em que o marido soube da gravidez de sua esposa, desfecho muito semelhante ao da fotonovela “O

¹³⁵ Investigar as seções de contos e crônicas, presentes nos Impressos femininos como possibilidade de Pedagogia de valores, é também um grande contributo à História dos Impressos e a História das Mulheres.

amor de uma noite” da edição nº 150, de 1964 e ao de outras histórias implícita, ou explicitamente.

Nesse conto, percebo alguns valores postos como essenciais à vida do ser humano, os quais dialogam com a Pedagogia de Fotonovelas recorrentes em outras seções do impresso. Dentre eles, o fato de que não se deve cometer erros, pois serão, de alguma forma e em algum tempo, descobertos e quem os cometeu, será punido – uma prática prescritiva incisiva de reverberação de práticas coesas e atos em conformidade com os padrões sociais exigidos socialmente.

Outro fato importante é, mais uma vez, a apropriação da ideia de que a felicidade conjugal somente se concretiza através da constituição familiar, com a presença de marido, esposa e filhos, fato também recordado por uma das depoentes: “As fotonovelas mostravam a família que ia para um piquenique, para um parque e tal e tal, coisa que em Sergipe a gente não tinha isso. O passeio que a gente fazia, minha família, meu pai fazia muito com a gente era ir para a praia”¹³⁶.

A edição nº 167, de janeiro de 1966, **“Uma mulher muito amada”** (figura 31), enunciava, na página inicial, seu elenco: Milena Vanni, Stela; Raimondo Magni, Daniel; Ester Masing, Milena; Alex Fabiani, Maurício; Luciana Vedovelli, Clara e Enza Soldi, Bárbara.

No sumário, a síntese: “Novas emoções estão reservadas para você na fotonovela completa dêste mês: ‘Uma mulher muito amada’. História feita de mistério, amor e sofrimento, envolvendo as vidas de quatro homens, uma bela mulher, uma jovem abnegada e uma criança atormentada. Gabriele Tinti está no elenco e a narrativa começa na página 35”.

Nessa sinopse, os elementos da trama: mistério, amor e sofrimento foram os adotados para chamarem a atenção do público leitor. A história, com 46 páginas de 98, ocupou um percentual de 47%, praticamente metade desta publicação. Das edições analisadas, foi a história que obteve maior percentual de páginas nas revistas.

No fotograma inicial (figura 31), não constava a ficha técnica, o nome do tradutor. Apenas os nomes dos atores principais. No elenco, Gabriele Tinti, anunciado no sumário, fazia o papel de Júlio; Lena Von Martens, de Renata; Giuny Marchesi, Isa e Primo Lazzari, Antônio.

¹³⁶ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

Figura 31 Página inicial da fotonovela “Uma mulher muito amada”. *Capricho*, edição nº 167, 1966.



Fonte: Acervo particular da autora.

A trama de **“Uma mulher muito amada”** ocorreu em um castelo em torno do mistério da morte do filho primogênito do senhor Raul. Havia se passado um ano e as dúvidas quanto às causas da morte ainda eram desconhecidas.

Renata, a viúva, venerada pelo sogro e amada pelos três cunhados, nutria sentimento especial por um deles, Júlio, e mantinha uma relação difícil com sua irmã caçula, Belinda que, após sofrer um trauma no mesmo dia da morte de Adriano, deixou de conversar e de se relacionar com as pessoas.

Certo dia, Júlio a encontrou casualmente conversando em frente ao castelo com Isa, professora que sabia lidar com crianças. Ao conhecê-lo, sentiu-se envolvida por ele; no entanto, ele evidenciou que a intenção era curar Belinda e a convidou para trabalhar diretamente com ela; para isso, precisaria morar no castelo. Aceitou a proposta e deixou a escola em que lecionava para se dedicar à nova missão de preceptoria e aceita o desafio por ter se sentido atraída por Júlio, demonstrando que o ideal de sonho de amor deve ser sinônimo de renúncias, até mesmo de seus sonhos, pois, ela havia acabado de entrar na escola que há tanto tempo aguardava ser convidada a trabalhar.

No plano principal, Raquel tentava aproximação à Júlio, revelando-lhe: “Casei-me por interesse mas fui castigada, ao perceber que amava você” (CAPRICHIO, 1966a, p. 76). Noto a convicção da protagonista em associar o seu sofrimento ao erro cometido no passado. Ela mesma compreendia sua amargura, por desaprovar sua conduta moral: casar-se por interesse e amar a outro; por isso mesmo, não conseguia a confiança nem daquele que amava. Assim, Júlio, por desconfiar de sua conduta moral e acreditar ser ela a culpada da morte do irmão dele, afastou-se e manteve um relacionamento com Isa.

Os estereótipos de mulheres distinguem-se: enquanto Raquel é vaidosa, egoísta, bela e misteriosa, a professora é o perfil típico de mulher cuidadosa, pouco vaidosa, que está sempre prestes a ouvir e a ajudar o próximo: “Você tem o dom de fazer com que as pessoas mais estranhas lhe abram o coração” (CAPRICHIO, 1966a, p. 58), representações de mulheres que foram reverberadas pelas depoentes, consoante relatado a seguir:

A mulher que lia, porque as fotonovelas sempre mostravam a mulher lendo romance, alguma coisa assim. A mulher que lia, que estudava, que trabalhava, que tinha poucos filhos, que cuidava do corpo, da aparência... Essa imagem que passava: Da mulher que cuidava das unhas, que usava produtos de beleza, fazia pedicura, manicure¹³⁷.

¹³⁷ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

Conversas, atividades e passeios eram constantemente propostos à criança na tentativa de entender o trauma; desenhos de cachorros eram recorrentes. A revelação somente foi feita no momento em que a professora descobriu o corpo do animal e comunicou à família.

O pai reuniu os filhos para saber qual deles havia matado o mais velho; em uma discussão, Antônio considerou a possibilidade de Renata ter cometido o crime; ao refutar tal probabilidade, Raul apresentou um ataque cardíaco e morreu.

Consultando os papéis da família, Júlio encontrou uma fotografia muito semelhante à de Renata, ao que concluíram ser ela irmã deles e compreenderam a superproteção do pai em relação a ela: “E nessa loucura êle quis dar a você o que sua mãe não havia podido dar: riqueza” (CAPRICHIO, 1966a, p. 90).

Entendo ter sido esta a solução encontrada pelo pai para não deixar a própria filha à míngua, já que a sociedade não dava direitos a filhos bastardos, durante os anos 1960. Nesta situação, preferiu optar pelo casamento incestuoso a ver a filha sem direito aos seus bens. É tanto que ameaçou os filhos a ficarem sem herança se não casassem no prazo de seis meses: “Dou-lhes seis meses. Se ao fim dêsse período, cada um de vocês não se tiver casado, nomearei Renata minha herdeira universal” (CAPRICHIO, 1966a, p. 38).

Outra revelação deu-se entre Isa e Belinda, ao ser levada ao local em que havia enterrado Ruby, ao que ela afirmou que Adriano arrancou-lhe a cabeça e, para tentar salvar o bicho, empurrou o rapaz e ele caiu no penhasco.

Desvendados os mistérios, Isa pediu a autorização para levar Belinda com ela ao colégio interno. Na despedida, Júlio afirmou: “Adeus, Isa. Jamais conheci alguém como você. Seu único defeito é trabalhar muito, esquecendo-se de si mesma” (CAPRICHIO, 1966a, p. 93).

Essa afirmação do herói faculta entender que, ao optar pela carreira, ainda que seja legitimada socialmente, como a docência, por exemplo, a mulher não podia sobrepô-la à vida familiar, dialogando com outras seções do impresso que prescreviam que a carreira profissional deveria estar em plano secundário na vida das mulheres, a fim de não prejudicar-se em suas relações pré-estabelecidas socialmente, pois os cuidados direcionados a ela deveriam prevalecer aos seus sonhos pessoais, seus ideais profissionais.

Mesmo amando Júlio, a trama se encerrou na expectativa de o herói voltar a visitar a professora e, quem sabe, terem um futuro relacionamento, caso ela solucionasse o “defeito” anunciado por ele, ratificando o ensinamento de que aquelas que apresentavam o mundo profissional como prevalente ao pessoal correriam o risco de ficarem sozinhas e não concretizarem o rito do casamento e dos filhos, posto como sinônimo de felicidade ao universo feminino.

A edição nº 176, de outubro de 1966, anunciou **“O amor que não morreu”**. No sumário, os indícios para o enredo: “O verdadeiro amor une dois seres no bem e no mal e baseia-se na confiança mútua e na ajuda constante. Linda não soube compreender esta verdade e teve que enfrentar dias de solidão e amargura. Na pág. 33 você encontrará a fotonovela ‘O Amor Que Não Morreu’ e conhecerá o desfecho dessa empolgante história de amor” (CAPRICHÔ, 1966b, p. 3).

A história iniciou na página 33 e terminou na 112. No total, 46 laudas de 114 (40%) constituíram a trama. No meio, anúncios, reportagens e outras histórias intercalados à fotonovela. A página inicial (figura 32) estava ocupada por uma imagem grande com foco nos protagonistas, característica das fotonovelas dos anos 1960. Nesta edição, houve também a indicação do elenco: Gabriela Farinon, Linda; Fabrizio Capucci, Renato; Betzi Bell, Norma; Franco Andrei, Conrado e Jacqueline, Emília.

Mais uma narrativa que se passou em Milão. Este fato é compreensível no momento em que se faz menção aos estudos da Habert (1974) quando ela ratifica que as fotonovelas introduzidas no Brasil foram importações de grupos, principalmente, italianos e franceses.

Nesta história, a personagem central, Linda, é uma moça simples, de bom caráter e secretária de Dr. Conrado, diretor administrativo de uma grande empresa. Namorada há dois anos de Renato, rapaz pobre e modesto que tirou recentemente o diploma de desenhista técnico – procurava emprego em sua profissão, enquanto trabalhava como guarda-noturno em uma garagem. Saliento o diálogo entre esta história e, mais uma vez, a aquisição de capital cultural. Neste caso, o curso realizado por Renato foi anunciado com ênfase pelos institutos por correspondência.

De forma explícita, a insatisfação do rapaz estava expressa pelas distorções de capital social, fazendo-o refletir constantemente sobre tal situação – fato não aceito com naturalidade e conformidade e questionava sobre o porquê de haver pessoas com tanto dinheiro e tantas outras sem nada: “Para eles o dinheiro sobra. Para nós, não dá nem para montar uma casa, constituir família!” (CAPRICHÔ, 1966b, p. 41).

Linda, em contrapartida, tinha uma vida tranquila, cuja harmonia foi alterada no momento em que, ao ir ao Banco, cumprir com uma de suas tarefas profissionais, a agência foi assaltada e ela reconheceu seu namorado como um dos bandidos: “Não posso acreditar! Amo Renato há dois anos conheço-o bem. Sempre o julguei o melhor dos homens!” (CAPRICHÔ, 1966b, p. 43). Ela passou a refletir sobre seus valores morais e não acreditou na atitude do noivo.

Figura 32 Página inicial da fotonovela “O amor que não morreu”. *Capricho*, edição nº 176, de 1966.



Fonte: Acervo particular da autora.

Renato apareceu na casa dela, disse ter deixado o emprego, pois havia ganhado três milhões na loteria, sugeriu casamento e nova vida na Argentina. Linda concluiu então que participou efetivamente do assalto e terminou tudo com ele; sem compreender, responde-lhe: “Eu sabia que seu chefe era meu rival. O amor impediu-me de enxergar a realidade!” (CAPRICHIO, 1966b, p. 47).

Aqui, a recorrência a um preconceito previamente estabelecido ao exercício profissional feminino na esfera pública, em especial, ao exercício de algumas funções que estigmatizavam as mulheres como amantes dos chefes, tal como também ocorreu com “**Até breve, amor!**”. Por outro lado, demonstrou também a preservação da boa conduta de Linda, acreditando ser aquele dinheiro fruto de um assalto, não quis compartilhar dele.

Linda desabafou com Conrado e leu no jornal sobre a prisão do ex-noivo, comprovando sua suspeita. Decorrido um ano, ela não o esqueceu; no entanto, Conrado era companhia constante na vida dela. Ao ler o noticiário, viu uma matéria sobre Renato, informando que havia sido preso injustamente, em razão de uma semelhança muito grande entre ele e o real assaltante. Ela pensou: “Um ano! Estêve preso injustamente durante um ano, enquanto eu, todos os dias, procurava afastá-lo de meus pensamentos!” (CAPRICHIO, 1966b, p. 59).

Na tentativa de reaver seus erros, tentou ser perdoada, mas sem sucesso, e ele esclareceu a proveniência do dinheiro: herança de sua mãe; por conseguinte, não queria revelar-lhe, já que era proveniente da profissão que exercera, era meretriz. E isso o envergonhava. Mais uma vez, o preconceito com mulheres que exerciam profissões não legitimadas socialmente e o quanto eram marginalizadas.

A trama segue com o quadrado amoroso: Linda, Renato, Conrado e Norma. Esta, uma mulher rica, proprietária da empresa onde Conrado e Linda trabalham, apaixonou-se por Renato.

Iniciaram um relacionamento, ela o empregou em um importante escritório técnico. Ele se estabilizou financeiramente. Alguns entraves surgiram por desajustes sociais: “Pertencemos a mundos diferentes. Desculpe-me mas não sou suficientemente moderno para ser sustentado por uma mulher” (CAPRICHIO, 1966b, p. 90). Mais um aspecto percebido: o homem não aceita ser sustentado por uma mulher. Ele compreende isso como ser “moderno”, situação a qual não se sente confortável a se inserir.

Mais uma vez, a ênfase aos estereótipos de mulher e de homem modernos. Ratifica-se aqui, novamente, que mulher moderna seria aquela que estivesse apta a ser inserida a um novo mercado de bens e consumos, qualificasse-se, exercesse uma profissão aceita socialmente e

não perdesse o foco dos cuidados de si, com os filhos e com o marido; enquanto o homem moderno seria aquele que estivesse apto a aceitar as alterações sociais e permitisse à esposa a estar inserida neste “novo” mundo.

Neste universo de transformações, modelos de mulheres foram recordados pelas depoentes:

Eu posso contar minha história. Eu tive dois modelos de mulher: um era minha mãe e o outro era a minha avó. Minha mãe foi minha inspiração contrária (Risos). Eu tive uma mãe muito massacrada pelo meu pai, sabe? Muito subserviente. E eu quando ficava muito próximo dela e eu ficava escutando aquelas conversas... Me roendo de raiva. Eu não gostava daquelas conversas. Aquelas coisas de gente conformada. E minha avó não. Minha avó tinha um casamento muito estabilizado, meu avós se amavam muito; mas minha avó era uma general e uma mulher muito afetuosa com a gente, com os netos. Meu modelo de mulher era aquela. E ela era o tipo de mulher que mandava meu avô se calar. E eu nunca vi minha mãe nem se atrever a isso, entendeu? E ali, eu juntava esses modelos, com os modelos que eu via na revista. Minha avó dizia para eu estudar. Ela fazia questão que eu aprendesse as coisas. Ela achava bonito eu aprender as coisas. Cozinhar, costurar, fazer crochê. Tentou me ensinar a bordar, e eu não consegui muito. Não consegui quase nada de bordado. Mas, ela dizia que uma mulher tinha que ser prendada nas coisas do lar, mas também tinha que ser independente, entendeu? Que tinha de estudar, de ter um emprego e tal. Ela dizia isso não porque ela tinha emprego; ela tinha um armazém que ela cuidava. Meu avô era policial e o armazém era praticamente dela. Ela que cuidava de tudo. Eu achava bonito como ela tinha desenvoltura de lidar com os bêbados, como resolvia tudo. Meu avô ficava lá numa preguiçosa conversando sobre política com os amigos, que é uma coisa que eu gostava também de estar presente... Nas discussões políticas e cá no armazém. Eu achava isso legal, tá entendendo?¹³⁸

Neste relato, ficou evidente que as representações femininas da mãe e da avó, apesar de modelos díspares, foram relevantes para compreender o “ser” mulher, que salientou a prescrição da avó acerca de como deveria ser uma moça: em conformidade com a representação de “mulher moderna” – prendada, mas independente; e o amor era um sentimento que precisava estar presente no estabelecimento e na manutenção das relações conjugais.

Pensamento, aliás, que corrobora com o enredo desta fotonovela, tendo em vista o fato de que o quadrado amoroso se desfez, por Linda e Renato acreditarem que a felicidade suprema está condicionada ao amor verdadeiro – elemento fundamental nos panos de fundo dos enredos de fotonovelas.

¹³⁸ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

Com Renato, Norma teve a certeza de que aprendeu a amar de verdade e ele, a convicção de que havia ainda uma esperança com Linda: “Linda ainda me ama! Compreendeu que agiu mal comigo e os remorsos não lhe deram paz. Aceitou meu desprezo como um justo castigo!” (CAPRICHIO, 1966b, p. 110).

Segundo a concepção dele, ela sofria por tê-lo desprezado. Seria uma reflexão às mulheres para agirem com parcimônia diante de seus companheiros, a fim de não sofrerem e de não mais terem o direito de ser feliz. O discurso se repete: felicidade está associada a acertos e infelicidade, a erros.

Linda somente voltou a ter o direito de ser feliz ao se redimir e reconhecer a culpa por não ter confiado e acompanhado seu noivo: “Recusou a possibilidade de refazer sua vida, porque julgava não ter direito à felicidade!” (CAPRICHIO, 1966b, p. 110).

Após se libertar de suas falhas, de se perdoar, e ser perdoada por Renato, aí sim, Linda teve o direito de ser feliz, encerrando-se a história com uma imagem de Renato à porta de seu apartamento, chamando por ela ainda de madrugada: “Ela pensa que está sonhando quando ouve a voz dêle. Logo depois, porém, percebe que a espera terminou e, com ela, terminaram o pranto e o desespero, porque um amor perdido fôra milagrosamente reencontrado!” (CAPRICHIO, 1966b, p. 112).

O quadrado amoroso presente nesta edição de *Capricho* tem muito a revelar: Linda, como o próprio nome sugere, portadora de uma beleza singular e, ao mesmo tempo, uma mulher frágil, verdadeira e pura – representação da mulher legitimada nas demais seções do suporte analisado. Norma, também, revelou-se uma mulher preocupada em seguir regras e padrões, havendo assim, uma sinonímia com seu nome, e passou a acreditar no amor e a enxergar a vida de forma diferente após conhecer Renato, homem simples, honesto, trabalhador e que, mesmo tendo a oportunidade de estar com uma mulher rica, preferiu lutar pelo amor dele, Linda.

Conrado, apesar de ter denunciado Renato para conquistar Linda, percebeu que não adiantaria lutar por um amor que não lhe pertencia.

A Pedagogia desta fotonovela também retrata valores referentes à integridade, reputação (a fotonovela demonstrou que Renato ao macular seu nome, mesmo injustamente, sentiu dificuldades para encontrar novas oportunidades para vencer na vida) e verdade em qualquer relação estabelecida.

A edição nº 213, de 1968, anunciou na capa 2 fotonovelas. Juntas, ocuparam 68 páginas, de 122 (56%). No sumário, não havia síntese sobre o que tratavam, apenas as páginas iniciais dos textos.

Depreendo que, das duas, **“Traição por amor”** (figura 33) ocupou um maior número de páginas, 46, correspondendo a 38% do conteúdo da Revista. A trama iniciou na página 26 e terminou apenas na página 119, preenchendo praticamente todo o espaço do impresso. Talvez fosse esta uma estratégia adotada para que a leitora, ao buscar a continuidade da fotonovela, folheando as páginas, “obrigasse-a” a ler também os demais conteúdos.

Não houve indicação da ficha técnica, nem mesmo dos protagonistas que compuseram a trama. Na página inicial, o rosto da moça encontrava-se de costas e o foco da imagem, apenas para o herói. A história de amor apresentou como pano de fundo a guerra entre França e Espanha, no momento em que este país lutou contra aquele após se revoltar por Napoleão ter traído os Bourbons e indicado o irmão dele ao trono espanhol, no início do século XIX.

A trama central girou em torno do amor incondicional, porém, proibido, entre o leal francês, coronel Aubry, e a marquesa espanhola Alba de Valmaseda, filha de Don Felipe, para a qual era capaz de agir de forma antes nunca imaginável: “A mulher que me obrigou a dizer a primeira mentira de minha vida. Orgulha-se de seus títulos... Devia envergonhar-se por ter obrigado um oficial a trair...!” (CAPRICHIO, 1968, p. 40).

No segundo plano, estavam as irmãs Marion, a “Mamãe Bofetada”, viúva do suboficial Leclerc, e Pimprenelle, deixada há 18 anos, em 1792, por um homem desconhecido na pequena fazenda da família Géraud. Após a morte dos pais adotivos, a irmã decidiu levá-la para o campo de batalha, a fim de não deixá-la sozinha.

Ao conhecer o coronel, apaixonou-se por ele e este nutriu apenas um sentimento fraternal. Por conseguinte, ao perceber o amor entre Aubry e Alba, Pimprenelle não mediu esforços para uni-los, percebendo-se assim a boa conduta moral da moça, bem como sua pureza e pensou sobre os valores dados à vida: “Títulos? Dinheiro? Que importa isso diante do amor?” (CAPRICHIO, 1968, p. 84).

A perspicácia da moça demonstrou aspectos de sua conduta moral e da percepção de valores priorizados: o amor devia estar acima de quaisquer aspectos em dada relação, tais como os pensados por ela: dinheiro e, até mesmo, títulos de nobreza, tão apreciados e que davam legitimidade a um ser, ou a uma família, não podiam estar em instância superior ao sentimento supremo: o amor. Este estaria associado à própria essência da vida.

O herói foi preso por tropas inimigas e condenado à morte, mas a marquesa preferiu sofrer e enfrentar o pai a vê-lo morto, libertando-o da cadeia: “Há vários séculos nossa família serve à realeza. Como ousou opor-se à decisão do tribunal?” (CAPRICHIO, 1968, p. 82).

Figura 33 Página inicial da fotonovela “Traição por amor”. *Capricho*, edição nº 213, 1968.



Fonte: Acervo particular da autora.

A atitude da filha fez o pai questioná-la sobre seus sentimentos pelo francês, ao que se recusou a responder e ele apressou-se para realizar o casamento dela com o primo Inigo para quem havia sido prometida ainda criança.

No campo de batalha, na tentativa de salvar os feridos, Marion foi atingida por uma bala no peito e morreu após contar à Pimprinelle, de forma breve, a história de como ela se inseriu à família e entregou-lhe o medalhão deixado com ela na fazenda: “Tome... Êste medalhão poderá identificá-la para sua família...” (CAPRICHIO, 1968, p. 91).

Juanito, também primo de Alba, teve uma grande admiração e afeição por Pimprinelle e preferiu levá-la à sua mãe, duquesa Mendoza, tia de Inigo, marido de Alba. Ao chegar lá, a mãe o recebeu, dizendo-lhe: “Exagerou, Juanito. Como pôde pensar que eu abrigaria uma cantineira, uma mulher sem moral?” (CAPRICHIO, 1968, p. 94). O filho, por sua vez, retrucou, defendendo-a e afirmou ser ela “digna de respeito e a irmã dela morreu pelo tiro de um espanhol fanático. Temos obrigação de ajudá-la” (CAPRICHIO, 1968, p. 94).

Apesar de a distinção social também parecer ser argumento para impedir a união entre eles: “Confio em você, Juanito, desde que o conheci. Mas sou uma filha do povo e você é um duque” (CAPRICHIO, 1968, p. 100), Juanito acreditava que o sentimento estava acima de tudo: “Não importa, Pim, já que nos amamos. Você não me deixará?” (CAPRICHIO, 1968, p. 100).

Entretanto, a situação entre eles mudou apenas quando a duquesa Mendoza investigou sobre o significado da simbologia da joia que a menina levava no pescoço, entregue pela irmã no leito de morte, revelando a sua ascendência: “Você é um anjo, minha menina. Orgulho-me da escolha de Juanito” (CAPRICHIO, 1968, p. 107).

Nesta passagem, percebo que a marquesa deixa de considerá-la uma simples cantineira, passando-a a adjetivá-la de “anjo”, ao descobrir a nobreza, prevalecendo uma sociedade de aparências, de interesses, de relações a partir do acúmulo de capitais simbólicos, neste caso, social.

Em contrapartida, as relações reais e / ou simbólicas de poder estabelecidas socialmente pareciam não importar àqueles que tinham na essência da alma o sentimento do verdadeiro amor.

Pimprinelle também passou a ter uma missão importante na vida de Inigo, quando cuidou dele ao ser ferido por uma bala perdida espanhola. Por conseguinte, para impedir Alba, sua esposa, de ficar com Aubry, após sua morte, acusou-o de ter atirado nele. A jovem, então, passou a mostrar-lhe a vida de outra forma: “Faz-me lembrar de minha mãe. Foi a única pessoa no mundo que me deu ternura... por pior que eu tenha sido” (CAPRICHIO, 1968, p.

111) e tentou fazê-lo aprender a perdoar as pessoas em seu leito de morte, mudando também o destino dos protagonistas – Aubry, agora general; e Alba – que abandonaram tudo para viverem o amor em terras brasileiras: “Tanto tempo esperei ser sua... Nunca imaginei o que poderia ser uma comunhão total entre dois sêres” (CAPRICHIO, 1968, p. 119).

O rito das viagens, presente nos enredos como possibilidades para iniciar novas trajetórias de vida, ou como via de diversão, também foi lembrado pelas memorialistas, como expresso por uma delas:

As fotonovelas mostravam o casal que viajava... Viagem de férias... Meu Deus! Meus pais nunca saíram de férias assim, entendeu? Eu nunca vi isso. Eu viajava de férias com meus avós, que a gente fazia a mesma viagem duas vezes por ano. Que era ir para Traipu, Gararu. Os parentes dele no interior... Umbaúba, Propriá, Neópolis¹³⁹.

Nesta fotonovela, especificamente, vários elementos permitem refletir sobre a condição moral e social do ser humano, cuja valorização ocorre a partir dos bens materiais e simbólicos, em razão do período histórico em que o enredo está situado, cujos títulos de nobreza e pecúnia eram fundamentais para a escolha dos pares.

Apesar de Pimprinelle e Juanito se amarem, a benção no relacionamento somente foi dada, quando a mãe deste teve conhecimento de que ela tinha “sangue nobre”, passando a chamá-la de “anjo” – ser puro, virtuoso, inocente, bom: características típicas das heroínas das fotonovelas.

Neste sentido, de nada adiantaria amar, lutar por um amor que não fosse consentido, pois o amor proibido não levaria à felicidade, assim, não adiantaria lutar por ele.

Na Pedagogia específica desta história, a valorização da conduta moral foi bastante frisada, pois, até mesmo o pior dos homens, Inigo, foi redimido pelo amor, agindo moralmente no leito de morte e revelando a verdade sobre a bala que, de fato, o havia atingido.

Alba, que significa “alva, clara”, pode também ser associada à brancura do “anjo” de Pimprinelle, pois casou-se com Inigo por ordens paternas, no entanto, não cumpriu seus deveres de esposa: “Sou mulher de Inigo apenas de nome. Não poderia ser de outro modo, pois não deixo de pensar em você” (CAPRICHIO, 1968, p. 104) e, somente após a morte do cônjuge, entregou-se ao seu amor também com o consentimento de seu pai, revelando-nos que

¹³⁹ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

o amor é possível de se concretizar, desde que esteja sob o estabelecimento dos códigos morais aceitáveis socialmente, com preservação da castidade e integridade da mulher.

A edição nº 218, de 1969, apresentou na capa duas fotonovelas: uma delas **“Um anjo em meu caminho”** ocupou 32 páginas de 107 (30%), em que, no fotograma inicial (figura 34), a indicação apenas dos principais atores e dos papéis de cada um deles: Viviana Vanni, Madeleine; Alberto Cevenini, Armando; Katerin Trentini, Sofia e Enrico Volpe, George. Na imagem, o destaque para uma bela jovem aeromoça, um passageiro, que a observava e outro atrás, que o percebia fitar nela.

Uma das depoentes recordou com saudosismo desta fotonovela, como exposto adiante: “Olha, menina, que maravilha! Fotonovela *Capricho*... Vixe, Jesus! Ave Maria! Você já me matou (Risos). “Artista e mau caráter”... “Um anjo em meu caminho”... Viviane, Alberto... As imagens são familiares. As fotonovelas... A maioria, italiana!”¹⁴⁰

No início da página seguinte, a contextualização do enredo: Armando Boltri era um rapaz rico de família nobre romana. Tinha fama de conquistador e estava em Paris a negócios e, predominantemente, a passeio. Divertia-se e, na viagem de retorno, conheceu uma aeromoça, Madeleine, por quem se apaixonou e começou a enxergar a vida de outra forma: “O espetáculo do afeto que os une espanta o grupo, que conhecia bem Armando” (CAPRICHIO, 1969, p. 73).

Madeleine aproveitou seus dias de folga em Roma para ficar com Armando, este a pediu em casamento e ela, de forma prudente, disse ser muito cedo para uma decisão tão importante na vida de ambos e propôs uma prova de amor: “Devemos superar uma prova. Ficaremos separados por um mês, sem nos escrevermos, nem telefonar. Aí saberemos se tudo é seguro e certo” (CAPRICHIO, 1969, p. 74).

¹⁴⁰ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

Figura 34 Página inicial da fotonovela “Um anjo em meu caminho”. *Capricho*, edição nº 218, 1969.



Fonte: Acervo particular da autora.

Sofia, apaixonada por Armando, não se conformou em vê-lo feliz ao lado de outra mulher. Com a partida de Madeleine, Armando passou a compreender a vida diferente, não encontrava mais sentido nas festas que outrora promovia. Esta alteração de comportamento ficou visivelmente perceptível para seus amigos: “Nunca pensei que um farrista como você pudesse mudar assim” (CAPRICHIO, 1969, p. 82).

Também, ao perceber a mudança de conduta dele, Sofia lhe afirmou que: “Perdeu o senso da praticidade: prender-se a uma modesta aeromoça, você que vem de uma das mais antigas famílias romanas...” (CAPRICHIO, 1969, p. 80). No entanto, ele refutou tal pensamento e acreditou que o amor que sentia pela aeromoça era mais importante do que o dinheiro, o poder e a tradição familiar.

A situação de harmonia da trama prevaleceu com o anseio de ambos os jovens se reencontrarem e sonharem com o jargão mais famoso dos contos de fada, também esperado para esta história de amor: “Bem... E viveram felizes para sempre!” (CAPRICHIO, 1969, p. 82).

Por conseguinte, no dia do encontro, o voo atrasou, Madeleine chegou trinta minutos mais tarde ao local combinado e, ansioso, Armando deixou-lhe um bilhete, foi a uma cabina pública tentar contato com o aeroporto, sem sucesso. Distraído, tentou retornar ao local do encontro, não viu um carro, sendo atropelado. Neste meio tempo, Madeleine pensou que o indício do bilhete seria uma de suas brincadeiras e que ele não havia mudado: “Ele estava perto dali, deixou-me um bilhete. Deve ter me visto chegar... deve ter rido de mim, com os amigos” (CAPRICHIO, 1969, p. 85).

Esta situação demonstrou o quanto é difícil acreditar na mudança de comportamento das pessoas.

Triste, Madeleine retornou às suas atividades e ao contato com George, seu confidente; Armando ficou sob os cuidados de Sofia, a quem passou a dever gratidão, estabelecendo-se o quadrado amoroso.

Com o passar do tempo, Armando teve conhecimento de que ficaria paraplégico, sentiu-se inútil. Em uma das viagens a Roma, Madeleine visitou uma galeria de arte e reconheceu sua imagem pintada em um dos quadros por um jovem pintor, Armando Boltri. A esperança do reencontro renasceu; ao pedir autorização para a compra do quadro, ela conseguiu o seu novo endereço. Ao chegar à sua nova casa, encontrou-o em uma cadeira de rodas e ele lhe afirmou ter sido de um acidente enquanto esquiava e que aquele encontro, de fato, nunca havia passado de uma brincadeira.

Apresentou Sofia como noiva e afirmou que iriam casar-se dentro de alguns dias. Ambas se surpreenderam com a notícia. Na verdade, ele não queria ficar com Madeleine por estar em uma cadeira de rodas e, por isso, acreditava que não seria capaz de fazê-la feliz.

Perplexa, Madeleine foi embora e tentou reconstituir sua vida ao lado de George, pois: “Só você sabe me dar sensação de paz, de segurança” (CAPRICHIO, 1969, p. 93). Nesta passagem, a busca de paz e segurança em uma relação e o questionamento: “Parece que vivo um sonho... poderei tornar George feliz?” (CAPRICHIO, 1969, p. 95).

Interessante a preocupação em fazer o outro feliz e não em ser feliz. A felicidade dela é posta em segundo plano e a do homem, em primeiro. Havia, implicitamente, uma recorrência a práticas instrucionais como esta: a mulher precisava se preocupar, primeiramente, com o que o homem pensaria sobre ela, como deveria agir para fazê-lo feliz e os sentimentos femininos eram postos recorrentemente em segundo plano.

Decidem então casarem-se em Bruxelas, onde mora a família de George. Ao mesmo tempo, Sofia propôs a Armando uma viagem a outro local, a fim de que respirasse novos ares e pudesse sentir-se mais feliz, já que vivia muito triste, propondo Bruxelas, por ser um local que ainda não conheciam. A “coincidência” no enredo da fotonovela, provocaria o clímax, o reencontro do par amoroso.

Outra ação simultânea é o fato de o quadrado amoroso se hospedar no mesmo hotel e, além disso, Armando e George ficarem no mesmo quarto. Armando contou a história dele a George. Este fez com que Madeleine e ele se reconciliassem, Sofia não concordou.

No entanto, George a fez perceber que eles não podiam forçar o amor quando este não o pertencia. Assim, Madeleine e Armando se reencontraram e fizeram juras eternas de amor: “Sofremos demais... temos direito a ficar juntos e ninguém pode nos impedir!” (CAPRICHIO, 1969, p. 103). Por outro lado, George ensinou à Sofia ser necessário deixar o coração livre do ódio para poder amar novamente, permitindo-a enxergar a vida com equilíbrio e discernimento e ela confessa: “A verdade é que suas palavras me fizeram compreender a vida, a apreciar mais o valor das coisas. Aprendi a amar você!” (CAPRICHIO, 1969, p. 105). Assim posto, a história se encerrou de forma feliz para todas as partes.

Nesta narrativa, alguns ensinamentos essenciais à conduta humana: George caracteriza a valorização do caráter, da integridade e da verdade; Madeleine, a representação da pureza, da ingenuidade e da honestidade. Estes dois provocaram transformações substanciais em Sofia e de Armando, respectivamente, os quais passaram a enxergar a vida através da essência e não da aparência, cujo amor, mais uma vez, foi posto como sentimento sublime, capaz de superar a vaidade e o dinheiro, denotando uma Pedagogia em que os valores a serem

priorizados na vida estavam associados ao caráter, à moral humana e não, aos prazeres superficiais alcançados pela pecúnia, festas, bebidas.

Nesta mesma edição, a fotonovela **“Felicidade proibida”** ocupou 24 páginas, apresentando um percentual de 22% do total da Revista. Notei que, quando havia duas histórias publicadas, uma assumia posição central e outra, secundária.

Assim sendo, classifico a primeira como a mais relevante, por apresentar trama mais elaborada, com mais elementos, complicações, mais imagens, com quadrado amoroso, cujo enredo perpassava pelos seguintes elementos: harmonia, complicação, clímax, harmonia e desfecho, além de que a história ocupava praticamente todo o espaço do impresso e, consequentemente, um percentual de páginas maior.

A segunda fotonovela, mais elementar, a qual denomino de fotonovela de segundo plano, tem um enredo mais simplório e uma trama mais superficial, com um número menor de laudas e um único espaço da Revista é destinado a ela; por conseguinte, proporcionava também envolvimento de suas leitoras, como expresso por uma das memorialistas: “Que maravilha! Impressionante! ‘Felicidade proibida’. O cara parece com Mastroianni¹⁴¹... Com Marcello Mastroianni”¹⁴² e como ocorreu na fotonovela de segundo plano da edição nº 218, de 1969, com os seguintes atores principais: Maria Teresa Orsini, Franca; Alfredo Fedele, Fremo e Celso Faria, Stefano.

Stefano Brazzi, chefe de pessoal da fábrica Ranki, organizou um passeio a um estádio de futebol. No entanto, Franca decidiu não assistir ao jogo e foi à praia: “Que paz... É como se voltasse aos tempos de menina, quando as freiras nos levavam a passear na praia... Pegávamos conchinhas, brincávamos na água... Apesar de órfã, tive momentos felizes em minha infância” (CAPRICHOS, 1969, p. 41).

Distraída, entrou no mar e não percebeu ser levado para o fundo. Foi salva por Fremo, perceberam que já se conheciam e entre eles iniciou um contagiante sentimento de amor: “Franca, não sei explicar... há meses que há conheço de vista, mas somente hoje me dei conta de ser você a mulher da minha vida!” (CAPRICHOS, 1969, p. 46).

Ao retornar ao ônibus, ela foi repreendida por Stefano, primo de segundo grau, que acolheu a ela e a seu filho, pessoa por quem ela tem grande gratidão; e ele, paixão. Ao se reencontrar com Fremo, Franca lhe revelou ter um filho: “Fui criada num colégio para

¹⁴¹ Marcello Vincenzo Domenico Mastroianni, considerado o maior ator de cinema da Itália, nasceu em Fontana Liri, Itália, a 28 de setembro de 1924, e faleceu em Paris, França, a 19 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/marcello-mastroianni.htm>. Acesso em: 20 jan. 2015.

¹⁴² Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

meninas órfãs [...]. Ao atingir os dezoito anos, fui obrigada a procurar um emprego. [...]. Lá, eu conheci um rapaz. [...]. Procurou-me conquistar-me por todos os meios, fingindo-se gentil e honesto... Pediu-me em casamento [...]. Abusou de minha boa fé e inocência aproveitando-se de mim. Meu filho é fruto desse erro que cometi...” (CAPRICHIO, 1969, p. 57).

O fato de crescer em Colégio de Freiras fez com que Franca tornasse-se uma pessoa ingênua e pura, fácil de ser enganada por um homem aproveitador; a mulher que se deixava levar pelos encantos e estereótipos do “príncipe encantado” podia também levar com ela o fardo do preconceito por ser mãe solteira, sentimento de culpa e sofrimento em relacionar-se novamente. Sobre os estereótipos de “mãe solteira” e de “mulher divorciada”, uma das memorialistas recordou que a representação destas mulheres perante a sociedade ocorria da seguinte maneira:

A divorciada também era uma mulher moderna! Mas a que se divorciava e tinha muitos namorados, para a gente já não era moderna. A gente tinha preconceito de mulher que tinha namorado e filho com outros homens... Então a gente condenava isso. Se bem que as fotonovelas mostravam o filho do primeiro casamento, com o filho do segundo casamento, tinha isso nas fotonovelas e a gente achava natural, porque era um filho do primeiro e um filho do segundo. Mas, o que a gente via aqui era diferente: Era um de um, outro de outro, outro de outro, outro de outro (Risos). Então tinha isso. Mais ou menos por aí como a gente via.¹⁴³

Mesmo reconhecendo a inocência da amada, Fremo refletiu sobre a situação: “Não a culpo, não posso julgá-la... mas é horrível saber que pertenceu a outro homem!” (CAPRICHIO, 1969, p. 57). Nesta passagem, fica clara a percepção de que, para o homem, a mulher precisaria se manter casta, confirmando o discurso de outras seções deste impresso e outros exemplares analisados.

Stefano não se conformou em saber que a prima estava se encontrando com outro homem e a ameaçou: “Sabe que a Lei pode separar uma mulher de maus costumes de seu próprio filho?” (CAPRICHIO, 1969, p. 63). O pronunciamento de Stefano dialoga com os direitos legais da mulher no período em estudo.

Apesar de não estar explícita a Lei a que ele faz alusão, depreendo que se refira aos direitos da mãe, após dissolução conjugal, temática, aliás, bastante debatida em outras seções deste suporte, tal como ocorreu na edição nº 375, de 1975, na reportagem “Direitos da Mulher”, com chamada na capa para a referida matéria, que ocupou duas páginas da

¹⁴³ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

publicação, as quais foram dedicadas a comentar sobre quais os Direitos da Mulher após separação, bem como as razões para o desquite (expressão usada à época).

Figura 35 Página inicial da fotonovela “Felicidade Proibida”. *Capricho*, edição nº 218, 1969.



Fonte: Acervo particular da autora.

Uma ressalva no início da matéria advertia para o fato de que tal reportagem foi publicada em razão do grande número de cartas recebidas de leitoras, principalmente, de adolescentes, na tentativa de saber como ficaria a situação dos pais, em especial, da mãe, após separação. Sendo assim, a *Capricho* explicou a possibilidade de duas formas de dissolução conjugal – amigável, ou mútuo consentimento, e judicial, ou litigiosa. As razões apontadas foram as seguintes: adultério; sevícia; tentativa de morte; injúria grave; abandono voluntário do lar por mais de dois anos.

Sobre a guarda dos filhos, evidenciou-se o fato de preservar a integridade moral deles, ainda que não ficassem com o cônjuge inocente, cuja garantia legal lhe daria o direito à guarda: “Pode o juiz mesmo reconhecendo a inocência de um dos cônjuges, negar-lhe a guarda dos filhos visando sempre ao bem-estar e à melhor formação moral dos menores” (CAPRICHIO, 1975, p. 52) – o que permite perceber que, ainda que a legislação garantisse teoricamente alguns direitos à mulher, nem sempre estariam assegurados. Em consequência disso, na fotonovela em análise, Stefano ameaçou a prima a perder a guarda de seu filho por má conduta.

Neste enredo, o caráter informativo e, mais uma vez, educativo de cunho moral, que a questão legislativa estava posta no texto como forma de expressar a ausência de direitos às mães de ficarem com seus filhos por não se comportarem dignamente.

Inconformado, falsificou o registro de nascimento de Carlinhos, filho de Franca, para ela perder a guarda. Entretanto, ela pediu aos policiais para averiguarem a veracidade do documento. Fremo decidiu levar Franca e Carlinhos para morarem com ele.

Talvez por ter engravidado inocentemente, ainda na juventude, foi permitida à Franca uma nova chance para reconstruir a vida. Ainda assim, precisou padecer bastante em sua trajetória e ser vítima de preconceitos, humilhações, posto que sua conduta não foi condizente aos valores morais almejados socialmente para uma moça considerada de boa família na década de 60 do século XX e o próprio título da Fotonovela permite compreender que felicidade, para ela, seria sinônimo de proibição.

“**O drama da professora**” foi a fotonovela da edição nº 271, publicada em 1971, ocupou 55 páginas de um total de 114 de toda a edição, correspondendo a 48% da Revista com a fotonovela.

Apesar de não enfatizar os nomes dos atores, eles apareceram discretamente na parte inferior esquerda do fotograma inicial: Alba Rigazzi, Mirtes; Marcelo Tiller, Aldo; Luciano Francioli, Cláudio e Walter Setti, Paulo. Uma síntese do enredo teve lugar de destaque no início do primeiro fotograma, o que não ocorreu com nenhuma das outras analisadas: “A

professôra. Na língua do povo ela era a ‘amante do prefeito’! Para os homens, uma mulher bonita e ingênua. A verdade: era uma criatura sôzinha e cheia de medo!” (CAPRICHIO, 1971a, p. 44).

A contextualização revelou Mirtes taciturna. Posteriormente, pensando em algo, decididamente, mas refletiu: “Talvez eu esteja agindo errado” (CAPRICHIO, 1971a, p. 45). O agir errado para ela era justamente ir à casa de um homem, Aldo. Ao chegar lá, ele lhe mostrou várias imagens dela, revelando ações contrárias as do início da trama. Nelas, Mirtes estava alegre, bonita, feliz, apaixonada ao lado dele. Ao tentar se aproximar dela, no entanto, afirmou-lhe: “Desculpe... Eu não posso... Aldo procure compreender... Eu gosto de você... Mas não quero assim...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 47).

Passaram –se alguns meses sem se ver, ao se reencontrarem, Aldo tentou se firmar no mundo da música e ela, em ser professora: “Gosto de crianças, e acho que há necessidade de professores honestos, que saibam ensinar e educar...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 50). Ela, que acabara de se formar, acreditava na educação com entusiasmo.

O ensinar e o educar, além do instruir, para Comenius (2006, p. 189), podem ser compreendidos, sob formas distintas: instruir jovens implica “desenvolver o entendimento das coisas”; educá-los, relaciona-se a preservá-los “da corrupção do mundo” (p. 30) e ensiná-los indica “repetir as coisas entendidas para os discípulos ou repetir as coisas entendidas para os discípulos ou para qualquer outra pessoa que se encontre” (p. 200). Conforme explicitado, ficou notória a distinção entre ensinar, educar e instruir; por conseguinte, esses aspectos devem estar encadeados no processo de formação humana, ao que Comenius (2006) defende a sua efetivação a partir de mudanças contextuais da vida em sociedade. Era em um ideal de ensino que ensinasse e educasse os seus alunos que Mirtes acreditava.

Aldo, por conseguinte, retrucou: “Mas os professores tem salário de fome...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 51), denotando uma realidade do cenário econômico da categoria docente; ainda assim, ela defendia sua profissão: “Ensinar é uma missão...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 50).

Neste diálogo, a carreira docente, uma das poucas até então legitimadas à mulher, é evidenciada neste enredo e representada por aquela que sonha em ser professora: uma missão, e por aquele que não acredita nesta missão, não tem este entusiasmo pela educação: o salário é uma miséria.

A ascensão de Aldo na música o pôs em contato com várias pessoas e, ao mesmo tempo, passou a ser constantemente infiel a Mirtes, a qual não reagiu à situação, compreendendo fazer parte do mundo em que ele vive e refletiu se, de fato, o amava.

Nesta passagem, a representação de que a mulher deveria compreender a infidelidade como inerente aos homens, conformando-se com a referida situação.

Dias depois, recebeu uma carta da Secretaria de Educação, oferecendo-lhe “um lugar de professora, por um ano, no Grupo Escolar de São Carlos” (CAPRICHIO, 1971a, p. 54) e ela aceitou.

Ao comunicar a Aldo que iria a São Carlos, ele lhe disse: “Eu preciso de você, Mirtes, não pode me deixar assim. Você não pode ir se enterrar naquela aldeia...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 63).

O início da carreira de Mirtes se assemelhou a de muitas normalistas: iniciavam sua trajetória profissional no interior, quando não tinham o capital político, e somente após muito tempo conseguiriam remoção para a capital:

De acordo com a lei dos acessos, depois de formada, a normalista deveria iniciar a carreira no interior. Primeiramente, em uma carreira de primeira entrância, situada em um povoado. Passaria depois a lecionar em uma vila considerada segunda entrância. Em seguida, para a terceira entrância, em escola situada na cidade. Após sucessivas promoções, poderia lecionar na capital (FREITAS, 2003b, p. 148 e 149).

Sua partida foi justificada a Aldo de forma conformada, denotando não ser surpresa saber que iria iniciar sua carreira no interior: “Você não precisa de mim, Aldo... Quanto ao resto, eu sempre desejei isso. Estudei tanto, fiz tantos sacrifícios justamente para poder ir viver no interior” (CAPRICHIO, 1971a, p. 64).

No trem, refletiu se, de fato, agiu coerentemente com Aldo e concluiu que sim, pois sonhava em trabalhar como professora e ele também não havia sido honesto com ela. Ao parar na estação, caminhou bastante, encontrou um posto de combustível e perguntou o tempo que faltava para chegar a São Carlos – cerca de um ou dois quilômetros. O prefeito da cidade a ouviu e ofereceu-lhe carona, apresentaram-se e conversaram sobre representações de imagem de professora: “Geralmente, a imagem que se tem de uma professora é a de uma velha mal-humorada” (CAPRICHIO, 1971a, p. 65); de prefeito: “baixinho, gordo, um pouco ignorante...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 65); sobre concepção de educação: “Geralmente, hoje em dia, trabalha-se só pelo ordenado, sem nenhum ideal, nem entusiasmo...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 65) e ela lhe responde: “Eu considero minha profissão uma missão...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 65).

As representações das profissões exercidas também estiveram notórias neste diálogo, demonstrando que algumas imagens se consolidaram no imaginário da sociedade e se

perpetuaram. Ao chegarem à cidade, houve um grande falatório por verem os dois chegarem no mesmo carro. Várias foram as interpretações: não se podia confiar em uma moça da cidade que entrava em carro de desconhecido, o prefeito foi escolher uma moça ao gosto dele e assim sucessivamente.

Esta passagem seria uma prescrição a um público consumidor das fotonovelas – leitoras que estudavam para ser professoras e, provavelmente, teriam um destino semelhante ao da protagonista: trabalhar no interior, como ressaltado por Freitas (2003b). Assim sendo, seria um alerta para que elas não andassem sozinhas com homens, como fez a professora deste enredo, que aceitou carona do prefeito e começou a ficar “mal falada” pela comunidade.

A dedicação da professora causou uma admiração muito grande do prefeito e ele a pediu em casamento; no entanto, ela disse que precisava se dedicar ao seu trabalho – fato que ele reprovou: “Tem certeza de que pode renunciar à sua vida para se ocupar somente com a dos outros? Não consigo entender... A mulher nasce para amar, ter um marido, filhos...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 73).

A recusa do homem ao excesso de dedicação profissional feminina novamente foi explanada em uma fotonovela. Nesta, assim como em “**Uma mulher muito amada**”, as personagens, professoras – talvez pelo fato de ser esta a profissão já consolidada ao universo feminino – eram criticadas por reservarem grande parte do tempo ao exercício docente e, em contrapartida, convidadas a reservar um tempo para a vida particular, em família – ratificando, mais uma vez, que a vida profissional deveria estar como elemento secundário na vida de qualquer mulher.

Mais uma vez esta representação da profissional, ainda que exercesse uma atividade remunerada legitimada socialmente, precisava dedicar-se com prioridade à família, ou seja, as prováveis leitoras do texto apreenderiam que precisariam organizar seu tempo, para não haver conflito no recinto familiar.

Figura 36 Página inicial da fotonovela “O drama da professora”. *Capricho*, edição nº 271, 1971.



Fonte: Acervo particular da autora.

Os dias se passaram e Mirtes aplicou na pequena cidade os métodos de ensino em que acreditava, causando muita desconfiança e comentários na localidade, apesar do entusiasmo dos alunos: levava-os ao campo, colocava-se como amiga, propunha conselhos de classe, atividades práticas, de temas livres, visitava seus alunos em suas casas quando não iam à escola, a fim de saber o que estava acontecendo e lhes passava o resumo das lições. O método aplicado por ela causou desconfiança da população. Procurou Marta Gomes, a antiga professora, para pedir-lhe conselhos e ela lhe afirmou não poder ajudar, pois seus métodos eram distintos.

Nesta passagem, a evidência de duas concepções diferentes de educação: Marta representava uma percepção de ensino direcionada ao método tradicional em que a voz era dada apenas ao professor; enquanto Mirtes se preocupava em conquistar as crianças, relacionar teoria à prática, elegia conselhos de classe, direcionava sua metodologia de ensino para o ideal do aprender fazendo, ou seja, para o construtivismo, cuja metodologia de ensino estava direcionada para trabalhos em grupo, manuais e experimentais. Por conta disso, o desenvolvimento de atividades através da pesquisa era salutar.

Neste universo, o trabalho com a leitura era incentivado no processo de aprendizagem e o livro passou a ser o instrumento de estudo nas escolas; por esta razão, “a escolarização da leitura repousou num movimento de impregnação das práticas escolares pelas práticas culturais e sociais historicamente constituídas” (VIDAL, 2003, p. 504).

Dessa maneira, as escolas deveriam estar bem equipadas e aparelhadas para a aplicação das novas metodologias educacionais e o livro passou a ter um papel importante no processo de formação de leitores, visto que as práticas com a leitura eram incentivadas no campo escolar, aumentando substancialmente a procura na sociedade por livros, os quais deveriam estar de acordo com a singularidade dos leitores, além de estarem divididos entre os que deveriam despertar o gosto pela leitura e aqueles que seriam usados como fontes de estudo nas escolas.

Com isso, a leitura passou a fazer parte não apenas do convívio cotidiano, mas também do currículo escolar, ampliando, de maneira expressiva, as suas possibilidades de leitura nos universos social e escolar. Neste caso específico, educadores escolanovistas buscaram mecanismos diversos, a fim de difundir novos hábitos de leitura, bem como controlar a produção livresca, entre os quais, Vidal (2003, p. 507) destaca “a criação dos clubes de leitura, a instituição da festa do livro nas escolas primárias; a realização de inquéritos sobre leitura por diversas entidades, [...] e avaliação dos livros infantis pelas Diretorias de Instrução Pública [...]”, cujas práticas ocorriam em conformidade com as

mudanças impulsionadas pelas alterações ocorridas no campo escolar, ponderando-se “as relações temporais, espaciais, materiais e sociais da escola” (VIDAL, 2003, p. 507).

Nessa conjuntura, a forma de ler também apresentou mudanças, uma vez que, até o final do século XIX, Vidal (2003) ratifica que a leitura escolar era concebida como prática mecânica, resumindo-se à repetição de textos memorizados, aprendidos oralmente; no fim dos Oitocentos e início dos Novecentos, apesar de permanecer a prática oral, distinguia-se da anterior por priorizar, no período republicano, a leitura expressiva e o método analítico; a leitura oral possibilitava não apenas o controle do conteúdo, mas também era adotada, no campo escolar, segundo Vidal (2003, p. 505), para “cultivar a apreciação da literatura e permitir a apreensão da mecânica de ler, atingindo sua forma mais aprimorada na leitura expressiva”.

No período republicano, com os ideais escolanovistas em voga, a conjectura social, como a necessidade de melhor utilização do tempo, a grande circulação de informações, também provocaram novos desafios no leitor, exigindo dele maior agilidade no processo de apropriação das informações; assim, “a leitura silenciosa despontou como a resposta aos apelos da nova sociedade moderna” (VIDAL, 2003, p. 506).

Levando em consideração esses aspectos, foi possível averiguar que, com o advento da República e de seus ideais democráticos, houve inferências no sistema de ensino e, conseqüentemente, nas práticas de leitura realizadas pela sociedade republicana, sendo indispensável ao indivíduo ter, entre outras aptidões, as de leitura e de escrita, postas como essenciais para o indivíduo inserir-se, de acordo com Souza (1998, p. 177), “numa sociedade da escrita e constituíam oportunidades inequívocas de formação do caráter”, cujos preceitos de aprendizagem consideram, no processo de apreensão dos saberes escolares, as práticas do “repetir, decorar, memorizar, inculcar hábitos, desenvolver faculdades, disciplinar” (SOUZA, 1998, p. 203).

No decurso de acesso a novos saberes, a inquietação com o que ler nas escolas, pois a prática deveria estar pautada a partir do que era definido pelo Estado, além de ter de passar pela censura imposta por ele. Desta maneira, “nas escolas públicas estava facultado o uso somente dos livros autorizados pelos órgãos superiores do ensino e somente os livros de leitura, isso porque a utilização de compêndios de outras matérias era considerada perniciosa porque substituíam a ação do mestre” (SOUZA, 1998, p. 231).

Conseqüentemente, essa prática ocasionou o controle do Estado para a produção e circulação livresca, até porque era o próprio Estado o maior consumidor de livros, para redistribuí-los às escolas. A estas, os livros de leitura, a que eram destinados, eram,

prioritariamente, os estrangeiros; em seguida, livros de leitura produzidos pelos professores, além de cartilhas. Souza (1998, p. 232) informa que, neste período, os livros destinados à leitura apresentavam “caráter eminentemente prático, sem nenhuma preocupação literária. A leitura é um meio para a aquisição de noções morais, cívicas, científicas e práticas”, como recorda uma das depoentes:

Ela dava a aula dela baseada em muitos romances, muita leitura, muito texto. Ela sempre que dava a aula dela tinha que ser com o texto e cobrava também de volta. Ela usava um artifício: Todos os dias que tinha aula dela, ela tinha que ver o caderno, como se a gente fosse aluno de 1ª série. A gente tinha que mostrar o caderno a ela para ela passar o visto dizendo que ali valia ponto. Quando fosse fazer a avaliação, aqueles vistos todinhos que tivessem no caderno iam somar. Mas era uma forma justamente dela cobrar da gente. Era válido, pelo mesmo, para mim, porque eu fazia aquela coisa forçada e tive resultados bons no final por conta disso¹⁴⁴.

Por estar habituados a práticas como a expressa por esta depoente, por exemplo, atividades propostas como a da protagonista do enredo “**O drama da professôra**” não eram bem quistas por muitos, tal como descrito em uma das pesagens, no momento em que, em uma das aulas de campo, dois alunos fugiram e decidiram fazer travessuras – roubaram ovos em uma granja, foram pegos pelo dono da fazenda e levados à delegacia; as crianças explicaram ao delegado: “Bem... é que eles compreendem o que a professôra diz. A gente sem livros não entende nada...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 75). Um dos pais respondeu ao agente que: “Se a escola fôsse como antes, isso não aconteceria...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 75). Nesta discussão, um conflito de ideias: os pais não concordavam com a mudança de metodologia de ensino e os alunos não se adaptavam à liberdade que lhes era dada.

Neste ínterim, Marta levou ao prefeito um manifesto dos pais para retirar Mirtes de sua função em prol da “moralização da escola” (CAPRICHIO, 1971a, p. 75), pois, além de não ensinar como queriam os pais, também a nova professora era “indecente”, uma vez que seu comportamento era suspeito – fazendo refletir sobre a concepção de moral para aquela cidade: como ela feria as regras pré-estabelecidas no grupo social em que se inseria, ainda que não cometesse nenhuma prática que ela julgasse incorreta, ainda assim estaria inserida no universo das mulheres “mal faladas”, por não ter uma conduta moral apropriada, no âmbito daquela comunidade do interior.

Conforme especifica Dewey (2007):

¹⁴⁴ Cf.: SOARES, Maria Lenilda. Depoimento concedido em 21 fev. 2008. Aracaju-SE.

A conduta moral diz respeito, nada menos à totalidade do caráter, e a totalidade do caráter é idêntica ao homem em todas as suas realizações e manifestações concretas. Possuir virtude não significa ter cultivado uns poucos traços nomeáveis e exclusivos, e sim tornar-se o que se é capaz de vir a ser, profunda e adequadamente, por meio da associação com os outros, em todas as funções da vida (DEWEY, 2007, p. 127).

Assim sendo, a conduta moral é de extrema valia para o ser humano alcançar êxito não apenas no processo educacional, mas também na própria vida e como os atos da professora não eram plausíveis à comunidade, esta a interpretava como ser imoral. Para ratificar sua má fama, Aldo, casado, ia visitá-la constantemente, dizendo não tê-la esquecido, ela pedia que não mais a procurasse: “Você tem mulher. Seria melhor que a amasse” (CAPRICHIO, 1971a, p. 79).

Outro fato que a fez repensar sua vida foi o de ter sido convocada à Delegacia por causa da confusão ocasionada por seus alunos: “A senhorita é jovem e sem experiência... Aqui, as famílias querem sossêgo, e desejam que seus filhos fiquem dentro da classe, vigiados...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 80).

Tais acontecimentos a fizeram repensar em suas atitudes, causaram-lhe muita amargura e percebeu que precisava adotar os antigos métodos, os quais os alunos estavam habituados a estudar; no entanto, as crianças não mais se acostumavam e ela não conseguia ter domínio de classe – denotando aqui o conflito entre a aplicação de diferentes métodos de ensino, entre o novo e o antigo – provavelmente, situação comum às jovens professoras, inexperientes no exercício laboral.

As visitas de Aldo em sua casa pioraram a sua fama na cidade, inclusive, o prefeito passou a desconfiar de sua conduta: “É possível que Mirtes, tão séria, estrague sua reputação com um homem casado? E eu que pensei que fosse honesta... inteligente...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 81).

Lia, esposa de Aldo, solicitou a Cláudio que devolvesse a professora. Em contrapartida, afirmou não ter justificativa para tal; então, ela prometeu vingança. O prefeito pediu à professora para ter cuidado e afastar-se de Aldo. Não entendendo, ela afirmou não ter o que esconder e, por isso, não encontrava razões para renunciar a amizade de um amigo. Para ela, não era possível compreender que as pessoas deveriam agir em razão de falatórios de outros se suas atitudes estavam corretas.

Em contrapartida, os indícios denotaram que não deveria agir como ela pensava que fosse, uma vez que os fatos em sua vida estavam sempre dando errado, pois ela justamente

não se preocupava com a sua imagem diante das demais pessoas e, por isso, era sempre interpretada de forma negativa. Mais uma prescrição na Pedagogia desta Fotonovela.

O agravante ocorre no clímax do enredo: Lia morreu e, em seu leito de morte, acusou Aldo, ao que negou. Mirtes foi posta como cúmplice do crime. Por outro lado, acreditando em sua honestidade, Claudio declarou-se: “Você é o amor que sempre procurei... Quero ajudá-la, Mirtes. Eu a conheço bem e sei que não pode ter feito nada de mal...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 89).

Aldo foi preso, afirmou amar Mirtes e odiar Lia, mas isso nunca o faria pensar em matá-la. No decorrer do inquérito policial, a fim de descobrir o verdadeiro culpado, várias pessoas foram interrogadas:

A antiga professora anunciou: “Um verdadeiro escândalo, isso é que eu acho! Confiar crianças inocentes a uma mulher como aquela! Eu tinha percebido e fiz o possível para evitá-lo...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 93); o conservadorismo da antiga professora demonstrou um questionamento sobre o que são valores morais.

O depoimento de um dos alunos de Mirtes, Pedro, filho de João, empregado de Lia, o qual tinha a incumbência de vigiar Aldo, depôs e afirmou ser tudo mentira das pessoas por não gostar da professora. Segundo ele, ouviu o pai comentar com a mãe: “dona Lia está louca, não existe nada entre aqueles dois” (CAPRICHIO, 1971a, p. 94), também afirmou que outros dois colegas encontraram a professora e Aldo em um restaurante no dia da morte comendo, conversando e rindo e deram carona a eles. Tais fatos inocentaram a professora da acusação e o prefeito ratificou: “Nunca duvidei da inocência de Mirtes. Conheci-a desde sua chegada em São Carlos e posso afirmar que nunca tive motivos para duvidar da sua moral e do seu caráter” (CAPRICHIO, 1971a, p. 94).

Ela foi removida para Morro Grande e Cláudio pediu-a em casamento, prometendo-a ter tudo o que uma mulher precisaria: “amor, atenção, companhia...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 100); no entanto, ela recusou, por não amá-lo – aqui, a ênfase a alguns aspectos evidenciados como fundamentais em um homem para uma mulher casar-se com ele.

Como a fuga aos padrões esperados pela jovem professora denigrara a sua imagem, a Pedagogia desta fotonovela funciona como um manual de comportamento às recém-formadas normalistas, evidenciando uma reflexão de procedimento às jovens professoras que tinham o ritual profissional de Mirtes: formada, conseguiriam emprego no interior: em sua vida profissional, denotou estar confusa, sonhadora, sem experiência, não sabia aplicar, na prática, os conhecimentos aprendidos na teoria, tinha o ideal de ser amiga e confidente de seus alunos; em sua vida pessoal, não se preocupava com o que os outros pensariam dela, se em seu ponto

de vista suas atitudes estavam coerentes. No entanto, a trama revelou que Mirtes passou por muitas decepções, problemas por não saber se comportar, até que foi solicitada a sua remoção pelos pais, denotando que este não seria o comportamento ideal àquelas que fossem lecionar a crianças, no interior.

Assim sendo, a experiência vivenciada em São Carlos fizeram-na amadurecer e rever alguns posicionamentos: “No dia seguinte, Mirtes deixa São Carlos. Quantos sonhos perdidos, quantas ilusões desmoronaram, desde o dia em que chegou ali, cheia de coragem e de entusiasmo...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 102).

Mudou-se para outro interior, Morro Grande, sob a indicação do inspetor Paulo sem que ela soubesse. Encontraram-se no trem e ele a convidou para viver em sua casa com a mãe dele, já que ela era uma idosa solitária e ele, muito ausente. Os dois passaram a viagem conversando e começou a haver interesse mútuo. Após alguns dias de convívio, declararam juras de amor. Mirtes agora, mais experiente, conseguia ensinar “com serenidade e competência, sua tarefa de professora” (CAPRICHIO, 1971a, p. 107).

Paulo regressou a São Carlos e descobriu o envolvimento do prefeito com compras ilícitas de terrenos e com a morte de Lia. Ao voltar a casa dele, Mirtes revelou que iria solicitar remoção, por amá-lo e não suportar conviver com este amor: “É por isso que quero ir embora... para não te ver mais... para não chorar mais...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 114).

Assim, ele a perguntou se ela estaria disposta a ser esposa de um inspetor, pois “a vida da mulher que casar comigo vai ser dura...” (CAPRICHIO, 1971a, p. 114). Ela aceita e ficam felizes, encerrando a narrativa com a imagem de ambos abraçando-se.

Apesar de a narrativa acentuar as habilidades docentes de uma professora normalista iniciante, não deixou de apresentar o teor sentimental esperado de uma história de fotonovela, cuja ênfase neste enredo denota uma Pedagogia, além dos elementos recorrentes nas demais histórias analisadas, a da prática profissional.

A edição nº 281, de agosto de 1971, anunciou na capa duas histórias. O enredo de ambas as fotonovelas direcionaram para a mesma temática: a redenção ao amor somente foi possível de acontecer, quando o herói solucionou limitações físicas provocadas na amada, permitindo compreender que: o erro outrora engendrado precisava ser revisto, com as soluções mágicas; além disso, a aparência física era acentuada e pessoas com deficiência¹⁴⁵ também eram discriminadas por acreditar na impossibilidade em procriar. Estas duas

¹⁴⁵ A representação destas personagens em suportes é uma sugestão para estudos na História do Impresso e História da Educação Especial.

histórias, juntamente com **“Um anjo em meu caminho”** reportaram-se a personagens que estariam incluídas neste subconjunto.

A primeira foi **“Uma flor no inferno”** (figura 37), cuja narrativa se passou no período nazista. O enredo ocupa 26 páginas das 114 de toda a Revista (23%) e, dentre os exemplares analisados, este foi o primeiro em que foi publicada a ficha técnica (argumento e direção), além dos nomes dos protagonistas: Greta Vayan, Sara e Enzo Carra, Rudolf.

Juntamente com **“Traição por amor”**, estes foram os enredos que trouxeram a contextualização histórica, mais especificamente, a temática da Guerra, como pano de fundo para a história de amor.

Saliento que as guerras mundiais¹⁴⁶, apesar do teor destrutivo, contribuíram para viabilizar novos hábitos concernentes à participação da mulher no âmbito público, uma vez que a emancipação feminina foi uma das consequências desse fato:

As mulheres foram obrigadas a entrar no mercado de trabalho durante os conflitos e muitas tiveram que assumir a postura de chefe de família com a morte de seus pais, filhos e maridos. A industrialização e a produção em massa passaram a dominar a economia mundial. A moda precisou tornar-se mais prática e barata para atender os trabalhadores e trabalhadoras dessa nova realidade (RASPANTI, 2013, p. 207).

Tal elemento também pode ser compreendido com valor instrutivo, por permitir a apreensão de elementos contextuais ao abordado na trama, concedendo à leitora indícios sobre os fatos históricos, nestes casos; e, em outros, que não constam neste *corpus* de análise, é possível de se encontrar, inclusive, romances da Literatura Clássica.

Nessa história, um tenente alemão foi designado a uma missão de exterminar um alojamento de judeus. Próximo ao local, encontrou-se com uma moça judia, Sara, e ela percebeu que, apesar da naturalidade do oficial, não era mau caráter como os demais: “Eu sinto que o senhor é bom! Não é como os outros alemães que conheci” (CAPRICHIO, 1971b, p. 43).

Um alerta à necessidade de as leitoras conhecerem o comportamento de homens (neste caso específico, alemães que iriam exterminar os judeus) com os quais se relacionariam é prescrito nesta Pedagogia.

¹⁴⁶ A Primeira Guerra Mundial ocorreu entre 1914 e 1918; a Segunda, entre 1939 e 1945.

Figura 37 Página inicial da fotonovela “Uma flor no Inferno”. *Capricho*, edição nº 281, de 1971.

Fotonovela Capricho



UMA FLOR NO INFERNO

Sara:	Argumento:
GRETA	GIANNI
VAYAN	VANNUCCHI
Rudolf:	Direção:
ENZO CARRÁ	ALDO ROSSI

COPYRIGHT EDITORA ABRIL

SETEMBRO DE 1939
O EXÉRCITO ALEMÃO
INVADE A POLÔNIA,
ACENDENDO O ES-
TOPIM DA SEGUNDA
GUERRA MUNDIAL,
QUE DEVASTOU GRAN-
DE PARTE DO GLOBO
E CEIFOU MILHÕES DE
VIDAS HUMANAS...



LUBLINIEC, AO SUL
DE VARSÓVIA:
COMANDO ALEMÃO.

Entre.



Chamei-o para lhe confiar
uma missão... apropriada
ao seu temperamento. Sei que
não suporta ver sangue...



...apesar de
ser estudante
de medicina.

Senhor major,
permita-me
dizer que...



Eu sei. Não é o sangue que
o horroriza, mas a manei-
ra como é derramado.

Pois é...

40 — CAPRICHIO

Fonte: Acervo particular da autora.

Essa situação demonstrou que o tenente, mesmo não concordando com o regime ao qual estava inserido, precisava cumprir ordens, ainda que não estivessem de acordo com sua conduta, demonstrando que o herói, mesmo agindo cruelmente, precisava ser perdoado, pois suas atitudes não estavam relacionadas à sua personalidade, mas à sua profissão. Esta passagem permite a inferência de que as leitoras precisavam entender o exercício profissional de seus cônjuges, distinguindo-o da vida pessoal.

No entanto, Rudolf Strassman, estudante de Medicina, tinha uma missão a cumprir. Sara foi encaminhada à casa procurada, que pertencia aos familiares dela. Como não atenderam ao acordo firmado – de se renderem entre cinco minutos, o sargento ordenou soltar granadas, matando a todos, exceto Sara, que, apesar de ter perdido a visão, sobreviveu e foi encaminhada por Rudolf ao hospital, arriscando-se para salvar a amada, mesmo sabendo da possibilidade em ser prejudicado.

Assim aconteceu. Foi julgado, teve a patente rebaixada e encaminhado para o Campo de concentração feminino de Auschwitz. Certo dia, recebeu como nova prisioneira a heroína. Ele decidiu fugir com ela, sem lhe revelar a identidade. Retornaram ao alojamento onde vivia a família de Sara. Ela foi pega pelos nazistas, mas não indicou quem a acompanhava. O tenente-coronel revelou: “O mesmo que mandou destruir esta casa e massacrar todos os que estavam dentro...” (CAPRICHO, 1971b, p. 73).

Com o fim da guerra, Rudolf tornou-se o professor Robert Weiss¹⁴⁷, habilidoso cirurgião. Para sua surpresa, foi procurado por Sara, na esperança de voltar a enxergar e assim entregar à polícia o tenente que fez a atrocidade com sua família. Mesmo sabendo do risco em ser preso, ele fez de tudo para a sua amada voltar a enxergar. A cirurgia foi um sucesso; ela o reconheceu, mas não o entregou à Polícia. Perdoaram-se e se renderam ao verdadeiro amor: “Quer dizer apenas que te amo e quero esquecer o passado...” (CAPRICHO, 1971b, p. 82).

Mais uma vez, como temática central da fotonovela, a redenção pelo amor, além do perdão e da ausência de mágoas estabelecidos pelo par amoroso, cujos ensinamentos de agir em conformidade com o amor e o perdão mútuos foram postos como indispensáveis para uma vida conjugal harmoniosa e feliz.

Já **“Remorso”** ocupou 28 páginas das 114 (24,5%) de toda a Revista. Na trama, um jovem médico, Daniel Martins, em sua rotina, antes de ir ao Hospital de Ortopedia, onde trabalhava, comprava diariamente jornais na banca com a vendedora Marisa. Certo dia, ao chegar ao trabalho, o pai de sua noiva, também médico ortopedista, conversou com ele sobre

¹⁴⁷ Na Itália, grandes médicos são chamados de “professor” – o que implica que, no caso desta fotonovela, Robert Weiss era um médico consolidado.

o posicionamento de sua filha que, formada em Engenharia Civil, insistia em trabalhar e falou ao futuro genro: “Se uma mulher procura, com tanta insistência, vencer numa carreira, é porque... não encontrou outra coisa melhor” (CAPRICHIO, 1971b, p. 86).

A percepção da sociedade referente à mulher que buscava sua independência via profissão esteve representada nessa passagem, pois, pensava-se que apenas mulheres infelizes e desiludidas, almejavam ascensão profissional, evidenciando que, apesar de o mercado estar mais aberto à mão de obra feminina, algumas permanências ainda prevaleciam: prioridade à família; salários mais baixos que os oferecidos aos homens; resistência à ocupação em certas profissões, como a de Engenharia, por exemplo.

Daniel, a pedido do pai de Paula, conversou com a noiva e esta lhe afirmou que não se resumiria a uma dona de casa, ainda que fosse casada. Nesta passagem, na imagem dessa personagem, o desejo de muitas mulheres em conquistarem o espaço profissional não somente pelo magistério; além disso, a resposta ao noivo demonstrou uma ideia incutida socialmente de haver uma relação sinonímica entre ser casada e ser dona de casa. No entanto, talvez pelo fato de o interesse de Daniel por Marisa aumentar a cada dia, ele agiu indiferentemente com o pensamento da noiva.

Marisa era apática a ele, fazendo-o pensar ser comprometida; entretanto, a ausência de interesse dela em namorar alguém advinha de uma deficiência física sofrida por um atropelamento há dez anos. O conflito na trama se estabeleceu no momento em que o herói passou a conhecer que fora ele o causador do acidente. Na tentativa de reverter seu erro, convenceu-a a se operar novamente. Nesse caso, a felicidade do herói estaria associada ao rompimento com Paula e à conquista de Marisa através da revelação de seu amor e da correção do erro passado, declarando-se a ela antes do procedimento cirúrgico e assumindo a culpa no acidente, revertendo seu erro: “Meu amor, hoje acabou o tempo dos remorsos e dos perdões. Agora começa o tempo da felicidade” (CAPRICHIO, 1971b, p. 113). Apesar do êxito cirúrgico, a protagonista preferiu não revelar a Daniel o resultado, pois pensava que ainda estava comprometido. Paula a procurou, afirmando já estar com novo amor. Daniel foi à procura dela e teve a doce surpresa da recuperação de sua amada.

O desfecho é de uma paixão correspondida, cujo herói sentiu-se feliz apenas no momento em que solucionou o erro outrora cometido e o desfecho também o é pela felicidade, perdão e reversão dos erros: “Para Marisa e Daniel é o tempo de amar. Um período que vai durar a vida inteira e que começa com um beijo” (CAPRICHIO, 1971b, p. 113) e renderam-se ao amor e à felicidade.

Figura 38 Página inicial da fotonovela “Remorso”. *Capricho*, edição nº 281, de 1971.

Fotonovela Capricho



REMORSO

Daniel: Walter:
 CARLO GIORDANA JEAN KENT
 Marisa: Argumento:
 ANNA LIBERATI GIANNO
 Paula: VANNUCCHI
 ANGELA Direção:
 ANGELUCCI ALDO ROSSI

COPYRIGHT EDITORA ABRIL



DANIEL MARTINS É UM JOVEM MÉDICO SOLTEIRO.

Escute, Neusa: acha que minha paciência não tem limites? Faz cinco anos que repito a mesma coisa...



Não tenho culpa se é dorminhoco.

Já leu “Crime e Castigo”?



Não. Por quê?

E a história de um rapaz que mata uma velha. Entendo muito bem o que ele sentiu!



Em vez de falar bobagens, ouça meus conselhos: case logo com dona Paula...



Não vai tomar café?

Perdi a vontade. Até logo.



ANTES DE PEGAR O CARRO NA GARAGEM, DANIEL COSTUMA COMPRAR O JORNAL.

Bom dia, doutor Daniel.

Bom dia, Marisa.

84 — CAPRICHIO

Fonte: Acervo particular da autora.

“A vingança de Anne” (figura 39) foi a fotonovela anunciada na edição nº 344 de janeiro de 1974. O enredo totaliza 41 páginas de 114 (36%). Foi a única que apresentou no fotograma a imagem de beijo entre os protagonistas, cena esta rememorada por uma das leitoras como salientado a seguir: “Todas as fotonovelas geralmente terminavam com um beijo no final. E isso era o ápice para a gente ver e ler. A turma ficava na ansiedade. Quando terminar de ler passe para mim. Então a gente lia e passava para a colega¹⁴⁸.”

Um dado inovador, presente também no exemplar da edição de 1975, foi o nome dos atores estarem associados à imagem, propagando certa inovação na editoração.

Nesta trama, dois químicos industriais faziam seus experimentos na sede de uma importante indústria química. Um deles, Artur Steni, misterioso e pouco comunicativo, sofreu um acidente em uma experiência, falecendo; Hélio Samarco teve alguns ferimentos, mas sobreviveu; ainda no hospital, recebeu de sua governanta Elvira uma carta urgente e registrada em nome de Artur.

Meses após o acidente, descobriu “uma fórmula química que facilita a produção de material plástico” (CAPRICHIO, 1974, p. 70), tornou-se bem-sucedido e cobiçado pela imprensa. Anne o procurou para entrevistá-lo, fingindo ser repórter, envolveram-se; no entanto, misteriosamente, ela teria alguma vingança não manifestada: “O que eu sinto por ele... Não! Não se pode amar a quem não se estima. Preciso ir até o fim, custe o que custar, mesmo que eu sofra!” (CAPRICHIO, 1974, p. 82). Hélio também não anunciou o que constava na carta endereçada por Artur. Ficando o suspense no enredo.

Apesar de receber várias propostas de emprego, preferia continuar na Indústria que sempre trabalhava e, por isso, recebeu alguns prestígios, como, por exemplo, um laboratório apenas para ele.

Convidou Anne para passarem um final de semana juntos e ela lhe informou já ter sido casada na França, onde moravam seus pais, mas era divorciada. O tema “divórcio”, aliás, apareceu pela primeira vez em uma história e foi aceito com naturalidade pelo par romântico, na metade da década de 70 do século XX, demonstrando uma mudança de comportamento nas relações a dois; entretanto, ainda assim, era alvo de preconceito da sociedade, em especial, das famílias: “Ela é um pouco livre demais e um pouco desabusada. Hélio, com a posição que tem, podia arranjar algo melhor” (CAPRICHIO, 1974, p. 87).

¹⁴⁸ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

Figura 39 Página inicial da fotonovela “A vingança de Anne”. *Capricho*, edição nº 344, 1974.

A VINGANÇA DE ANNE

Argumento: ENRICO DE CESARI
Direção: ROBERTO BERTINI

COPYRIGHT EDITORA ABRIL

Atenção:
*Esta fotonovela
é especial
para
você.*



Anne:
JOSIANE TANZILLI



Hélio:
CARLO GIORDANA



Helena:
GIULIANA GIULIANI



NUM BAIRRO AFASTADO DA CIDADE, NUM GRANDE EDIFÍCIO, TODOS OS EMPREGADOS ESTÃO EMPENHADOS NO SEU TRABALHO. É A SEDE DE UMA IMPORTANTE INDÚSTRIA QUÍMICA.



66

NUMA SALA, DOIS ENGENHEIROS QUÍMICOS FAZEM EXPERIÊNCIAS, PROCURANDO NOVAS FÓRMULAS, NOVAS DESCOBERTAS.



1

Capricho

Fonte: Acervo particular da autora.

Os sonhos de vida também pareciam não ter harmonia entre quem os vivia. Anne desejava uma vida pacata, como a de Helena, sua amiga: “É esta a vida que eu queria: uma casa, um marido...” (CAPRICHIO, 1974, p. 87). Helena, em contrapartida, invejava a sua liberdade: “Só invejo seu trabalho que permite encontrar pessoas interessantes. Eu fico aqui, fechada entre quatro paredes, não vejo ninguém!” (CAPRICHIO, 1974, p. 76), denotando que a insatisfação estava presente em ambas, cujas amigas tinham rotinas distintas e uma desejava a da outra.

Misteriosa, Anne pediu a Hélió para comprar ingressos para o teatro; ao conseguir, disse não mais querer e os entregou à amiga para ir com o marido dela; pediu-lhe para passar na casa dela após a peça, pois estava decidida a terminar o namoro e a presença dos amigos poderia aliviar o clima tenso de término da relação. Ao chegar à casa de Anne, Helena não a encontrou e viu a casa totalmente revirada e um pedido de socorro escrito de batom no espelho do banheiro. Ela desapareceu e Hélió era o principal suspeito; por não ter provas do crime, não foi preso, por conseguinte, precisou conviver com o ônus da suspeita: perdeu emprego, prestígio e amigos. Em mais um enredo, Hélió, tal como Renato de **“O amor que não morreu”**, perderam capital social, mesmo sendo inocentes.

Tempos depois, ele leu no jornal que a mulher desaparecida era esposa de Artur Steni, então pensou: “Anne achou que eu sou responsável pelo acidente. E resolveu vingar-se [...]” (CAPRICHIO, 1974, p. 102).

No esconderijo, Anne pensou em sua vida e nos últimos momentos com Artur. Este lhe disse não poder ficar muito tempo na França, por estar trabalhando em um experimento que iria revolucionar o mundo dos plásticos e havia um colega de laboratório que poderia roubar-lhe a ideia. Afirmou também que Anne era acostumada a ser rica e não seria capaz de viver com uma vida modesta; por isso, pediu que ficasse com seus pais e lhe pediu também o divórcio, ao qual ela aceitou naturalmente. Pouco tempo depois, seus pais morreram, viu-se sozinha e não reagiu para reconquistar o marido; diante disso, via na vingança uma maneira de lutar por ele, mesmo morto. Seria esta uma forma de se redimir por erros dos quais acreditou cometer por não ter exercido bem seu papel de esposa.

Mesmo tentando reconstituir sua vida, sabia da dificuldade: “Hélió sabe que é inútil pensar em Anne. Assim como tentar arranjar um outro emprego. Ele é um homem marcado” (CAPRICHIO, 1974, p. 105), neste enredo, a recorrência da necessidade de se manter a integridade do nome, ainda que injustamente.

Enviou carta a várias indústrias que havia lhe oferecido proposta de emprego. Uma, na África, aceitou-o. Ao sair de carro, encontrou Anne no banco de trás e ela revelou seu plano,

ele a perdoou, pois compreendeu a amargura de uma mulher que perdeu o marido que amava e ela lhe respondeu: “mas eu não amava Artur. Agi assim apenas pelo remorso de não haver sabido amá-lo, de não ter sido uma boa mulher para ele” (CAPRICHO, 1974, p. 109). Hélio acredita que ela também teria o direito de ler a carta deixada para ele por Artur, na qual constava que ele iria provocar um acidente, por ser infeliz; explicava-lhe todo o procedimento de como continuar os experimentos para revolucionar o mundo dos plásticos. Anne ficou perplexa, pediu perdão a Hélio e este afirmou que daria a Artur o mérito merecido pela descoberta. O enredo se encerrou com um beijo apaixonado do casal, prometendo ficarem juntos por toda a vida: “Agora não há mais nenhuma sombra de dúvida entre Anne e Hélio. Eles se abraçam e se beijam apaixonadamente. Naquele instante, a nenhum dos dois importa qualquer coisa no mundo...” (CAPRICHO, 1974, p. 111).

A Pedagogia desta história centrou, predominantemente, na temática da verdade, posta como fator primordial para a felicidade. Anne, mesmo não amando seu marido, sentiu-se no dever de proteger a sua honra, a sua dignidade, mesmo após a morte dele. Hélio, por sua vez, somente conseguiu a felicidade no amor também após se comprometer a dar os créditos da descoberta ao inventor, denotando que a veracidade é fundamental no processo de formação humana.

A temática da verdade também foi central na Pedagogia da fotonovela “**O amor de uma noite**”, como também em “**O anjo loiro**” (figura 40), publicada na edição nº 375, de março de 1975, com um total de 36 páginas de 114 (31,5%).

No fotograma inicial, um destaque para uma jovem loira, em especial, para seu rosto que se sobressaiu em meio à penumbra da fotografia. No lado esquerdo, a imagem associada aos nomes dos atores e seus respectivos papéis: Laura Antonelli, Daniela; Claudio Ferrari, Alexandre; Pietro Leri, Sílvia; indicação também do argumento e direção.

César, na estação de Roma, retornou à sua cidade; na estrada ferroviária, dois trens se chocaram. Ela e uma bebê sobreviveram, ele a adotou. Passaram-se dezesseis anos, a esposa faleceu e precisou cuidar dela sozinho. Seus negócios não andavam mais tão bem quanto antigamente, diferente de Max, amigo jovem, bem-sucedido, a quem ele sempre aconselhou.

Sua filha tornou-se uma moça muito bonita, no entanto, dissimulada, egoísta, rebelde; mantinha uma relação às escondidas com Alexandre, rapaz de caráter duvidoso que “não gosta de trabalhar e gasta mais do que ganha” (CAPRICHO, 1975, p. 75).

Figura 40 Página inicial da fotonovela “O anjo loiro”. *Capricho*, edição nº 375, 1975.



APRESENTA

O ANJO LOIRO

Argumento:
MARIO BASSI
Direção:
CLAUDIO CALDARELLI

COPYRIGHT EDITORA ABRIL



Daniela:
LAURA ANTONELLI



Alexandre:
CLAUDIO FERRARI



Silvio:
PIETRO LERI



DOIS AMIGOS SE ENCONTRAM NA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ROMA.



Como vai, César?
Vai viajar agora?

Max! Que satisfação! Sim, vou pegar o trem para a nossa cidade. E você, que faz por aqui?

Estou chegando. Tenho um encontro com um homem de negócios amanhã. Estou seguindo os seus conselhos.



Fico feliz com isso, Max. Você é inteligente, tenho certeza que vai chegar aonde quer.

Meus pais nunca puderam me fazer terminar os estudos, mas eu sou teimoso e quero vencer na vida.



Pois vai, esteja certo! E se precisar de ajuda, pode contar comigo.

72
Capricho

Fonte: Acervo particular da autora.

Certo dia, o pai dela encontrou os dois juntos e ela disse-lhe que foi abordada por ele, agradeceu o fato de o pai ter aparecido justamente naquele momento e Alexandre apanhou de César. O rapaz prometeu vingar-se de Daniela.

O pai, ao realizar uma viagem de inverno (cujas vestes depreendem remeter a tal estação), deixou-a sozinha. Ao retornar para casa, foi abordada por Alexandre e este lhe pediu socorro, por estar sendo procurado pela polícia acusado pela morte do chefe. Ela negou, mas cedeu. Ele colocou sonífero em sua bebida, ela adormeceu e ele a violentou. Após este dia, Daniela tornou-se introspectiva, “dissimulando assim o seu desgosto íntimo e seu mórbido desejo de vingança” (CAPRICHIO, 1975, p. 85).

Tornou-se noiva de Sílvio, apesar de sentir uma grande atração por Max, vinte anos mais velho que ela. A chegada da condessa Helena de Callalto, que pertencia à antiga nobreza, inquietou Daniela, em especial, quando começou a se envolver com Max e este a pediu em casamento.

O pai de Daniela morreu, deixou muitas dívidas, as quais foram todas liquidadas por Max, o qual ainda deu um apartamento a ela e uma mesada razoável.

Daniela tentou de todas as formas separar Helena de Max, não por amor, mas por ambição. Arquitetou planos diabólicos, conseguiu separá-los e tornar-se noiva de Max. Reencontrou Alexandre, marcou um encontro com ele propositalmente para empurrá-lo de um precipício, a fim de matá-lo. Foi procurada pela polícia. Descobriu que a condessa é sua mãe biológica, esta lhe pediu perdão: “Não tenho nada que perdoar. Te desprezo como mãe e como mulher” (CAPRICHIO, 1975, p. 113).

Arrependeu-se, percebeu o seu erro: “Sou uma miserável, cega pela inveja e pelo orgulho. Encontrei minha mãe e a insultei! [...] Será que ela vai me perdoar? Oh, meu Deus, venha em meu socorro!” (CAPRICHIO, 1975, p. 114). Após reconhecer sua maldade, seu egoísmo e se redimir, os fatos na vida de Daniela passaram a funcionar positivamente: foi perdoada pela mãe, por Max, Sílvio e Alexandre se recuperou e negou participação dela em sua queda. Mãe e filha resolveram realizar seus casamentos no mesmo dia.

O último fotograma retratou a imagem dos dois casais se beijando, mostrando Daniela e Sílvio no primeiro plano e Helena e Max, no segundo, encerrando a trama com a felicidade de ambos os casais e promessas eternas de felicidades: “O sol radiante da felicidade lança seus raios cálidos, afastando as brumas de um triste passado. O céu está límpido e um maravilhoso porvir espera os corações dos que estão apaixonados” (CAPRICHIO, 1975, p. 114).

A Pedagogia desta fotonovela, mais uma vez, recorreu a temáticas de padrões morais a serem seguidos, a fim de se alcançar a felicidade. A mulher precisaria se preocupar em fazer o homem feliz; a conduta, quando não bem intencionada, pagava-se um preço: a infelicidade; a mentira, mais uma vez, é sempre descoberta, por mais que os planos sejam bem arquitetados e a única maneira de encontrar a felicidade é proceder coerentemente, reconhecer os erros e comportar-se, conforme o código moral estabelecido socialmente.

A relação conjugal, novamente, aconteceria apenas a partir do amor desinteressado – o dinheiro fica em segundo plano, sendo consequência para se alcançar a felicidade.

6.3 APRENDER A SER E A ESTAR: O (RE) ENCONTRO ENTRE A COMUNIDADE LEITORA E OS DISPOSITIVOS DE LEITURA

Pensar no dispositivo pedagógico do impresso é pensar também na inculcação das representações da comunidade leitora, uma vez que muitas eram as opções de práticas de leitura nas revistas classificadas como femininas, cujas regras e valores eram (im) postos, implicitamente, nas narrativas, que tiveram função prescritiva, exercendo uma Pedagogia específica sobre os modos de ser, de se comportar, de viver, de escolher e de amar, a qual denominei de Pedagogia de Fotonovelas, tal como recordado por uma das leitoras, como expresso a seguir:

Essas personagens das fotonovelas? É claro que tiveram influência! Porque especialmente nós, aqui, nordestinos, sergipanos, ainda tínhamos uma vida muito conservadora... Essas fotonovelas traziam um tipo novo, um modelo de família nova – as famílias eram as da fotonovela. Família já era uma família moderna, com um, dois filhos. Não era a “renca”¹⁴⁹ de filho que a gente tinha. A gente queria outra vida para a gente. E as fotonovelas influenciavam, entendeu? Acho que as fotonovelas, as revistas influenciavam sim! De tudo que você via, do que você lia... Então eu... Eu tenho clareza que influenciavam também¹⁵⁰.

A Pedagogia de Fotonovelas propiciou, desta forma, representações diversas de uma educação que incutia nas mulheres acesso a novas fontes informativas, visto que essas histórias voltavam-se para:

[...] um tipo ideal de comportamento a ser alcançado. Continuavam, também, cultivando estórias de aristocratas e plebeus – herança do antigo romance de

¹⁴⁹ Alusivo a um quantitativo exagerado, a “muitos”.

¹⁵⁰ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

folhetim e o apelo encantatório do “vir a ser”. O tom geral das estórias era de uma moral conservadora: mulher abnegada, fiel, voltada ao lar e considerando o amor como sentimento sagrado. O homem continuava a preencher o estereótipo clássico: bonito, rico, mais velho, às vezes distante. Mas ao final seria terno, dedicado, doce e amaria a heroína até que a morte os separasse (CUNHA, 1999, p. 38).

Assim sendo, as histórias demonstravam cenas de romances em que havia sempre um impedimento para o enlace do casal apaixonado; entretanto, após desencontros e sofrimentos, o mistério dos fatos encerrava-se com o seu desvendamento direcionado à felicidade do casal apaixonado, além de todo um conjunto de prescrições passado, a partir de uma Pedagogia particular, às leitoras, as quais reverberavam dos ensinamentos, tal como recordado por uma delas:

Então, o esclarecimento da revista era necessário e foi muito útil em muitas coisas, porque a gente não conversava em casa... Então, era uma informação que chegava além da informação familiar, que era muito pouca, era muito restrita e era proibitiva. Essas matérias, elas sempre foram de grande valia, porque eu lia... Eu lia não, eu era uma devoradora¹⁵¹.

Depreendo assim que, de forma geral, as fotonovelas permitiram a propagação de padrões urbanos e, a partir de um tratamento romanesco, ofereceram às suas leitoras um conjunto de atitudes tipicamente urbanas. Para Habert (1974, p. 31 – 32), as fotonovelas abordam:

[...] problemas de trabalho e tem construído a imagem da mulher moderna, que trabalha fora do lar e mora em cidade grande, frequenta lugares noturnos, sai a sós com os rapazes, etc. [...]. Tem um efeito demonstrativo, que a longo prazo, proporciona o crescimento das expectativas. Mas, ao mesmo tempo, inculca o conformismo. É como se a FN criasse a desejabilidade do permitido: trabalhar e poder gozar de um conforto que os trabalhadores de uma cidade urbano-industrial possuem. Simultaneamente, castiga o ócio, a procura da riqueza e a rebeldia, demonstrando que a felicidade se encontra ao nível muito individual e sentimental.

Essa realidade anunciada por Habert (1974) pode ser percebida nos enredos de muitas histórias de fotonovelas, em que se perceberam nos personagens que seguem os padrões aceitáveis, de uma vida em sociedade, conseguem um desfecho feliz; por outro lado, aqueles que não seguem o comportamento almejado socialmente sofrem e têm um destino trágico.

¹⁵¹ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

Os conteúdos das fotonovelas se dividiam em sentimentais e eróticos; por conseguinte, nas histórias ora analisadas, o teor encontrado foi o sentimental – inspirado nos ídolos da televisão e do cinema e retratavam o cotidiano, sem focalizar problemas sociais, trabalhistas, econômicos, entre outros, apesar de também ser uma forma de representação cotidiana, por captar a realidade, para criar ficção, apresentando os fatos a partir de uma narrativa lógica e direta, ao mesmo tempo em que a associação dos elementos textual e visual permitia às leitoras uma recepção mais subjetiva, favorecendo diversas significações.

Nelas, são recorrentes enredos, cujos padrões de mulher estavam próximos a um ideal de personalidade e de beleza, aos quais seriam alcançados por suas leitoras; não raro, tais ideais estendiam-se também a padrões de homem que deveriam ter como namorados, noivos, ou maridos, para alcançarem o universo da felicidade.

Especificamente, as representações das heroínas das fotonovelas analisadas demonstraram mulheres fisicamente, brancas e magras; moralmente, frágeis, singelas, dedicadas e, ao mesmo tempo, decididas a enfrentar quaisquer obstáculos para conquistar a felicidade plena através do amor, posto como sentimento puro e sublime, além de ser o sentimento retratado como temática central nas fotonovelas, ratificando o pensamento de que a ascensão social da mulher e sua felicidade concretizavam-se pelo enlace conjugal, como recordado por uma das depoentes:

A maioria das informações, por exemplo, de ser mulher chegava através da leitura, porque o diálogo não era uma coisa comum. O diálogo, a conversa que a gente tem hoje com os nossos filhos, isso não era presente, aí tinha que ser uma mãe considerada assim, uma mulher na frente do tempo para poder sentar com a gente e conversar, seja sobre sexualidade, sobre o que fosse, até sobre ser mulher. Então... A maioria das coisas que eu aprendi, aprendi no convívio com as minhas colegas e com a leitura. Mas eu gostava sempre de ler alguma coisa que não era permitida¹⁵².

O cenário histórico em que as fotonovelas estiveram em ascensão no Brasil coincidiu com o momento de crescimento industrial, de consumo e de maior acessibilidade à informação. Consequentemente, muitas revistas femininas desempenharam o papel de formar e informar as mulheres para o consumo, para a nova realidade social e econômica em que se encontravam; por isso, nas revistas de fotonovelas, é notória a persuasão a este mundo direcionado ao mercado consumidor e às adequações à vida moderna, à emancipação feminina que as ensinava a ponderar suas atitudes, fazendo-as saber usar a liberdade que passaram a ter de forma mais abrangente com responsabilidade. Neste sentido, uma das

¹⁵² Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

depoentes comenta sobre a representação do que seria esta mulher emancipada, levando-se em consideração a conjuntura histórica dos anos 1960 e 1970, conforme reportado a seguir:

A mulher emancipada é essa mulher moderna. A emancipação, nesse nível da modernidade, da mulher ajustada aos novos tempos do capitalismo, da sociedade moderna, não é bem a cabeça da mulher para a construção de uma sociedade melhor e numa condição melhor para todas as mulheres. Não é aquela mulher individualista que é moderna, que se cuida. Entender a mulher junto da opressão da sociedade é entender a libertação da mulher como uma libertação coletiva e não de uma única mulher. E não a libertação apenas pelo mercado, pelo consumo, entendeu? Quando eu fui entender isso, investi nisso, participei de grupos e, na própria faculdade, eu participei do Diretório Acadêmico junto com Chico Buchinho, Marcelo Déda... Esse povo todo do PT, entendeu?¹⁵³

Assim, ela evidencia que a emancipação da mulher estaria em consonância com uma perspectiva de “libertação coletiva” e não, individual. Não por acaso, movimentos atravancaram a sociedade nas décadas de investigação deste estudo, como abordado anteriormente, entre os quais, cito: a Marcha da Família com Deus pela Liberdade e a Marcha da “panela vazia”.

Outro aspecto recorrente e prescritivo foi o caráter conselheiro e companheiro que os impressos femininos assumiram para seu público leitor, colaborando, de certa forma, para a manutenção de padrões de comportamentos exigidos socialmente, como também, em outros momentos, ocasionando rupturas desses modelos, levando-se em consideração que: “A família mudou e continua mudando. Como instituição histórica ela se reinventa, embora permaneça como referência afetiva e de socialização” (SCOTT, 2012, p. 39).

A Pedagogia de Fotonovelas, neste ínterim, permitia também à leitora refletir e estabelecer modelos de consumo e de hábitos adquiridos a partir do universo da leitura dos impressos femininos – neste caso específico, das fotonovelas –, possibilitando maior aproximação entre a materialidade e sua recepção, tendo em vista que o ato da leitura, tal qual afirma Darnton:

A leitura ainda permanece um mistério, embora a façamos todos os dias. A experiência é tão familiar que parece perfeitamente compreensível. Mas, se pudéssemos realmente compreendê-la, se pudéssemos compreender como elaboramos o significado a partir de pequenas figuras impressas numa página, poderíamos começar a penetrar num mistério mais profundo – saber como as pessoas se orientam no mundo de símbolos tecido em torno deles por sua cultura (DARNTON, 2006, p. 277).

¹⁵³ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

Informo ainda que a perspectiva do produtor de texto diante de seu objeto de estudo tende a ser construída a partir de uma estrutura, a qual “pode estar carregada de emoções, valores e visões de mundo” (DARNTON, 2006, p. 143).

Nesse sentido, os enredos representavam este novo universo, inserindo socialmente as leitoras a discussões que contemplavam uma diversidade temática, educando-as a gerir o lar e a maternidade e, de certa forma, direcionando-as à nova realidade da vida moderna e urbana, como salientado por uma das memorialistas: “As fotonovelas em preto e branco, a gente curti esse momento que era o que de mais moderno acontecia”¹⁵⁴.

Assim sendo, o conteúdo das fotonovelas estava em conformidade com as representações esperadas por essas leitoras que, reverberando-se dessas mensagens, viam-se nas histórias, sendo possível inferir a constância de um tom romântico e sentimental nestas narrativas.

Outro elemento bastante recorrente nos enredos das fotonovelas foram soluções mágicas para resolução de problemas diversos, considerados por Habert (1974, p. 42), como “consequência de uma visão de mundo onde se mesclam a compreensão do mundo como um destino (uma força determinista) e a noção de pronto e estático”.

Tais aspectos apresentam resultados bastante diversos nas histórias, conforme critérios atribuídos na seleção dos textos verbal e visual, específicos para a produção da fotonovela, cujos sentidos e efeitos são atribuídos através da diagramação da mesma. Por conseguinte, é notória a relação redundante entre os dois elementos, posto que, ora o texto é explicação da fotografia, ora esta é ilustração daquele.

Em contrapartida, “as pretensões literárias, de transmitir alguma coisa ‘cultural’ fizeram com que a FN utilizasse uma linguagem escrita, cheia de metáforas complicadas, explicações e uma grande adjetivação” (HABERT, 1974, p. 82), além de apresentar também eufemismo, já que as imagens selecionadas sugerem as ações; porém, não expressam cenas de violência, ou de sexo, por exemplo; entretanto, temáticas diversas eram abordadas sem mencionar explicitamente os fatos, ao mesmo tempo em que também não deixavam dúvidas de a ação ter se concretizado, como expresso por uma das leitoras: “Uma mulher que engravidou na fotonovela não dizia que ela tentou aborto não, mas que ela perdeu a criança”¹⁵⁵.

Interessante frisar a presença de narrativas, cujos enredos primavam por temáticas consideradas universais, atuais, modernas, ou científicas; ainda assim, as mesmas eram postas como cenários para as histórias de amor – fato que as tornavam peculiares, concernente à

¹⁵⁴ Cf.: MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

¹⁵⁵ Cf.: GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

abordagem do tema principal. A temática “amor” foi recorrente não apenas nos enredos de fotonovelas, mas também em publicações de resumos de filmes e de romances da literatura clássica.

Corroboro que os impressos exercem contributo no processo de formação extraescolar de suas leitoras. Em razão disso, operam como modelos de adesão e/ou resistência para, quem com eles dialoga, elaborar acepções referentes às formas de viver, agir, enxergar as pessoas e relacionarem-se com elas – no caso específico desta tese, consoante análises efetivadas, a partir da Pedagogia de Fotonovelas.

EPÍLOGO: CAMINHOS PERCORRIDOS... E A PERCORRER

Neste estudo, pretendi compreender o impresso sob a perspectiva da História Cultural, aliado à abordagem da História da Educação Feminina, História da Leitura e do Impresso, considerando-se o fato de que o suporte e os elementos que nele constam são portadores de uma Pedagogia de Fotonovelas capazes de fornecer a suas leitoras instrumentos de educação extraescolar, revelando diferentes modelos femininos que, de certa forma, serviram de inspiração e instigaram-nas a descoberta de “novos” mundos.

Não foi finalidade central abordar, nesta tese, todos os aspectos quantitativa e qualitativamente do suporte adotado como fonte e também objeto de investigação, mas fornecer um panorama conteudístico da *Capricho*, que me prouvesse com indícios para compreender a formação da mulher leitora a partir da Pedagogia de Fotonovelas. Por esta razão, apresentei um cenário sobre aspectos recorrentes tratados pela *Capricho*, bem como acerca das alterações ocorridas de forma paulatina nestas seções direcionadas ao público no período investigado.

Para este estudo, ouvi depoimentos de dezesseis leitoras normalistas, ex-alunas do IERB, durante as décadas de 60 e 70 do século XX, momento em que estavam com a faixa etária entre 13 e 17 anos. Os contatos com as depoentes ocorreram a partir de indicações de pessoas que as conheciam e outras, a partir das próprias ex-alunas contatadas, cujo convívio perdurou ao tempo em que estudaram no IERB. Reitero que as representações destes depoimentos estão marcados pela distância do lido, pela emoção e nostalgia. Por conseguinte, são fontes não menos importantes para investigação científica.

Selecionei também dez edições da Revista *Capricho* – considerada uma das mais antigas a circular no país e a segunda a começar a ser publicada pela editora Abril. Nelas, a presença de conteúdos diversos; nas propagandas, um incentivo constante à introdução ao mundo do consumo, a fim de que a leitora pudesse ser inserida ao universo de pessoas “modernas”; para tal, os impressos contavam com apoio de várias seções sobre reportagens, conversas com leitoras, testes, receitas, indicação de filmes, discos, oferta de cursos, uma série de propagandas de incentivo à beleza e ao consumo de produtos vários – entre eles, eletroeletrônicos para facilitar a vida do lar.

Assim sendo, as revistas direcionadas ao público feminino têm múltiplas funções: colaboram nas tarefas do lar (com receitas, dicas para tirar manchas de roupas, limpar a casa de forma mais dinâmica, entre outras funcionalidades); cuidam da beleza (tais como: dicas de cosméticos, como fazer penteados, maquiagens, vestirem-se); discutem problemas alusivos a

temáticas próprias do mundo feminino (entre os quais: primeira menstruação, primeiro namorado, virgindade, casamento, filhos, divórcio); atentam-se às angústias e aos sofrimentos de suas leitoras (respostas a dúvidas e a depoimentos sobre problemas diversos pelos quais passam); denotam uma intimidade e amizade fidedigna ao seu público consumidor, tratando-o intimamente por “você” e, além disso, permitem às suas leitoras sonharem, a partir das histórias românticas e proibidas das fotonovelas, gênero presente nos impressos femininos no período delimitado desta investigação.

Diante dos depoimentos e dos exemplares analisados, foi possível reconhecer um discurso recorrente dos impressos para convidar a leitora a ingressar ao mundo das mulheres “modernas”, denotando, assim, a presença de valores morais (im) postos como incondicionais, inerentes a qualquer mulher que desejasse ser feliz, cuja liberdade concedida seria comedida, dentro dos parâmetros aceitáveis socialmente. Assim, seções que as instruíam passaram a ter um sentido pedagógico.

Os anúncios, por exemplo, revelaram indícios, não apenas da publicidade em si, mas também de normas e de instruções às suas leitoras, inculcando, portanto, valores. Nas diferentes seções analisadas, o conceito de mulher e de homem modernos foi bastante discutido e difundido nos impressos do período investigado.

Conforme indícios encontrados, depreendo que mulher moderna seria aquela que estivesse apta a se inserir a um novo mercado de bens e consumos, qualificar-se, exercer uma profissão aceita socialmente e não perder o foco dos cuidados de si, com os filhos e com o marido, ou seja: a correlação entre mulher e vida profissional aparece como panorama de fundo, como objetivo secundário para a prospecção de felicidade feminina. Esta é alcançada, de forma plena, com o casamento e a constituição da família.

No caso dos homens, era considerado moderno aquele que estivesse apto a aceitar as transformações sociais ocorridas e permitisse à esposa a estar inserida neste “novo” mundo.

Os vestígios denotaram que, no início da década de 60 do século XX, havia um silenciamento para questões que dessem voz às mulheres, pois elas ainda eram extremamente subservientes e voltadas ao lar; por esta razão, uma predominância de reportagens e de anúncios que as instruíam aos cuidados com o lar e com a família. Em contrapartida, com o passar do tempo, o momento histórico revela que elas buscaram, de forma paulatina, angariar espaço no mercado de trabalho, a fim de alcançar a independência econômica tão almejada por muitas delas.

E isso também se encontrava representado nos impressos, e nas histórias das fotonovelas, pois, durante a segunda metade dos anos 60, as mulheres foram convidadas a

assumir a existência como seres individuais e autônomos e o grande problema enfrentado por elas foi a crise no casamento e conflitos dentro da família, tal fato também esteve nos anúncios e nas reportagens direcionados a elas enunciados nos impressos analisados, daí a presença constante de ofertas de cursos, principalmente, por correspondência a esse público leitor.

Vale lembrar ainda que durante as décadas de 60 e 70 do século XX, as reformas de ensino visualizaram a educação como prática prescritiva, o qual deveria estar em conformidade às necessidades do mercado de trabalho e à qualificação da mão de obra – como também nos revelou enredos de fotonovelas, bem como os anúncios dos cursos por correspondência. Além disso, mesmo conquistado ampliação de acessos à escolarização e à carreira profissional, ela não poderia perder o foco central de suas vidas: família e casamento.

Posteriormente, o foco das discussões dos impressos foi a problemática existente na relação conjugal, cuja reclamação predominante aludia à insatisfação com a dominação masculina, dado que o cotidiano entre casais começou a sofrer alterações, pois as mulheres passaram a não mais aceitarem ser vistas como propriedades de seus maridos – o que nos mostra uma relação com o movimento feminista, então em voga.

Não raro, reportagens que instruíam as leitoras sobre os direitos das mulheres eram recorrentes – fossem elas solteiras, casadas, viúvas, ou separadas. É válido lembrar que em 1977 foi aprovada a Lei do Divórcio e muitas mulheres desconheciam seus direitos legais e buscavam se informar através da Revista. Nesta, advogados e jornalistas forneciam informações necessárias para que a mulher conseguisse viver com mais autonomia e tomar decisões para as quais não teve preparação ao longo de sua trajetória, ou de sua formação.

A representação do amor estava consoante à inserção do indivíduo em uma conjuntura social, cultural e histórica. Assim, na década de 70 do século XX, mudanças alusivas aos costumes e à vida cotidiana das pessoas denotaram aspectos alusivos a essas alterações.

Por outro lado, apesar de, na década de 70, o país já ter avançado e se tornado mais aberto para direitos da mulher e tornado o diálogo para determinadas questões referentes à virgindade, sexo, legitimidade de direitos civis, inserindo matérias neste viés, criando uma Pedagogia para, mais do que comunicar, instruir, corroboro que o discurso da Revista buscava preservar, em suas leitoras, a essência do ser mulher, em que os valores sociais, físicos e morais não sofreram alterações: a boa conduta; o discurso de que o amor extraconjugal não levava à felicidade, mas à promiscuidade.

Assim sendo, mesmo a conquista de direitos, de maior participação na vida social, política e econômica do país, não desobrigaram a mulher da responsabilidade com os afazeres

domésticos, que continuavam sendo deveres direcionados a ela, tal como expressos nos testes de conduta e nos cursos por correspondência. Nestes, por exemplo, a oferta às mulheres estava voltada à maternagem simbólica, à casa, à vida e aos cuidados com os filhos, tais como: corte e costura, enfermagem, taquigrafia, datilografia e bordado, ou seja, era uma liberdade sob tutela.

Quanto ao sexo, ainda nos anos 70, mesmo visto de maneira desvinculada do casamento e da procriação, não obstante tantos avanços, foram perceptíveis algumas permanências, uma vez que os papéis a serem cumpridos pelas mulheres, os valores e as tradições ainda eram valorizados e requeria-se o seu cumprimento pela “moça de família” nas reportagens, anúncios, contos e artigos, uma vez que estava implícito que somente era admissível no casamento, dentro dos parâmetros da heterossexualidade, da monogamia, cujo casal precisaria ter a união legitimada legalmente e abençoada pela Igreja, diga-se de passagem, a Católica.

A mulher precisaria preservar a imagem de “moça de família”: não usaria roupas sensuais, evitaria ficar a sós no escuro com o namorado; era recatada, capaz de enquadrar-se nos padrões da “boa moral”; além de ser bonita, magra, zelar pela felicidade da família – esposa recatada e convalescente; mãe cuidadosa e atenta. Tais valores morais foram postos como incondicionais, inerentes a qualquer mulher que desejasse ser feliz, cuja liberdade concedida, era comedida, dentro dos parâmetros aceitáveis socialmente.

De tal modo, seções que a instruíam sobre como se sentar, se vestir, se comportar em dadas situações, sobre como administrar o lar em suas diferentes acepções – decoração, culinária, economia, compras, entre outros setores – passaram a ter um sentido pedagógico.

Apesar de toda a mudança, de toda a “nova” maneira de ver a vida, de ver o homem, do movimento hippie, da revolução de costumes, da tendência a um aparente descompromisso, as revistas femininas ainda colaboravam com as permanências: traziam argumentos científicos para comprovar a passividade feminina; a natureza poligâmica masculina e a sentença da infelicidade àquelas que almejavam aderir a um comportamento que divergisse das regras e dos pudores sociais, ou seja, o conteúdo das revistas estava atrelado a um diálogo daquele tempo – apresentando um discurso que buscava mudanças para a vida da mulher; contudo, sem ocasionar transformações hierarquicamente pré-estabelecidas entre homem e mulher, cujo ideal de felicidade deveria estar consonante valores morais aceitos socialmente.

Por essa razão, foi esse o período delimitado, pois, ao mesmo tempo em que foi considerado um momento de grande crescimento industrial, de consumo e de maior

acessibilidade à informação, foi também um momento em que o Brasil vivenciou a restrição a vários setores da sociedade, entre os quais, a censura aos impressos em consequência da instauração do Regime Militar em abril de 1964.

Apesar de as mulheres já terem alcançado, ainda na década de 60 do século XX muitas conquistas, entre as quais, o acesso ao anticoncepcional, popularizado no Brasil neste período e considerado uma revolução em prol da mulher, pois sexualidade não mais precisaria ser sinônimo de reprodução, não constatei, em nenhuma das revistas analisadas menção explícita ao sexo, ou ao prazer, por exemplo, mas constantes referências às obrigações conjugais, missões maternais e familiares, o que permite inferir que o processo de iniciação sexual ainda permanecia um tabu nesses enredos, ainda que fossem destinados ao público feminino.

Não obstante as fotonovelas serem um diferencial na *Capricho*, por serem publicadas de forma completa, havia outras histórias, como contos, crônicas, novelas e até mesmo uma enciclopédia do amor que eram publicados os capítulos, incentivando, desta forma, a leitora a comprar a próxima edição da Revista.

Referente à quantidade de páginas que as fotonovelas analisadas ocuparam nas *Caprichos*, apenas uma obteve percentual inferior a 30% do quantitativo total de laudas da revista; e uma, superior a 50%, ficando as outras onze histórias¹⁵⁶ neste índice percentual (entre 30% e 50%), considerado um valor numérico significativo para uma história em um impresso de grande circulação. Nestes enredos, a mulher é apresentada como responsável por manter a união da família e a satisfação matrimonial, evidenciando que, apesar da ampliação das possibilidades de consumo, informação e entretenimento, havia uma distinção nítida entre os papéis femininos e masculinos perante a sociedade.

Alusivo aos enredos de fotonovelas, um aspecto relevante observado foi o fato de que a mulher ideal seria aquela preocupada em cuidar do lar, cônjuge, filhos, além de ser portadora de características consideradas próprias da feminilidade, quais sejam: singeleza, integridade, candura, paciência, instinto materno.

Associadas às leituras tipicamente femininas, as fotonovelas tiveram grande circulação entre seu público leitor, predominantemente, durante as décadas de 60 e 70 do século XX, além de ter sido um momento de muitas conquistas femininas, as quais ocorrerem a partir de várias acepções, entre as quais: maior acessibilidade à profissionalização, à escolarização e à conquista do espaço público pela mulher (Soihet, 2000).

¹⁵⁶ O número de histórias é superior ao número de edições analisadas em razão haver revistas com publicação de duas fotonovelas, tal como ilustrado no Quadro II, anteriormente.

Concernente às tramas das fotonovelas, estas denotaram representações de um comportamento a ser alcançado pelas mulheres, além de fornecer-lhes padrões urbanos e proporcionarem-lhes vivenciar um mundo novo – de sonhos, de criações, de reflexões, ainda que possibilitado apenas a partir da ficção.

Nos enredos, em todas as histórias analisadas, os heróis renderam-se à amada, libertando-se de ações que, muitas vezes, comprometiam a moral, optando por agir em conformidade com os bons costumes, para conquistarem suas heroínas pelas boas ações, pelo caráter e pela sinceridade.

Diante disso, a felicidade foi alcançada somente após o momento da aceitação ao cumprimento aos bons princípios e no momento em que as pessoas eram sinceras, verdadeiras, buscavam não iludir e não ferir o sentimento de outrem. Fato que revelou padrões a serem seguidos pelas suas leitoras, bem como a serem aqueles também os almejados por seus parceiros – os tão sonhados “príncipes encantados” que as leitoras precisavam encontrar e se apropriar de estratégias e táticas (Certeau, 1994), ensinadas pela Revista, para preservá-los por toda a vida.

Os impressos, como também as fotonovelas, ao mesmo tempo em que funcionaram como espaços de transformações para a vida de suas leitoras, também o foram de permanências, já que apesar de se priorizar um discurso de mulher independente, moderna, preparada para alcançar as alterações que a vida moderna lhe proporcionava, ao mesmo tempo, preservava-se também a imagem da mulher quanto às acepções de beleza, independentemente da mocinha, ou da vilã – mulher jovem, branca e magra –, sendo este mais um elemento a ser incutido: o padrão de beleza a que devia seguir, bem como inserção às acepções de moda e tratamentos para manutenção de uma aparência jovial e bela.

Quanto aos parâmetros necessários para alcançar a felicidade, seria necessário a ela constituir uma família, com marido e filhos, dado que, explícita, ou nas entrelinhas dos discursos presentes – seja nas histórias das fotonovelas, seja em outras seções das revistas analisadas –, percebo a constância de um discurso direcionado à mulher acerca de sua responsabilidade para com os cuidados com o lar, o marido, os filhos, o sucesso do casamento, do noivado, ou do namoro, em um processo constante de formação e de informação destas mulheres.

Dessa maneira, o legado, ou melhor, o peso da felicidade é posto nas “mãos” das leitoras de fotonovelas, e dos impressos femininos, de forma geral, pois caberia a elas saberem se comportar e saberem bem escolher seus parceiros e suas amizades, a fim de cumprirem o rito da felicidade.

A partir da investigação realizada, evidenciei que, mais do que um simples impresso de entretenimento, as revistas destinadas ao público feminino durante as décadas de 60 e 70 do século XX eram portadoras de regras, postas explícitas, ou implicitamente, para que a leitora tivesse boa conduta, bom comportamento e, até mesmo, boa educação; apresentando-se, assim, como um manual de instrução para suas leitoras – fato que permite confirmar a hipótese de que os referidos impressos femininos são formadores de um constructo de regras, direcionando o discurso a uma Pedagogia que visa a instruir, formar suas leitoras em diferentes assuntos e para distintas ocasiões de suas vidas, permitindo compreender que este “manual” pretendia, de fato, prepará-las para o mundo em que viviam e mostrá-las como era este mundo e como elas deveriam agir e se comportar nele.

Assim posto, asseguro que, nos periódicos analisados, havia uma Pedagogia que visava a instruir a mulher para a moral e os bons costumes, uma vez que, mesmo que eles apresentassem às leitoras as alterações ocorridas no mundo, em diferentes aspectos e conjunturas e apesar de aceitarem serem receptivos à ideia de emancipação feminina, não deixavam de priorizar valores como integridade, fidelidade e pureza femininas.

Por esta razão, defendo que os impressos femininos, a partir de diferentes seções e, em especial, as fotonovelas expressam uma Pedagogia que formavam suas leitoras, fornecendo-lhes padrões de conduta moral e social, bem como fornecer os estereótipos de beleza a serem inculcados. Modelos das revistas enfatizam desigualdades, ao primar pelo “ideal de mulher”, que estaria constituído por mulheres brancas, classe média (ou alta), disposta a consumir produtos, ideias, normas, modas e valores pré-construídos e instituídos socialmente e, em contrapartida, apresentados como universais e incontestáveis.

Outrossim, destaco a importância deste estudo por contribuir com a pesquisa no campo da História da Leitura, História do Impresso e História das Mulheres, aliada à abordagem da História Cultural, além de propiciar possibilidades de novas investigações, para compreender a Pedagogia de Fotonovelas, durante as décadas de 60 e 70 do século XX.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia (Org.). **Trajetórias do romance**: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas: Fapesp/Mercado de Letras, 2008.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras**: por que educar meninas e mulheres? São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2007.
- AMARO, Patrícia Aparecida do. **Sonhando acordada**: um estudo sobre as práticas de leitura da coleção de romances clássicos históricos. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2012 (Dissertação de Mestrado).
- AZEVEDO, Lílían Henrique de. **A construção da nova mulher nas revistas Querida e Cláudia (décadas de 1960 e 1970)**. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista, 2009 (Tese de Doutorado).
- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo, Perspectiva, 2000.
- BARREIROS, Rubiana de Souza. **A presença de romances na Revista Ilustrada**. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, 2009 (Dissertação de Mestrado).
- BARZOTTO, Valdir Heitor. **Leitura de revistas periódicas**: forma, texto e discurso: um estudo sobre a revista Realidade (1966 – 1976). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, 1998 (Tese de Doutorado).
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). Carla Bassanezi (Coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 607 – 639.
- BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres**. Revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). **Destino das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Editora UPF, 2002.
- BICCAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925 – 1940)**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2008.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura**: a formação do leitor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BORGES, Fabrícia Teixeira. **Olhares de mulheres**: um estudo a partir do filme “Janela da alma”. Maceió: EDUFAL, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Org. Sérgio Miceli. Vários tradutores. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs). Pierre Bourdieu – **Escritos de Educação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 71 – 79.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BRITO, Luzia Cristina Pereira. **Ecos da modernidade na Escola Normal “Rui Barbosa” (1930 – 1957)**. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2001 (Dissertação de Mestrado).

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

BUENO, Mausi Paulina Bocchino. **Representações femininas na revista Cláudia dos anos 1980: sentido do texto e o texto sentido**. Curitiba: Programa do Mestrado em Comunicação e Linguagens. Universidade Tuiuti do Paraná, 2009 (Dissertação de Mestrado).

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.

BURITI, Iranilson. **Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império**. Campina Grande: EDUFPG, 2011.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia (1929 – 1989)**. Tradução de Nilo Odalia. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: Edusf, 2002.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e imagem**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Edusc, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CATANI, Denice Bárbara; Bastos, Maria Helena Câmara (Org.). **Educação em Revista: a imprensa periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e de metodologia**. 5 ed., Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A caixa de utensílios, o tratado e a biblioteca: pedagogia e práticas de leitura de professores. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lucia. (Org.). **Tópicos de História da Educação**. São Paulo: Edusp, 2001, p. 137 – 168.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER & BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 229 – 253.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Gualhardo. 2 ed. Lisboa: Difel / Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História ou a Leitura do Tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. A leitura entre a falta e o excesso. In: CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo de Moraes. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, p. 97 – 113.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Phillipe; DUBY, Georges (Orgs.). **História da vida privada**. Tradução de Hildegard Feist. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 113 – 162.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Tradução de Mariana Gomes da Costa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, Roger. **Forma e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

CHARTIER, Roger. **Inscrever & Apagar**: cultura escrita e literatura. Tradução de Luzmara C. Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CHARTIER, Roger. O leitor entre limitações e liberdade. In: CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, p. 75 – 95.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COMENIUS, John. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CORDEIRO, Janaína Martins. **“A nação que se salvou a si mesma”**: entre memória e história, a campanha da mulher pela democracia (1962 – 1974). Niterói: Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense, 2008 (Dissertação de Mestrado).

CORREIA, Rute Silva. **Maria Eugénia**: a Menina da Rádio. Lisboa: Oficina do Livro, 2011.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução**: os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Educação e Sedução**: normas, condutas, valores nos romances de M. Delly. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, 1995 (Tese de Doutorado).

DANTAS, Maria José. **Revista Cidade Nova e as propostas de educação**. São Cristóvão: Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2008 (Dissertação de Mestrado).

DANTAS, Maria José. **“Escrever-te-ei... tu também me escreverás?” a escrita epistolar católica como prática docente**: um olhar sobre Chiara Lubich e suas estratégias de formação. São Cristóvão: Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2014 (Tese de Doutorado).

DARNTON, Robert. **A Questão dos Livros**: passado, presente e futuro. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2002, p. 199 – 236.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DE LAURENTIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 206 – 242.

DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

DEWEY, John. **Democracia e educação**: capítulos essenciais. Tradução de Roberto Cavallari Filho. São Paulo: Ática, 2007.

DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da língua portuguesa v. 3.0.

DOSSE, François. **A História em Migalhas**. Tradução de Dulce A. Silva Ramos. São Paulo: Ensaio, Campinas, SP: Editora Universidade Estadual de Campinas, 1992.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Carmem da Silva**: o feminismo na imprensa brasileira. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e Filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DURKHEIM, Émile. **Educación y Pedagogía**: ensayos y controversias. Tradução de Inés Elvira Castaño y Gonzalo Cataño. Buenos Aires – Argentina: Editorial Losada S.A., 1998.

ECO, Umberto. **A Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 – 1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ENTLER, Ronaldo. A fotografia e as representações do tempo. In: **Revista Galáxia**. São Paulo, n 14, dez. 2007, p. 29 – 46.

FALUDI, Suzan. Backlash: **O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres**. Tradução de Mario Fondelli. Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, juventude e memória cultural. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 29, n. 104 – Especial, p. 667 – 686, out. 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 18 mar. 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. In: **Caderno Cedes**. Campinas, v. 25, n. 65, p. 43 – 58, jan. / abr. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 18 mar. 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**. v. 35, p. 290 – 299, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a09v1235.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2013. ISSN: 1413-2478.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**. 2001, vol. 9, nº 2, p. 586 – 599. Texto disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8642.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 151 –162, jan./jun. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100011. Acesso em: 19 mar. 2013.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política**: sergipanas no início do século XX. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2003a. (Tese de Doutorado).

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920 – 1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação – NPGED, 2003b. (Coleção: Educação é História. V. 3).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Meilo Joscelyne. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIROUX, H.; McLAREN, P. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. (Org.). **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2004.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **Pés de anjo e letreiros de neon**: ginásianos na Aracaju dos anos dourados. São Cristóvão – SE: Editora UFS, 2002.

GUBERNIKOFF, Giselle. A imagem: representação da mulher no cinema. In: **Revista Conexão**. Comunicação e Cultura. UCS. Caxias do Sul, v. 8, n 15, p. 65 – 77, jan. / jun. 2009.

GUIMARÃES, Maria Paula Piotto da Silveira. **“Nova”**: 30 anos da Mulher de 30. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009 (Tese de Doutorado).

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Literatura e o Leitor**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HABERT, Angeluccia Bernardes. **Fotonovela e indústria cultural**: estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões. Petrópolis: Vozes, 1974.

HALBEWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. Editora Revista dos Tribunais Ltda: São Paulo, 1990.

HORKHEIMER, M., e ADORNO, T. W., **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999, v. 2.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução de Marina Appenzeller. 14 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012 (Série Oficina de Arte e Forma).

LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura**: memória de vida, histórias de leitoras. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

LAJOLO, Marisa. A leitora no quarto dos fundos. In: **Leitura, teoria e prática**. Campinas, Mercado Aberto, ano 14, nº 25, p. 10 – 18, jun. 1995.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2009.

LE GOFF, Jacques. História. In: **História e Memória**. 5 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 17 – 171.

LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSK, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: contexto, 2006, p. 111 – 154.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MANINI, Daniela. A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. In: **Cadernos AEL**, n. 3/4, 1995/1996, p. 45 – 67.

MANINI, Miriam P. Imagem, imagem, imagem...: o fotográfico no foto-romance. In: SAMAIN, Etienne G.. (Org.). **O fotográfico**. 2 ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005, p. 235 – 250.

MANINI, Miriam P., **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários: Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-23032007-111516/pt-br.php>. Acesso em: 3 jan. 2014.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista**: Imprensa e Práticas Culturais em tempos de República, São Paulo (1890 – 1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MELO, Sônia Pinto de Albuquerque. **Representações das práticas de leitura de normalistas do Instituto de Educação “Rui Barbosa” durante as décadas de 60 e 70 do século XX**. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2009 (Dissertação de Mestrado).

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. **A Revista Capricho como um “lugar de memória”** (décadas 1950 – 1960). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009 (Tese de Doutorado).

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho D'Água/Fapesp, 2001.

MONTEIRO, Marko Synésion Alves. **Masculinidade em revista: um estudo da VIP Exame, Sui Generis e Homens**. Mémoire de DEA en anthropologie. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. (Org.). **Carrossel de leituras: ensaios de vida**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: contexto, 2006, p. 235 – 290.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

NOLASCO, Sócrates. **A Desconstrução do Masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson**. Banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

NOLASCO, Sócrates. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NOVELLI, Daniela. **Juventudes e imagens na Revista Vogue Brasil (2000 – 2001)**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009 (Dissertação de Mestrado).

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 9, nº18, 1989, p. 9 –18.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). In: **Revista Brasileira de História**. vol. 26, nº 52, 2006, p. 249 – 268.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

PINTO, Célia Regina Jardim. **Uma História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: Edusf; Contexto, 2002, p. 163 – 198.

PRIORE, Mary del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.

PRIORE, Mary del. **História do amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

- PRIORE, Mary del. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.
- PRIORE, Mary del; AMANTINO, Márcia (Org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2013.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: **Revista ciência e cultura**. V. 39, nº 3. CERU/ Departamento de Ciências Sociais, USP, março de 1987, p. 14 – 43.
- RAMOS ORTIZ, José Mário. **Televisão, publicidade e cultura de massa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- RASPANTI, Márcia Pinna. O que “eles” vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil. In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Márcia (Org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2013, p. 185 – 212.
- REIMÃO, Sandra. Ditadura militar e censura a livros: Brasil (1964 – 1985). In: BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (Org.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 271 – 287.
- RIBEIRO, Júlio. **A carne**. São Paulo: Ática. Série Bom Livro, 2011.
- RODRIGUES, Camila. **Cursos por correspondência**. Hoje em desuso, recebiam mais de mil cartas por dia. São Paulo: UOL, 2012. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/05/16/cursos-por-correspondencia-hoje-em-desuso-recebiam-mais-de-mil-cartas-por-dia.htm#fotoNav=1>. Acesso em: 8 fev. 2015.
- SABAT, Ruth. **Pedagogia Cultural, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: PGEDU/UFRGS, 1999.
- SALERNO, Laura Peretto. **Querida ensina: preceitos de comportamentos femininos em páginas da Revista Querida (1958 – 1968)**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Santa Catarina, 2009 (Dissertação de Mestrado).
- SAMPAIO, Isabel Silva. **Para uma memória da leitura: a fotonovela e seus leitores**. Campinas: Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2008 (Tese de Doutorado).
- SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- SANTOS, Liana Pereira Borba dos. **Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011 (Dissertação de Mestrado).
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SASSAKI, Silvia. **Tessituras sociais**: alinhavos entre costumes e modelos vigentes através do Jornal das Moças (1948 – 1968). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2011 (Dissertação de Mestrado).

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, pátria e família**: as mulheres no golpe de 1964. Petrópolis: Vozes, 1985.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. **Receitas de felicidade e espectros da infelicidade**: o Código Civil de 1916 e as lições de comportamento na Revista Feminina no início do século XX. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009 (Tese de Doutorado).

SOIHET, Raquel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Berta Lutz. In: **Revista Brasileira de Educação**, n 15, set/dez 2000, p. 97 – 117.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da pátria**: história da escola primária no Estado de São Paulo (1890 – 1976). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, p. 163 – 189.

SOUZA, Josefa Eliana. **Nunes Mendonça**: um escolanovista sergipano. São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2003.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola graduada no Estado de São Paulo (1890 – 1910). São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. **Gênese da educação dos surdos em Aracaju**. São Cristóvão – Se: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. Coleção Tudo é história n° 159, São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 401 – 442.

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALENÇA, Cristina de Almeida. **Entre livros e agulhas**: representações da cultura escolar feminina na Escola Normal em Aracaju. 1871 – 1931. Aracaju: Nossa Gráfica, 2005.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes de, VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 497 – 517.

VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar**: livros, leituras e práticas de formação docente do Instituto de Educação do Distrito Federal (1932 – 1937). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001. (Coleção Estudos CDAPH. Série Historiografia).

ZILBERMAN, Regina. O leitor e o livro. In: **Horizontes**. Vol. 15. Bragança Paulista: Núcleo de Publicação e Divulgação Científica do IPPEX/EDUSF, 1997, p. 21 – 40.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

ZUMTHOR, Paul. **Performance**: recepção e leitura. São Paulo: Educ, 2000.

LEGISLAÇÃO

BRASIL. Decreto-Lei 709/69, de 28 de julho de 1969, que dá nova redação ao Art. 99 da Lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/126057/decreto-lei-709-69>. Acesso em: 22 ago. 2011.

BRASIL. Estatuto da Mulher Casada. Lei nº 4.121, de 27 de agosto de 1962, que dispõe sobre a situação jurídica da mulher casada. Disponível em: http://www.dji.com.br/leis_ordinarias/1962-004121-emc/estatuto_da_mulher_casada.htm#Estatuto da Mulher Casada. Acesso em: 22 ago. 2011.

BRASIL. Lei nº 4024/61, de 20 de dezembro de 1961, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/ldb/1961.htm. Acesso em: 22 ago. 2011.

BRASIL. Lei nº 5473/68, de 10 de julho de 1968, que regula o provimento de cargos sujeito à seleção. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/128557/lei-5473-68>. Acesso em: 22 ago. 2011.

BRASIL. Decreto-Lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970, que dispõe sobre a execução do artigo 153, § 8º, parte final, da Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del1077.htm. Acesso em: 20 jan. 2015.

BRASIL. Lei nº 6015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6015original.htm. Acesso em: 9 jan. 2015.

BRASIL. Lei nº 6515/77, de 26 de dezembro de 1977, que regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e seus respectivos processos e dá outras

providências. Disponível em:
<http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1977/6515.htm>. Acesso em: 22 ago. 2011.

BRASIL. Lei nº 5692/71, de 11 de agosto de 1971, que fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em:
http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/15692_71.htm. Acesso em: 22 ago. 2011.

REVISTAS DE FOTONOVelas

CAPRICH0. São Paulo: Abril, edição nº 103, set. 1960.

CAPRICH0. São Paulo: Abril, edição nº 150, ago. 1964.

CAPRICH0. São Paulo: Abril, edição nº 167, jan.1966a.

CAPRICH0. São Paulo: Abril, edição nº 176, out.1966b.

CAPRICH0. São Paulo: Abril, edição nº 213, dez.1968.

CAPRICH0. São Paulo: Abril, edição nº 218, fev.1969.

CAPRICH0. São Paulo: Abril, edição nº 271, 1971a.

CAPRICH0. São Paulo: Abril, edição nº 281, ago. 1971b.

CAPRICH0. São Paulo: Abril, edição nº 344, jan. 1974.

CAPRICH0. São Paulo: Abril, edição nº 375, mar. 1975.

DEPOIMENTOS

BARRETO, Sônia. Depoimento concedido em 4 abr. 2007. Aracaju-SE.

FONTES, Carmem Meire Alves Campos. Depoimento concedido em 25 fev. 2008. Aracaju-SE.

FRANÇA, Maria Conceição Nascimento de. Depoimento concedido em 27 maio 2014. Aracaju-SE.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 17 fev. 2008. Aracaju-SE.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. Depoimento concedido em 11 jun. 2014. Aracaju-SE.

MENESES, Maria Anete Nunes de. Depoimento concedido em 8 jan. 2008. Aracaju-SE.

MONTE ALEGRE, Maria do Carmo Dias. Depoimento concedido em 25 fev. 2008. Aracaju-SE.

MOREIRA, Denise Carvalho do Nascimento. Depoimento concedido em 28 maio 2014. Aracaju-SE.

MOTA, Genivalda Gonzaga da. Depoimento concedido em 3 ago. 2007. Aracaju-SE.

NASCIMENTO, Iara Carvalho do. Depoimento concedido em 26 maio 2014. Aracaju-SE.

RIBEIRO, Maria Assunção. Depoimento concedido em 29 maio 2014. Aracaju-SE

SANTOS, Eliana Menezes. Depoimento concedido em 21 fev. 2008. Aracaju-SE.

SANTOS, Maria Aparecida dos. Depoimento concedido em 14 jan. 2008. Aracaju-SE.

SANTOS, Maria das Graças Góis. Depoimento concedido em 14 jan. 2008. Aracaju-SE.

SANTOS, Telma Maria da Silva. Depoimento concedido em 4 abr. 2007. Aracaju-SE.

SOARES, Maria Lenilda. Depoimento concedido em 21 fev. 2008. Aracaju-SE.

APÊNDICES

ANÁLISE DE ELEMENTOS DOS ENREDOS DE FOTONOVELAS

REVISTA *CAPRICHIO*

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA DA PUBLICAÇÃO:

[illegible]

ANÁLISE DE ELEMENTOS DO SUPORTE

REVISTA *CAPRICHÔ*

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA DA PUBLICAÇÃO:

Capa				Cursos							Propagandas				Testes		Habilidades “femininas”			
Modelo	Chamadas da edição	Mudanças	Recorrências	Nome	Modalidade	Instituição promotora	Carga horária	Certificação	Público-alvo	Aptidões	Produto	Finalidade	Elemento persuasivo	Promessas	Tipo	Finalidade	Cuidados com a família	Cuidados com o lar	Culinária	Corte e costura

Apêndice B

APÊNDICE C

ROTEIRO DE ACOMPANHAMENTO PARA OS DEPOIMENTOS DA COMUNIDADE LEITORA DA TESE “POR UMA PEDAGOGIA DAS FOTONOVelas: INSTRUIR E (IN) FORMAR LEITORAS DO IERB DURANTE OS ANOS 60 E 70 DO SÉCULO XX”

1. DADOS GERAIS

Depoimento nº:

Data:

Horário:

2. IDENTIFICAÇÃO

Nome completo:

Endereço:

Telefone:

Formação:

Escolas onde trabalhou e período:

Trabalha atualmente? Onde?

Ano em que ingressou no IERB:

Ano em que se formou no IERB:

3. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE REVISTAS FEMININAS

Durante as décadas de 60 e 70, período em que estudou no IERB, suas colegas costumavam realizar leituras de Revistas Femininas e de Fotonovelas? Você pode comentar um pouco como ocorria a prática entre as jovens?

Como era a aceitação pela família e pela escola?

Lembra-se de quais Revistas você costumava ler mais e por quê?

Algum elemento específico da materialidade da revista, como: a imagem das modelos de capa, os anúncios das reportagens, ou anúncios das fotonovelas, por exemplo, era fator

determinante para você escolher a revista a ser comprada? Lembra-se do que mais chamava a sua atenção?

Qual o principal fator motivacional para você adquirir tais revistas? E como ocorria a aquisição?

4. INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE AS FOTONOVELAS:

O que mais lhe chamava a atenção nos enredos das fotonovelas?

As histórias forneceram alguma aprendizagem para a sua vida, naquele momento? Em que sentido?

Em algum momento, as histórias lidas por você fez com que você mudasse alguma atitude, algum comportamento, alguma decisão? Pode relatar?

Você costumava se identificar com algum perfil de personagem? Geralmente, com o (s) qual (is)?

Sonhava com personagens masculinos das histórias? Geralmente, o que mais lhe chamava a atenção: a beleza, o caráter, a maneira de tratar a amada...

5. INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE OS CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA E REALIZADOS PELA PRÓPRIA REVISTA:

Realizou cursos anunciados e/ ou ofertados pela Capricho?

Qual a motivação para a escolha de determinados cursos realizados?

Qual a importância desses cursos naquele momento em sua vida?

Exerceu atividades remuneradas, utilizando-se de cursos realizados pela Capricho, ou anunciados por ela?

6. INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE OS TESTES:

Costumava fazê-los?

Acreditava nos resultados?

Cumpria as orientações? Por quê?

Testes como estes faziam com que você repensasse, naquele momento de sua vida, sobre o seu comportamento, sobre mudanças de atitudes, sobre a forma como a sociedade podia interpretar você?

7. INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE AS PROPAGANDAS:

Como eram / funcionavam as propagandas?

Alteravam sua concepção sobre determinados produtos e/ou sobre o desejo de adquiri-los?

O que levava em consideração primordialmente para comprar algum produto anunciado pelas Revistas?

Quais os tipos de propaganda que mais lhe chamavam a atenção? Por quê?

8. INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE HABILIDADES ENSINADAS PELA CAPRICHOS:

Seguia as orientações da revista sobre os cuidados com o lar, filhos e maridos, por exemplo?

Você tentava por em prática as habilidades ensinadas pela Capricho, tais como: cozinhar, costurar, bordar, entre outras? Davam certo?

9. INFORMAÇÕES SOBRE TEXTOS INSTRUÇÃOAIS:

Você acredita que os textos instrucionais, que aconselhavam as leitoras sobre temáticas diversas, interferiam nas suas tomadas de decisões?

Você acredita que, de alguma forma, eles eram importantes para informar o público leitor sobre os temas abordados? Por quê?

10. CARTAS DE LEITORES:

Costumava enviar cartas às Revistas? Com qual finalidade?

11. OUTROS:

Recorda-se de como era vista socialmente a relação sexual antes do casamento nos anos de 1960 e 1970?

Naquele momento, ser considerado “moderno” na sociedade, referia-se a quê?

Como vivenciou o momento feminista na década de 70? Como enxerga a importância dele para as mulheres?

Para você, como conceituaria a relação homem e mulher na sociedade, naquele momento histórico?